

# **A GRANDE TRANSFORMAÇÃO**

**Esméria Garcia Oséas**

NOTA: ESTA É UMA OBRA VERDADEIRA EM SEUS CONCEITOS E PERSONAGENS,  
PORÉM OS LUGARES SÃO FICTÍCIOS.

Obra registrada nos Escritórios de Direitos autorais da Biblioteca Nacional-RJ – sob Nº 411.996.

Proibida a reprodução de trechos sem a prévia autorização da autora.

Permitida a impressão parcial ou total para leitura pessoal, exclusivamente, sem fins comerciais.

## 1º DIA DE AULA

### PÁTIO DO COLÉGIO

**R**eencontros alegres... Abraços... Gritinhos... Parecia que todos falavam ao mesmo tempo, tal o vozerio. O alto-falante apelava por silêncio encaminhando os alunos para o anfiteatro. Quando a maioria estava acomodada, entra o diretor e se encaminha para o microfone. Aguarda pelo silêncio pacientemente!

— Para que tenhamos um ano com momentos agradáveis é imprescindível que todos colaborem com a disciplina. Por mais um ano teremos um convívio diário de muitas horas. O bom trato, a cortesia e o tom da voz abrem caminhos para amizades sinceras e duradouras. O auxílio mútuo em determinadas horas também é um veículo para o reforço dessa amizade. Com boas amizades assim cultivadas manteremos a paz, um clima de alegria e de respeito! Assim valerá a pena um redobrado esforço para os estudos. Não se esqueçam nunca de que a matéria deste ano é a base do próximo. Felicidades a todos.

Retirando-se mostrou ao professor de português o lugar desocupado junto ao microfone.

O professor Hércules, toma a dianteira. Altivo, de olhar penetrante, seguro de si, começa a falar pausadamente:

— Durante as férias, caros alunos, pude me aprofundar na escolha dos livros para este ano. A leitura nos permite tanto galgar um desenvolvimento superior como pessoa humana, como nos fazer enveredar por caminhos tortuosos, nada recomendáveis. Podemos ficar paralisados, infelizes, confusos, até mesmo desorientados, se nos deixarmos influenciar por ideias e ideais torcidos. Pensem bem: vagalhões de livros são diariamente lançados no mercado. A maioria deles, infelizmente, não oferece mais que esterilidades, superficialidades... Torna-se difícil a concentração, pois cansam. Quando uma leitura cansa e nos dificulta a concentração é porque não atinge o nosso íntimo. Nosso íntimo somente se satisfaz com valores autênticos. Estes, quando encontrados, restauram nossas forças, norteiam nossos passos, enfim... Constroem! Uma alegria permanente fomenta nossas ações, e então surge uma vontade imensa de transformar o mundo e reavivar o íntimo de nossos semelhantes, para que também conheçam a felicidade. A maioria dos leitores cambaleia de uma livraria para outra, esperando encontrar algo que fale alto dentro de si. Como encontrar? Dentre milhares de livros, torna-se quase impossível uma escolha acertada... Este ano aprenderemos a escolher livros que não fiquem apenas ocupando lugar em nossas estantes. Aprenderemos a analisar com profundidade cada ideia recebida, aceitando ou rejeitando, formando e fortificando nossas personalidades e, junto a isso, o estudo e o aprofundamento de nosso idioma. Queremos não só aprender a transmitir nossas ideias, mas, sobretudo, aperfeiçoar os nossos conhecimentos. Com esse aperfeiçoamento teremos o que dizer, saberemos como dizer, pois nada adianta saber falar e não ter conteúdo aquilo que falamos.

Retirou-se sob palmas e uma ovação de entusiasmo por todos.

**J**á na rua, de volta para casa, os alunos estavam entusiasmados e emocionados com as palavras do professor de português.

— Tenho a impressão de que este ano será mais produtivo do que o anterior. O que vocês acham? Perguntou Gabriela a seus colegas.

— Caso não haja muitas faltas dos professores, tenho também essa impressão, prontamente acrescentou Flávia.

— Ler é a minha ocupação preferida, meigamente disse Gabriela.

— Será que o nosso professor irá ensinar também como fazer para se gostar de ler? Não consigo ler por muito tempo. Prefiro assistir filmes, disse, tristemente, Otávio.

— Somente através de bons livros poderemos estruturar a nossa maneira de ser, nossa personalidade, interveio Roberto.

— Olha só como ele está falando difícil! Muito bem garotão, gostei de ver, disse Otávio, em tom de gozação.

— Mas é isso mesmo, somente livros podem nos levar a pensar melhor sobre tudo. O professor falou muito bem sobre isso. Concordo com ele. Quando estou lendo um bom livro, desses que prendem minha atenção, não consigo parar. Atravesso a noite e, enquanto não vejo o fim, não sossego, disse firmemente Roberto.

— Então, Roberto, precisamos conversar sobre os bons livros que nos tenham marcado, desses que guardamos na lembrança... Quem sabe até poderemos trocar os livros lidos.

— Ótimo, Gabriela, vamos conversar sim, sobre isso, esses assuntos me apaixonam.

Ali, junto à esquina, os jovens se despediram e se separaram seguindo rumos diferentes.

**N**a residência do senhor Armando, pai de Flávia e Roberto, os jovens adentraram alegres e tempestuosos no escritório do pai e mal se contêm em relatar o acontecido.

— Pai, o senhor não imagina o que o professor Hércules falou hoje na aula inaugural.

— Ué, por que tanta alegria? O que aconteceu afinal, assustado indagou o pai.

— Pai, ele disse que a maioria dos livros disponíveis em uma livraria não é adequada para nós. Nunca pensei que livros pudessem ser prejudiciais. Sempre fomos incentivados a ler, e ler muito. Nunca ouvi antes uma recomendação para termos cuidado com os livros que lemos.

Nunca tinha ouvido uma advertência dessas, antecipou-se Flávia.

— Na minha estante tenho ainda uns livros que comecei a ler e não consegui terminar. Achei-os maçantes. O professor Hércules falou também sobre isso, interrompeu Roberto, antes que Flávia acrescentasse mais algum aparte.

— Bom, acho que eu já devia ter falado antes com vocês sobre isso. Há livros cujos autores nos levam a ver o mundo com maior clareza. Outros nos deixam confusos diante de determinados fatos que expõem. É preciso saber analisar com profundidade, fazer exames irrestritos da veracidade do que foi dito. Precisamos de parâmetros, de uma escala de valores, pelo menos uma noção do certo e do errado. Do contrário, não saberemos julgar com acerto, pausadamente explicou o Sr. Armando.

— Pai, hoje vou fazer uma limpa em minha estante. Quero começar o ano sem esses trambolhos, acrescentou Roberto já se retirando rumo ao quarto.

— Hei! Calma; também não é assim, retrucou, o pai. Quero ver todos esses livros, pois meu dinheiro nunca deu em árvores.

— Pai, não vamos jogá-los fora, vamos doá-los para as bibliotecas. As das escolas dos bairros ou da Prefeitura, explicou Flávia.

— Nada disso, quero examiná-los. Ponham em cima de minha escrivaninha, energicamente revidou o pai.

— O almoço está servido, soou uma voz meiga, de D. Sílvia.

Já na sala de jantar, todos silenciosos tomam seus lugares.

D. Sílvia, como que examinando os semblantes compenetrados, respeita o momento. Como o silêncio se prolongava...

— O que está acontecendo? Por que o silêncio? Posso saber?

— Nossos filhos chegaram hoje da escola impressionados com a aula inaugural do professor Hércules. Pela primeira vez ouviram falar que muitos livros são prejudiciais.

— Mas é mesmo. E como fazem mal! Certa vez li um livro que me fez perder o sono. Fiquei acordada uma noite inteira! Esse livro falava do trágico acerto de contas que a humanidade terá agora com nosso Criador. Mostrava a autora que a maior culpada da decadência humana são as mulheres. Fiquei indignada, pois as mulheres sofrem muito mais que os homens! Onde já se viu colocar a culpa nas mulheres, enfaticamente falou D. Sílvia.

— Mas, eu também acho que as mulheres são piores que os homens, aparteou Flávia com veemência.

— Filha, o que você está dizendo? Você não sabe ainda o que é ser mulher! Ser responsável pela família, não deixar faltar nada para todos, pensar em todos os detalhes da alimentação, vestuário, coordenar os horários de todos... Pensa que é fácil?

— Mas mãe, até que ponto tudo isso é certo? Não deveria cada um cuidar de si? Até em relação à hora de acordar cada um deveria ser responsável por si. Cada um deve estar focado em todos os seus deveres, e se esforçar em cumprí-los. Não foi assim que você nos ensinou? Por que agora você toma para si os nossos compromissos? Isso nos torna indolentes, acrescentou Flávia.

— Concordo com Flávia. Se temos você para pensar por nós não precisamos nos incomodar. Você, Sílvia, deve ser apenas a administradora da casa e deixar cada um assumir seu lugar, completou Sr. Armando.

— Bem que gosto de receber todos esses mimos da mãe, dengosamente Roberto aparteou.

— Não achei que vocês pensavam assim! Quero apenas ajudar, disse Sílvia se lamentando!

— Sim mãe, sabemos disso, mas procure tirar os nossos compromissos de sua cabeça. Eles nos pertencem. Outra coisa, mãe, não está certo que deixemos bagunça para você arrumar. Estava pensando... Como é humilhante você ter que abaixar para pegar nossas roupas e sapatos pelo chão, para colocá-los nos devidos lugares. Você não se sente humilhada com essa situação? Você, assim, se torna servil e não auxiliadora. Quando eu me casar, vai ser tudo diferente, Flávia enfatizou.

— Eu que não quero me casar com uma moça que pensa como você. Gosto assim como está. Ser paparicado o tempo todo não faz mal a ninguém, disse Roberto, querendo afrontar a irmã.

— Viu, mãe, como você o está educando? Você está formando um machista. Veja sua responsabilidade. Coitada da mulher que se casar com ele. Viverá insatisfeita, comprometendo até o relacionamento do casal, disse Flávia num tom acusatório para a mãe.

— Filha, onde foi que você aprendeu tudo isso? interroga o pai.

— Prestando atenção nas coisas aqui em casa. Não me conformo de ver a mamãe se matando enquanto nós descansamos. Tudo que aqui vejo não quero para mim. Sofro com a situação dela. Eu procuro poupá-la arrumando todas as minhas coisas. Por mim ela ocuparia mais o seu tempo para ela mesma, lendo mais, fazendo cursos, até mesmo viajando. Estamos crescidos e precisamos assumir nossas responsabilidades.

— Gostei de ver, filha! Você tem razão! Vou também melhorar nesse sentido. Quanto a você, Roberto, acho que também deve mudar de atitude. Hoje já notei duas falhas minhas: uma sobre o silêncio em relação às leituras e agora essa que Flávia desandou a falar. Tenho sido egoísta com você, Sílvia. Prometo que as coisas vão mudar. Carinhosamente passou a mão sobre a cabeça da esposa desculpando-se.

Roberto saiu correndo, deixou a sala, pois estava atrasado para a aula de música.

— Tchau para todos. Depois falaremos a respeito.

— Sou eu quem deve mudar! Compreendi você, filha. Fui acostumada a ser servil, e achava tudo isso normal. Assim foi a educação que recebi.

— As pessoas têm que crescer mãe. Dê-nos a oportunidade para que isso aconteça. Tudo agora tem de mudar.

Todos foram se levantando da mesa. Havia muita coisa a ponderar.

Já na casa de Geraldo, filho único, entrando em casa segue para seu quarto. Examina por um momento sua estante procurando se lembrar das palavras do professor. Retira alguns poucos títulos, colocando-os sobre a mesa de estudo. Seus pais, executivos, trabalham o dia todo e dispõem de pouco tempo para ele. Contudo, sempre permanece ocupado... computador, música, basquete, leitura. Pensa na namorada, Débora. Gosta de estar com ela, pois se trata de uma pessoa serena e feliz. Sua atenção, contudo, volta-se para sua estante e continua a separação dos livros do ano

anterior. Olha as horas e sai em disparada para a cozinha, pede um almoço rápido, pois tem aula de violão.

No dia seguinte teve início a tão esperada aula do professor Hércules.

Vozerio e gritos estridentes dentro da sala de aula! Com a entrada do professor todo barulho cessou. O professor passou um olhar compreensivo sobre a classe! Esperou até que todos tomassem seus lugares.

— Trouxe a lista do material do ano em curso. Flávia distribua, por favor, aos seus colegas. Vocês podem ver que o nome do primeiro livro ocupa a primeira linha. Antes de fazer a consideração sobre ele, quero mostrar a vocês um gráfico sobre a inteligência humana.

Os alunos se adiantaram para descer a tela de projeção. O Sr. Hércules caminhou para o fundo da sala a fim de manusear o aparelho. Voltando para frente da classe, disse com firmeza:

— Antes de iniciarmos os nossos trabalhos, quero abordar alguns conceitos de vida que são básicos para nós. Não se preocupem em fazer anotações, pois distribuirei no final da aula uma apostila sobre o assunto para ser lida e avaliada, se possível com seus pais. Minha preocupação com vocês não se resume àquilo que aprenderão aqui para passar nas provas. O que pretendo é que vocês vivam o aprendizado. Quero formar cidadãos, formar pessoas que vibrem em conceitos de vida, que construam um convívio harmonioso e respeitoso. Iniciarei com os conceitos “Saber” e “Cultura”.  
Pergunto: **Ser sábio é ser culto?**

— Todo culto é erudito e sábio? Qual a diferença? Cultura, erudição, sabedoria... não é tudo a mesma coisa, perguntou Mônica, filha de um alto funcionário do governo.

— Certa vez li um livro que falava de uma civilização altamente desenvolvida, no entanto não havia universidades nem escolas. As crianças estudavam com os pais em suas próprias casas. Nessa civilização, tinha um sábio que ministrava os ensinamentos a serem seguidos por todos. Inclusive o rei sabia que tais ensinamentos continham tudo o que os seres humanos deveriam saber para serem felizes, explicou Leonardo, filho de pais que sempre viajavam à negócios!

— E quais eram esses ensinamentos? perguntou Gabriela.

— Posso falar, professor? interveio novamente Leonardo?

— Claro, estou gostando, pode falar.

— Esse sábio recebia ensinamentos do Alto e passava para todo o povo. Dizia ele, por exemplo: ‘Não abram as portas para estranhos, antes de conhecê-lo em seu íntimo. O mal sempre se apresenta de maneira agradável’.

— Muito interessante. O que você apurou disso? interveio o professor.

— Professor, não sei explicar muito bem, mas parece que se trata de um conselho para termos cuidado em deixar que estranhos se aproximem de mansinho, e que depois mostram não ser aquilo que aparentam.

— Isso mesmo; esse conselho é um princípio de sabedoria que deve ser seguido sempre, para evitar que males possam nos atingir. Esse ensinamento nos ajuda a estarmos sempre vigilantes! Sem a intuição, contudo, torna-se difícil detectar um impostor treinado na arte de engodar, pacientemente acrescentou o professor.

— Quer dizer que o que aprendemos nas universidades é considerado cultura, erudição, mas então não seremos sábios? Perguntou Flávia.

— Através das Universidades não, não serão sábios. Um exemplo: uma parte do povo Inca que viveu há dois mil anos atrás, na Cordilheira dos Andes, podia ser considerado sábio e, no entanto não havia Universidades. Viviam sabiamente e por isso não conheciam doenças, maldades e infortúnios. Também não conheciam a mentira... Nem havia na língua deles sequer uma palavra para designar o conceito de mentira. Viviam sintonizados com as Leis que regem o Universo. Eram pacíficos e felizes!

— Quer dizer, professor, perguntou Flávia, que as doenças e sofrimentos, maldades e mentiras são frutos da civilização moderna?

— Não moderna, pois já há milênios a humanidade deixou-se guiar principalmente pelo raciocínio, o qual foi preparado para solucionar as coisas da matéria, deixando de lado as do coração. O raciocínio é frio e calculista. Nós perdemos o verdadeiro Saber que vem da alma. Passamos a usar somente o raciocínio. Se compararmos a vida dos Incas com a nossa, verificaremos que perdemos muito da Sabedoria. Hoje, sábio é quem tem status financeiro e cultural, completou o professor.

— Hoje precisamos buscar febrilmente um curso superior e uma rendosa profissão, senão não conseguiremos nada na vida, acrescentou Felipe como que contestando o que ouviu.

— Felipe, é preciso, sim, lutar para se conseguir uma profissão rendosa, desde que não seja essa a finalidade principal de sua vida, desde que não seja em detrimento de seu aprendizado íntimo. O verdadeiro saber tem que vir da alma, e esta tem de dominar o raciocínio.

— Mas também, professor, tentou justificar Roberto, a vida de hoje é um corre-corre tão grande que não dá tempo para ir em busca de sabedoria.

— Com esse corre-corre vai se perdendo a capacidade de discernir o que é bom para si e para a coletividade, completou pacientemente o professor; é por isso que se aceita, sem perceber, grandes e pequenas mentiras habilmente infiltradas nos atuais conceitos de vida.

— Ah! Professor, nós não vamos consertar o mundo. Como podemos viver de maneira diferente dos outros? Contestou Guilherme, filho de um casal de família pobre, residente na periferia.

— O que me adianta ser diferente, argumentou Leonardo, e bater de frente com as pessoas, criando problemas?

— Leonardo, não é preciso bater de frente. Seja amável, leal, justo, e você já estará contribuindo para melhorar o mundo. Preocupe-se em consertar você. Se conseguir isso, tudo ficará mais fácil. O exemplo de um cidadão com essas virtudes espalha bênçãos onde quer que esteja. Agora pergunto: O que adianta acumular títulos e galardões, fortuna e honrarias e ser depressivo, nervoso e sem paz?... Enfim, uma pessoa repugnante para um convívio? O que adianta ter status e ser corrupto, cínico e mentiroso? Vale a pena ser assim? Um sábio jamais agiria desse modo.

— E a decadência que rola na Câmara dos Deputados e no Senado da República? Muitos desses “nobres representantes do povo” se dizem eruditos... Interveio, pensativamente, Gabriela.

— O que vai ser de nós? Conheço um senhor, perto de minha casa, que tem um alto cargo junto ao governo. Trata-se de um “figurão” em economia. Ele maltrata tanto sua família que toda a vizinhança participa das brigas violentas. Qualquer dia a pancadaria vai virar crime bárbaro, acrescentou Otávio.

— Então comecem a observar... Esse senhor se tem na conta de erudito, mas na verdade é um déspota, portanto é conduzido unicamente pelo raciocínio. Temos que iniciar uma rejeição ao que é errado primeiramente dentro de nós, depois em nossa casa e, por fim, em nosso país, orientou pausadamente o professor.

Felipe, jovem educado pela avó e muito querido de todos, com veemência afirmou:

— Fico revoltado e, ao mesmo tempo, desanimado quando deparo com tais notícias de corrupção na TV.

Desconsolado, Leonardo completou:

— O que será de nosso país? O que será de nós?

— Os políticos e corruptos também frequentaram os bancos escolares e nada aprenderam... Até hoje a preocupação da escola foi bem outra. As escolas terão que se transformar também, preocupar-se mais em formar cidadãos corretos e sábios, do que apenas transmitir cultura, serenamente explicou o professor.

— Professor, tenho a impressão de que foi por isso que a escola passou a ser uma chatice, queixosamente replicou Otávio. Tem hora que não dá para aguentar, tanta coisa que a gente tem que saber... Tem hora que a minha cabeça parece que vai explodir com tanta informação inútil.

— O pior é que é isso mesmo! A maior parte do que a gente estuda não vai servir de nada em nossas vidas, acrescentou Luizinho.

Toda a classe aplaudiu o feliz aparte de Otávio e Luizinho.

— Esse saber inútil causa irritação, perde-se a harmonia e a paz. O verdadeiro saber, ao contrário, nos dá prazer e alegria, abrange todos os princípios que norteiam a nossa vida cotidiana, acrescentou consoladoramente o mestre.

— Ainda haverá tempo de consertar tudo isso? Como se fará isso acontecer? Apelou Geraldo.

— Ainda há tempo para consertar, sim. Através do desenvolvimento da intuição receberemos não só o verdadeiro saber como uma força maior.

— E como se desenvolve a intuição? Afoitamente interpelou Otávio.

— Atualmente a intuição, a voz do coração, está seriamente danificada pela falta de uso. Está atrofiada. Com o decorrer dos milênios fomos ficando cada vez mais presos às coisas da matéria. A humanidade de hoje é essencialmente materialista.

— Materialista professor; presos às coisas materiais? E como não se contaminar com isso? Teremos de ser perfeitos? Sempre ouvi dizer que todas as pessoas que se acham perfeitas são umas chatas, enfaticamente continuou Otávio.

— Você está confundindo as coisas. Há pessoas que têm a mania de perfeição e tornam a vida das demais insuportável. Mas também há aquelas que lutam para acertar, se esforçam por um mundo melhor, mas da maneira certa, procurando dar o exemplo em primeiro lugar. Pessoas assim estão sempre buscando pela elucidação de si mesmas e do mundo. Tais pessoas sempre se destacam, disseminando simpatia e sabedoria à sua volta! Vejam Gandhi, por exemplo.

— É, professor, eu assisti ao filme. Ele agia pelo exemplo. O povo corria para ouvi-lo, confiava nele, queria seguir sua maneira de ser e de agir. Queria ouvir seus ensinamentos, confirmou Geraldo entusiasmado.

— Ele conseguiu mobilizar todo seu país contra a tirania da portentosa Inglaterra. O seu feito foi ainda maior por ter conseguido tudo sem usar de violência. Apenas se defendiam quando podiam. Foi um período de grande sofrimento, mas de grandes conquistas!

Ao ouvir o sinal, ainda acrescentou o professor:

— Leiam a apostila, façam suas avaliações sobre esse tema. Se possível, também com seus pais.

Já na rua a caminho de casa, a turminha do 3º ano caminhava com alegria, quando Otávio, surpreendeu com uma boa notícia.

— Vai ter um agito na casa de Márcia do 2º C. Vocês querem ir? Ela me pediu que convidasse todos da classe.

— Quem irá? Gostaria de convidar um rapaz que conheci outro dia no Shopping... Posso convidá-lo, perguntou Mônica como que procurando espaço!

— Ah, Mônica! Ia convidá-la para ir comigo! Falou Felipe como que se lamentando.

— Está bem, Felipe, irei então com você.

Felipe correu ao lado dela dizendo com alegria;

— Pegarei você, às 8 horas da sexta a noite. Está bem assim?

— Caso aconteça alguma coisa que o leve a atrasar, por favor, telefone avisando, pois não gosto de ficar esperando.

— Claro, claro, nunca deixaria você esperando, Mônica.

A turminha assistia à conversa dos dois com admiração.

— Gostei de ver! A sinceridade e a simpatia é que unem vocês dois, disse Flávia com meiguice.

— Flávia, se eu não tivesse uma namorada iria lhe perguntar: E o que une nós dois? Eu a admiro tanto... Sinto que algo também nos une, mas não sei bem o que é.

Flávia olhou sorrindo para Geraldo.

— Eu sei o que é que nos une Geraldo. É a confiança. Nós já nos conhecemos há três anos e nunca vi você se indispondo com alguém ou sendo agressivo. Suas maneiras educadas e sua amabilidade atraem as pessoas. Penso que todos confiam em você.



— Obrigado. Será que mereço tanto? Acho que você tem razão, eu também confio muito em você, respondeu prontamente Geraldo.

— E nós, Gabriela? O que será que nos une, perguntou Roberto com cara de maroto.

Gabriela dando uma risada cristalina, disse sorrindo:

— Você ainda não sabe? Temos os mesmos gostos, principalmente para as leituras. Por falar nisso, posso ir a sua casa hoje para falarmos dos nossos livros?

— Claro, espero você a que horas? disse Roberto alegremente.

— Às oito está bem?

**N**a casa de Geraldo, quando a família já estava reunida para o jantar, ele aproveitou a excelente oportunidade e dirigiu-se educadamente, olhando com temor, para seu pai.

— Pai, será que você e mamãe poderiam, hoje, ler comigo uma apostila após o jantar? É sobre um tema apaixonante. Sei que vocês poderão me ajudar nisso. Quero saber a opinião de vocês.

— Ih! Hoje estou com a cabeça a mil! Não dá para ser outro dia? nervosamente retrucou Sr. Jerônimo.

— Não, pai, tem que ser hoje. O senhor está sempre com preocupações e adiar não vai adiantar. Por favor, pai, eu preciso de sua opinião e da mamãe! Preciso chegar, amanhã, na aula com esse tema assimilado. Serão apenas uns 20 minutos... Pai, por favor, implorou Geraldo.

— Está bem, vamos lá, disse atendendo ao apelo do filho.

Geraldo, com alegria, levantou-se e saiu correndo e, ao voltar...

— Posso começar? Com ênfase e voz pausada iniciou com orgulho. “Ser culto é ser sábio?” à medida que ia lendo olhava de canto de olho a expressão de seus pais. Alegrou-se em ver a atenção concentrada de ambos.

Terminou a leitura com voz alta, como se estivesse discursando.

— Interessante, filho; nunca havia pensado nesse aspecto antes. Sobre isso, tenho observado que, realmente, quando aparecem certos figurões na mídia apresentando realizações dignas de louvor, algum tempo depois eles voltam a ser notícia, mas sempre desmoralizando os seus feitos, mostrando o lado negativo do que foi realizado antes. Por exemplo, o grande estadista Jânio Quadros. Ele renunciou de uma maneira inesperada ao seu mandato sem que o povo, que o elegeu, compreendesse sua malfadada atitude. Foi um grande erudito de nosso país, o povo confiava nele, tinha o apoio da maioria, mas falhou, apesar de sua erudição. Como você leu aí, era desprovido de “saber”. Entendi muito bem essa diferença.

D. Iracema, que até agora permanecia calada...

— Se sabedoria é uma expressão que qualifica formação íntima nobre, caráter incisivo, altruísmo, honestidade, isso quer dizer que hoje em dia não existem mais sábios?

— Existem poucos, mãe; É onde o professor quer chegar. Ele quer nos transformar em “sábios eruditos”. Para isso quer também a colaboração dos pais. Quer formar uma sociedade evoluída com a maior participação possível dos pais e parentes. Diz ele que nós podemos nos transformar e iniciar uma grande transformação em nosso país. Ele já tem tudo esquematizado!

Geraldo olhava as expressões dos pais com grande interesse.

— Podem contar comigo. Quero acompanhar isso de perto. E você amor? O que pensa a respeito? Inquiriu Iracema.

— Isso ocuparia os nossos fins de semana... Será que valerá a pena sacrificar nosso descanso e prazeres para nos dedicarmos a isso? respondeu Jerônimo meneando a cabeça.

— É pegar ou largar, pai. Tenho a impressão que vai ser muito divertido. Toda a galera reunida conversando sobre assuntos sérios e importantes. Pai, estou cansado de conversa mole pra boi dormir. Conversas que não levam a nada. Tudo balela, pai, parece conversa de políticos. Esses assuntos em classe têm nos dominado! Se o ano continuar assim tenho certeza que, pela primeira vez, sentirei maior interesse pelos estudos e pela vida.

— Vou encarar essa, filho; gostei dessa apostila. Você quer mesmo saber, até descansei minha cabeça que estava tão quente... Vou pensar mais a respeito.

Todos se levantaram e tomaram rumo. Geraldo encaminhou-se para o telefone para falar com Débora. Ao ouvir o alô inconfundível, disse:

— Como é bom ouvir essa voz sonora!

— Oi, Geraldo, o que está acontecendo que você quase não mais liga para mim? Queixosamente lamentou Débora.

— Você tem razão. Tenho estado bastante ocupado. Neste princípio de ano, até se organizar tudo, me perco às vezes.

— Estou com saudades. Quando poderemos nos ver? Insistiu a moça.

— Sexta à noite vai ter um agito na casa de uma menina. Você gostaria de ir comigo?

— Claro. O que mais quero é estar com você. Esperarei às 8 horas, está bem assim?

— Está ótimo. Até sexta então. Um abraço apertado, despediu-se Geraldo.

— Outro, disse baixinho Débora.

**N**a casa do Sr. Armando, em uma pequena saleta, em cadeiras preguiçosas, a família dialoga sobre o conceito “Cultura e Saber”.

— É mesmo um tema interessante! Coisa que parece que a gente sabe, mas nunca pensa a respeito. Esse povo inca realmente vivia de uma maneira sábia, já li alguma coisa antes. Esse tema é tão etéreo, será que os alunos serão capazes de discernir a diferença? Preocupada, D. Sílvia arriscou sua opinião.

— Claro que sim, mãe! Estamos pensando muito nessas diferenças. Estamos nos movimentando intimamente numa análise aguçada. O professor disse que através das análises profundas, desenvolveremos nossa intuição.

**N**a segunda aula do professor, os alunos se mostravam entusiasmados e falantes. Após a entrada do professor, como sempre, reinou o silêncio. Com o olhar perscrutador, indagou:

— Quantos de vocês conseguiram a atenção dos pais?

Somente três não levantaram as mãos.

— Então vamos dar início ao nosso debate sobre esse primeiro conceito:

— Professor, posso começar? Perguntou Gabriela de repente. Após a aprovação do professor a alegria foi geral, pois ninguém queria ser o primeiro.

— Conversei com minha mãe sobre essa apostila. Dialogamos muito sobre essas diferenças de conceituação. Chegamos à conclusão de que existe, sim, uma enorme diferença entre ser culto e ser sábio. Mamãe mencionou um grande escritor brasileiro, Pedro Nava, que adquiriu diversos diplomas e cargos. Escreveu mais de 50 livros, no entanto era muito depressivo e acabou se suicidando em uma pracinha perto de sua casa. Este escritor não conseguiu sabedoria, somente cultura... Alguns alunos quiseram ouvir novamente o nome desse escritor.

— Não nos apeguemos a nomes e sim aos fatos e conceitos. O que nos interessa é ver que esse escritor, com toda sua cultura, não se interessou em saber sobre a Criação maravilhosa e suas leis, explicou pacientemente o professor. Este saber teria preenchido a sua essência íntima, teria lhe dado alento e aumento de forças, livrando-o da depressão. Nós, seres humanos, temos anseio pelo verdadeiro saber, muito embora muitos não tenham isso em nível de consciência.

Otávio, o mais afoito, interpelou:

— Podemos, com esse fato, concluir que o culto sem sabedoria é um fraco? Sempre ouvi dizer que os suicidas são pessoas fracas em sua vontade. É verdade, professor?

— Sim, quem não se interessa por sua própria evolução torna-se gradativamente fraco em seu íntimo. Assim não terá estrutura para suportar os embates que sempre surgem.

Continuando com sua reflexão sobre o assunto, Otávio completou:

— Que embates são esses, professor? A que o senhor se refere?

— Embates são acontecimentos que abalam o nosso íntimo. Por exemplo: a perda de uma pessoa querida é sempre chocante. Para o erudito desprovido de saber, a reação diante da morte é sempre traumática, confusa, e em alguns casos mesmo desesperadora.

— Conheço um senhor que perdeu um filho em um desastre de automóvel, no dia da formatura. Esse senhor ficou completamente desestruturado, perdeu o amor pela vida, transformou-se em uma pessoa amarga, fechada dentro de um sofrimento abalador, mencionou Leonardo.

— Se fosse um sábio, estaria alicerçado em seu elevado saber sobre os fenômenos naturais, como o é a morte terrena, e então reagiria com tranquilidade. Muitas vezes essa reação serena é confundida com frieza! Mas não é. A morte terrena faz parte da vida, assim como o nascimento. Quem criou tudo com perfeição, sabia o que estava fazendo, portanto a morte também tem sua razão de ser. A humanidade desconhece tais fenômenos relacionados com a vida e com a morte. Sofre por ignorar isso. Neste primeiro livro vamos estudar esse conceito. Tenho certeza de que vocês vão gostar muito e vão entender também, disse vagarosamente o professor.

— Professor, que tético! Não gosto de falar em morte, vamos falar de vida, interpelou Luizinho, um dos alunos que até agora se mantinha indiferente ao assunto.

— Então, Luizinho! A vida não termina com a morte, mas continua linda como sempre, respondeu o professor com um sorriso.

— É mesmo, professor? Continua linda como sempre? Como assim, perguntou Geraldo com ar de admiração!

— Com a morte, perdemos apenas o nosso corpo físico. Nosso eu continua a viver, aprendendo como aqui. Após um pequeno estágio na matéria invisível que nos cerca, ocupamos outro corpo para voltar para o mundo visível e continuar o aprendizado, explicou o professor, com segurança e bondade.

Geraldo continuou interessado.

— Difícil de acreditar... O senhor está falando do quê, afinal?

Flávia, a que mais entendia do assunto, disse pausadamente:

— Essa turma não sabe nada disso. Nunca se interessou por nada. Vamos ver se agora vão começar a refletir sobre isso. Consegui conversar com meus pais a respeito do conceito de erudição e sabedoria. Meus pais querem participar de tudo, ficaram entusiasmados com a apostila.

Outro aluno levantou a mão, pedindo licença:

— Queria confirmar a aceitação espontânea de meus pais, para falar sobre esses e outros conceitos de nossa vida.

Outros também fizeram o mesmo.

O professor agradeceu a participação e ficou de marcar para breve uma reunião também com os pais.

— Voltemos, então, ao tema em questão. Vou agora mostrar a vocês um gráfico na tela, mostrando os tipos de memória que temos:

No telão foram mostradas as duas memórias e o professor indicando com seu bastão, acrescentou:

— Memória ligada ao cérebro todos têm, uns mais outros menos. O mesmo não se observa com a memória intuitiva. Para uns poucos ela é relativamente forte, mas para a grande maioria da humanidade já nem mais funciona, está irremediavelmente sufocada. Sufocada pela falta de movimento.

Guilherme, filho de operário, interveio bruscamente:

— Como podemos saber se a nossa memória intuitiva está atrofiada?

— Estará atrofiada se sua voz é mascarada pelas ponderações do raciocínio. Com o desenrolar de nossas atividades nos aprofundaremos nisso. A memória intuitiva está muito ligada ao conceito de sabedoria. Por isso eu a estou mencionando agora, só para vocês fazerem uma ideia, mesmo que superficial, desses princípios.

Com meiguice, Gabriela interveio:

— Está de alguma forma ligada ao acreditar ou não em coisas que não são usuais? Como, por exemplo, acreditar na vida após a morte?

Antes que o professor pudesse responder, a classe entrou em tumulto, mostrando-se uns contra e outros a favor da concepção de uma continuidade da vida após a morte física. Alguns ficaram mesmo irritados com o aparte dela. Com um sorriso, o professor esperou até que a classe fosse lentamente se acalmando e acrescentou:

— Viram como esse conceito de vida após a morte está ligado ao conceito de sabedoria? Aqueles que não acreditam na vida após a morte terão que aceitar explicações ilógicas sobre a veracidade ou não desse princípio.

— Como assim, professor? Se houvesse mesmo a vida após a morte, nós todos deveríamos saber disso. Mas ninguém fala disso, disse Otávio como que duvidando.

— Você tem razão. Quase ninguém fala disso, falou o professor. Atualmente a humanidade se dedica exclusivamente à vida na matéria; em alguns casos nem sabem que têm dentro de si uma alma que anseia por sabedoria. Quando as pessoas têm uma oportunidade como esta de falar ou ler a respeito, acham que é fantasia de cabeças ocas! Elas já não têm a memória intuitiva! Perderam-na ao longo do tempo.

Otávio insistiu no aparte:

— Como assim, professor? Quer dizer que quem não acredita na vida após a morte não tem sabedoria?

— Sim, é isso. Você alguma vez pensou sobre isso, leu alguma coisa a respeito ou falou com alguém sobre esse assunto? Temos marcas em nossa alma, marcas impressas em vidas anteriores. Ao falarmos sobre isso, estamos acionando nossa memória intuitiva. Essa memória fica guardada dentro de nós, em nossa alma, esperando ser acionada como num computador. Tudo está guardado na memória, à espera de um chamado ou de um clicar, explicou o professor, examinando os semblantes admirados de seus alunos.

— É, professor, nunca me interessei por esses assuntos. Mas, agora, quero me aprofundar nisso, concordou Otávio interessado!

Ainda examinando o interesse de seus alunos, o professor continuou...

— Quando você souber mais a respeito desse fenômeno tão básico de nossa vida, tudo vai mudar. É como se acendesse uma luz dentro de você. Tudo é tão simples, mas a humanidade em geral está atolada até a garganta em preceitos rígidos. Há muito deixou de sentir clamor em seu íntimo. Está dormindo e não percebe todo o esplendor à sua volta. Tudo porque todo esse esplendor está na nossa vida íntima, é invisível aos olhos terrenos.

A classe sorvia as palavras do professor. Este conseguiu tocar de leve no íntimo de seus alunos. Conseguiu até que permanecessem quietos e calados, ignorando o sinal de fim de aula.

**N**a rua de volta para casa, Otávio continuou intrigado:

— O professor, hoje, consegui mexer comigo. Achei muito interessante tudo que ele disse. Vou querer também acionar a minha memória intuitiva. Só não sei ainda como fazer isso...

Gabriela veio em seu socorro;

— Antes de qualquer coisa você terá que gostar de ler e eu sei que essa não é sua praia. Só quem gosta de ler poderá analisar com profundidade tudo com que se depara. Lembra-se que o professor ensinou que temos que acionar nossa memória intuitiva?

— Mas não posso acionar a minha memória intuitiva conversando com vocês e com outras pessoas sobre esses temas? Hoje na aula senti vontade de largar toda a galera do forró e não queria que a aula terminasse. Senti como que saudades de algo indefinido! Isso aconteceu sem eu ter lido, apenas participando da conversa com o professor; quero conversar muito sobre isso. Estou gostando, afirmou Otávio.

— Otávio, você já comprou o livro indicado pelo professor? Comece a ler devagar, para ver se você entende, embora o professor ainda não tenha dado o sinal verde para iniciarmos essa leitura, disse carinhosamente Roberto.

Chegando em frente à sua casa, Otávio se despediu de seus colegas e entrou.

**A**o entrar, Otávio foi direto conversar com Dalila, sua irmã mais velha, sobre o que estava acontecendo! Esta cursava o último ano da Faculdade de Sociologia. Abriu-se com ela. Narrou o que aconteceu com ele durante a aula daquele dia.

— Fui tocado mana, tocado no meu íntimo.

— Já estava na hora, Otávio, de você cair na real. Uma hora tinha que acontecer! Ninguém consegue levar a vida toda sambando e curtindo! Essas coisas do mundão acabam fazendo a pessoa infeliz, retrucou Dalila em tom de exortação.

— Eu nunca me senti infeliz. Sempre gostei de curtir com meus amigos! Mas agora quero algo mais além da curtição, quero pensar em coisas mais sérias, que mexam comigo!

— O que pensa em fazer? Indagou interessada a irmã.

Otávio narrou pacientemente para sua irmã tudo o que se passou nas aulas do professor Hércules. Leu para ela a apostila sobre o conceito de erudição e sabedoria. Dalila, durante a leitura, percebeu que realmente se tratava de coisa séria. Interessou-se pelo assunto. Após a leitura, Otávio disse à irmã que o professor já tinha tudo preparado para uma reunião com os pais e parentes dos alunos, para uma tomada de posição, iniciando assim uma grande transformação!

— Meu irmão, estou também interessada nesse assunto. Sempre procurei conhecer pessoas que soubessem conversar sobre esses temas mais profundos... Será que também chegou a minha hora?

— Acho que a hora é essa, maninha!

Saíram em direção à cozinha.

**N**a residência do senhor Jerônimo, a família, já reunida, deu continuidade aos novos assuntos que haviam suscitado o interesse de todos.

— Pai, sabe o que o professor falou hoje? Disse que todos nós temos dois tipos de memória: a memória ligada ao cérebro e a ligada à intuição. A ligada ao cérebro todos tem, uns mais, outros menos. A memória intuitiva, essa pai, poucas pessoas a tem desenvolvida. A maioria já não a possui mais.

— Nunca ouvi falar dessa memória intuitiva. Por que a perdemos? Por que não a possuímos mais?

— Mesmo quando alguém ainda a possui já está seriamente enfraquecida. Sabe por que perdemos esse tipo de memória? Porque não a exercitamos. Agora, com nossos estudos, vamos acionar as nossas memórias intuitivas. Vai ser legal! Estou morrendo de curiosidade.

— Sobre isso ele não mandou a apostila? Indagou interessado o pai

— Não, mais vai mandar na próxima aula.

O assunto sobre as duas memórias ainda foi o foco da conversa durante todo o jantar.

**N**a casa do Sr. Armando, já na mesa do jantar, cada um falava sobre o seu dia.

O Sr. Armando olhando com insistência para a família, fez sua narração:

— Hoje, em meu escritório, deparei com uma senhora muito simpática. Sua afabilidade e meiguice muito chamaram minha atenção. Ela veio buscar uns papéis de procuração para levar ao filho que está se separando da esposa. Perguntei pelo casal.

D. Zenaide respondeu com categoria:

— Vivem em clima de guerra. Para mim, na minha idade, torna-se difícil entender como podem ter chegado a esse ponto! Um não pode nem ouvir a voz do outro. Como pode? Antes se

amavam tanto... Hoje se odeiam! Não se respeitam, vivem nervosos, desperdiçando as próprias vidas! Ambos cursaram universidades, não são pessoas ignorantes! O que aproveitaram dos estudos obtidos? Nada!

— Quanta sabedoria encerrava as palavras dela! Lembrei-me da apostila sobre a sabedoria e como ela ligou a atitude do casal com o aprendizado na universidade! Sem querer e sem compreensão sobre o fenômeno, ela mexeu com os conceitos de cultura e sabedoria! Aproveitei o ensejo para mostrar a ela os dois conceitos. Disse que em breve haveria reuniões para uma maior compreensão sobre esses e outros conceitos de nossa vida. Tive a liberdade de convidá-la também para participar, o que ela prontamente aceitou.

— Ótimo, pai, ao que parece essa pessoa vai enriquecer as nossas palestras, disse alegremente Flávia.

Já na terceira aula do professor, como sempre o vozerio excedia. Entrou sem ser percebido. Ficou parado, calado, observando atentamente as reações de seus alunos. Com alegria, percebeu que o assunto girava em torno das matérias em voga. Um a um foram notando sua presença e imediatamente se calaram.

— Estão prontos para continuar a conversa sobre os nossos temas? Perguntou com simpatia. Prontamente Otávio respondeu:

— Não só prontos como também ansiosos. Bom, pelo menos eu estou ansioso, sei que não posso responder pelos outros, mas...

O professor, pausadamente, começou sua narrativa:

— Dando sequência ao que já falamos sobre o tema de nossas duas memórias, vou narrar um episódio ocorrido na cidade do México, há alguns anos atrás. Prestem atenção nesse fato para que deem o devido apreço à intuição. Não se trata de ficção. Aconteceu realmente. Essa história foi largamente anunciada em jornais do mundo afora. Um moço de aproximadamente 30 anos costumava dormir cedo porque o seu dia também começava cedo. Uma noite sonhou que sua cidade sofreria um grande terremoto. Recebeu a incumbência de ir de porta em porta avisar as pessoas para que se retirassem de suas casas porque grande parte da cidade ficaria em ruínas. Recebeu essa tarefa de um senhor vestido de branco, circundado por uma luz branca. O moço acordou todo assustado, vestiu-se e saiu apressado para avisar as pessoas. Pediu a ajuda de outras, para ajudá-lo nessa missão. Uns se prontificaram e também saíram às ruas avisando, avisando... Quando a notícia chegou à rádio local, esta também passou a noticiar. Nisso a notícia chegou ao padre de uma paróquia. Este se assustou com a notícia e achou-a absurda. Saiu à rua e viu as pessoas enchendo os carros e caminhões com seus pertences para largar a cidade. Ficou horrorizado! Foi também de porta em porta procurando demover as pessoas da sua decisão de abandonarem suas casas. Dizia o padre:

— Como podem acreditar em um sonho e abandonar tudo? Suas casas serão invadidas por outras pessoas e quando voltarem não poderão reclamar. Resumindo: uns ouviram o moço, seguiram em frente, outros seguiram a opinião do padre e acabaram voltando. Após três dias, a cidade do México sofreu o maior terremoto de sua história, no qual pereceram milhares de pessoas! Quem teve a intuição mais refinada, acabou sobrevivendo e, quem não teve, acabou perecendo! A cada momento estamos diante de uma tomada de decisão. Precisamos procurar desenvolver nossa intuição para tomar decisões mais acertadas.

A classe estava emudecida diante do fato.

— Professor, o padre morreu no terremoto? Interrogou Geraldo.

— Ele foi procurado pelos sobreviventes, mas não foi encontrado, respondeu olhando para o interlocutor. Os jornais noticiaram que o padre, se não estava morto estava foragido. Alguém tem algum comentário ou pergunta sobre o fato?

Mônica, a filha de um alto funcionário do Governo, cautelosamente perguntou:

— Professor, o senhor não acha que é mesmo difícil acreditar em um sonho, ainda mais dos outros? Eu acho que eu morreria, pois não acreditaria no moço, não.

Outros alunos concordaram com ela.

Diante dessa revelação, o professor olhou para ela com compreensão! Pausadamente perguntou:

— Como deve você agir de agora em diante?

Vagarosamente Mônica ainda completou sua reflexão sobre o fato.

— Estou confusa, como posso fazer para desenvolver minha intuição? Acho que não sou muito intuitiva, não é?

Consoladoramente completou o professor:

— Não fique desanimada, Mônica. No decorrer de nossos estudos e palestras, através das análises irrestritas sobre todos esses temas que envolvem a nossa vida íntima, daremos ensejo para o desenvolvimento de nossa intuição.

Guilherme acrescentou:

— Professor, o senhor disse que daremos ensejo para o desenvolvimento, isto quer dizer que, mesmo analisando tudo, não é certo que desenvolveremos nossa intuição?

Com um sorriso compreensivo o professor continuou.

— Depende do solo íntimo de cada um. Somos todos diferentes, uns têm o solo fertilizado, outros mais ressequidos pela falta de trato. Uns se empenham muito, outros se empenham pouco. Cada um tem sua própria maneira de receber as coisas, enfim, como disse antes, somos todos diferentes.

— Acho que este assunto é quase desconhecido do povo em geral, isto é, todos são dotados dessa intuição, mas ela está adormecida, precisando de um toque para vir à tona, não é isso? Indagou Leonardo.

— Sim, Leonardo, acho que você já entendeu a sutileza de nosso tema. Alguém não entendeu alguma coisa do que foi dito? Perguntou o professor.

— Professor, eu compreendi perfeitamente, mas meus pais estão cobrando a apostila referente a esse assunto. Posso pegá-las em sua mesa e distribuir? Perguntou Geraldo como que pedindo atenção.

— Obrigado, Geraldo, faça isso, por favor. Conversem com outras pessoas sobre esses temas. Saibam de uma coisa, à medida que pessoas como vocês pensarem nesses temas que mexam com nossa alma, estaremos desocupando nossas mentes de pensamentos banais, que não levam a nada.

— Assim estaremos nos fortificando? Perguntou, meigamente, Gabriela.

— Sim, à medida que mudamos o foco dos pensamentos fertilizamos o nosso solo íntimo para o recebimento da força que vem do Alto.

— Somente pelo fato de retirarmos de nossa mente pensamentos superficiais, já estaremos nos fortificando? Timidamente arriscou Guilherme.

— Vocês já não sentiram isso? Indagou o professor franzindo a testa!

Começou o alarido.

— Esperem, vamos falar um de cada vez, pois é muito importante que todos participem do estado íntimo de cada um. Vamos começar por aqui. Diga você, Guilherme.

— De fato, professor, não sei dizer se estou mais fortalecido. Posso dizer que estou perdendo o interesse por uma série de coisas que eu gostava de fazer, como os jogos de computador, por exemplo. Não estou mais sentindo atração por isso, estou preferindo assistir a bons filmes.

— Eu também, professor, estou deixando até de ir para os barzinhos bebericar com meus amigos, no final da tarde. Comecei a ficar desinteressado! Meus amigos acham que estou apaixonado, acrescentou Leonardo, com um sorriso brejeiro.

Foi só risada.

— Professor, estou “maneirando” as baladas, as “night”. Estou tocado aqui dentro de mim, pois nunca me interessei por nada sério. Confesso que agora, depois dessas aulas, estou mudando a

minha maneira de ser, estou muito interessado nestes assuntos, pois eles me fazem bem. Notava-se em Otávio uma expressão sincera.

E assim todos foram falando de uma nova sintonia depois da abordagem desses assuntos interessantes. Todos participaram!

Já na rua a turminha ia alegre de volta para casa.

— Gabriela, não se esqueça, espero você hoje às oito, cobrou Roberto.

— Pode esperar, sou pontual, alegremente revidou Gabriela.

— Estou ansioso, disse sorrindo para ela.

Despediram-se e cada um tomou seu rumo.

Luizinho, um dos alunos, querido por todos, chegou à casa, lavou a louça, varreu rapidamente a cozinha, foi para o fogão aquecer o almoço para esperar o irmão mais novo.

Enquanto cuidava de seus deveres, seus pensamentos estavam focados nas aulas do professor Hércules. Ficou entusiasmado com a possibilidade de desenvolver sua intuição. Como seria isso? O que mudaria em sua vida? Pensava ele. À tardinha esperou ansioso pela mãe. Precisava falar com ela sobre tudo, pois foi sempre ela sua maior amiga e conselheira! Até que ouviu o barulho no portão. Foi recebê-la com um largo sorriso, que logo desapareceu ao se deparar com a expressão de cansaço e desânimo dela. Foi com esforço que perguntou:

— Oi filho, como foi o seu dia?

— Mãe, vai se recompor com um bom banho e depois conversaremos, carinhosamente respondeu o moço.

Já na hora da refeição, iniciou suas narrativas e expectativas sobre as aulas do professor Hércules.

— Enquanto você vai ler as duas apostilas para se enfronhar no assunto, vou preparar o almoço de amanhã. Vai haver reunião de alunos, pais, amigos e vizinhos. Estaremos convocando o maior número possível para essa primeira palestra com o professor. Vai haver uma grande transformação, mãe, e ao mesmo tempo uma grande revelação.

Em frente ao portão da casa de Roberto, Gabriela aperta a campainha.

Imediatamente aparece Roberto, que a aguardava com entusiasmo.

— Que bom que você veio! Disse estendendo-lhe a mão e puxando-a para dentro do portão.

Já na sala foram feitas as apresentações à família reunida. Pediram licença para irem até o quarto de Roberto, pois tinham um assunto importante a tratar. Subiram vagarosamente a escada que dava para o segundo andar.

— Que assunto é esse que precisam discutir a portas fechadas? Confidenciou Sílvia à Flávia.

— Eles vão fazer troca de livros, mãe, aqueles que cada um gostou, vai emprestar para o outro.

No quarto de Roberto, conversaram sobre diversos assuntos das famílias. Repassando com os olhos os livros da estante, Gabriela perguntou:

— Qual destes vai valer a pena?

— Já fiz a triagem, Gabi. Qualquer um desses que você está vendo aqui vai valer a pena.

“O Grande Livro do Maravilhoso e do Fantástico” “Recordação da Casa dos Mortos”, “A Comédia Humana”, lia baixinho Gabriela. Enquanto isso, Roberto a observava. Sua figura inteira era de chamar a atenção. Era pura harmonia. Cabelos loiros presos atrás da nuca davam-lhe um aspecto de menina. Usava uma calça jeans azul, combinando com um suéter também azul. Virando com graça, puxou o livro “Recordação da Casa dos Mortos” de Dostoiévski, da prateleira. Olhando para Roberto acrescentou:

— Vou começar por este.



— Boa escolha, você vai gostar. Esse autor se destaca por ser sempre ele o personagem principal de seus livros. O que me marcou é que ele era ateu e materialista. Foi preso na Sibéria devido à política. Com a leitura da Bíblia passou a acreditar e a amar a Deus, narrou Roberto.

— É mesmo? Que interessante! Acho que vou gostar muito. Ele é reencarnacionista?

— Ele não faz menção a isso. A propósito, Gabi, você já acreditava na reencarnação antes das aulas do professor?

— Tinha minhas dúvidas, mas agora não tenho mais. Hoje me parece algo tão natural! Já havia lido um livro que mencionava a reencarnação, mas da maneira que o assunto era abordado parecia que o próprio autor não acreditava naquilo que dizia. Ele dava umas pinceladas, mas deixava muitas dúvidas no ar. Após uma pausa acrescentou, olhando para os olhos dele... E você?

— Nunca tinha ouvido falar nada a respeito e nunca li nada parecido. Para ser sincero, isto, para mim, parecia mais estória de carochinha. Agora a coisa mudou, estou achando que o tema combina comigo. Passei a achar algo muito interessante. Estou querendo me aprofundar bastante nisso.

**N**a quarta aula do professor, os alunos o esperavam com muita expectativa! Ao entrar, o professor cumprimentou a todos com muita simpatia.

— O assunto de hoje é tão apaixonante como os anteriores e também está estreitamente relacionado com os outros. Chama-se “A Lei Universal do Movimento”. Ao mesmo tempo em que puxava um grande cartaz do cavalete, continuou falando pausadamente...

— Desde a infância fomos condicionados a aceitar sem análise e sem questionamento as diretrizes básicas que compõem nossa vida. Tal aceitação tornou-se um hábito e, com isso, nos acomodamos em conceitos falsos de vida. A acomodação, em qualquer setor da vida, fere em cheio a “Lei Natural do Movimento.” Assim como nosso corpo físico necessita de movimentação para evitar o atrofiamento, também nosso íntimo, ou seja, nossa alma necessita de movimentação, para evitar também o atrofiamento.

— Como conseguir isso? Movimentar a alma? Indagou logo Flávia com grande interesse.

— Através de análises profundas de todas as situações de nossa vida. Caso isso não aconteça, lentamente vamo-nos tornando fracos, indolentes e adoecemos, completou o professor.

— Como fracos? Como doentes? Interrogou rapidamente Henrique.

Olhando carinhosamente para o jovem, continuou:

— Fracos em nosso íntimo. As pessoas já não estão acostumadas a pensar e refletir. Aceitam quase tudo o que é posto à sua frente. Vejam como as propagandas atingem seus objetivos. Vejam como os políticos conseguem manobrar, vejam como as pessoas deixam de amar o próximo, vejam ainda como um sem-número de religiões se multiplicam com facilidade! As pessoas em geral aceitam quase tudo sem refletir se é bom ou ruim aquilo que estão incorporando em seu íntimo.

— Agora entendo melhor as coisas. A fraqueza íntima nasce dos pensamentos que aceitamos dos outros, sem refletir, é isso? Arriscou Geraldo.

— Pensamentos errados que aceitamos dos outros, não os pensamentos bons que também aceitamos, completou Leonardo.

— Não se trata só de aceitar ou rejeitar, e sim de se envolver emocionalmente com tais pensamentos errados, explicou o professor.

— O que é envolver-se emocionalmente com pensamentos? Interrompeu Luizinho.

— Vejam, tem gente que torce desenfreadamente por um time de futebol, grita palavrões por seu time, dá pancadaria por ele. Há até quem mate por causa de futebol. Esses que assim agem estão envolvidos emocionalmente com o futebol e isso os enfraquece. A fraqueza íntima leva ao fanatismo. Fanatismo é desequilíbrio. O desequilíbrio se dá devido ao envolvimento emocional excessivo.

— Quando a pessoa perde o equilíbrio por qualquer coisa é sinal de fraqueza íntima, é isso? Aparteou Flávia.

— É isso sempre. Trata-se sempre de um pendor. A paixão por algo ou por alguém pende literalmente nela, explicou calmamente o professor.

— Tudo tem que ser sentido com moderação, sem perder o equilíbrio, não é assim? Concluiu Leonardo.

— Tais desequilíbrios podem ser considerados como doenças. As pessoas desequilibradas são acometidas por terríveis crises de agressividade, outras por crises de depressão, insatisfações generalizadas e outras dificuldades de todo tipo. Pensamentos confusos também nos enfraquecem, tornamo-nos indecisos, pensamentos e mais pensamentos... Todos ligados à matéria. Com isso é montada uma barreira que impede mudar o foco dos pensamentos para o principal, que é a busca do conhecimento sobre nossa essência, sobre nosso íntimo, para deixar falar a intuição, explicou pausadamente o professor.

— Será que vamos conseguir mudar tudo isso em nós? Mudar o foco da mente parece não ser fácil, devido ao hábito. Estamos acostumados a pensar desordenadamente, dar asas à imaginação e, ao que parece, devemos controlar agora esses pensamentos... Trocar os pensamentos banais pelos que tocam ao nosso íntimo, melancolicamente ponderou Flávia. É isso?

— Exatamente isso, Flávia.

Henrique, solicitando atenção:

— Professor, fazendo um resumo de tudo, quer dizer que pensamentos ruins nos enfraquecem e nos deixam doentes de alma, e pensamentos bons nos fortalecem e nos deixam felizes...

Creio que todos entenderam isso, não é? Concluiu o professor com satisfação.

— Posso levar os nossos pensamentos para algo que a todos interessa? Indagou Flávia.

O professor solicitou a opinião de todos.

— Vocês concordam?

Toda a classe aplaudiu, pois já aprenderam que cada vez que Flávia falava sempre era do interesse geral. Olhando com satisfação para todos, Flávia começou sua narrativa:

— Lá em casa, outro dia, estávamos conversando sobre responsabilidade dentro do lar. Ninguém quer assumir responsabilidades nem com seus próprios pertences. Deixamos tudo jogado e bagunçado para outra pessoa guardar. Geralmente são as donas de casa ou empregadas que fazem esse trabalho para todos. Não gosto desse tipo de escravização para com as mulheres.

— Na minha casa esse trabalho é da empregada. Elas são pagas para isso. É o serviço delas, argumentou Geraldo.

A classe tumultuou novamente, uns contra e outros a favor. Como sempre, o professor com um sorriso aguardou até que cada qual desse seu parecer. Analisava cada uma delas, pois assim poderia avaliar a maturidade de cada aluno.

— Vejo como Flávia. Cada um deve ter o zelo de guardar seus próprios pertences. Cabe à empregada, limpar o que ficou sujo. Garanto que dessa maneira a harmonia será mantida, disse o professor.

— Nunca fui acostumado a guardar minhas coisas, sempre minha mãe manda a empregada se ocupar com isso, argumentou Geraldo, rejeitando a ideia lançada por Flávia.

— Nesse caso, professor, ele tem razão. As próprias mulheres é que sustentam esse conceito. Trazem para si essa obrigação e impedem cada um de crescer nisso, tirando dos homens essa responsabilidade que é unicamente deles. As próprias mulheres são as maiores machistas, em casa como mães e na escola como mestras. Esse conceito de nossa vida precisa muito ser debatido, o senhor não acha? Completou Flávia.

A classe aguardava silenciosamente a opinião do professor.

— Acho sim, e quem acha também levante a mão. Quase toda a classe levantou a mão. Deixemos esse conceito ser debatido em outra ocasião, sugeriu o professor.

— Não deixarei esquecer esse debate professor, pois eu o acho de suma importância para todos, homens e mulheres. Está em jogo a harmonia de uma casa e o desenvolvimento de cada um, aparteu Gabriela.

— Vocês observaram que uma coisa puxa a outra? Assim como temos que ter responsabilidade individual sobre o zelar por nossas coisas, também temos que ser responsáveis sobre a evolução íntima de cada um, falou o professor, dando ênfase ao assunto. Comentei anteriormente que os erros embutidos em nossos conceitos de vida nos fazem infelizes. Erros e mais erros... Erros que se superpõem e a vida vai se tornando sem brilho, sombria... Dúvidas e mais dúvidas...

Otávio ainda meio alheio participou com ares de dúvida:

— Que erros são esses, professor?

— Todas as situações que provocam desarmonia e sofrimentos, como: brigas, egoísmos agressividades, calúnias, sinalizam problemas íntimos graves. Estamos tão acostumados a conviver com isso, que nos passam despercebidos os motivos de toda essa confusão.

— Quer dizer, professor, que quando existe um mal entendido de qualquer espécie é porque não existe a responsabilidade? Luizinho arriscou com cara de incrédulo.

— Sim, a falta de responsabilidade no falar, no trato com o próximo, a falta de consideração... Quem aqui quer dar um exemplo de uma situação da vida cuja falta de consideração com o próximo provoca desarmonia?

— Moro com minha irmã. Constantemente estamos nos atritando por causa de louça suja, quarto desarrumado, copos esquecidos nas mesinhas e um monte de coisinhas. Minha irmã fala que eu não tenho responsabilidade com nada. Diz que ela não é minha empregada e daí sai briga na certa. Estou vendo que ela tem certa razão, estou provocando desarmonia em minha casa, reconheceu tristemente Otávio.

Flávia prontamente completou:

— Ainda bem que você reconhece, agora só falta mudar.

— Vocês notaram que esse motivo mencionado por Otávio vem coincidir com aquele mencionado por Flávia? Ambos mencionaram fatos que denotam irresponsabilidades no comportamento. Ambos levam à desarmonia. Temos que lutar pela paz, pois, em toda e qualquer desarmonia que causamos, atraímos para nós correntezas de irradiações negativas, portanto inferiores, perturbadoras, que nos molestam e nos oprimem. Adquirimos assim débitos com as pessoas que foram molestadas por nós. Elas se irritam com nossas irresponsabilidades e desleixos!

— Professor, que tipo de débitos são esses? Indagou Mônica denotando interesse.

O professor olhando para ela pensou e explicou carinhosamente:

— Todo sofrimento que causamos a qualquer pessoa teremos que pagar, e muito caro. Às vezes passamos por algum revés na vida e não sabemos por que tivemos que passar por aquilo. São coisas que temos que passar devido aos sofrimentos que causamos a alguém. Nunca se trata de injustiça.

Desanimada Flávia ainda acrescentou:

— Pelo que eu estou entendendo, tudo está errado? O que há de certo afinal?

O professor não perdeu a oportunidade e completou dando ênfase às suas palavras:

— Em termos de conceitos de vida, sim, tudo está errado. Mas muita coisa boa existe por aqui na matéria visível.

— O que, por exemplo? Guilherme inquiriu.

— A tecnologia já desenvolvida que tanto facilita nossa vida na matéria. Por exemplo, o simples fato de termos água encanada em nossas casas e podermos usufruir não somente de um bom banho, mas do preparo dos alimentos, da limpeza em geral, que tanto bem estar nos trazem. O computador, a televisão, todos os eletrodomésticos e por aí vai. Vocês mesmos poderão constatar todos os benefícios que desfrutamos em nosso dia-a-dia trazido pela tecnologia. Tudo isso é obra do raciocínio!

— Os noticiários falam tanto sobre a água do globo que anualmente está sumindo! Está isso ligado à falta de responsabilidade no uso da água? Inquiriu Gabriela

— Não apenas isso. O ser humano, em geral, não tem o menor cuidado com seu uso. Usufrui egoisticamente dessa dádiva, sem pensar em economizar esse precioso líquido. Se a humanidade vibrasse em conceitos de sabedoria ligados à intuição, amaria até as gotinhas que

pingam das torneiras. Se o ser humano tivesse desenvolvido o amor pela água, já teria conseguido a responsabilidade no seu trato e manuseio.

Pensativamente Flávia ainda arguiu:

— Nunca havia pensado nisso, professor, amor pela água! Nós a usamos como algo tão natural...

— Responsabilidade hoje em dia quase ninguém tem. Muito menos os eruditos a possuem. E os que estão ligados ao poder, menos ainda, acrescentou Leonardo.

— Por isso eles legislam em causa própria, para isentarem-se da responsabilidade, completou Henrique.

— Sem sombra de dúvida. Tudo isso terá consequências, e essas consequências são os efeitos da má sementeira. Cada um que causa males ao próximo, pela sua falta de responsabilidade, terá que pagar por isso, e pagar muito caro. A Justiça Divina não se deixa iludir pela astúcia humana, concluiu o mestre.

## LEI UNIVERSAL DE CAUSA E EFEITO OU RECIPROCIDADE

— **A** Lei da Reciprocidade deve fazer parte de nossa carne e de nosso sangue, pois estamos enquadrados nela através de tudo que queremos, pensamos e fazemos.

— Isto não é espiritismo, professor? Inquiriu Otávio.

— Não, Otávio, não é espiritismo, pacientemente explicou o professor. O ser humano é um todo inseparável. Querer separar seu corpo, que é visível, dos seus pensamentos e sentimentos, que são invisíveis, é dividi-lo em partes. Kardec divulgou largamente esse conceito, mas o espiritismo não é o dono da lei. Trata-se de uma Lei Universal para todos os povos, e individualmente para todas as pessoas. Isto não é religião, e sim vida. Todas as leis universais são direcionadas diretamente ao indivíduo. Elas têm primeiramente que ser conhecidas. Após o conhecimento, têm que ser exercitadas por todas as pessoas, dentro de seu íntimo. Essa lei deveria estar gravada em nosso sangue, como uma lei que de forma alguma deve ser transgredida. Depende disso a nossa felicidade, o nosso destino.

— Quer dizer que todas as pessoas infelizes transgrediram essa lei? Perguntou Roberto, espantado!

— Exatamente. Como infelizes não se entendem somente os tristes, mas também os deficientes, os doentes, os depressivos, os loucos e por aí a fora! Falamos há pouco do desperdício de água. Se as pessoas soubessem como elas se enredam nessa lei, como o seu destino está sendo traçado... Terão de prestar conta, não só da água que desperdiçam, mais ainda da água que poluem. Com sua atitude errada, estão sendo ingratas, egoístas, e imaturas. Se multiplicarmos essas gotas desperdiçadas por centenas de milhares ou milhões de criaturas, deparamos com um desperdício descomunal! Isso traz consequências visíveis, como a falta de água que atualmente assola o globo terrestre. A poluição irresponsável das águas de rios e fontes, dos mares, são atitudes de seres humanos que já estão poluídos em seu íntimo, perdendo até mesmo a condição humana. A Lei de Causa e Efeito atua de uma maneira inexorável em todo o globo terrestre. Em se falando dos descuidos e da falta de amor pela água, as consequências são graves, muito graves. Ou se morre afogado, ou se morre de sede. Atualmente, muitos povos estão sofrendo essas amarguras. Mas isso é apenas o início dos efeitos retroativos; coisas terríveis ainda estão previstas.

— Nunca havia pensado nesse problema de água, sob esse aspecto. É colocar o nosso lado espiritual para usufruir da água, somente assim conseguiremos amar e respeitá-la, concluiu Gabriela.

— Vão se acostumando assim! De agora em diante, analisaremos toda a nossa vida baseada nas Leis Naturais, leis estas que, de forma alguma, poderão ser transgredidas, explicou o professor.

— Estou estarecido, professor. Quer dizer que aquelas pessoas que sofreram com o Tsunami mereceram a catástrofe? Não são coitados? Não são vítimas? Refletiu Otávio.

— Quem quer responder a essa pergunta? Inquiriu o professor.

Flávia foi a primeira a levantar a mão.

— Segundo eu entendi eles fizeram por merecer aquilo. Foi uma violência da natureza, e a natureza é controlada por Deus, trata-se de um castigo de Deus.

— Quem concorda com Flávia?

Poucos levantaram a mão. Felipe inconformado mostrou seu pensamento:

— Não posso concordar com isso. Como pode o próprio Deus matar as pessoas que criou?

O professor, provocando justas reflexões:

— Quem concorda com Felipe?

A maioria levantou a mão. Com um olhar profundo, o professor acrescentou:

— O Senhor não castiga ninguém! Ele coloca Suas Leis no Universo e nós temos que conhecer essas Leis, vibrar nelas e dentro delas. E se eu acrescentar que aquelas pessoas atingidas não desempenharam seu papel na Criação, como era delas esperado. Não conseguiram evoluir, antes

mergulharam em erros, até mesmo os mais simples. Perderam a vida inteira que lhes foi concedida e não se desenvolveram como seres humanos. Como fazer para levar a conscientização para essas pessoas se elas mesmas não querem? Ou melhor, não quiseram? A Lei de Causa e Efeito, é inexorável, jamais poderá haver algum engano.

— Mas que erros foram esses, a ponto de merecerem um fim desses? Atônito respondeu Felipe.

— Poluição da natureza, sexualidade exacerbada, guerras com povos vizinhos, guerra civil, (vibram no ódio) deixam-se tyrannizar pelos governantes, religiões falsas... E tudo o que existe na esteira disso: mentira, inveja, sede de assassínio, vaidades, desejos de atear fogo e por aí vai... O que sobrou? Alguém seria capaz de conviver com pessoas assim? Vão lá, vão ensiná-las que deverão se modificar, que deverão melhorar nisto ou aquilo. Vocês acham que terão os ouvidos espirituais desobstruídos e a intuição livre para captar que deverão ser melhores? A decadência desse povo já atingiu um estágio largamente comprometedor. Inclusive os turistas que lá usufruíam de suas férias, foram para lá atraídos pela Lei de Causa e Efeito. Quando chega a hora de uma pessoa, não adianta querer escapar, a Lei a achará. Não se trata de um castigo, trata-se da inexorabilidade da Lei: “O ser humano colherá aquilo que semeia”, explicou com paciência o professor. E ainda mais: O Senhor nos educa de diversas maneiras, em qualquer tempo e em qualquer lugar.

— Essas pessoas passaram pela malha fina da reciprocidade, tornaram-se irrecuperáveis, não é assim? Arriscou Flávia.

— Professor, outras pessoas não tiveram uma dose de culpa para que essas pessoas se tornassem assim? Ponderou Mônica.

— Vai ver que aqueles tyrannos esgotaram toda a força deles, completou Luizinho.

— Se esgotaram é porque eles permitiram. Vamos ver este gráfico sobre o nosso poder de decisão, rematou o professor.

Caminhando para o fundo da classe, o professor continuou:

— O poder de decisão é inseparável da responsabilidade. Vejam o desenho. O indivíduo pode decidir ir pela esquerda, pela direita ou pelo centro. Até mesmo na negação há uma decisão. Em todos os pensamentos, palavras e atos de uma pessoa sempre houve uma decisão antecedente. Junto a essa decisão, está a responsabilidade. Todas as pessoas no mundo são culpadas pela situação que atravessam. Sempre tiveram a oportunidade de aceitar ou rejeitar o que é bom e o que é mal para si. É assim que cada um traça sua própria vida futura. Por exemplo, o povo não é vítima de seus governantes, mas sim cúmplice, já que os elegeu, afirmou categoricamente o professor.

Otávio imediatamente perguntou:

— Professor, como poderemos controlar o voto de todo mundo? Como fazer para esse povão entender que o voto é uma arma afiada?

— Para isso temos que começar essa grande transformação, desde a base. Não fazemos nada para mudar essas leis que são elaboradas por pessoas dominadas pelo cérebro frio e calculista, presas à matéria, sem o menor princípio de autêntico saber que vem da intuição, portanto, sem a menor decência. São pessoas sem coração ou sem sabedoria. Elas mesmas elaboram leis que as protegem, até mesmo quando passam a mão no dinheiro público. No entanto, assistimos a tudo isso sentados em nossas poltronas. O povo ouve tais notícias de corrupção e logo em seguida já sai atrás de divertimentos e folguedos. Não saímos às ruas para exigir mudanças. Somos todos culpados, somos indolentes!

A veemência do professor deixou a classe num silêncio profundo. Após uma pausa, o professor perguntou:

— Quem se oferece para distribuir as apostilas?

A maioria se mexeu numa posição de impulso para executar o pedido. Geraldo, interrompendo as reflexões dos colegas, interveio:

— Professor, hoje, para a hora do jantar, o assunto é capaz de prejudicar a digestão.

Animado com o assunto, Roberto expôs também a situação de sua casa:

— Em nossa casa as conversas são animadas, cada um quer dar sua opinião e se fazer entender. Ninguém quer levantar do lugar nem para pegar o café, para não perder o fio da conversa. Após a leitura da apostila todos já se munem de água, bolachinhas, etc.

**M**ônica é filha de um alto funcionário do governo, senhor Antônio Borges. A jovem achou o momento certo para falar com seus pais. Antes da refeição falou com eles o que estava se passando no colégio. Resumiu da melhor maneira possível para se fazer entender.

— Pai, trata-se de algo especial onde também participarão os pais e parentes. Posso ler uma apostila agora? Sem esperar a concessão do pai, Mônica, prontamente, começou a ler. Punha ênfase em sua leitura. De quando em quando olhava para os pais, examinando se estava prendendo a atenção. Conseguiu seu intento.

— Filha, como que o seu professor pode afirmar que uma pessoa culta não pode ser sábia?

— Não pai, ele não disse isso. Tanto é que ele quer justamente nos transformar em sábios eruditos. Existem, sim, pessoas eruditas e sábias, mas por enquanto permanecem caladas. Estão se preparando para trabalhar com a humanidade em geral, quando chegar a hora.

— Onde estão esses sábios? Se a coisa é assim tão importante, por que eles permanecem ocultos?

— Pai, eu já disse, ainda estão em fase de organização. Não devemos nos preocupar com isso. O principal é que cada um consiga discernir bem esses dois conceitos. Vou ler a apostila seguinte que complementaré esta primeira. Ela é também de suma importância. Posso lê-la agora? Sem mesmo esperar a resposta começou a ler com entusiasmo. Ao término da leitura estava muito alegre.

— Quer dizer que qualquer pessoa poderá acionar sua memória intuitiva? Com o sinal afirmativo de cabeça de Mônica, acrescentou: Será mesmo? Quero testar a minha. Como será isso?

— É muito mais fácil do que o senhor pode imaginar. Com a leitura desta terceira apostila o senhor vai entender tudo.

— Vamos lá, então, estou interessado.

Mônica, ao término da leitura, olhou para os pais como que perguntando: e daí?

D. Valéria, que até agora havia permanecido calada, entendeu o olhar e se manifestou:

— Filha, tudo isso é bastante interessante. Quero, sim, me associar a esse grupo.

Entra, nesse momento, Renato, o irmão mais velho de Mônica, que era um pequeno empresário. Todo espalhafatoso e alegre perguntou afoito:

— Que são esses papéis? Do que se trata, posso saber?

— Ah, você chegou atrasado. Depois lhe empresto as apostilas para que se instrua a respeito.

Senhor Antônio, intervindo:

— Não, Mônica, leia para ele agora, assim poderei me inteirar melhor do assunto. Ainda há alguma coisa que não entendi bem.

**N**a casa de Luizinho, o clima também entre ele e a mãe era de grande interesse. Conversavam muito a respeito e sempre surgiam dúvidas que infelizmente sempre partiam para o terreno das hipóteses. Luizinho, após fazer o almoço do dia seguinte, sentou-se ao lado da mãe e perguntou:

— E daí, entendeu tudo, mãe, dessa nova apostila?

— Acho que sim. Parece coisa muito séria, quero também aprender tudo. Vou ler de novo para fixar bem esses ensinamentos. Mas, afinal, do que se trata isso, filho? O que pretende esse professor? perguntou D. Cenira.

— Trata-se de algo que vai ensinar as pessoas a discernir o real das aparências. A vida moderna está corrompida com conceitos falsos de vida, e o professor descobriu que podemos mudar as coisas, podemos nos transformar e transformar o mundo, procurando restabelecer a verdade em nossas vidas.

— Isto não vai ser fácil, pois já estamos acostumados a viver em meio a mentiras, disse a mãe, em tom desanimado!

— Mas nós vamos conseguir mudar, mãe! Vamos promover essa grande transformação. Já no próximo mês vai haver uma grande reunião para ouvirmos uma revelação que vai mudar muito o rumo das coisas. Todos os pais e amigos vão ser convidados a participar.

**O**s alunos do 3º ano reunidos conversam animadamente sobre a festa de formatura. Precisam se reunir para idealizar as comemorações. No entanto, surge a opinião de Mônica que acha prematura essa reunião.

— No momento estamos focados na reunião do Prof. Hércules. O máximo que podemos fazer é prover um fundo de caixa para não termos que pegar muito dinheiro de uma só vez.

Assim, todos concordaram... Dando início às anotações.

**E**m casa do senhor Antônio, após a repetição da leitura das apostilas, todos ficaram calados por alguns instantes.

— O que foi, filho? No que está pensando? arriscou o pai.

Franzindo a testa, Renato pensou alguns segundos e jogou água fria na fervera:

— Não me interessa por esses assunto, não. Fico nervoso quando deparo com pessoas que ficam queimando pestanas e não chegam a lugar nenhum. Quando penso que não sou sábio e que nunca serei, quando penso que desperdiço água e que vou ter que pagar por tudo, que devo esperar por sofrimentos por causa dos erros que cometo, eu perco a alegria de viver, prefiro tudo ignorar. Esses assuntos me dão medo.

— Viu, pai? Aí está um que não tem nenhuma memória intuitiva. Com as leituras não conseguiu acionar sua memória, afirmou Mônica com segurança.

Inconformada com a recusa, D. Valéria interveio;

— Você, Renato, sempre evitou falar coisas que mexem com nossa alma. Se você iniciar esse trabalho conosco agora e participar das reuniões, tudo vai ser mais fácil. Tudo tem que ter um início. A hora de cada um tem que chegar. Quanto mais você adiar, mais difícil se tornará o começo.

— Mas mãe, isso mexe muito comigo, fico apavorado, já disse! Tudo isso me deixa muito nervoso!

— Eu também nunca havia pensado nesses assuntos. Agora, no início do ano, é que o professor de português começou a nos introduzir nessa matéria que toca a alma. A maioria de nós está entusiasmada. Estamos no início, então você poderá começar conosco. Não é preciso ter medo, mano, você vai superar tudo isso, tenho certeza, disse consoladoramente a irmã.

— Vou pensar no assunto. Sem esperar por mais conselhos, despediu-se apressadamente.

**M**árcia, aluna do 2º ano, esperava por seus convidados junto ao portão da casa. Sua alegria contagiava a todos. Ao avistar Otávio, seu sorriso iluminou. Otávio foi logo falando:

— A galera toda da minha classe está chegando por aí. Cumprimentou-a, percebeu um olhar meigo e profundo. Sem tirar os olhos dela, apertou-lhe a mão estendida e deu os beijinhos costumeiros.

— Que bom, Otávio, quero conhecer todos os seus colegas. Com bastante gente o agito vai ser legal.

Com a chegada de Roberto e Gabriela, as apresentações foram feitas. Márcia conduziu Gabriela para dentro, seguidas de Otávio e Roberto. Nisso a campainha tocou. Márcia rapidamente os colocou diante dos refrigerantes para que se servissem e puxou Otávio pela mão. No portão já esperavam Mônica e Felipe. Depois das apresentações, os procedimentos foram os mesmos. Em seguida, chegaram muitos jovens ao mesmo tempo, mas Márcia fez questão de ser apresentada a



todos. Com o salão lotado, a música atingiu o máximo de som alto. As danças agitadas contagiavam os presentes. No intervalo, foi inevitável a formação de grupinhos que se identificavam. Otávio e Márcia, Felipe e Mônica, Roberto e Gabriela, Geraldo e Débora formaram um grupo à parte dos demais. Conversavam animadamente sobre os lançamentos musicais dos últimos dias. Luizinho, estando só, se interessou por uma menina do 2º grau. Perguntou para Márcia quem era aquela linda gatinha. Márcia, olhando para trás, deparou com sua grande amiga Cristina e, voltando-se para Luizinho:

— Trata-se de uma menina de muito valor, mas muito sofrida. Seu pai é um empresário do mundo das embalagens, mas de uma ignorância única. Cris é o elo de sustentação da família. Sua mãe não suportou o sofrimento e começou a beber. Passa os dias trancada num quarto, sem se interessar por nada nem por ninguém.

— O sofrimento dela se evidencia pelo olhar triste, comentou Mônica,

Luizinho insistiu:

— Triste, mas encantador. Você não quer me apresentar?

— Luizinho, conheço a Cris. Ela não gosta de namorar porque tem vergonha de apresentar qualquer pessoa para sua família, ela sempre esteve afastada de todos!

— Mas, sabendo disso, posso levá-la para outros lugares, não precisamos ficar na casa dela.

— Está bem, vou ver o que posso fazer. Saiu em direção à amiga. Em alguns minutos voltou trazendo Cristina pela mão. Fez as apresentações costumeiras.

Com ar de gozador Otávio, olhando para a moça, perguntou a queima-roupa:

— O que você acha deste meu grande amigo Luizinho? disse puxando-o para junto de si.

— Não ligue para ele, é um gozador! Mas fui eu, sim, que pedi para ser apresentado a você. Espero que goste de participar deste grupinho. Todos estão acompanhados, menos eu. Você não se incomoda de ser minha acompanhante? insistiu Luizinho.

— Com todo prazer, gostei de vocês, são todos muito simpáticos, respondeu timidamente a moça.

Otávio, continuando com a gozação...

— Você gostou de alguém em especial?

Sorrindo com timidez, acrescentou:

— Prefiro não responder.

A música começou novamente com um tom animador. Luizinho, aproximando-se de Cristina.

— Quer dançar comigo?

— Sim aceito, respondeu delicadamente a moça.

**N**a quinta aula do professor todo o tempo foi dedicado a tirar as dúvidas que por ventura surgiram nas animadas conversas com os pais.

— Quero ouvir, hoje, o que cada um tem a me dizer. Quero saber como está sendo a recepção das novas ideias junto aos familiares.

— Meus pais estão tão interessados nesses temas como se estivessem assistindo às aulas comigo, disse Mônica alegremente.

— Sobre a Lei da Reciprocidade, muito está sendo questionado. Uma pergunta que ouvi:

Como pode uma pessoa nascer em um ambiente tão pobre e outra nascer em opulência? acrescentou Luizinho.

— Quem quer responder? perguntou o professor, estimulando a reflexão de seus alunos.

— Penso que há pessoas que precisam nascer pobres e outras que precisam nascer ricas, respondeu despreocupadamente Flávia.

— Precisam por quê? perguntou Roberto.

— Você sabe responder, Flávia? perguntou o professor, olhando para ela.

— Outro dia falamos da reencarnação. Muitos colegas rejeitaram a ideia, mas eu acredito nela. Inclusive li um livro, já há algum tempo, no qual Goethe lembrava-se de sua vida anterior. Baseando-se nesse princípio, também as pessoas precisam fazer estágios como ricos e como pobres. Precisam ter vivências para amadurecer. É possível que alguém que foi pobre, sofreu privações de toda espécie, quando em outra vida nascer rico, será mais bondoso e compreensivo com os menos afortunados, pois em sua alma estão impressas as recordações dos tempos difíceis, respondeu calmamente a jovem.

— Está certa sua colocação. A apostila que vou distribuir sobre a reencarnação vai elucidar melhor o tema. Vamos terminar, primeiramente, este assunto já iniciado, completou o mestre.

— Essa explicação de Flávia está correta professor? interessado perguntou Geraldo.

— Sim, está correta, mas incompleta. Muitas pessoas que ficaram ricas roubando outras, ou roubando seu país, como membros de um governo, mesmo sendo protegidas pela lei terrena, terão que vivenciar, em outra vida, o mal que fizeram. Pode ser nesta mesma vida, até. A dor de ser roubado marca fundo uma alma humana. A pessoa responsável por esse sofrimento se enreda nessa Lei do Retorno; terá que sofrer duplicadamente a dor que causou às suas vítimas. Não existe outra maneira de resgate e de amadurecer nisso. Terá que sentir na pele a dor que causou aos outros.

— Posso dar um exemplo, professor? Disse Geraldo, sem esperar resposta. A nossa dor, quando somos informados do roubo praticado por nossos governantes. Os causadores dessa dor precisarão passar pelo que impuseram a nós, suas vítimas?

— Se soubessem do sofrimento que os aguarda, por certo não fariam isso. Devolveriam centavo por centavo de suas apropriações indébitas, pois a Lei da Reciprocidade é implacável e justa. Mas também é educativa. Se não fosse assim, eles não teriam a oportunidade de reconhecer seus erros e redimi-los, não é? Tudo é tão simples... A Justiça impressa nas Leis de Deus é perfeita, afirmou incisivamente o professor.

— Quem controla tudo isso, quer dizer, quem assegura a perfeição da justiça? perguntou Luizinho, num tom incrédulo.

— Se o ser humano faz maravilhas com seus computadores, que têm uma memória tão prodigiosa, vocês já imaginaram como é o computador do Universo? É de uma precisão absoluta. Ou tem aqui alguém que acha que o ser humano sabe mais do que Aquele que o criou?

A classe meditava em silêncio as palavras e argumentos do professor.

— Acho que nenhum de nós tem argumentos contrários. Pois tudo é mesmo simples e lógico. Podemos procurar e encontrar casos que venham confirmar com profundidade esse princípio, ponderou Mônica.

— Esse assunto tão polêmico tem levado até mesmo os mais ferrenhos céticos a uma maior reflexão, explicou o professor. Há algum tempo atrás esse tema foi calorosamente discutido num programa de televisão. Dele participaram um espírita, um padre, um publicitário, uma atriz e ainda algumas pessoas que se encontravam fora do local do evento. As opiniões foram bastante divididas, mas o interesse pelo assunto ficou patente em todos os participantes. De uma forma geral, porém, observou-se uma completa desinformação sobre o assunto.

— Já estamos no século vinte e um, o desenvolvimento material atingiu um patamar bastante avançado. No entanto, a reencarnação, que é o bê-á-bá do saber espiritual, é bem pouco conhecida e aceita, ponderou Flávia.

— Podemos dizer que quase toda a humanidade é ignorante nesses conhecimentos, pois de fato pouco se sabe das maravilhas dessa Criação. Temos que buscar a lógica dos fatos: Vamos analisar: Quando se fala em ressurreição da carne, a maioria das pessoas acredita que os mortos, que já estão enterrados no cemitério, um dia ressuscitarão. Como podem acreditar em coisa tão ilógica? Quando se fala em ressurreição da carne, faz-se alusão à imensa graça do Todo-Poderoso, quando, com a morte do nosso corpo terreno, o espírito pode, então, ressurgir num outro corpo, quando se dá, então, o nascimento terreno, para progredir em seu desenvolvimento. Não existe lógica e simplicidade nisso? ponderou o professor.

— Agora entendi. Por muitas vezes fiquei pensando nisso. Como pode o corpo morto ressurgir se o corpo já sofreu a decomposição? De fato não tem lógica mesmo. Confesso, professor, que me considero também ignorante nesses assuntos, mas pelo menos já estou interessada em não ser mais ignorante. Sei que vamos aprender tudo a respeito. Esse assunto é fascinante, ponderou Mônica.

— Agora estou convicto da reencarnação e, com isso, também acredito na existência da vida após a morte. Quero conhecer mais o assunto, afirmou também Felipe.

Percebendo o grande interesse de seus alunos, o professor continuou a falar mais sobre o tema.

— Há alguns anos atrás, se eu não me engano, a revista *Contigo*, publicou um artigo sobre a reencarnação. Nesse artigo foram citadas diversas experiências que comprovam a continuação da vida após a morte e, em alguns casos, comprovam a reencarnação de forma categórica. A maior autoridade no assunto ‘vida após a morte’ é o psiquiatra canadense radicado nos Estados Unidos, IAN STEVENSON. Ele chegou a relacionar 600 casos. Chegou a publicar um livro: ‘Vinte Casos Sugerindo Reencarnação’ (1954).

— Ainda se acha esse livro nas livrarias? Perguntou Luizinho.

— Precisamos pesquisar, laconicamente respondeu Leonardo rejeitando a interrupção.

— Esse livro foi publicado após exaustiva pesquisa, e a primeira preocupação foi verificar se não havia interferência cultural ou hereditária na narrativa. Em seguida, os detalhes foram inseridos criteriosamente. Narra ele, num dos casos, a estória de um menino druso, do norte do Líbano, que teve comprovados 51 das 57 indicações de sua história. Uma de suas primeiras palavras aos dois anos foi “Jamileh”. Aos cinco anos o garoto se dizia da família Bouhamzy e descrevia uma aldeia aonde seus pais nunca o levaram. Depois de duas viagens ao local, o Dr. Stevenson acabou descobrindo que ali existira, de fato, certo Ibrahim Bouhamzy, que nunca se casara, mas tivera uma amante de nome “Jamileh”.

— Pode haver interferência cultural ou hereditária em uma narrativa? desta vez quem interrompeu foi Guilherme.

— Sim, em muitos casos constatou-se que o narrador confundiu os dados de suas lembranças com alguma informação do que aprendeu. Sem outras explicações de casos como este, que comprovam a reencarnação, o Dr. Stevenson nota, ainda, que as lembranças de vidas anteriores são mais intensas em crianças, tendendo a desaparecer na idade adulta, quando a pessoa já completou o processo de socialização e, portanto, já reprimiu o que nela havia de mais espontâneo, explicou o professor que ao mesmo tempo examinava os semblantes atentos em suas palavras.

— Esse livro não seria daqueles que podem nos fazer mal, professor? arriscou Geraldo.

— Quem acha que sim levante a mão, disse o mestre interessado nas opiniões que iriam surgir.

Quatro alunos levantaram a mão. Um deles foi Guilherme.

— Guilherme, por que você acha que sim?

— Porque ele nos vai virar a cabeça de vez. Só de ouvir a história desse menino druso sei que não vou conseguir pensar em outra coisa. Isso está mexendo muito comigo, professor.

— Guilherme, se vai mexer assim tanto com você, não será bom para acionar sua memória intuitiva? Você está aceitando como verídicos esses fatos? Será que você não está se debatendo, com o seu cérebro, para não aceitar essa evidência do estudo do Dr. Stevenson? perguntou o professor, querendo ajudar a elucidação dos pensamentos de seu aluno.

— Nem sei direito, professor! Só sei que vou pensar nisso o dia todo, pois acreditar em coisas que até pouco tempo eu via como coisas de desenho animado é um pouco demais!...

— Eu também pensava assim como ele, via isso como estória da carochinha, concordou Geraldo.

— Pensar sobre esse assunto buscando a lógica dos fatos, só vai fazer bem, pois a verdade nos fortifica. Esse assunto ainda vai levar outras aulas. Verifiquem esse tema em outros livros. Conversem com os pais, vejam o que eles pensam a respeito. Geraldo, por favor, distribua a apostila. Hoje iniciaremos nossos estudos sobre nossa língua portuguesa. A classe reagiu com um *Ab!* de reprovação.

— Logo agora, professor, que estamos embalados com esse difícil assunto? protestou Otávio.

— Por favor, fale mais a respeito, reclamou Flávia.

— Assim vamos perder o fio da meada, professor, protestou Mônica.

Flávia continuou insistindo:

— Há apenas trinta dias do início das aulas não dá para sofrermos grandes perdas. Deixemos a aula de gramática para amanhã, professor.

Examinando os rostos curiosos de seus alunos...

— Está bem, vamos então continuar.

Começou com Gabriela, que, meditando sobre o que dizia, falou pausadamente...

— Professor, li recentemente um livro que contava a história de uma senhora que sofria muito com a traição do esposo. De início, ao descobrir o romance, falou calmamente com ele. Este confirmou tudo e ainda acrescentou que estava apaixonado pela amante. O sofrimento dela foi ainda maior, pois alimentava esperanças que fosse mentira. Viu-se num dilema angustiante. Entre abandonar o esposo ou resignar-se, optou por continuar sofrendo ao lado do esposo que tanto amava. Orava com fervor todos os dias pedindo aos céus uma solução, pois achava que seu coração não iria suportar. Uma noite, antes de dormir, orou chorosa mais uma vez, pedindo para que seu sofrimento tivesse um fim. Então teve um sonho: Viu-se numa casa grande cercada de todo o conforto, alegre, com seu amante que era justamente seu atual marido. Ele lhe dizia que sua esposa estava sofrendo muito com o relacionamento dos dois. Ela retrucou: “Quem sabe ela vai embora, e aí poderemos viver juntos.” Mas ele disse que não gostaria de vê-la sofrer mais. Ela, então, lhe pediu que a levasse até sua esposa para conversarem, pois talvez pudessem se entender. Ao ver a esposa dele, verificou que era a atual amante. Ao acordar, sentiu um grande alívio! Compreendeu, então, que numa vida anterior havia estragado o casamento daquela que hoje era a amante de seu esposo. Ficou resignada, mudou-se e deixou que o amor dos dois se consumisse sem sua interferência.

— Que atitude bonita a dela, opinou Flávia.

— Que coragem, admirou-se Roberto.

— Vejam, essa senhora foi uma privilegiada. Recebeu não só a elucidação, como a força para consertar o erro do passado. Pôde, assim libertar-se de uma culpa anterior! Percebam também como os nossos auxiliares intervêm quando o sofrimento é grande como o dessa senhora, explicou o mestre.

Auxílio através do sonho, professor?... Nunca tive sonhos que me mostrassem algo ou que me tocassem, acrescentou Felipe, como que duvidando.

— Vejam como atualmente, o saber sobre as vidas anteriores está escasso e a intuição comprometida, os auxiliares encontram esse caminho através do sonho para aliviar sofrimentos, pois foi esse o pedido dela antes de dormir. Sonhos assim reveladores só ocorrem em situações muito especiais. Quando é grande o sofrimento ou quando uma pessoa está muito interessada em saber algo a respeito da vida. Por exemplo: vamos supor que desejamos encontrar uma solução de um problema qualquer que nos aflige. Durante o sono nossos auxiliares nos levam, isto é, conduzem nossa alma até à solução do problema, enquanto nosso corpo terreno descansa. Ao acordar podemos não nos lembrar do sonho, mas deparamos com a solução do problema.

Tudo isso tem na apostila professor? perguntou Flávia.

— Menos essa estória que a Gabriela nos narrou. Na próxima aula, além do estudo de nossa língua portuguesa, continuaremos com esse assunto.

Flávia acrescentou animada:

— Bastante empolgante por sinal!

A classe toda parecia ter concordado com Flávia, pois uma ovação se seguiu.

— Hoje, lá em casa, vai sair até faísca com esse assunto, professor. Quando minha mãe tocava nesses assuntos, todos a rejeitavam. Hoje, tiramos o chapéu para as opiniões dela, informou Roberto.

**E**m casa do doutor Armando, a família novamente se reuniu com muita alegria. Cada um queria ser o primeiro a ser ouvido. Flávia antecipou-se:

— Pai, o senhor quer ouvir a aula de hoje?

— Ah! Sim, claro. Mas, quero também a presença de sua mãe.

— Está bem, eu a avisarei, mas, até que ela chegue, vou tomar uma chuveirada!

Após quinze minutos todos estavam presentes, Roberto antecipando-se:

— Estamos todos fascinados com os assuntos abordados pelo professor Hércules. Hoje, a vida após a morte e a reencarnação tomaram conta de nossas cabeças. Alguns alunos ainda estão relutantes em aceitar as evidências. Sabe, mãe, esses assuntos são completamente novos para nós, e aceitar tudo como verdade parece um pouco demais para alguns...

— São poucos os que ainda estão em dúvida. Creio que, com a leitura da apostila, também vão concordar que se trata de evidências sérias e não de estórias ocas, completou Flávia.

Roberto, contestando, afirmou:

— Não estou aceitando muito essa estória de acreditar em sonhos. Os meus sonhos são tão sem sentido, tão malucos que nunca dou bola para eles.

— Cs sonhos mencionados nas aulas foram muito significativos. Os seus, com certeza, são confusos, pois você só pensa besteiras!

— Não senhora, protestou Roberto, agora estou focado nessas aulas, pois esses assuntos estão calando fundo em mim. Embora, um pouco etéreos, parecem verdadeiros. São mesmo muito interessantes! Puxa, como gostaria de sonhar com esses assuntos! Qualquer coisa que me deixasse uma impressão forte, como foi o caso da senhora do livro da Gabriela.

— Do que se trata? indagou Sílvia interessada.

— Uma senhora que estava sendo traída pelo marido, ao dormir, pediu ajuda para que acabasse seu sofrimento, que era grande demais. Ela optou em ficar com o marido, mesmo sendo traída. À noite sonhou que a moça, que estava andando com o marido dela, fora sua legítima esposa na vida anterior. Ela é quem traiu a moça. Ao acordar tomou a resolução de deixar que o marido e a moça, atual amante, seguissem seus caminhos juntos, contou Roberto pausadamente.

Dr. Armando, meneando a cabeça...

— Isso é que é acreditar em sonho!

— Pai, veja que a vida real dela coincidiu com a vida no sonho. A pessoa que passa por tamanha aflição recebe uma impressão tão marcante, que sabe que foi um aviso dos nossos auxiliares. O sonho é tão forte que se mescla com a realidade, informou Flávia.

— Gosto tanto de ler, não sei como até agora ainda não li nada a respeito. Reencarnação e vida após a morte são conceitos ainda nebulosos para mim, admirado ponderou Dr. Armando.

— Vamos ler a apostila, para o senhor ter uma base, completou Roberto.

Flávia começou a ler em seguida. Ao término da leitura todos ficaram silenciosos por alguns minutos.

— Para mim tudo isso me é tão familiar que parece que eu já sabia de tudo, antes mesmo de nascer, falou Sílvia com convicção.

— Essa apostila me parece incompleta. Por exemplo: Como agiam os povos antigos? Quais eram os povos reencarnacionistas? No que se baseavam suas crenças a respeito?

Sou católico desde criança e o catolicismo nega a reencarnação.

— Ah! Armando, você na realidade não é católico, pois nunca se interessou por religião alguma, interveio Sílvia.

Flávia imediatamente protestou:

— Calma aí, reencarnação e vida após a morte é um saber sobre a vida, tem que fazer parte de nossa vida, não se trata de religião. Não há religião que seja dona de uma Lei de Deus. Se é Lei de Deus, é para todas as religiões e para todas as pessoas do mundo. Muita gente sabe disso, porque leu algo a respeito. Quem assimilou esses princípios vai viver mais responsabilmente, pois sabe que tudo aquilo que falar ou fizer voltará para ele como frutos de uma sementeira. Sabe que estará traçando continuamente seu destino. Eu mesma nunca me aprofundei nisso, mas assisti a um filme que trata desse princípio como fato consumado. Aliás, posso dizer que esse filme acionou minha memória intuitiva. Aceito isso como uma verdade absoluta.

— Se é assim, só posso ficar preocupado com o meu destino futuro, pois já cometi muitos erros nesta minha vida, disse doutor Armando pensativamente.

— Pai, o senhor já pensou naqueles que cometeram assassinatos em massa? Ou naqueles que usufruem as benesses do poder em total prejuízo do povo que dizem representar? Pensou na Alemanha nazista com seu rosário de crimes cometidos contra os judeus? E os crimes da Inquisição? falou Flávia, consolando o pai.

— Vou perguntar ao professor como será o destino dos que fizeram tais coisas. Isso tudo ainda é nebuloso para mim, falou Roberto.

— Vou me recolher, tenho muito em que pensar. Que vocês tenham bons sonhos, em especial você, viu Roberto! Que seus sonhos sejam bastante reveladores... observou Sílvia em tom risonho.

— Boa noite, mãe, preciso mesmo desses sonhos, disse Roberto, um tanto desanimado.

**N**a residência de Geraldo, havia expectativa na voz do Sr. Jerônimo, quando se dirigiu ao filho:

— Geraldo, você trouxe aquela apostila que faltava?

— Trouxe sim. Puxa, pai, estou gostando de ver como o senhor está interessado!

— Estou mesmo, não gosto de assuntos incompletos que deixam lacuna, afirmou incisivamente o pai.

— A apostila de hoje vai complementar aquele assunto da aula passada. Também trouxe outra sobre reencarnação e vida após a morte, animadamente falou Geraldo.

— Vamos começar a ler somente após o jantar. Quero assistir a novela das sete, falou Iracema ao filho, que parecia apressado.

Após o jantar Sr. Jerônimo quis ainda assistir o noticiário. Alguns minutos depois de começado o jornal, Sr. Jerônimo levantou-se.

— Estou mais interessado nas apostilas do que nessas notícias repetitivas. As mesmas notícias faladas de formas diferentes. Vamos ler. A família levantou-se rapidamente.

Geraldo iniciou a leitura vagarosamente. Ao término da leitura da apostila, onde as duas memórias do ser humano são mencionadas, houve interrupção para abrir espaço para maior reflexão. Todos emudecidos foram interrompidos por Geraldo que, com ares de sabedor falou pausadamente:

— Podemos nos deixar levar pelas ponderações do nosso raciocínio e errar, mas, quando temos a intuição já desenvolvida, fica mais fácil acertar. As duas memórias devem ser usadas para manter o equilíbrio, uma atuando na matéria e a intuição dominando, iluminando as tomadas de decisões.

Refletindo o pai então arriscou:

— É possível, então, acionar a memória intuitiva? Como seria isso então?

— Pai, quando falamos de assuntos que não são usuais, assuntos relativos ao saber do nosso interior, ou melhor, da nossa alma, estamos acionando essa memória guardada dentro de nós. É como o clique do mouse do computador. Por exemplo: O senhor nunca falou conosco sobre reencarnação, portanto, não sei se o senhor aceita ou rejeita esse saber. Suponhamos que, ao ler a apostila, o senhor se identifique com os argumentos reencarnacionistas. Com isso o senhor estará acionando sua memória intuitiva, estará focado nisso. Então poderá aceitar ou não a tese. Caso aceite é porque se lembrou desse saber que estava impresso na sua alma, proveniente de outras vidas. São memórias de outras vidas quando estávamos mais ligados nesse saber.

— Você tem razão, nunca li nada a respeito da reencarnação e da vida após a morte. Leia a apostila e já vou verificar se minha memória está muito apagada.

Geraldo pegou a apostila, colocando ênfase em sua leitura. A atenção de todos estava concentrada, as expressões de expectativa se mantiveram até o término da leitura. Geraldo procurava entender as expressões do pai.

— Para mim, parece que são fatos já comprovados. Quem sou eu para discordar de alguma coisa? Tudo parece tão natural agora, concluiu Sr. Jerônimo.

— Parece que você foi aprovado no teste, sua memória intuitiva foi acionada com sucesso. Será que você não está dizendo isso só para passar no teste? Para mim, se não houvesse a reencarnação, não haveria Justiça. E a Justiça de Deus é infalível. Creio nela, afirmou categoricamente Iracema.

Pensando um pouco antes de falar, Sr. Jerônimo acrescentou:

— É mesmo, Iracema, se não houvesse a reencarnação e a Lei da Reciprocidade, não haveria Justiça de Deus. Como é bom saber disso!

**G**abriela, adentrando no portão de sua casa, foi logo dizendo:

— Mãe, onde você está?

Completo silêncio. Foi até o quarto de sua mãe, a qual estava absorta em examinar papéis de diferentes espécies.

— Você não me ouviu chamar?

— Não, não ouvi; estava tão concentrada nestas contas a pagar...

— Que falta faz o papai, não é? Ele fazia tudo isso para você!

— Sim, isso é uma coisa de que ele cuidava e que agora me cansa. Mas prefiro assumir tudo sozinha, a tolerar sua presença desconfortável.

— Você sofreu muito com a presença dele, não é, mãe?

— Ficaram marcas profundas de nossas brigas! Mas vou superar tudo isso, você vai ver.

— Mãe, precisamos conversar muito. Precisamos encontrar fatos que confirmem a vida após a morte e a reencarnação. Trouxe a apostila que fala sobre isso. Quero pôr você a par das conversas que temos tido dentro das salas de aula.

Mostrando-se espantada, Regina falou:

— Pois, fale filha; trata-se de coisas graves para nós, seres humanos?

— Não, mãe, ao contrário, trata-se de algo maravilhoso.

— Ah! Fala logo, filha, estou curiosa.

— Vamos para a cozinha, é coisa um pouco demorada, sugeri Gabriela quando a fome começava a apertar.

— Para outras coisas eu não teria tempo, mas parece que vai valer a pena, não?

— Sim, mãe, eu já disse que o nosso professor de português está revolucionando nossas cabeças. Estamos muito interessados nos assuntos abordados por ele. Trata-se de uma verdadeira transformação de nossa sintonia interior, na nossa maneira de ser, de toda a nossa vida. Trouxe as outras apostilas que completarão aquelas primeiras, para nós duas lermos juntas, assim faremos a avaliação e ao mesmo tempo aprenderemos o que ele está ensinando. Posso começar? Está preparada?

Leram e conversaram durante longo tempo. D. Regina ficou aliviada ao saber da Lei da Reciprocidade. Compreendeu melhor o que estava acontecendo com ela.

— Filha, isso responde as minhas dúvidas que guardava comigo, sobre minha vida. Deixe comigo essas apostilas, quero ler novamente e pensar melhor sobre tudo.

— Pense, mãe, e procure se lembrar de fatos ou leituras que venham comprovar esses estudos.

**F**elipe, órfão de pai e mãe, ao chegar em casa buscou logo pela avó que o criou desde pequeno. Entre os dois havia uma grande afeição. D. Ema era muito dedicada a Felipe. Sua filha, ao morrer, pediu muito chorosa pela proteção dele.

— Vó, estou muito contente com as aulas do professor de português. Estou com a cabeça virada com os assuntos tratados em sala de aula. Trouxe as apostilas para você ler também. Todos

deverão participar, pois se trata de uma grande transformação que irá acontecer daqui por diante, não só em nossa vida como também na vida das pessoas que estão ao nosso redor.

— Estou contente de ver você assim tão animado, pois sempre o via cabisbaixo e triste, observou muito bem a avó.

— Talvez agora eu devesse estar triste, por passar a limpo toda minha vida. Mas não. Estou feliz em questionar uma série de coisas que se tornaram importantes para mim, falou tristemente Felipe.

— Por que você diz que agora deveria estar triste? O que deveria entristecê-lo? perguntou a avó, muito interessada, pois até então nunca havia falado sobre isso com ele.

— Algumas coisas que fiz e por não ter mais os meus pais. Mas, agora, compreendo que tudo tem um porquê. Hoje, reconheço que, apesar de eles não estarem aqui, tenho você presente em toda minha vida. Percebo que tudo na vida tem sua razão, nada é obscuro, falou Felipe, emocionado.

— O que o fez mudar tanto? Qual o santo que operou esse milagre? perguntou atônita a avó.

— Os assuntos tratados nas aulas do Prof. Hércules. Quando você ler a apostilas vai me entender. Depois conversaremos mais. Agora preciso sair. Não se esqueça de ler, vó! Por favor.

— Pode deixar! Quando você chegar estarei com todas as apostilas na ponta da língua, resoluta respondeu D. Ema.

**A**pós os cumprimentos normais, o professor foi logo dizendo alegremente.

— A apostila de hoje é uma continuação do assunto reencarnação e vida após a morte.

Quero inicialmente dizer que a possibilidade de reencarnação aparece nos primeiros tempos do cristianismo.

Felipe, como que duvidando foi logo dizendo:

— Cristãos reencarnacionistas, professor?...

— A tese da reencarnação foi finalmente condenada, ainda que de forma sutil, pelo Concílio de Constantinopla (553), que não menciona a palavra reencarnação uma só vez, apesar de esta ser uma ideia muito difundida entre os cristãos daquela época. Apesar de essa tese ser condenada pela Igreja nos dias de hoje, a própria Bíblia faz algumas citações onde a reencarnação é facilmente reconhecida. No Evangelho de Mateus, capítulo- 17, versículos 9, 10, 11,12 e 13, lê-se: “E quando eles desciam do monte, lhe pôs Jesus preceito dizendo: Não digais a pessoa alguma o que vistes, enquanto o Filho do Homem não ressurgir dos mortos.” E seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: “Pois, por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro?” Mas ele respondeu-lhes: “Elias certamente há de vir, e restabelecerá todas as coisas. Digo-vos, porém que Elias já veio, e eles não o conheceram, antes fizeram dele quanto quiseram”. Então conheceram os discípulos que de João Batista é que ele lhes falara. Claro é que essas passagens induzem à aceção de que Elias e João Batista são a mesma pessoa em diferentes corpos. Faz-se aí alusão à imensa graça do Todo- poderoso referente à verdadeira ressurreição da carne, onde, com a morte do nosso corpo terreno o espírito então pode ressurgir num outro corpo (nascimento), para progredir em seu desenvolvimento. Já falamos sobre isso estão lembrados? Bem, assim fala a Bíblia, mas na realidade Elias não foi João Batista. Há videntes que discordam disso.

— Professor, isso não é aula de religião? Perguntou Felipe como que desafiando.

— Não, isso não é religião, isso é vida. Infelizmente as religiões estão muito, muito aquém das verdades eternas, como a reencarnação. Já disse nas aulas anteriores que se trata de um ensinamento sobre a nossa vida, e esse saber deveria também ser ensinado pelas religiões.

Saber disso é essencial. Ignorar isso afeta substancialmente o desenvolvimento do ser humano. Felipe, sem esse saber não compreenderíamos a Justiça que se processa na Terra. As pessoas têm de assimilar isso e compreender que as situações que atravessam, sejam elas boas ou ruins, estão rigorosamente sob o efeito da Justiça de Deus que é perfeita. Não existem acasos, estamos envolvidos com essas leis. Vou me empenhar em ensiná-las. Nosso comportamento na matéria, nosso dia-a-dia, precisa ser consciente. Temos que desenvolver a responsabilidade com esse



saber. Temos que ter a convicção de que não existem vítimas e sim culpados. Nossa sociedade está sofrida, fruto da ignorância sobre essas Leis.

O silêncio na classe era perturbador...

— Professor, e as crianças? São também culpadas?

— Otávio, pense bem, você acha que nosso Criador, que criou essas leis perfeitas, deixaria um inocente nascer de uma mãe que o jogasse no lixo? Essa criança já foi adulta numa outra vida e deve ter errado gravemente, você não acha? Significa dizer que no caso de morte dessa criança é porque acabou o tempo dela na Terra. Caso ela seja encontrada ainda com vida é porque ela mereceu viver por mais um tempo. Pode mesmo chegar a usufruir da vida até ficar idosa.

— Caso ela venha a falecer é porque foiçada no seu tempo? Não mereceu desfrutar da vida? interrogou Flávia.

— Sim, mas nem por isso se pode sair matando gente por aí. Essa criança nasceu num ambiente de pessoas da espécie dela, que em outras vidas sofreram sob o seu jugo. Assim houve o cumprimento da Lei da Justiça.

— Acho que tudo é perfeito mesmo. Se não houver uma confiança ilimitada na Justiça de Deus, não vale a pena viver, desabafou Gabriela.

— A Lei Universal de “Causa e Efeito” é de tamanha simplicidade que até mesmo as crianças já podem compreendê-la quando plantam os grãos de feijão. Já podem observar que colherão muitos grãos, não somente um. Assim atua essa grande Lei Universal. Quando se planta uma semente do mal, ela frutificará aumentada em muitas vezes. A Natureza nos ensina tudo, basta prestar atenção, falou o professor ao mesmo tempo que examinava os semblantes de seus alunos.

— Professor, tenho apenas dezoito anos e já estou com receio de tudo aquilo que tenho ainda para colher, dos erros das vidas anteriores. O que será que vou encontrar pela frente? Preocupado lamentou-se Felipe.

Leonardo também aparteu demonstrando compreensão ao assunto.

— Essa Lei deveria estar gravada em nossa carne e em nosso sangue, pois, através dela traçamos nossa vida futura, o nosso destino, não é assim?

— Não devemos nos preocupar com os erros que cometemos até aqui, nem com aqueles que cometemos em vidas anteriores. Devemos apenas nos preocupar em viver segundo as Leis que estamos aprendendo agora. Dessa forma, quando chegarem os resgates, até de erros graves cometidos em vidas passadas, estaremos em outra sintonia e não daremos chance para o mal nos acertar. É imprescindível que, de agora em diante, não mais cometamos erros. Até aqui não compreendíamos que, com nosso intelecto desenvolvido e desprovido de sabedoria, estávamos agindo muito errado. Agora sabemos que os menores pensamentos, palavras e atos são registrados com total perfeição até que a frutificação ocorra. Pode ser nesta vida ou numa futura, afirmou consoladoramente o professor.

— Que grave, não, professor? Precisamos prestar atenção em tudo, se não estamos fritos! Concluiu Leonardo, demonstrando preocupação.

— Se vivermos focado nisso tudo não erraremos tanto, não é? disse Flávia para consolo de todos.

— Exatamente, concordou o professor. A sintonia certa ilumina nossa aura, nos protegendo contra o mal. Forma como que uma barreira contra tudo o que é baixo. Infelizmente estamos acostumados a dar asas a pensamentos superficiais, maldosos ou egoísticos, que podem prejudicar outras pessoas, com muita intensidade. Basta somente isso para estarmos infringindo essa tão importante Lei.

— No entanto, agimos despreocupadamente, distraídos no meio de brincadeiras, jogos, sem prestar atenção em nada, observou Mônica.

— Como a coisa pode ser assim tão drástica, se ninguém sabe de nada? Ninguém nos ensinou nada disso até agora. O povo deverá ser informado disso tudo, concluiu Luizinho.

— Não sabe porque não quer. Todo o saber sobre as Leis está à disposição de todas as criaturas, como um bem que quer ser encontrado. Basta procurar que será encontrado. Prestem bem

atenção no que eu vou dizer agora, estou colocando isso na apostila e também vou abordá-lo na Reunião das Revelações, que logo acontecerá. Existe um grande interesse de autoridades religiosas em impedir que esse saber chegue às grandes massas, observou tristemente o professor.

Horrorizada, Gabriela lançou palavras de revolta:

— É mesmo, professor? Mas por quê? Isso é um absurdo, inaceitável, revoltante até.

— Torna-se difícil acreditar, completou Mônica.

O professor protestou:

— Não, não é difícil, é fácil acreditar, se vocês conhecerem os motivos.

Delicadamente Gabriela insistiu:

— Que motivos são esses?

— Quanto mais uma pessoa ignorar as Leis da vida, quanto menos ela pensar nisso, tanto mais inativa será, ficará como que paralisada da cabeça... Isso a tornará cada vez mais fraca em seu íntimo, portanto fácil de ser conduzida como gado no pasto. É também devido a essa fraqueza, essa ignorância, que maus políticos conseguem se eleger, que crenças falsas se alastram como epidemia, divertimentos inúteis se propagam como erva daninha. Essa massa ignorante é que sustenta os espertalhões.

A classe silenciosa sorvia com admiração e confiança aquelas palavras. Por fim, Guilherme rompeu o silêncio:

— É mesmo! Agora estou entendendo tudo. As massas são mantidas sempre ocupadas com superficialidades, para impedi-las de pensar em coisas sérias. Se elas descobrirem que estão sendo ludibriadas pelo poder vigente poderão se revoltar.

— Como fazer para ensinar as massas? Como fazer para mostrar tudo isso a elas? Como ajudá-las para que reajam a tanta covardia? Perguntou Geraldo, preocupado.

— Pensem em casa sobre o que falamos. Conversem com seus pais. Assim vocês já estarão preparando o solo para a grande transformação que terá que acontecer, vagarosamente falou o professor, enquanto seus olhos inquiridores passavam por seus alunos!

**M**ônica, ao descer para o jantar, já trazia em mãos as duas últimas apostilas.

— Mãe, a coisa vai pegar fogo, pois está esquentando.

O senhor Antônio ergue um olhar interrogativo para a filha.

— Se for para pegar fogo, risque logo o fósforo!

— Não é para depois do jantar? Perguntou Mônica.

— Leia a primeira agora e assim já conversaremos durante o jantar, disse Valéria com interesse. Mônica, examinando as apostilas, iniciou a leitura. Ao término seu pai foi o primeiro a comentar:

— Esse assunto parece inesgotável! Uma coisa está sempre ligada à outra e parece não ter fim. Lei da Reciprocidade, vida após a morte, reencarnação, carma, Justiça. Tudo está entrelaçado e tudo é sabedoria, não é? Quem conhece as conexões dessas coisas torna-se um sábio?

— Exatamente, mas saber não se resume apenas nisso, que é apenas o início, é o básico. Em minha opinião, penso que saber tudo isso é também cultura. Outro tipo de cultura, a cultura da alma, cultura espiritual. Essas análises mostram que estamos nos movimentando e, portanto desenvolvendo nossa intuição. Assim explicou o professor. Tudo que o senhor mencionou faz parte do verdadeiro saber, mas ainda falta muito, pai.

— Você está falando em cultura da alma? insistiu Valéria junto à filha. Acho mesmo que se deve fundar uma Universidade para tratar desses assuntos da alma, pois já percebi que realmente falar sobre esses assuntos preenchem todo o nosso ser!

— Quem sabe, após os encontros com o povo, partiremos para isso? Vamos verificar a evolução das coisas, muito ainda está por acontecer, falou Mônica com ar de sabedora.

O senhor Mateus, pai de Guilherme, é operário desde 14 anos de idade. "Sempre suei a camisa", costuma dizer, "mas sou muito honrado." Guilherme sente muito orgulho dele e sempre se esforça nos estudos para alegrá-lo. Seu pai não tinha muito conhecimento, mas agora, mais do que nunca, sabia que, apesar de não ter cultura, tornara-se um sábio. Lembrou-se dos incas, de como viviam sabiamente!! Será que seu pai havia sido um inca? De onde vinha a sabedoria dele? Admirava-o pelas estórias cativantes que contava, por sua alegria contagiante e por suas maneiras educadas de tratar as pessoas, o respeito por ele e por sua mãe.

— Pai, preciso falar com você e a mamãe, falou Guilherme como que exigindo um espaço.

— Pois fale, filho, do que se trata? prontamente atendeu o pai.

— O professor Sr. Hércules, está dando uma matéria extra que está mexendo com nossas cabeças. Trata-se de assuntos relacionados com um saber diferente de tudo que temos ouvido ou assistido. Assuntos que parecem nos dar força e alegria de viver. Estamos entusiasmados, pois se trata de uma grande transformação que deverá se operar em nossas vidas e no mundo.

Nossa, filho, estou curiosa. Do que se trata? Que assuntos são esses? Perguntou dona Guilhermina.

— Tudo que ele nos ensina devemos passar também para os pais. Todos podem se beneficiar desse saber, ricos e pobres, sãos e doentes. Trouxe as apostilas para lermos e analisar. Vocês podem deixar as novelas e os noticiários para outro dia? Gostaria de começar a ler agora, para discutirmos logo os assuntos.

— Vamos lá, filho. Estou ansioso para saber do que se trata. Nunca ouvi você falar de uma maneira tão séria!

Guilherme leu com entusiasmo a primeira apostila. Ao terminar, olhando para seus pais, como que examinando, perguntou:

— Deu para entender?

— Acho que entendi, mas convém conferir. Ele está dizendo que muitos dos eruditos erram na vida porque não são sábios? Tem alguma coisa a ver com bondade? Perguntou timidamente o Sr. Mateus.

— A sabedoria vem da alma, vem de dentro de nós. Ser sábio não é só viver sem grandes erros, é muito mais profundo. Vem da certeza de que estamos acertando... vem de uma convicção íntima, respondeu Guilherme com ares de professor!

Confusa D. Guilhermina perguntou:

— Filho, como saber quando uma pessoa é sábia ou erudita, como você leu aí?

— Com a leitura da segunda apostila vocês compreenderão melhor. Vou lê-la agora, falou Guilherme, animadamente, por sentir que seus pais estavam assimilando bem um assunto tão diferente.

Sr. Mateus e D. Guilhermina se embebiavam das palavras de Guilherme, esforçando-se em compreender o sentido profundo delas... Ao término da leitura, olhcu interrogativamente para os pais que, parados e indecisos não sabiam o que dizer. Sr. Mateus foi o primeiro a se manifestar:

— Filho, tudo isso é novo para mim. Fui criado numa cidade pequena. As escolas somente ensinavam noções de higiene, saúde, pouca coisa de matemática e a nossa língua, o bastante para ler e escrever. Fomos criados dentro do catolicismo, mas essa religião nunca me ensinou nada a respeito. Afinal isso se trata de alguma religião?

Não, pai, não faz parte de nenhuma doutrina e de nenhuma religião e sim de ensino sobre a nossa vida. Há muitas religiões que negam essas coisas. Mas isso agora não importa, Importa é que esse saber deverá fazer parte de todo o nosso ser. Com ele passamos a compreender muitas outras coisas...

— Entendo. Sempre penso nessas coisas sem ter nunca achado respostas. Agora você aparece com essas novidades que vêm elucidar muitas de minhas perguntas, que guardava dentro de mim.

— Por que o senhor nunca falou sobre isso, pai?

— Só gosto de falar sobre coisas que sei e não ficar falando de coisas que não sei.

Interrompendo, D. Guilhermina buscou espaço:

— Sempre me debati sobre essas coisas e achava que ninguém sabia nada. Perguntava a mim mesma por que existem tantas diferenças na vida? Por que nascem crianças inocentes aleijadas ou doentes e outras tão perfeitas, bonitas e ricas? Agora estou tendo as respostas. Mas mesmo antes de conhecê-las nunca duvidei da Justiça de Deus. Sempre acreditei nessa Justiça, embora não a compreendesse. Será que agora poderei saber todas as respostas?

— Que bom, vamos então continuar com as leituras para confirmar essas respostas, falou Guilherme.

A turma do 3º ano estava reunida no pátio do colégio, num canto mais afastado. Conversavam animados, falando da reação dos familiares diante dos novos assuntos. Nisso aproximaram-se deles alguns alunos do 2º ano. Um deles, João, se adiantou.

— Meu nome é João. Meus colegas e eu estamos notando que vocês, do 3º ano, não se misturam. Posso saber por quê? Fizemos alguma coisa para não merecermos a amizade de vocês?

Luizinho adiantou-se na resposta:

— Por favor, nem pensem nisso. Claro que queremos ser amigos de vocês. Acontece que nós estamos estudando uma nova matéria com o Professor Hércules, que nos está mantendo focados nisso todo o tempo. Fazemos questão de ser grandes amigos de vocês. Vamos conversar. Os demais também concordaram com Luizinho.

— Se é assim, vamos iniciar nossa amizade com um convite. Vai haver um churrasquinho na casa de Desiree para comemorar o aniversário da irmã dela. Vocês gostariam de participar? Vai ser às 7 horas do próximo sábado.

— Vamos sim; que idade tem a aniversariante?

— Se é por causa de presente, não se preocupe. Hoje em dia todos nós estamos tão duros, que ninguém mais pensa nisso.

Despediram-se com amabilidades. A turma do 3º ano combinou de apagar possíveis impressões de superioridade.

A casa da Desiree ficava em um bairro afastado, mas era uma linda casa de classe média. A dona da casa deixou o portão aberto para que os convidados entrassem livremente. Havia caixas de gelo com refrigerantes e água à vontade. Uma mesa muito bem decorada, com vários tipos de saladas, demonstrava ser gente de fino trato que a havia preparado. As carnes temperadas e as que já estavam ao fogo, aguçavam o paladar com um aroma delicioso que evolava pelo ar. Todos se encontravam em um clima descontraído e alegre, até que D. Marly, a mãe da aniversariante, percebeu alguns jovens cambaleantes falando mole, se escondendo nos fundos da casa. Por mais que se esforçassem não conseguiam disfarçar uma embriaguez. Ficou atenta para descobrir de onde vinha essa alteração da ordem. Começou perguntando se estavam bem servidos. Foi até o fundo, descobrindo que de lá vinham mocinhos já visivelmente embriagados, trocando os pés. Pediu ajuda ao Joãozinho, melhor amigo de sua filha Desiree.

Este, procurando acalmar dona Marly, disse amavelmente:

— Pode deixar que vou descobrir quem trouxe bebida alcoólica para a festa. Isso não é correto.

Nesse momento Otávio passava por ali e prontificou-se em ajudar. Os dois caminharam pelo fundo, vasculharam tudo e nada encontraram. Avistaram, contudo, um adolescente dos seus 16 anos correndo cambaleante para dentro da casa. Não conseguia segurar o vômito que saía às golfadas, com cheiro empestante e sujando toda a casa. Vomitou até dentro da banheira e da pia, provocando entupimentos. Foi um verdadeiro colapso. D. Marly foi avisada e veio em seguida. Ao se deparar com aquele caos em sua casa, sua primeira atitude foi de espanto, depois, foi atrás de panos, desinfetantes e baldes. Quando tudo terminou, quis apurar os fatos. Alguns dos convidados trouxeram bebidas alcoólicas escondidas dentro das jaquetas. Beberam em excesso, promovendo

toda aquela situação constrangedora. Tratava-se de adolescentes mais novos, ainda imaturos, que procuravam chamar sobre si a atenção. Pediu desculpas aos convidados e tudo acabou em calma. A festa prosseguiu com músicas e danças. Roberto procurou por Gabriela que se encontrava conversando animadamente numa roda de mocinhas. Ao aproximar-se dela foi recebido com um lindo sorriso.

— Posso fazer-lhe companhia, perguntou num tom amoroso.

— Claro, senta aí, prontamente disse Gabriela.

— Mas que vexame, hein? Ponha-se no lugar de quem promoveu a festa com tanto gosto! Querendo que todos os convidados se alegrassem junto com a aniversariante, e ter que passar por esse dissabor!

— Foi mesmo horrível, foi vexatório! Ponho-me no lugar também da aniversariante, penso que ela não merecia isso, completou Gabriela.

— Você não quer passar em casa para pegar mais um livro daqueles que você havia separado? Perguntou educadamente Roberto. Por falar nisso, você gostou daquele que lhe emprestei?

— Gostei sim. O autor escreve muito bem. Mas com toda a cultura dele notei bem pouca sabedoria. Mas, aquele final muito me impressionou. Um ateu ler a Bíblia, veja em que circunstância ele teve que conhecer o Todo-poderoso! Você já notou, Roberto, que os caminhos para se chegar ao reconhecimento de Deus não são necessariamente através de alguma religião? Após pequena pausa acrescentou: quero emprestar um livro para você cujo autor é reencarnacionista, é muito interessante!

— Vai ser bom, preciso mesmo solidificar essa ideia em mim. Agora não podemos sair, precisamos prestigiar a aniversariante cantando o parabéns, para não piorar as coisas. A aniversariante deve estar já abalada com a bebedeira dos jovens.

Gabriela olhando para ele com admiração, disse de mansinho:

— Você tem razão, vamos esperar. Vamos alegrá-la um pouco.

— Gabriela, enquanto estamos aqui, vamos chamar os dois alunos do 2º ano para conversar conosco?

— Será Roberto, que vamos conseguir conversar com esse som maluco? Estou com dor nos ouvidos, reclamou Gabriela.

— Já sei, vamos para o jardim da frente, lá tem umas cadeiras legais.

Assim os dois convidaram Joãozinho e sua amiga Suely. Conversaram durante longo tempo. Foi uma conversa elevada, animada, na qual o casal se interessou muito pelos assuntos e pediram para ler as apostilas.

— Gosto muito desses assuntos, e não encontrava ninguém preparado para me orientar. São perguntas para as quais não encontramos respostas. A sensação que tenho, quando meus pensamentos esvoaçam sobre esses assuntos, é de abandono. Sempre me perguntava: Por que Deus nos colocou neste mundo onde tudo é tão incerto? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos depois de nossa morte? animadamente falou Suely.

— Agora chegou sua vez. Estamos estudando justamente essa matéria.

Nisso ouviram o canto para a aniversariante. Todos se levantaram e caminharam para o local. Após a cerimônia, Gabriela puxou Suely pela mão:

— Todos nós estamos empolgados com esses assuntos. Passe em casa e leremos juntas as apostilas para você se inteirar de tudo e conversarmos a respeito.

— Ao que me parece vocês estão me descartando? Interrompeu Joãozinho, reclamando.

— Desculpe, não houve a intenção. Claro que você poderá vir. Se houver interesse pelos assuntos, vocês poderão participar da grande reunião que acontecerá em breve. O nosso professor disse que marcará essa reunião para o início do próximo mês.

— Por que será que o Prof. Hércules não está dando essa matéria para nós do 2º ano? Cismando, ponderou Joãozinho.

— Vamos deixar esse assunto para nosso próximo encontro. Preciso ir embora, pois amanhã é dia de grego, interrompeu Roberto as dúvidas de seu novo amigo.

Todos se levantaram e se despediram. Voltando-se para Gabriela, Roberto carinhosamente perguntou:

— Quer que eu a deixe em casa?

— Vou aceitar, sim, mas preciso ligar para minha mãe, pois está combinado que ela viria me buscar, foi dizendo Gabriela ao mesmo tempo que procurava seu celular na bolsa.

Já no carro, Roberto adiantou-se falando meio baixinho...

— Gabriela, tenho pensado muito em nós dois. Sinto que algo diferente nos une. Por mim creio que a amarei para sempre. Estamos caminhando juntos para a nossa elevação espiritual. Tanto você como eu, queremos um mundo diferente para nós. Com esses estudos sei que conseguiremos viver com sabedoria. O que você acha disso?

— Também você ocupa meus pensamentos. Você também está em meus planos de uma vida laboriosa e elevada, porém neste momento não quero prolongar a conversa. Ao mesmo tempo que procurava pelo trinco da porta do carro, acrescentou: Agora preciso entrar, não quero preocupar minha mãe. Saindo do carro, despediu-se com um profundo olhar de gratidão a Roberto.

— Boa noite, liguei amanhã.

Como sempre, o alarido da classe terminou bruscamente com a entrada do professor.

— Meus alunos, torna-se necessário que os assuntos ‘vida após a morte’, ‘reencarnação’ e a ‘Lei da Reciprocidade’ sejam assimilados por todos, antes de marcarmos o “Encontro das Revelações”. Como eu disse na quarta apostila, esses estudos são básicos para a nossa formação como pessoa. Pergunto então: Alguém tem alguma dúvida sobre esses temas?

Leonardo foi o primeiro a se pronunciar:

— Confesso que eu tenho, sim, muitas dúvidas. Não consigo compreender, por exemplo, como essas Leis são aplicadas com precisão milimétrica como o senhor afirma. Como se dá isso? Se eu não entender tudo muito bem, não conseguirei compreender a Justiça de Deus. Como Deus controla os pensamentos, as palavras e os atos de bilhões de pessoas? Sim, porque, pelo que entendi, as do além também estão enquadradas nessas Leis. Numa aula anterior, Gabriela afirmou que se não se puder entender e aceitar a Justiça de Deus como perfeita, não valeria a pena viver! Estive pensando sobre isso e acho que ela tem razão. Preciso confiar nessa Justiça para que eu não fique com pena de todo mundo que vejo sofrer.

— Eu também, professor, não entendo como Deus pode aplicar os corretivos em nós com tamanha precisão, completou Otávio as profundas reflexões de Leonardo.

— Alguém mais tem dúvidas? Perguntou o professor com um sorriso no rosto.

— Professor, eu também não entendo bem como se dá isso, mas tenho convicção de que essa Justiça existe, muito embora não a compreenda bem, acrescentou Gabriela com simpatia.

— Vocês estão preocupados com quem digita o computador do Universo? Ou vocês não aceitam a existência desse computador? perguntou o professor ainda sorrindo das divertidas reflexões de seus alunos.

— Não é que não acredito. Quero saber como funciona isso, completou Otávio.

— Tudo é de uma simplicidade espantosa. Tudo está escrito na alma de cada um. O que cada um foi e o que cada um é. Os menores pensamentos e sentimentos de uma pessoa, tudo o que ela já fez outrora e ainda tudo o que ela tem de reparar. Pensem bem: se nós, humanos, descobrimos o computador e sabemos digitar, como pode a Sabedoria Divina não encontrar uma maneira eficaz de registrar tudo de todas as pessoas? Vejam: todos os brasileiros são registrados, assim como outros povos do mundo são também registrados em seus países. Vocês acham que o pequenino ser humano sabe melhor do que Deus?

— Mas quem processa essa digitação em nossa alma? perguntou Roberto, interessado no esclarecimento desse enigma.

— O Senhor de Todos os Mundos tem um exército de auxiliares que processa essa digitação. Hoje ainda não vou apresentar esse exército para vocês, pois pretendo falar sobre isso nas

próximas aulas. Não se apressem, chegará a vez dessa apresentação. Todos deverão reconhecê-los. Sim, todos nós já sabemos de sua existência. Sabemos já de outras vidas. A existência desses auxiliares está impressa em nossas almas. Quando vocês estiverem compreendendo melhor esses conceitos e estiverem firmes nesse novo saber, vamos trabalhar no sentido de elucidar o nosso povo. Ao menos uma parcela da população se interessará por esses novos conhecimentos. Antes do encontro com o povo vamos clicar essa memória e recordar com carinho os nossos primeiros mestres. Faço votos de que todos os presentes no dia do encontro possam desfrutar da graça de relembrar deles quando lerem o livro da Pirâmide e a apostila que será distribuída a todos. Vamos ver como vão reagir ao se depararem com a existência desses auxiliares. Podemos marcar o Encontro das Revelações para o primeiro domingo do próximo mês?

Todos estavam silenciosos, ainda sintonizados com as revelações do mestre. Flávia aparteu com meiguice:

— A apostila de hoje fala sobre isso?

— Não, pois as perguntas formuladas exigiram respostas imediatas. Esse assunto será tratado nas próximas aulas de uma maneira minuciosa. A apostila que será distribuída fará a apresentação da existência desses auxiliares. Vai depender da aceitação deles por vocês para o prosseguimento do nosso trabalho, respondeu pausadamente o mestre.

— Professor, estou impressionado com tanta simplicidade! Agora vou policiar aquilo que penso, pois sei que tem gente perto de mim registrando tudo. “To fora!” Não quero ser pego em deslizos, para não me sobrecarregar com novas culpas, falou Leonardo vagarosamente

— Meus pais estão ansiosos em ler as apostilas. Hoje vou chegar com as mãos vazias, mas com o coração cheio de alegria pelas revelações obtidas. Tudo isso está me fazendo muito bem, e para eles também, disse Roberto com ares de grande satisfação.

— Minha mãe e eu estamos nos aprofundando nesses assuntos, porém, discordamos em muitos pontos. Ela não aceita a ideia de crianças não serem inocentes. Por mais que explique, não tenho tantos argumentos. Preciso me aprofundar mais nisso, disse Luizinho com preocupação.

— Crianças não têm plena responsabilidade, ainda não estão inteiramente conscientes do seu atuar na Criação. Permanecem assim até a idade do início da adolescência. Devido a essa falta de consciência, tem-se a impressão de que são inocentes, mas não, elas são imaturas. Às vezes são carregadíssimas de carma, já desde o nascimento. O carma delas está esperando apenas o corpo terreno completar seu desenvolvimento para iniciar os devidos resgates, já com consciência do existir. Mas o Senhor não desampara ninguém. Nessa idade, uma força adicional é colocada ao seu alcance, para que tudo ocorra sem traumas. Por isso, esse saber deveria também ser ensinado aos adolescentes. Não vou poupar esforços para que essa grande transformação ocorra primeiramente nas escolas, informou pacientemente o professor.

— Nós também não, professor! Estamos conversando sobre esses assuntos com todo mundo que conhecemos. Tenho notado que existe um interesse geral, pois as pessoas ficam pensando e fazendo perguntas sobre tudo aquilo que não compreendem, falou Otávio com ares de responsável.

— Ótimo, dessa maneira estarão pensando em coisas que as levarão para cima, afastando-as dos pensamentos obscuros e conseqüentemente se distanciando de erros. Com isso elas estarão, também, acionando suas memórias intuitivas, completou o professor para apoiar a iniciativa deles em levar às pessoas aquilo que está preenchendo suas vidas!

— Ao observar os jovens como são, acho difícil que eles se interessem por coisas dessa natureza, pois só pensam em bobagens, falou Leonardo, como pondo água na fervura.

— Leonardo, esse saber é ignorado por todos: filhos e pais, professores e alunos, pelo Estado e pelas religiões, explicou o professor. Os adolescentes com sua maneira rebelde de ser, sentem que a classe adulta não está dando nada que alimente o seu íntimo. Parece que querem mesmo agredir, inconscientemente, aqueles que apenas oferecem coisas da matéria, pois não podem confiar inteiramente nos adultos que se mostram inseguros na sua própria estrutura.

— Por que os jovens querem agredir? Perguntou Mônica interessada.

— Em resposta ao massacre intelectual que sofrem. O que é jogado hoje nas cabeças dos adolescentes é uma violência contra seus cérebros. Por se sentirem agredidos é que querem revidar. Parecem querer rejeitar os estudos, os pais, o Estado. Sentem-se perdidos, sem rumo, como um barquinho numa enchente. Vamos nos esforçar para que tudo isso mude, principalmente o ensino em nosso país. Se a orientação do ensino mudar, será meio caminho andado, disse o professor vagarosamente, com a intenção de ainda levar reflexões aos alunos.

Alguém tem ainda perguntas que possam esclarecer esses conceitos? Caso tenham, vamos deixar para a Reunião das Revelações que acontecerá então no próximo sábado. Por favor, avisem a todos. Vou distribuir este panfleto que explica tudo sobre a reunião: o lugar, o horário e todos os procedimentos. Alguns alunos se prontificaram na distribuição. A classe toda se levantou ao ouvir o sinal, animados pela aproximação da esperada reunião.

— Professor, posso pegar dez panfletos? Preciso orientar aqueles que já convidei? Perguntou gentilmente Guilherme.

— Bem lembrado, distribuam também para os convidados.

Nisto, ouviu-se o sinal.

Já na rua, a turminha alegre como sempre parecia não caber em si de alegria. Alguns alunos começaram a ler as orientações da reunião. E ficaram um tanto preocupados com as advertências do professor. Roberto, impressionado, começou a ler em voz alta os dizeres do panfleto. O teor era o seguinte:

“Dirijo-me a todos os participantes da reunião, para solicitar que esta aconteça no mais absoluto silêncio, para que todos possam refletir bem sobre o seu conteúdo. A menor conversa entre duas pessoas será de alto prejuízo aos demais. Para que isso não aconteça e, levando em consideração a importância dos assuntos a serem abordados, fica estabelecido que os que perturbarem esse silêncio serão convidados a se retirar, até que numa próxima reunião estejam mais maduros e controlados para o bem de todos. Meu desejo é que não haja conversas paralelas em nosso encontro, para que tudo aconteça sem interrupções. Desejo muita força a todos”.

— Puxa, o professor não deu mole não. Parece que a coisa vai ser mesmo pra valer, comentou Otávio.

A turminha unida caminhava pela rua alegremente. Ansiosos, cada um queria ser ouvido primeiro. Foi inevitável, formaram-se grupinhos de dois ou três até que chegaram ao cruzamento onde se deu a separação, onde cada um seguiu seu rumo.



## ENCONTRO DOS ALUNOS, PAIS, AMIGOS E CONVIDADOS

### “AS REVELAÇÕES”

Esse encontro se realizou no anfiteatro da escola. O diretor cedeu aos apelos dos alunos para que, a título de experiência, esse encontro se realizasse nessa repartição. O anfiteatro lotou.

Com a entrada do professor, entrou água na fervura. Como sempre, o silêncio se estabeleceu e a voz serena e incisiva do professor se fez ouvir em todo o salão.

— Srs. pais, alunos e convidados em geral, o assunto que nos traz aqui é de suma importância a todos. A maioria já está preparada para esse encontro. Aqueles que se sentem desinformados não devem se preocupar, pois haverá tempo para que sejam orientados em tudo. Muita coisa que será revelada aqui já há muito é do conhecimento de várias pessoas. Estas revelações, no entanto, ficaram ocultas do grande público. Em primeiro lugar porque ler não é uma ocupação muito apreciada nos nossos dias e, em segundo lugar, porque o gosto pela leitura nunca foi devidamente incentivado pelos responsáveis por esse ensino. Em terceiro lugar, surge a dificuldade em se identificar um bom livro. Vagalhões deles nos são oferecidos e, encontrar os realmente bons no meio de milhares ruins, tornou-se uma tarefa muito difícil, quase impossível. As revelações que hoje passaremos a analisar estão contidas na Grande Pirâmide de Quéops, situada no Egito. Essa gigantesca obra foi construída exatamente no centro da Terra! A linha que passa pelo centro da pirâmide divide mar e terra em duas partes iguais... Centenas de livros já mencionaram essa grandiosa construção, mas as análises sempre estiveram circunscritas ao âmbito terreno. Trata-se de uma construção perfeita, que impressiona até mesmo os céticos. Os detalhes dessa construção estão no livro que consta na apostila, a qual será distribuída no final de nossa reunião. Vocês podem acompanhar o relato no telão, para uma melhor compreensão.



— Nesta majestosa construção estão contidas algumas profecias. Essa obra foi construída há 6500 anos. Por ordem do supremo Criador, os antigos sábios receberam a incumbência de efetivar a construção, imprimindo nas pedras mensagens para nós, seres humanos encarnados nesta época. Deveremos tomar conhecimento do final trágico previsto. Num dos compartimentos dessa pirâmide há um grande esquite aberto... Esse esquite aberto indica que quase toda a humanidade já estará

espiritualmente morta e enrijecida quando o período de desenvolvimento previsto tiver terminado. O materialismo reinante, o uso intensivo do cérebro anterior em detrimento do sentimento intuitivo, cortou a ligação que havia entre nós e a Luz de Deus. Nem o Estado, nem a família e nem as religiões conseguiram intervir para segurar essa queda do ser humano, cada vez mais preso à matéria. O materialismo mantém a criatura humana presa embaixo, e assim ela fica cada vez mais distante do verdadeiro Saber que lhe toca a alma. Hoje, nada se sabe sobre o Criador Onipotente e o que Ele quer de nós. Não conhecemos as Leis que regem os Universos, nas quais o Senhor expressa sua Vontade. Temos, portanto, que procurar compreender essa linguagem, do contrário continuaremos errantes em nossos caminhos.

O professor fez uma pausa. Notou que seus ouvintes estavam como que paralisados diante do que estava sendo exposto. Com a pausa prolongada, começaram os movimentos nas cadeiras, mas num silêncio absoluto.

— Imagino que devam estar chocados com essa afirmativa aterrorizante, mas se trata da mais absoluta verdade. Devemos, contudo, agradecer por estarmos aqui reunidos e talvez ainda em tempo de nos movimentar para o conhecimento dessas Leis Naturais, que regem todos os universos e também as nossas vidas. Precisamos tomar posições que modifiquem completamente a nossa maneira de ser. Não há outro caminho. É pegar ou largar.

O professor fez nova pausa. Aos poucos as conversas começaram, uns querendo entender melhor, outros querendo saber se é isso mesmo que entenderam. A maioria assistia aos apartes com atenção, querendo entender mais. O professor ficou esperando o silêncio novamente reinar no recinto e recomeçou:

Aqueles que quiserem maiores detalhes poderão ler o livro. Esse livro elucidará todas as dúvidas. Adquiram-no, leiam e anotem tudo aquilo que marcar fundo dentro de vocês. Abram seus corações e deixem penetrar o grande Saber que ele encerra. Quem encontrar dificuldades pode ler em grupo, mas procurem entender. É importante que assimilem a gravidade dos momentos que estamos atravessando. É importante que os pensamentos girem no sentido das profecias e deixem que em seus íntimos floresça o forte desejo de mudanças. Da sintonia do materialismo destrutivo para o espiritualismo construtivo. Dito de outra forma, que se preocupem mais com coisas de nossa alma. Quem sentir dificuldades nessa compreensão pode pedir ajuda. Formaremos grupos de acordo com as dificuldades que por ventura venham a aparecer. Para facilitar o nosso trabalho vou agora fazer perguntas. Entenderam a mensagem principal escrita nas pedras da Grande Pirâmide?

“Sim”! A maioria levantou a mão. Acreditaram nela? “Sim”! A maioria levantou a mão. Os detalhes, as outras profecias e, o porquê de tudo está no livro aí indicado. Creio que em um mês todos deverão ter completado suas leituras. Fica marcada a nossa próxima reunião para daqui a trinta dias, está bom assim?

Pela primeira vez o vozerio habitual começou. Um dos participantes levantou-se e aparteou:

— Para um assunto de suma relevância como esse acho que um mês é demais. Sugiro quinze dias. O que acham?

A maioria levantou a mão.

A reunião então será marcada de acordo com as leituras. Os alunos do 3º ano ficarão encarregados de coordenar essa próxima reunião, continuou o professor pausadamente. Muitos de vocês nunca ouviram falar sobre o Juízo Final. No entanto, esse assunto tem que ser assimilado por todos. Todos os acontecimentos aterrorizantes a que temos assistido, como catástrofes que varrem milhares e milhares de seres humanos da face da Terra, testemunham a Sagrada Justiça de Nosso Criador. Penso que ninguém aqui duvida que a natureza é controlada nos seus mínimos fenômenos por Quem a criou: Deus. Essas catástrofes não são obras do acaso, como a maioria pensa. Elas já constituem o julgamento. Vivemos a época do grande acerto de contas! Já há muito tudo acontece, mas, esses terríveis acontecimentos passam despercebidos pela grande maioria. Procura-se não pensar na gravidade de tudo. Mas não adianta fugir, cada um de nós passará por momentos difíceis que na realidade são oportunidades para o despertar de nossa alma. Os antigos construtores já sabiam do materialismo reinante em nossos dias! A Bíblia e outros livros sagrados falam

constantemente da época do Juízo Final, cujos efeitos máximos se farão sentir em nossa época. “E quando o Juízo vier”... Quem ainda poderá fechar os olhos diante do cumprimento da Lei do Retorno, que traz de volta, a cada um, tudo o que ele semeou de bom ou de mal? Essas tragédias todas não mostram, nitidamente demais, que a casa do Senhor está sendo limpa? Considerando o acentuado materialismo e a superficialidade no viver; considerando as grotescas e depravadas orgias, não é de se esperar o pior? Será que há alguém que possa pensar que todo esse viver moderno está de acordo com a Vontade de Deus?

Para a confirmação sobre o tão temido Juízo Final, há ainda notícias exortadoras, desde tempos remotos, sobre a aproximação de um Grande Cometa.



Diz-se que a vinda desse extraordinário Cometa se daria agora, em nossa época. E, justamente agora, em nossos dias, seus efeitos já são notados nitidamente em nosso planeta. Os poucos que se ocupam seriamente com esse assunto, e que através de sua intuição percebem haver algo de verdadeiro nas matérias, fazem uma ideia completamente errada do significado do Grande Cometa... Imaginam, por exemplo, que será o fim do mundo, que a Terra será simplesmente destruída. Mas não será assim. O que será destruído, de uma vez por todas, será o mal e, com ele os seres humanos que o praticam. O mal terá agora que ser desaparecido deste planeta Terra. O Grande Cometa é dirigido por uma forte Vontade Superior. Segue caminhos predeterminados e se tornará visível a todos os seres humanos por volta do fim do Juízo Universal. As irradiações desse cometa atuam transformando, purificando e soerguendo. Desencadeará grandes transformações terrestres, colocando a Terra novamente em sua órbita original. Já antes de se tornar visível ele provocará um aumento de catástrofes, como o mundo nunca viu. O que estamos assistindo é apenas o começo. Também as condições climáticas sofrerão grandes oscilações, já notadas por todos nós. Frio gélido se alternará com calor abrasador. Pela força do grande Cometa, a Terra voltará à sua órbita original. Será um acontecimento que abalará mundos! O dia tornar-se-á noite, uma longa noite, até que um novo Sol desponte para trazer um novo dia. Nessa época, o Grande Cometa reluzirá no céu, ficando visível ainda por algum tempo. Quando esse acontecimento se efetivar, a Terra estará quase vazia, pois a maior parte dos seres humanos terá sido varrida de sua superfície. Iniciar-se-á então, uma nova era, a era da Verdade! Por isso, já agora a mentira tem de ceder espaço para a Verdade, com ou sem a aprovação dos decaídos seres humanos. Espero que a maioria aqui presente receba tais notícias com o coração aberto e sejam estimulados a querer mudar. Vamos

iniciar um aprofundamento nestes assuntos para que possamos salvar o que ainda pode ser salvo em nós. Que possamos ainda merecer essa elucidação e, novamente, consigamos nos religar com nosso Criador. Procurem assimilar o que foi dito hoje aqui e ainda o que o livro indicado falará. Desejo a todos que a paz reine em seus corações. Deixo agora vocês por conta dos alunos do 3º ano, que estão capacitados a orientá-los e organizar os futuros movimentos.

Com a retirada do professor, Geraldo, Leonardo, Gabriela, Roberto, Flávia, Otávio e Mônica se aproximaram do alto-falante. A plateia, nestas alturas, estava num vozerio intenso, trocando informações, mostrando, sem timidez, o temor pelas verdades ouvidas. Geraldo foi o primeiro a usar o alto-falante para pedir silêncio. O vozerio diminuiu, mas continuou. Geraldo apelou novamente, desta vez com um tom de voz mais forte. Conseguiu o que desejava. Aproveitando o silêncio, um ouvinte pediu a palavra e imediatamente lhe foi concedida. Rapidamente o homem se achegou junto àqueles que estavam no palco. Com desembaraço admirável, falou com voz firme:

— Meu nome é Jorge. Gostei imensamente dos assuntos aqui tratados, mas gostaria de fazer algumas perguntas. Por que somente agora isso chegou ao nosso conhecimento? Coisas tão importantes como essas não deveriam, há mais tempo, ser do conhecimento do público em geral? Ainda haverá tempo para mudanças? A plateia aplaudiu o aparte do Sr. Jorge.

Flávia foi a escolhida pelos colegas para responder as três perguntas.

— Como o professor disse, há muito tempo tal livro está nas livrarias, mas o hábito de leitura ainda não faz parte do povo em geral. Eu e meus colegas vamos iniciar um movimento de incentivo à leitura para que todos sintam o interesse pelos assuntos aqui abordados e procurem se modificar em todos os sentidos. Quero responder à 2ª pergunta: As pessoas que já tinham conhecimento desses assuntos tão significativos não se sentiam preparadas para enfrentar com responsabilidade tal situação. A 3ª pergunta é muito difícil de responder. Uma vez fizemos essa pergunta para o professor e ele nos disse que dependerá de cada um. Uns vão mais devagar, outros mais depressa, alguns se sentirão desanimados e outros entusiasmados. Cada um é responsável por si, cada um deverá se empenhar ao máximo nesses assuntos, porque o tempo para nós está terminando. Estamos vivendo os últimos dias do Juízo Final.

Flávia afastou-se e Otávio se aproximou do auto falante:

— Dando prosseguimento às orientações do nosso movimento, por favor, queiram se dirigir às mesinhas ao fundo, para receberem as apostilas e outras orientações que acharem necessárias. Antes, meu colega, Roberto, ainda tem um apelo a fazer.

— Senhores, comprem o livro e vejam se conseguem ler sozinhos. Reúnam-se em família e se esforcem ao máximo para conhecer com profundidade todos os pormenores dessa grande profecia registrada nas pedras. Anotem todas as dúvidas. Caso não consigam formar os grupos, dirijam-se a nós, que auxiliaremos nisso. Que tenham um feliz resto de tarde! Com o afastamento de Roberto, começaram algumas palmas, depois mais e, aos poucos, todos aplaudiam em pé, tal as emoções reinantes.

**N**o dia seguinte, domingo, nos bairros de periferia, grupinhos se formavam nas portas das casas e a notícia se espalhou com uma velocidade incrível. A maioria estava incentivada a reagir ao materialismo. Comentavam, com certo pavor, sobre as catástrofes que estavam previstas e queriam mudar. Combinaram ir ao Shopping para comprar o livro. Um deles, contudo, com desprezo e sarcasmo, jogou palavras ao vento:

— Como podem acreditar nisso? Eu não quero seguir nessa, não. Quero levar a vida numa “boa,” só isso”. Um dos presentes olhou espantado para ele e disse bem pausadamente:

— Você é o único responsável pelo seu próprio destino!

Retirou-se sem olhar para trás. O ouvinte fez uma cara de incompreensão e também se afastou.

Já na segunda-feira os alunos esperavam ansiosos pela entrada do professor. Quando isso se deu o silêncio foi total. O professor olhando para as expressões de expectativa, sorriu e começou a falar lentamente.

— Sei que os últimos acontecimentos em suas vidas devem ter sido marcantes e espero realmente que essas marcas sirvam para o tão necessário amadurecimento de seus espíritos. Está aberta, agora, a sessão de comentários e perguntas sobre a Reunião das Revelações no sábado último.

Leonardo foi o primeiro a se expressar:

— Professor, aquelas advertências devem ter tirado o sono de muita gente. Confesso que o meu também. A humanidade quase toda morta espiritualmente... Não consigo entender como pode ser isso. Como podem estar mortas se existem tantas pessoas boas por aí? Eu mesmo conheço pessoas boníssimas de quem gosto muito. Agora fico procurando os mortos vivos ao meu redor!

— Leonardo, não estamos em condição de julgar quem está morto ou quem está vivo. Nem é esse o nosso papel. Pare com essa busca. O importante é que você se preocupe primeiro em clarear o seu espírito. À medida que formos amadurecendo em nossos discernimentos, a nossa força aumentará e, assim, poderemos ajudar na elucidação daqueles que sabem menos do que nós. Quanto às pessoas boníssimas que você mencionou acredito que haja, sim, pessoas boas. É por elas que devemos nos esforçar, de modo a torná-las cientes do que está por vir.

No entanto, existem pessoas boas que guardam em seus corações concepções absolutamente erradas sobre o amor. Não compreendem como devem atuar. Não entendem que o verdadeiro amor é sempre severo. Saibam vocês que o falso amor provoca estragos de tamanha monta que, em muitos casos, se tornam irreversíveis.

— O que o senhor está falando, professor? Amor falso e amor verdadeiro, como se dá isso? perguntou Otávio querendo elucidação.

— O Amor verdadeiro está estreitamente ligado à Severidade. Vejam, por exemplo, os pais “bonzinhos” que concedem toda sorte de regalias aos filhos e tudo fazem para agradá-los. As crianças assim tratadas sentem-se as donas do mundo. Tornam-se cada vez mais exigentes, agressivas e tirânicas. Perdem, assim, a noção de Justiça. Esse mal é de tamanha consequência que, quando adolescentes e adultas, essas pessoas viram verdadeiros déspotas. Uns tornam-se até assassinos frios quando alguém se coloca em seus caminhos ou quando ouvem um não. Como reverter isso? Esses pais adquirem carmas tão pesados, que se torna difícil a remição, por estragarem deliberadamente uma vidas que pertencem ao Criador. Os pais têm de ter a responsabilidade de educá-los e prepará-los para o mundo, pois eles não lhes pertencem. Pertencem a Quem lhes deu a vida, explicou pausadamente o professor.

Leonardo interrompeu:

— Conheço um caso assim, professor. Perto de onde moro há um casal cujo filho pequeno se transformou num terror para a vizinhança. Ele pega os gatos e cachorros da vizinhança e os assusta com bombinhas, quando estão dormindo. Uma dessas bombinhas acertou no olho de um cachorro e o cegou. Sem falar nos trotes e nos lixos que joga nos jardins e quintais dos vizinhos. Sua pobre mãe vive pedindo desculpas por ele.

— Pobre mãe? Protestou Mônica, não foi ela quem o educou? Não é desses casos que os pais só fazem concessões? O menino não se sente o dono do mundo?

— Se vocês analisarem a personalidade dessa mãe, vão encontrar uma pessoa tratável, sofrida, que parece ser realmente uma pessoa boa. Agora pergunto: que bondade é essa que criou um ser humano tão problemático? Vejam como esse conceito de “bonzinho” precisa mudar.

— Se eu entendi, os ditos “bonzinhos” são permissivos e fracos? perguntou Luizinho.

— Sim, é isso Luizinho. Vamos nos acostumando com esses conceitos. Os “bonzinhos”, geralmente são injustos. Não visam o bem. No fundo são vaidosos, porque querem se mostrar como bondosos. Geralmente são de uma moleza enervante, pausadamente explicou o professor..

— Perto de minha casa tem um menino que chuta a mãe quando está nervoso. A mãe só se defende com voz de desânimo: “Pedrinho, não faz *assiiiiimm!*” “Oh, filhinho, que feio.” O senhor

tem razão, professor. É uma cena deplorável, que faz mal para quem observa. É realmente enervante, disse Guilherme.

— Pessoas boazinhas, no entender terreno, são ditas bem intencionadas, que fazem todo tipo de caridade e têm palavras prontas para amenizar os sofrimentos das pessoas, sejam eles causados por doenças, infortúnios, desentendimentos, etc. Muito compreensivas, usam como argumento consolador que devemos aceitar a Vontade de Deus. Analisando com mais profundidade, verificamos que se trata de pessoas superficiais, que com palavras suaves e meigas acalentam e amenizam grandes e pequenos erros, enfraquecendo os ânimos e acobertando verdades. E ainda o pior: põem em nosso Criador a culpa do infortúnio, disse o professor, examinando interessado as expressões de espanto dos jovens.

— Elas pensam que uma pessoa boa tem sempre que fazer concessões. Confundem esses dois conceitos, penso eu, acrescentou Mônica.

— É porque elas desconhecem a inexorável Justiça Divina, e jogam para o campo da fatalidade acontecimentos inesperados que provocam grandes abalos. Abalos que são, na verdade, oportunidades preciosas para o ser humano tornar-se mais humilde, podendo, assim, analisar com mais clareza a razão de estar passando por tais situações aflitivas. No entanto, justamente nesses momentos tão importantes aparecem os “bonzinhos”, fazendo com que aquelas pessoas se sintam como vítimas inocentes, procurando ainda convencê-las de que o Senhor é grande e saberá como socorrê-las. Rebaixam, dessa forma, o grande Amor de Deus que age sempre com milimétrica Justiça, falou o professor em um tom incisivo.

Leonardo contrariando as reflexões do momento:

— Mas, professor, ninguém nessa hora pensa em Justiça, e sim em aliviar o sofrimento da pessoa que está sofrendo.

— Quem age assim, Leonardo, está roubando de seu próximo a oportunidade de ele poder compreender que a Justiça de Deus está muito longe dessa moleza que todo mundo acalenta.

Esse conceito de um Deus bonzinho à maneira humana tem que acabar de uma vez por todas aqui na Terra. Caso isso não aconteça, as pessoas vão continuar errantes, esperando um perdão dos seus erros que nunca virá. Aliás, nem consciência do erro elas têm atualmente. Amor pelo próximo é ajudá-lo a adquirir a consciência dos erros cometidos e ainda ajudá-lo a se modificar, falou o professor com mais energia.

Ponderando, Leonardo prosseguiu:

— Então nunca virá o perdão, professor?

— Para haver o perdão não basta somente o arrependimento. Para a pessoa que causou algum mal, deverá surgir em primeiro lugar o reconhecimento do erro, o que normalmente se dá quando é atingida pelo efeito da reciprocidade. Depois vem o arrependimento profundo e a firme disposição de nunca mais errar daquela maneira. Depois, terá ainda que conseguir o perdão da pessoa atingida. Somente assim ela obterá o perdão, segundo as leis que regem a Criação. No caso de crimes cometidos contra os animais ou danos à natureza deverá reparar o mal de alguma forma.

— Só assim a pessoa resgata sua culpa? É assim tão difícil? Leonardo prosseguiu.

— Se fosse fácil, ela novamente voltaria a cometer os mesmos erros. Mas as próprias pessoas tornam tudo muito mais difícil para si próprias. Uma pessoa atingida por uma calúnia, por exemplo, necessita de uma luta pessoal intensa para conseguir perdoar. Na maioria das vezes não consegue de todo. Fica em sua alma, como uma ferida aberta, que não cicatriza e que ela levará para o Além quando partir! A pessoa culpada pela calúnia carrega em seu tapete de vida esse fardo opressor, pois aquela ferida aberta em sua vítima estará segurando-a, até que desfaça de todo pelo perdão, o que se dará no resgate inevitável que envolverá ambas.

A classe estava como que paralisada, ouvindo as profundas explicações do professor!

— Professor, precisamos de uma apostila com todas essas explicações para ler com nossas famílias, falou Guilherme, como que implorando.

— Vocês a terão amanhã. O importante é que saibam e ensinem que a Justiça do Todo Poderoso é implacável, e não essa moleza enervante que todos pensam ou almejam. Torna-se necessário que vocês despertem em todos esse conceito de Justiça.

— Professor, como ficam então as leis humanas em relação à Justiça de Deus? Perguntou Roberto preocupado com seu pai que é advogado.

— A justiça humana é elaborada pelo cérebro ligado ao espaço e ao tempo. Estas deverão ser obedecidas com precisão, mas, mesmo assim, no caso de divergências, dependerá da interpretação dada pelo juiz. A mesma lei pode, então, ser interpretada de diferentes maneiras, dependendo do ponto de vista ou da maturidade de quem julga. Vocês mesmos podem ver como essa justiça terrena está longe da perfeição.

Luizinho abismado completou seu raciocínio com uma outra pergunta:

— Professor, quer dizer que quando uma pessoa foi condenada pela justiça humana, ela não poderá ser inocentada pela Justiça de Deus?

— Claro que não, a justiça humana é elaborada pelo raciocínio, pelas ponderações do cérebro. Já a Justiça divina julga o íntimo da pessoa, todos os prós e contras da vida atual e das vidas anteriores. Aqueles que elaboram tais leis e aqueles que as fazem cumprir não estarão, contudo, isentos de serem julgados pela Justiça divina, pois são responsáveis também por tudo aquilo que pensam, falam e fazem. Se, ao julgarem, basearem seu pensar apenas pelas leis humanas, rejeitando a Justiça divina, serão também enredados na implacável Lei da Reciprocidade, quer queiram ou não, quer aceitem ou não. De nada valerão, nessa hora, as honrarias do cargo que ocupam. Serão apenas pobres almas humanas, às vezes ainda mais carregadas de culpa do que aqueles a quem julgam. Há alguém que possa pensar o contrário? Perguntou o professor.

— Professor, como é linda a aplicação da Justiça divina. Só de ouvir isso me sinto bem.

A classe toda concordou com Leonardo.

— Meu pai é advogado. Preciso levar para ele essa apostila da Justiça Divina. Ele precisa saber disso tudo. Conheço gente que pagou para se livrar da cadeia. Isso é justiça? Perguntou preocupado Roberto.

Flávia veio com sua ajuda:

— Sei de quem se trata. São uns arruaceiros que perturbam muita gente. Quando são presos e pagam fiança, são perdoados pela justiça humana, mas é claro que não são perdoados pela Justiça divina, não é professor?

— Claro que não. É preciso sempre passar pelos três estágios: reconhecimento do erro, arrependimento profundo e reparação. E ainda o mais difícil, conseguir o perdão daqueles que importunou, completou o professor.

— A partir de que idade nós passamos a adquirir o carma? Perguntou vagarosamente Felipe.

— Pela lei terrena, estão isentos de culpa de seus atos até os 18 anos. Pela Lei divina a responsabilidade inicia-se juntamente com a transformação e maturidade do corpo terreno, quando o espírito passa a se fazer valer, o que ocorre na adolescência.

Gabriela, procurando consolo:

— Quer dizer que estamos adquirindo carmas desde o início da adolescência? E se a gente não sabia que estava errando?

— Claro que sabiam, Gabriela! Sabiam muito bem! Quando um jovem mente, quando se deixa levar por más companhias, quando até parte para as drogas ou outro vício qualquer, faz tudo isso plenamente consciente, escondido dos pais ou responsáveis. Se escondem-se é porque tem a consciência do erro.

— Mas, professor, nós ignorávamos isso tudo, protestou Roberto.

— A inobservância da Lei divina, por ignorá-la ou por não aceitá-la, ou mesmo por não compreendê-la, não exime de culpa aquele que não a cumpre. A Justiça divina é simples e clara como cristal. Na maravilhosa transformação que se opera no adolescente, jaz a escrita de Nosso Criador. Precisamos aprender a ler e compreender essa Vontade. Nessa idade, portanto, o jovem já tem o direito e o sagrado dever de decisão, pois é considerado responsável por tudo o que pensa e

faz. É um direito que adquiriram de Nosso Criador. A classe adulta, que vibra em falso amor, não soube prepará-los para essa usufruição com responsabilidade.

— É mesmo, professor! Alguns até mesmo praticam crimes como os adultos, e são inocentadas pelas leis terrenas devido à pouca idade. Não deixam, contudo, de aumentar o tapete de suas culpas, não é? Terão que pagar pelos seus erros de uma maneira implacável, pois assim exige a Justiça de Deus! Ponderou Leonardo.

— É exatamente assim, Leonardo. Se a classe adulta tivesse introduzido as leis de Deus no ensino das escolas, hoje o mundo não estaria assistindo a essa decadência e superficialidade da juventude. Deu para perceber onde estamos enredados? A justiça humana carece de uma grande transformação! Caso contrário, um clima de desespero nos espera, afirmou categoricamente o professor.

— Professor, precisamos dessas explicações na apostila. Todos deverão saber desse falso Amor que vigora em nossas leis, disse Otávio com preocupação.

— Professor, minha mãe contou que antigamente o ensino de religião do catolicismo era obrigatório nas escolas. Ela estudou os mandamentos de Deus na escola primária. Diz ela que a decadência dos costumes começou quando foi suprimido esse ensinamento. E que as crianças de hoje não respeitam os adultos nem as instituições porque nada sabem sobre Deus, disse Mônica.

— A falta do ensino sobre Deus e suas Leis aconteceu também em outros países. Aqui no Brasil ela se deu gradativamente. Inicialmente foi tirada das escolas, com isso a indisciplina aumentou. Com essa atitude, o saber sobre Deus foi abolido da vida dos jovens. Para piorar, as leis terrenas facilitaram ainda mais a decadência com a impunidade. Os conceitos de educação e perdão de todas as faltas cometidas caíram numa moleza enervante. Com isso, os educadores ficaram totalmente inibidos de qualquer ação contra as faltas graves e, até mesmo as leves, cometidas pelos alunos. A delinquência foi tomando vulto e a decadência não parou por aí, ainda completou o professor.

— Nem precisavam existir mais razões, essas já são suficientes para a coisa chegar aonde chegou, completou Leonardo o seu pensar.

— Não, Leonardo, em seguida, o uso das camisinhas foi largamente incentivado. Com o bom motivo de se combater as doenças venéreas, promoveu-se o desregramento sexual. A decadência moral tornou-se mais e mais acentuada. Para continuar a queda vertiginosa, o aborto tornou-se um recurso banal, alimentando a irresponsabilidade nas práticas sexuais que se tornaram desordenadas e epidêmicas, afirmou ainda o professor.

— Sobre o aborto precisamos de um capítulo à parte. Uma aula não é o suficiente, penso eu, ponderou Flávia.

— Ainda sobre as práticas sexuais, o pior é que o ser humano foi se afastando do verdadeiro amor, e a moral humana desabou com todas as consequências que ela encerra.

Gabriela já assustada interrompeu:

— Bem, penso que agora acabou não?

— Pensam que parou por aí? Não, a pedofilia está aí, inclusive na internet, mexendo na joia da inocência. Agora, pergunto a vocês: Com tudo isso, acaso pode não ser verdadeira a profecia do sarcófago esperando pelo ser humano morto espiritualmente? Há ainda quem possa duvidar?...

A classe estava silenciosa, acompanhando com interesse incomum as narrativas do professor que, com o olhar perscrutador, repassava o semblante dos alunos. Geraldo foi o primeiro a romper o silêncio.

— Vemos tudo isso, mas não atentamos para a real gravidade. Agora que o senhor mostrou os passos da decadência, constatei a imensa gravidade de tudo. O pior é que estamos envolvidos com esse sistema em nosso dia-a-dia. Passa-nos despercebido que estamos lentamente nos afastando do nosso Criador. E esse afastamento se dá na vida cotidiana... errando, errando em tudo, concluiu pensativamente Gabriela.

Luizinho, como procurando uma solução:

— O que faremos para combater essa queda? Poderemos ainda segurar esse estado de coisas?



— Estou disposto a trabalhar nessa recuperação do ser humano, mas como devemos agir? Ninguém gosta de ser doutrinado, ponderou Otávio.

— Não vamos doutrinar ninguém. Mas estaremos sempre prontos a auxiliar aqueles que quiserem saber das profecias e também filiar-se espontaneamente aos grupos, simplificou o professor.

Como que procurando por solução, Guilherme deu sua opinião:

— Penso que inicialmente devemos formar grupos segundo a maturidade espiritual e o querer de cada um. Devemos auxiliá-los na compreensão do sentido da leitura do livro por nós indicado.

— Só com essa leitura o ângulo de visão mudará. Com isso ficará mais fácil apresentar o saber sobre as Leis da Natureza, onde Deus expressa Sua Vontade. Através do estudo das apostilas acentuaremos os conceitos de vida atuais e os conceitos de vida verdadeiros. Temos que levá-los a pensar, a entender o funcionamento da Lei do Movimento e as outras leis Naturais. Cada um terá sempre a oportunidade de optar. Tudo, então, ficará mais fácil, explicou o professor acalmando os ânimos!

— E para aqueles que estão desinteressados e se mantiverem afastados, não teremos nada para fazer por eles, assim penso, concluiu Guilherme.

— Temos que respeitar a escolha de cada um. Todos terão a oportunidade de conhecer a Vontade do Onipotente. Terão a oportunidade de tomar a última decisão de suas vidas: continuar submersos no materialismo opressor ou seguir numa direção oposta, para cima, desenvolvendo passo a passo sua intuição.

Ouviu-se o sinal.

— Estou ansioso para começar, expressou Leonardo com entusiasmo.

— Darei duas semanas para vocês lerem o livro. Façam uma seleção dos ensinamentos dos sábios e a revelação sobre os auxiliares do Todo-Poderoso e até a próxima aula.

**N**a casa da família Armando Nogueira, advogado renomado na cidade, as reuniões tornaram-se atrativas unindo mais ainda seus membros.

— Gente, falou Sílvia com entusiasmo, o assunto sobre as profecias continua em todos os lugares por onde passo. Ontem mesmo, no salão de cabeleireira, a mulherada comentava, um tanto assustada, sobre as catástrofes que virão, epidemias, fome, queda do poder do dinheiro e outras. Duas das moças, que lá trabalham, foram à reunião e se encarregaram de passar as notícias alarmantes. Verifiquei, com certo pesar, como as pessoas estão despreparadas! Comentam muito, demais até e, no entanto não se nota nenhum entusiasmo arrebatador em querer mudar. Só percebi medo ou indiferença. Perguntei a uma delas se iria ler o livro para se inteirar de tudo. Ela me respondeu que não tem tempo para ler, pois quando chega em casa tem que dar conta de todo o serviço doméstico e cuidar do filho. Quando termina já está tão cansada que vai dormir. Já outra me garantiu que mesmo que fique sem dormir não deixará de ler o livro. Antes de ir para a cama vai tomar banho e beber bastante café, mas não deixará de ler!

— A coisa é realmente muito séria, ponderou o senhor Armando. Penso que as pessoas que decidem ler são as que ainda têm memórias de vidas passadas. Não deixam de se preocupar e acabam encontrando tempo para se dedicar à leitura. Eu nunca pensei que a coisa pudesse ser tão grave. Quando penso no esquife esperando pelos mortos espirituais, fico querendo me dedicar mais tempo a isso.

— Pai, quando a gente quer mesmo, sempre acaba executando o serviço mais rápido, para sobrar mais tempo, acrescentou Roberto. Se cancelar as conversas na hora do cafezinho, já se ganha pelo menos 30 minutos. A gente acaba perdendo muito tempo.

— Comecei a ler o livro e ele não me sai da cabeça. O clima de amor entre os sábios, a dedicação ao próximo e ao trabalho, a sintonia deles, fazendo disso tudo uma prece de gratidão a

Deus... Como esquecer essas coisas? Agora estou vendo que a religião de uma pessoa está na alma e não nas convenções externas, falou doutor Armando, mostrando grande emoção.

— O clima de paz entre os sábios, os princípios de vida deles, os ensinamentos... fazem com que nos sintonizemos com Deus, acrescentou calmamente Sílvia. Estou quase preparada para orar como eles. Levantar os braços para o alto e identificar presença como um servo! Isso só se pode fazer com a alma e não com palavras decoradas, das quais a alma não participa.

— Pai, eu também estou sintonizada como o senhor, não consigo pensar em outra coisa, disse Flávia emocionada. Estou me transportando para o Egito e participando daquele clima de um amor elevado, dedicação, sintonia com a Luz do Criador. Mãe, como perdemos tempo na matéria! Agora percebo que a vida sem essa Luz não tem o menor sentido!

— Eu estou encantado com a presença dos auxiliares entesais no mundo! Fico pensando, pensando... falou calmamente Roberto. Será que as pessoas vão aceitar a existência deles?... Será que a memória intuitiva da maioria ainda tem espaço para a presença deles em seus corações?

**N**a casa da família do senhor Antônio Borges não foi diferente. Um novo sentido de vida inflamava o coração de todos.

— Pai, você está gostando do livro? Iniciou Mônica a conversa.

— Que livro diferente! Nunca pensei existir uma obra dessas nas livrarias. Agora entendo o que significa um livro construir em nosso íntimo, e também livros que levam a nossa sintonia para coisas vãs, que nos consomem forças. Estou impressionado com a vida e o saber dos sábios e ainda com a existência dos gigantes! Como pode a presença deles na construção da Grande Pirâmide e ainda os ditos cientistas não saberem disso? Não se tem mesmo argumento para negá-los. A fabulosa construção perfeita dá testemunho deles. Quero saber tudo a respeito. O professor mandou alguma apostila sobre isso, Mônica?

— Não, pai, mas com certeza vai mandar. Também estou impressionada com a existência deles. Parece até que eu já sabia sobre eles. Minha memória intuitiva aceitou sem o menor problema. Aquela tragédia que aconteceu com Piramon, que lhe acarretou tanto sofrimento! A maneira como os sábios o orientaram sobre o carma adquirido e como poderia resgatá-lo em uma próxima vida! Também o fato desse carma não impedir sua missão como o construtor da Grande Pirâmide! Tudo isso me deixa perplexa! Quanto amor ao próximo!... Será que vamos conseguir desabrochar em nossos corações um amor tão grande assim? Parece que, quanto mais leio, vivendo intensamente em meu coração esse novo conceito de amor, mais tenho vontade de me dedicar às pessoas para que também elas possam sentir em suas almas a saudade da Luz. Quem sente anseio pelo Alto conseguirá se separar do materialismo reinante em nossas vidas. Tenho certeza.

**E**m casa de Guilherme, o Sr. Mateus estava ansioso pela chegada do filho. Por duas vezes, foi até a porta para verificar se ele estava chegando. Ao menor barulho, olhava para a porta da rua. Enfim o jovem apareceu, com ares de cansado. Cumprimentou os pais com muito carinho. Após se recompor, veio alegre e perguntando pelo dia deles.

— Guilherme, vamos começar logo a ler o livro que comprei, pois estou ansioso para verificar seu conteúdo.

— Uai, o senhor já comprou, pai? Não esperou o dia do pagamento?

— Não, filho, eu dei um jeito. Precisamos começar a ler hoje mesmo! Quero que você leia conosco, pois às vezes tenho dificuldade em compreender o que está escrito.

— Está bem, pai, podemos começar, mas, e as novelas? Vocês vão deixar de assistir?

— Não temos outra hora para ler, ponderou D. Guilhermina; as novelas terão que ser suprimidas de nossa vida. Outra coisa não temos para tirar de nosso tempo.

— Por mim, tudo bem. Não quero é abrir mão do Jornal, você não acha, filho? Precisamos estar por dentro de tudo o que acontece em nosso país e no mundo.

— Também acho, pai, não podemos deixar de nos informar.

— Gente, nós temos primeiro é que nos informar sobre as profecias. Notícias nós podemos tê-las a qualquer hora, protestou D. Guilhermina. Essa é a única hora que temos para estarmos juntos e obter informações importantes para nossa vida espiritual. Acho melhor jantarmos com a TV desligada e já começarmos a conversar sobre aquela reunião. Há muitas coisas que ainda quero saber direito. Quero saber de tudo filho, tudo bem direitinho.

— O que você acha pai?

— Acho que sua mãe tem razão. Podemos começar agorinha mesmo.

**N**a casa de Luizinho, o clima era de muita correria. D. Cenira, trabalhando fora e enfrentando o trânsito, gastava quase duas horas para chegar em casa. Enquanto ela enfrentava o angustiante trânsito Luizinho fazia os serviços mais essenciais. Quando ela chegava, o filho caçula já estava de banho tomado e já alimentado. Luizinho sofria com essa situação, pois senti-se na obrigação de trabalhar para ajudar com as despesas. Não se sentia bem ao ver a mãe chegar tão exaurida em casa. Conversaram muitas vezes sobre isso. O mercado de trabalho era difícil para um jovem de 18 anos sem especialidade. O salário de doméstica era melhor remunerado. Viviam uma vida muito apertada, mas nada faltava. A patroa de D. Cenira reconhecia o valor de sua fiel colaboradora. Sempre lhe dava algum dinheirinho a mais ou fazia compras para melhorar a alimentação da família. Naquele dia em especial, chegou ela carregando penosamente umas sacolas. Foi distribuindo espalhafatosamente tudo pela mesa. Frutas e verduras fresquinhas iriam enriquecer o jantar. Luizinho foi logo pegando as verduras para lavar com a água corrente, lembrando da aula do professor Hércules, que falou sobre a água que iria faltar no planeta. Imediatamente diminuiu o volume da água. Em silêncio orou agradecendo aos céus pela água cristalina que usava.

— Filho, a vida é um corre-corre danado, interrompeu D. Cenira seus pensamentos, precisamos conversar sobre aquela reunião. Estou apavorada com aquela profecia. Diga-me alguma coisa que possa me aliviar.

— Mãe, não há nada que eu possa dizer para aliviar suas preocupações. Não é bom ter medo. Medo demonstra dúvidas íntimas em relação à Justiça Divina. Interesse é diferente. É muito bom que você esteja interessada, pois assim sua sintonia vai melhorar para aliviar as tensões de todo dia. É necessário que saibamos tudo o que se passa com a humanidade e seu falhar, porque também estamos enredados nisso de uma maneira ou de outra. Agora precisamos, mais do que nunca, mudar nossas vidas. Já comprei o livro e vamos começar a ler hoje.

— Que bom! Vamos então começar hoje, após o jantar. Mas me fale sobre o que o professor disse sobre o Grande Cometa.

— Mãe, se você quer se aprofundar nisso, precisamos ler novamente a apostila da reunião.

— Ótimo, façamos isso, então.

— Os pais de Leonardo estavam sempre viajando. Trabalhavam com alto comércio do exterior e para diversas empresas. Praticamente, Leonardo morava sozinho. Ao chegar da aula sentou-se em uma confortável poltrona de seu quarto, para ler o livro recomendado pelo professor. A ausência dos pais não mais o incomodava. As últimas revelações ocupavam agora seus pensamentos. Estava impressionado com as profecias, pois já estava começando a acreditar nelas. Sim, tudo o que o professor falava tinha muito fundamento. De repente o telefone toca. Saindo de seus devaneios, reconheceu do outro lado da linha a voz de sua mãe.

— Que bom encontrar você em casa a essa hora. Você está bem?

— Mãe, estou tão bem que melhor não é possível.

— Como assim, o que está acontecendo para que se sinta tão bem?

— O nosso professor de português está nos ensinando coisas que eu nunca pensei existir. Mãe, compre o livro que estamos lendo para você ter uma ideia de como estão as nossas cabeças. Estou mesmo me sentindo muito bem com essa nova matéria.

— Que livro é esse? Perguntou a mãe já preocupada. Do que se trata?

— Trata-se de profecias escritas nas pedras da Grande Pirâmide do Egito, mãe. Vou enviar através de e-mails as apostilas do professor, depois você lerá o livro.

— Faça isso então. Esperarei você mandar essas apostilas. Mande-as agora. Um abraço para você e se cuide, viu?

— Vou mandar agora mesmo. Mande um abraço para o pai, ponha-o também a par do que está acontecendo por aqui. Tchau, mãe.

**E**m casa de Gabriela o clima de expectativa também era grande. Ao entrar em casa, antes mesmo de beijar a mãe, verificou a ansiedade dela.

— Não via a hora de você chegar. Ainda não conversamos sobre a reunião e as últimas apostilas ainda não li.

— Ando tão ocupada que acabo chegando tarde e acordando cedo. Hoje, vim mais cedo para descansar, pois estou no meu limite, mãe!

— Vá para o seu quarto; enquanto você toma banho, preparo um jantarzinho. Dizem que a parte mais aconchegante da casa é a cozinha, e é mesmo. Lá poderemos conversar bastante.

— Sim, mãe, boa idéia, estou mesmo com apetite.

Cada uma segue sua direção.

— **F**ilho, ainda não conversamos sobre a reunião, foi logo dizendo o Sr. Jerônimo, quando o filho desceu apressadamente as escadas. Você trouxe mais alguma apostila?

— Trouxe, mas vamos falar primeiramente sobre a reunião de sábado. O que o senhor achou?

— Para falar a verdade, achei alarmante, respondeu prontamente o pai. Não estou questionando a veracidade de tudo. Acho que tudo é, sim, verdadeiro, mas muita gente é capaz de não aceitar, pois terão muito medo do que foi dito. É capaz de se tornarem até agressivos, na tentativa de tapar o sol com a peneira.

— Deixe-os com seus chiliques, interrompeu Iracema. Não terão argumentos, Muitos, ali, já não têm mais a memória intuitiva e, provavelmente, reagirão incrédulos a tudo o que foi dito. Vamos esperar pra ver.

— Vamos ao que interessa, disse o Sr. Jerônimo apressado. Essas previsões sobre o Juízo Final realmente ninguém esperava. Eu me lembro de que, quando eu era estudante, um professor mandou-nos fazer um trabalho determinado sobre a Bíblia. Lembro-me de ter lido, sim, coisas referentes ao Juízo Final. Na época a coisa não me tocou, passei por cima sem a menor preocupação. Mas agora é diferente. São as advertências da Grande Pirâmide, a vinda do Grande Cometa e ainda as palavras Bíblicas admoestando sobre o Juízo Final. Temos ainda os últimos acontecimentos, que mostram estarmos passando por um acerto de contas, mesmo, filho. E outra, a natureza não age por si só. Acredito mesmo que haja forças superiores que a controlam.

— Estamos passando por um julgamento, explicou Geraldo. O fato de até agora ninguém ter falado a respeito tem explicação. O professor falou sobre isso. Há interesses ocultos que impedem as Verdades de chegar aos ouvidos das grandes massas. Em primeiro lugar é o materialismo crasso que assola o mundo de hoje. Mas, se tais notícias tivessem chegado antes aos ouvidos sedentos pela Verdade, muita coisa ainda poderia ser feita em benefício do povo, assim acho eu. Em segundo lugar, são os interesses ocultos de pessoas altamente ligadas com o poder que tudo fazem para que as massas não se alarmem com medo das cobranças. As próprias massas também preferem continuar na ignorância, desde que lhes sejam dadas diversões de toda sorte, como: futebol, carnaval e sexo. Assim estão com tudo e não precisarão de mais nada.

— Vamos fazer planos de estudos com nossos amigos e conhecidos, acrescentou bondosamente Iracema; o tempo não nos espera, não.

**E**m casa de Otávio, todos dormiam. Tarde da noite, alguém toca a campainha. Otávio desceu apressadamente as escadas e perguntou quem era.

— Sou eu, Otávio, Aristides. Preciso muito falar com você! Abra, por favor.

— Já estava dormindo, cara, falou Otávio ainda duvidando se deveria abrir, não dá para deixar para amanhã?

— Não, não dá! Vim pedir socorro, amigo.

Otávio abriu a porta vagarosamente e se assustou ao ver seu amigo todo ensanguentado.

— O que aconteceu? Espantado Otávio escancarou a porta. Por que você está assim ferido?

Otávio o levou para a cozinha e subiu correndo as escadas para chamar Dalila.

Esta, ao acordar assustada, pediu esclarecimento do que ocorria.

— Estamos com um problema para resolver, será que você pode nos ajudar? Venha comigo até a cozinha.

— Você pode primeiro me dizer o que está acontecendo?

— Venha até a cozinha e veja você mesma. Ao se deparar com a cara ensanguentada do Aristides, ouviu o rogo do moço:

— Vocês poderiam me ajudar nesse ferimento?

Dalila foi logo pegar a maleta de primeiros socorros. Rapidamente começou a limpar o ferimento, constatando não ser coisa grave. Fez o curativo e pediu explicações.

— Vai, Aristides, conta tudo.

— Eu me meti numa briga, eu me feri e causei ferimentos. O cara com quem eu briguei ficou lá caído, não sei o que aconteceu com ele.

— Vamos então chamar a ambulância, acudiu rapidamente Otávio.

— Se você fizer isso serei preso, cara. Por favor, não faça isso comigo.

— E você vai deixar o cara caído lá, ferido, sem prestar socorro? interveio Dalila.

— Estou com medo, amigo.

— Dalila se inteirou do local da briga, ligou para a ambulância e pediu que atendessem o moço ferido. Em seguida disse que deveriam ir à polícia.

— E se o cara morreu? Como vou sair dessa? Medrosamente falou Aristides.

— Você também está ferido, justificou Otávio, eles vão ver que vocês brigaram.

— Não, não falem nada por enquanto, por favor! Estou lhes pedindo isso, implorou o moço.

— Você já está encrencado, interveio Dalila meio que indignada, e ainda quer nos encrencar também? Deixa de ser egoísta! Já demos o auxílio que você pediu, agora pense um pouco nos outros. Se você negar o ocorrido, para livrar a sua pele, vai nos encrencar também. Já pensou nisso?

— Então é melhor eu ir embora, obrigado por tudo, ninguém saberá que estive aqui.

Foi caminhando em direção à porta e saiu correndo.

Otávio e Dalila ficaram parados sem saber o que fazer. Trocaram algumas palavras e ficaram de conversar sobre o ocorrido no dia seguinte. Cada um foi para o seu quarto.

Na manhã seguinte, Otávio e Dalila, já arrumados para sair, preparavam apressadamente o café da manhã.

— Demorei a dormir, fiquei pensando na vida difícil de cada um. Somos uns privilegiados, não acha, mana?

— Agora não é a hora de meditarmos sobre isso. O que será que aconteceu com o rapaz que o Aristides brigou? Se houve algum ferimento grave devemos denunciar, sugeriu Dalila ao irmão.

— Mas isso seria uma traição. Vamos acompanhar pelo jornal, pois, notícias ruins, chegam com a velocidade do vento.

— Está bem. Vamos acompanhar pelo jornal de hoje e tomar uma posição.

**E**m casa de Gabriela, logo cedo, D. Regina com ares de cansada dirigiu-se a filha:

— Vamos, estou sedenta para conversar com você. Será que nós duas estamos entre os mortos espirituais de que fala o livro?

— Creio que não, mãe. Estamos ainda vivas espiritualmente. Penso assim porque fomos tocadas em nosso íntimo pelas verdades que estão chegando aos nossos ouvidos. Em nossas almas estão impressas tais verdades e, agora, estamos procurando implantar a grande transformação em nossas vidas. Mãe, com os conceitos e ensinamentos das apostilas do professor e ainda com a leitura desse livro, tudo mudou para mim. Pertenço ao Senhor, agora tenho certeza disso.

— Ah, filha, como é bom ouvir você. Ouvir isso de uma jovem me emociona. Quanto a mim, parece que todos os sofrimentos e mágoas que guardava em meu peito desapareceram. As coisas da matéria parecem ter ficado pequenas demais. Minha alma está em chamas, voltada para o Alto, para a luz de Deus. Sabe filha, penso que nasci de novo!

**N**o dia seguinte ao ocorrido Otávio, já pronto para sair, desceu as escadas e ligou o rádio. O noticiário falava sobre um rapaz assassinado num terreno baldio. Noticiava ainda que alguém ligou para a ambulância ir buscar um jovem ferido. Mas, quando a ambulância chegou o rapaz já havia falecido. O rapaz não pôde ser identificado por estar sem documentos. Otávio esperou por Dalila para juntos resolverem o que deveriam fazer diante dos últimos fatos. Pensava em Aristides quando ouviu os passos de Dalila se aproximando.

— Você já fez o café, Otávio?

— Apenas comecei, mas ainda não terminei. Os dois logo cuidaram de tudo. Sentaram-se um diante do outro. Olhando para os olhos dela, Otávio avisou que tinha más notícias.

— Como assim, disse Dalila arregalando os olhos.

— A rádio noticiou que o rapaz já estava morto quando a ambulância chegou. Procuram pelos familiares do rapaz morto, pois este se encontra sem documentos.

— É preciso ir atrás do Aristides para ver a reação dele, disse Dalila apressadamente.

— Depois da aula vou passar na casa dele. Pior é que hoje não tenho aula com o professor.

— Você vai comentar isso com ele? Ponderou Dalila.. Você não acha que ainda é cedo? Não devemos comentar nada ainda com ninguém. Seria imprudente.

— Você disse que hoje iria à polícia, você vai?

— Não, vamos primeiro falar com o Aristides?

Dalila levantou-se rapidamente, pegou suas coisas e saiu sem se despedir.

Durante as aulas daquele dia Otávio não conseguiu pensar em outra coisa senão no seu amigo Aristides. “Como pode Aristides, com apenas dezoito anos, já ter se encrencado com um crime de morte?” “Será que eu conheço o cara?” Após a aula, quando ouviu o sinal, foi o primeiro a sair. Nesse dia tomou a direção oposta. Tomou um ônibus superlotado em direção ao bairro onde morava seu amigo Aristides.

**R**oberto bate no quarto de Flávia.

— Que foi? Estou lendo.

— Sabe Flávia, as pessoas estão me parando na rua perguntando das reuniões. Não podemos deixá-las sem resposta. Precisamos nos reunir e combinar o que dizer, falou alto do outro lado da porta.

— Ligue para os outros e combine para sábado de manhã, falou Flávia em tom mais alto.

— Agora sim, é a maninha que eu conheço! É pra já. Tchau. Roberto desceu rapidamente as escadas, dirigindo-se em direção ao telefone. Primeiramente ligou para Gabriela. Ao ouvir a voz dela sentiu seu coração bater mais forte.

— Aposto que você estava lendo o livro da Pirâmide, acertei?

— Em cheio. Falando pausadamente e com voz meiga Gabriela acrescentou, agora estou sabendo o bem que um livro nos pode fazer. Minha mãe e eu tivemos que comprar dois exemplares e estamos enterradas na leitura. Temos prova segunda-feira de física e ainda não estudei nem metade da matéria.

— Não adianta você deixar para estudar no fim de semana, advertiu Roberto, eu estive conversando com a Flávia. Diante de tantas pessoas perguntando dos grupos de estudos e das reuniões, achamos melhor nos reunirmos sábado pela manhã, para resolvermos isso.

— Ótimo, estarei aí às 9hs, está bem assim?

— Contamos com você. Boas leituras e até sábado pela manhã.

Ao desligar o telefone Roberto ficou parado, examinando seu coração. Será que desta vez estava descobrindo o amor verdadeiro? Porque sentia aquela ternura depois de tanta convivência nos bancos escolares? Era uma sensação nova... Será? Só o tempo dirá. Começou a ligar para os outros colegas que, como ele, estavam encarregados de formarem os grupos dos estudos.

**A**ristides morava com sua mãe e dois irmãos pequenos, num bairro afastado. Atendendo a porta, Aristides deu de cara com Otávio.

— Entra Otávio, senta aí.

Aristides sentou-se na frente de Otávio, mirando-o com olhos tristes e profundos.

— Você já sabe de tudo?

— Sim, saiu na TV. Estão já procurando por mim como era de se esperar.

— Você vai se entregar, perguntou Otávio emocionado.

— Claro que não, respondeu tristemente o moço. O que adianta eu me entregar se ninguém pode devolver a vida dele?

— Você está arrependido?

Para ser sincero, não. Não tive a intenção de matá-lo, mas se você quer mesmo saber, estou sentindo alívio.

Espantado Otávio indagou.

— Mesmo? Você quer falar a respeito? Quer desabafar comigo? Fique à vontade. A escolha é sua.

— Hoje não, Otávio, preciso colocar minhas ideias no lugar.

— Você acha que a polícia terá alguma pista para vir procurar por você? Os familiares dele o conhecem?

— Nunca fui à casa dele. Eu o via em pracinhas ou nas discotecas.

— Você está com medo?

— Não só com medo, mas também estou sentindo um peso enorme em meu peito. Parece que o mundo desabou sobre minha cabeça. Não era para ter acontecido isso. Eu não queria que tudo acabasse dessa maneira violenta.

— Quem é ele afinal? Por que vocês brigaram? Eu o conheço?

— Não quero falar disso ainda, reprimiu-se Aristides.

Está bem, meu amigo, vou deixá-lo a sós para refletir melhor. Sua família não está?

— Minha família está viajando. Chega na próxima semana. Não me incomode de estar só.

— Desejo que você consiga pensar bastante sobre o caso, para chegar a uma conclusão certa. Você precisa assimilar essa tragédia!

— Sei que um crime como esse é condenado tanto pelas leis terrenas, como pelas Leis de Deus. Isso me oprime.

— Será que você não poderia ter evitado isso? Com apenas dezoito anos e estar encrencado dessa forma... Sim, Aristides, a coisa é realmente muito grave.

— Fui muito irresponsável. Estabeleci um relacionamento que não devia. Eu sabia que estava errado, mas algo muito forte me atingiu. Fui fraco por não resistir.

— Pense também na família dele, talvez nem saibam ainda que ele está morto. Pense no sofrimento pela perda e por ignorarem o motivo do que aconteceu. Até amanhã Aristides, você precisa chegar a uma conclusão. Vou deixar você sozinho. O silêncio opera milagres!

A reunião dos alunos do 3º ano, se deu no salão de festa da casa de Flávia e Roberto. Um clima de alegria tomou conta dos grupinhos que se formavam nos cantos do imenso salão.

A empregada deixou copos e sucos de fruta, em cima das mesas.

Interrompendo com palmas o vozerio, Flávia chamou a atenção de todos:

— Bem, acho que cada um de nós já sabe mais ou menos como devemos nos organizar e como começar nossos atendimentos com o público, estou enganada?

— Que tal se cada um de nós expor sua opinião para depois esquematizarmos os nossos trabalhos? começou Leonardo.

Completando, Flávia continuou se explicando:

— Fiz um resumo de tudo para vocês acrescentarem ou retirarem o que acharem melhor:

1. Selecionar as pessoas de acordo com o nível de escolaridade. Não adianta começar o estudo das apostilas com pessoas de pouca leitura juntamente com gente culta. Devemos tornar os grupos homogêneos nesse sentido.
2. Iniciar com as apostilas com o grupo mais adiantado. Com os grupos mais atrasados, cuja leitura é mais lenta, elaborar um resumo com palavras mais simples e resumidas para que compreendam o sentido do texto. Seria mais na forma de exemplos bem fáceis. Creio que assim conseguiríamos o nosso intento.
3. Estabelecer grupos de, no máximo, dez pessoas.
4. Só dar início à leitura do livro após os ensinamentos básicos. O que vocês acham?

— Acho que é por aí mesmo. Concordo em tudo com você, disse Mônica.

— Falta ainda resolvermos onde seriam as reuniões e os horários, acrescentou Roberto.

— Será que o diretor cederia inicialmente o anfiteatro até selecionarmos os grupos? Ponderou Leonardo.

— No prédio onde moro há um salão de festas para alugar. O aluguel é bem em conta, opinou Geraldo.

— Pagar aluguel seria a última alternativa, cortou Felipe o aparte de Geraldo.

A opinião de Otávio foi ainda mais longe:

— Há clubes que também cedem seus salões de festas, com interesse em arregimentar sócios.

Flávia, de uma maneira incisiva, cortando outras possíveis opiniões:

— Vamos ver inicialmente o anfiteatro da escola. Quem poderia se ocupar com isso?

O Geraldo e o Roberto são voluntários para tratar disso, não são?

Todos riram e olharam para os dois mencionados.

— Pode ser, Geraldo? Falou Roberto olhando para o colega.

— Estamos aí. Na segunda-feira mesmo vou falar com o diretor, falou Geraldo solicitamente, mas para quando seria essa seleção? Precisamos de uma data certa.

Após algum silêncio, Felipe aparteou:

— Para o próximo sábado às 8 horas. Já que temos que fazer isso, vamos fazer logo.

Todos aceitaram a sugestão e alguns já procuravam aproximar-se de seus pares.

O telefone toca, Otávio atende e já ouve a voz de Aristides.

— Fala, Aristides.

— Preciso me abrir com você, senão vou explodir. Minha cabeça está no limite, nervosamente falou Aristides.

— Quer vir aqui agora? Estou sozinho, minha irmã só vai chegar mais tarde.

— Obrigado, Otávio, vou indo então. Até mais!

Com a chegada de Aristides, Otávio convidou-o para sentarem numa pitoresca área nos fundos da casa.

— Você quer comer alguma coisa ou beber? Solicitamente ofereceu Otávio.

— Confesso que estou com fome e sede. Até agora não consegui comer nada.



— Vamos até a cozinha preparar sanduíches e sucos, falou Otávio, pondo a mão no ombro do amigo.

Após o lanche, Otávio se encaminhou para a área do fundo. Aristides o seguiu. Ambos se sentaram e os olhos de Aristides pousaram nos de Otávio. Este, para animá-lo, disse:

— Pode dizer o que lhe atormenta. Se eu puder ajudar...

— Bem, nem sei por onde começar. Acho que você vai me compreender. O nome de meu amigo é Fernando. Eu o conheci em um bailinho desses de bairro. Fui com outro amigo. Lá esse amigo arrumou uma sirigaita e eu fiquei ali em pé observando o agito. Nisso o Fernando aproximou-se de mim e se apresentou. Disse que morava há poucas quadras dali e sempre aparecia nessa balada. Conversamos longamente e ficamos sabendo quase tudo um do outro. Surgiu uma simpatia entre nós. Ficamos amigos. Sempre marcávamos encontros em praças e lá naquele lugar de danças. Nunca me convidou para conhecer a família dele e nem eu o convidei para vir em minha casa. Uma tarde, quando estávamos sentados na pracinha ele confessou-me que era gay. Disse estar perdidamente apaixonado por mim e queria fazer de tudo para que eu fosse feliz. De início me apavorei e quis sair de lá correndo. Ele percebeu minha reação de recusa, puxou-me pelo braço e olhou-me profundamente nos olhos, segurando com força no meu punho. Confesso que aquele olhar amoroso e insistente me tocou. Relaxei um pouco e ele me puxou de volta para o banco. Abaixei a minha guarda e dali por diante não pude mais controlar. Aquele relacionamento me fazia bem e mal ao mesmo tempo. Gostava muito dele, mas ao mesmo tempo sabia que eu não era gay. Até que um dia acordei e percebi que eu tinha mesmo é que acabar com aquilo de uma vez por todas. Fui como de costume encontrar-me com ele na pracinha.

Otávio interrompeu:

— Segundo eu entendi, você também era apaixonado por ele?

— Sim, mas não sou gay, apenas me deixei levar. Por isso, quando cai em mim quis acabar com tudo, insistiu Aristides.

— Sei. Aí então ele ficou perturbando e insistindo. Os casos de gays são todos iguais. Sei de muitos amigos meus que precisaram até apelar para a polícia para se verem livre de relacionamentos desse tipo, interrompeu Otávio.

— Ele me perturbou tanto que eu perdi completamente o sossego. Quando saía de casa para ir a qualquer lugar deparava com ele na esquina, me esperando. De dia e de noite. A minha amizade por ele virou ódio, pois ele me consumia, completou Aristides sua triste história.

— E consumia mesmo. Esses caras consomem todas as forças daqueles por quem eles se apaixonam, o sentimento deles vira obsessão, acrescentou Otávio.

— Otávio, fiquei tão enlouquecido que resolvi dar-lhe uma surra para passar todo o meu ódio. Foi então que marquei aquele fatídico encontro. Não intencionava outra coisa a não ser bater, e muito, nele.

— Você se excedeu, não foi?

— Não consegui parar de bater. Saciei toda a minha raiva.

— Aristides, estou estudando essa matéria sobre os carmas, sobre os destinos humanos. Perguntarei ao meu professor sobre isso.

— Hoje estou arrependido de ter iniciado essa amizade, sei que estava errado. E, no fundo, sei que ele era um infeliz. Às vezes sinto que ele está aqui perto de mim, fico arrepiado.

— Imagino que ele deva mesmo estar por perto, concordou Otávio.

**N**a 9ª aula com o professor Hércules, as expectativas pela palavra dele eram grandes.

Ao entrar, o professor olhou para seus alunos interrogativamente.

— Que silêncio! Está acontecendo alguma coisa?

Leonardo, adiantando-se:

— Estamos ansiosos para ouvi-lo.

— Sobre o que vocês querem ouvir? É sobre o livro?

— Sim, sobre os gigantes, disse Leonardo ansiosamente.

A classe também se manifestou de acordo.

— Trouxe a apostila sobre os auxiliares do Todo-Poderoso, bondosamente afirmou o professor. Eles são chamados enteais. Esse termo é desconhecido. Acredito que nem no dicionário ele é encontrado. Enteais é o plural de enteal. A criação toda é composta de sete Universos. Todos eles são constituídos de bilhões de corpos celestes. Esses universos foram elaborados pelos auxiliares enteais do Senhor. Existe um exército deles. As funções de trabalho deles são todas realizadas por especialistas. Existem especialistas para a composição dos planetas, das estrelas, e aqueles que se dedicam à natureza. Cada espécie de planta possui um especialista com seus auxiliares. Tudo funciona com perfeição e harmonia. E o ser humano da atualidade acha que tudo surgiu por acaso. Não consegue perceber, com seu cérebro restrito, toda a maravilha que nos cerca. Ignora todo o esplendor e perfeição que nos rodeia. Em vidas anteriores, todos nós já nos relacionamos com eles. Há milênios, bem no início da civilização, foram eles que ensinaram os seres humanos. Mostraram quais eram as ervas comestíveis, como prepará-las, como tirar as sementes, quais as ervas terapêuticas... Ensinaram tudo sobre as pedras preciosas, como e onde encontrá-las e ainda como lapidá-las. Também as plantas que deram origem à confecção dos tecidos. Enfim, há especialistas para tudo relacionado com as matérias.

Roberto arregalando os olhos indagou:

— Professor, se tudo isso é verdade, por que esse saber se perdeu?

— Os espíritos humanos foram ficando indolentes e se tornaram alvo fácil de sacerdotes caídos, que propagavam ensinamentos errados.

— Como assim? Insistiu Roberto. Sacerdotes que ensinavam coisas erradas? E todo mundo acreditava neles?

— Roberto, compare com os dias atuais, quantos hoje acreditam em mentiras sobre as drogas, sobre as falsas religiões, sobre conceitos errados de vida... Vivemos num mundo de mentiras. E o alvo dos nossos estudos é justamente este: abolir as mentiras de nossas vidas e recuperar todo o saber perdido.

A cabecinha de Geraldo parecia explodir, quando angustiado perguntou:

— Mas, por que não podemos ver esses seres?

O professor vagarosamente acrescentou:

— Eles vivem bem perto de nós, mas devido aos erros que adquirimos em múltiplas vidas, perdemos a capacidade de ver a matéria invisível que encobre todo o globo terrestre e o lugar onde eles vivem. Eles foram os nossos primeiros mestres e amigos. Estreita amizade nos unia. Contudo, com o tempo passamos a acreditar nas mentiras deslavadas dos sacerdotes que propagavam, entre outras coisas, que os enteais eram demônios. Fomos nós que nos afastamos deles.

— Que pena, professor, tristemente falou Gabriela, que perda lamentável! Não podemos recuperar isso?

— Se for possível, será após o Juízo da humanidade. O Senhor está limpando Sua casa. Quando ela estiver novamente limpa, tenho esperança que aqueles que herdarem a Terra poderão vê-los novamente e reatar a amizade perdida.

— Qual a altura dos gigantes? Interrompeu Guilherme.

— Isso vocês já leram no livro. Eles têm a altura de uma torre. A construção da Grande Pirâmide se deu há 6.500 anos. Naquela época, a queda vertiginosa do ser humano para os abismos da ignorância já estava bem acentuada. Mesmo assim, eles se mostraram para o povo, porque iriam trabalhar juntos naquela grande obra. Assim mesmo não eram vistos por todas as pessoas. Já naquela época muitos seres humanos já haviam perdido a capacitação de vê-los.

Luizinho, como se lamentando:

— Ainda não consegui acionar a memória intuitiva que guarda a lembrança deles.

— Todos os povos antigos viam os enteais e os amavam. Os gregos, germanos, troianos, caldeus, egípcios e outros deixaram registrados, por exemplo, que o Castelo onde viviam os enteais chamava-se Olimpo ou Valhala. Denominavam os grandes regentes desse castelo segundo o

significado na respectiva língua. Após estudar o significado dos nomes e a descrição dessas colossais figuras, chegou-se à conclusão de que realmente todos os povos os viam. Ora, vamos refletir, os povos não tinham como se comunicar, um não sabia do outro, falavam línguas diferentes e, no entanto suas descrições e o significado dos nomes eram exatamente iguais. Eles eram todos mentirosos?

Otávio conseguiu captar a lógica da explicação do professor, meneando a cabeça afirmou:

— Não temos nem argumentos para negar isso. Tudo parece tão lógico!

— Professor, eu aceito isso com certeza absoluta. Sinto não saber da existência deles há mais tempo. Quando menina lia os livros dos Irmãos Grimm. Eles falavam desses seres, como os gnomos da terra, as fadinhas das flores, os elfos das árvores, as ondinas dos rios e lagos e ainda outros. Um dia, conversando com minha mãe, ela negou a existência deles. Acreditei na minha mãe, mas chorei muito, pois acreditava neles. Para mim foi uma grande perda. Durante muito tempo ainda guardava a presença deles em meu coração. Depois o tempo passou e acabei me esquecendo. Agora, sabendo da existência deles, parece que voltei aos tempos de menina e a alegria voltou, falou Mônica emocionada.

— Para mim, aceitei isso como uma verdade irrefutável ao ler a história deles relatada em nosso livro, confessou alegremente Flávia.

— Já para mim parece que estou estudando estórias da carochinha, disse vagarosamente Felipe.

— Felipe, como você explica, então, no caso da construção da Grande Pirâmide, o transporte para o local da obra daquelas pedras que pesavam toneladas, e como ainda foram carregadas para cima? E isso há 6.500 anos, quando não havia nenhuma máquina, orgulhosamente disse Geraldo, desafiando as palavras de Felipe.

O professor olhando bondosamente para Felipe:

— Sua memória intuitiva está um tanto apagada. Mas continue a ler o livro. A próxima obra que vamos estudar faz menção deles e de suas capacitações. Acredito que com essa próxima leitura sua memória vai como que acender.

Ao tocar o sinal, Otávio se adiantou e perguntou ao professor se ele podia atendê-lo em sua casa, pois se tratava de um assunto particular e de muita importância.

— É realmente importante, Otávio? Se for, esteja lá hoje às sete da noite.

— Obrigado professor, estarei lá nesse horário.

**O**távio subiu as escadas correndo, procurando por Dalila. Ela abriu a porta do quarto, assustada:

— O que se passa?

— Consegui um atendimento com o professor, alegremente comunicou à irmã.

— Mesmo?

— Hoje às sete.

— Você vai contar tudo para ele sobre o Aristides?

— Não vou citar nomes e sim os fatos. Preciso ajudar o Aristides a compreender o que está acontecendo com ele.

Os dois irmãos desceram as escadas e se encaminharam para a cozinha. Estava na hora do lanche da tarde.

— **R**oberto, você trouxe apostila hoje? Questionou Sílvia.

— Sim, mãe. Vou buscá-la.

O Dr. Armando era dos quatro membros da família o mais interessado. Constantemente refletia sobre tudo e parecia inconformado pelo fato de existirem coisas que fugiram de seu conhecimento nesses anos já vividos.

— Quero saber mais. Será que a apostila de hoje fala sobre os auxiliares de Deus?

— Mãe, o Roberto já chegou? Ele trouxe a apostila? Perguntou Flávia entrando na sala.

— Sim, ele foi buscá-la.

— A apostila de hoje vai nos dar uma grande saudade. Uma saudade indefinida. Com a chegada de Roberto uma esperança brotou no Sr. Armando.

— Aqui está. Posso começar a ler? Roberto deu uma olhada em torno e percebeu a anuência de todos. Após a leitura esperou que alguém começasse a conversação.

O Dr. Armando foi logo mostrando suas reflexões:

— Há muita lógica nesses argumentos. Se esses diferentes povos não se conheciam, se distâncias imensas os separavam, se falavam línguas diferentes e se, ainda assim mencionavam as mesmas coisas, os mesmos seres... Por que duvidar?

— Eu não tenho a menor dúvida sobre a existência deles, afirmou serenamente Flávia. Sei que à medida que eu for sabendo mais a respeito deles vou amá-los e sentir saudades...

— Parece mesmo incrível que após tanto tempo, tantas vidas, os auxiliares do Senhor vão fazer parte novamente de nossas vidas, nem acredito! Alegrementemente afirmou Sílvia.

— Será que o povão vai aceitar essa revelação? Estou duvidando!

— Na reunião geral com eles vou argumentar muito bem, pois quando temos convicção de uma coisa torna-se mais fácil convencer os outros, principalmente se a intuição deles for acionada. Flávia fez essa afirmativa com confiança, pois sentiu que poderia demover muitas pessoas das concepções enganosas da vida atual.

— Preciso me preparar muito, pois acredito neles sem convicção. Parece que está faltando alguma coisa, afirmou Roberto ainda preocupado. O professor disse que haverá um segundo livro que vai elucidar tudo isso.

**T**ambém na casa de Geraldo as expectativas sobre o saber dos auxiliares do Senhor eram grandes. D Iracema meditava sobre isso, pois quando menina se falava muito das fadas das flores.

— Geraldo, estamos ansiosos para saber se o professor mandou aquela apostila, que tanto estamos aguardando.

— Sim, mãe, vou buscá-la.

Já no retorno de Geraldo todos já estavam à espera do início da leitura. Após a leitura, Geraldo se antecipou nos comentários.

— A aula sobre esta apostila foi muito boa, pois despertou muito interesse entre nós.

— De fato, a notícia sobre a existência desses auxiliares vai mexer muito com as cabeças dos materialistas. Há muito tempo a existência deles foi negada por toda a imprensa. Lembro-me que, há algum tempo, foi noticiado sobre umas meninas videntes que afirmaram ver as fadinhas das flores, falou Iracema com muita ênfase. A imprensa do mundo inteiro queria essa confirmação. Ao final, tudo foi negado para a decepção de todos. Eu me lembro como esse fato despertou tanto interesse. Torcíamos para que fosse verdade. Os que viveram naquela época, com certeza, irão se lembrar. Com essa notícia de agora, parece que a alegria voltará para muitos.

Sr. Jerônimo, completando a história de Iracema mostrou que a torcida que se formou para que fosse verdadeira a história das meninas sinaliza que dentro da alma das pessoas existe a lembrança bem-vinda dos auxiliares!

— É mesmo, pai, sua explicação é bem lógica, concordou Geraldo.

**F**altavam cinco minutos para as sete horas quando a campainha tocou na casa do professor. Abrindo a porta o professor sorriu ao deparar com Otávio.

— Gostei da pontualidade, Otávio. Assim é que deve ser.

Colocando Otávio em sua dianteira, o professor encaminhou-se atrás dele, até a sala de visitas. Era uma sala acolhedora com móveis antigos. Nas paredes, quadros mostravam paisagens e animais. Numa das paredes fotos dos familiares. Otávio olhou rapidamente para o ambiente e após ocupar o lugar indicado para sentar iniciou o diálogo com o mestre.

— Antes de mais nada quero mais uma vez agradecer ao senhor pela gentileza desta recepção em sua casa.

— Vamos lá, em que posso ajudar?

— Estou numa encruzilhada e não sei que caminho tomar. Vou narrar para o senhor o que está acontecendo.

**N**a casa do Sr. Jerônimo, Geraldo termina a leitura...

— Estou encantada com os argumentos do professor Hércules. Quem não acreditar nessas evidências é porque está muito inativo, está indolente espiritualmente falando, comentou Iracema.

— Acontece que durante muitas vidas terrenas eles não foram lembrados. Agora vai demorar um pouco para se acostumarem com a ideia, completou Jerônimo.

Iracema continuando as reflexões expressou-se ainda com mais lógica:

— Todos têm essas impressões gravadas em suas almas. Agora é só acioná-las, não é assim, Geraldo?

— Sim, eu também acho que é exatamente assim. O professor disse que não são muitas as pessoas que conseguirão se lembrar deles.

— Para mim o saber da existência deles veio completar algo que faltava, disse empolgado Sr. Jerônimo. Por vezes, diante da beleza da natureza, ficava imaginando como será que tudo fora feito! Tanto esplendor não poderia ter surgido do nada. Agora, quando formos para a fazenda, vou olhar tudo com outros olhos. Sabendo da presença deles, vou achar ainda tudo mais belo e compreenderei melhor a grandeza e o poder de Deus.

— É mesmo, pai! Se todos eles também foram criados pelo Todo-Poderoso, a noção do poder e da grandeza de Deus aumenta para nós. É muito bom, estou confiante, mais do que nunca.

**N**a casa do professor, as explicações deste esclareceram bem os últimos fatos.

— A ligação entre esses dois meninos já vem de outras vidas, afirmou o professor.

— Foi o que pensei.

— Nesta vida tiveram a oportunidade de resgatar antigos erros, mas acabaram fortalecendo ainda mais as ligações cármicas entre ambos.

— Mas, professor, esse meu amigo não poderá resgatar ainda nesta vida essa terrível ligação?

— Como, Otávio? Ele precisará conhecer todas as Leis de Deus, para poder vibrar nelas. Precisarão ainda conseguir a elucidação da alma do rapaz que morreu e o seu perdão.

— Mas o rapaz não deixava o meu amigo em paz. Insistia para usufruir do meu amigo, que não é gay. Foi ele quem deixou o meu amigo endoidecido.

— Mas ele se deixou envolver. Ele não seguiu a intuição que o advertiu para não se envolver. Ele mesmo disse que baixou a guarda no momento de dizer não. Viu, Otávio, que grande erro é deixar de seguir a intuição?

— Outra coisa que não entendo é como pode haver paixão entre dois homens? Como pode acontecer isso?

— Esse problema é muito sério. Vamos falar sobre isso somente no final do nosso curso, ou então só para o início do próximo ano.

— O senhor acha que o meu amigo deve se entregar para a polícia? Perguntou esperançosamente Otávio.

— Mesmo que ele se entregue e sofra as penalidades da lei, isso não significa que vá resgatar esse fio do destino. Agora depende dele, da boa vontade dele de querer consertar todo o errado. O sofrimento dos familiares também conta.

— Bem, vou procurar falar tudo com ele. Não sei se conseguirei elucidá-lo.

Otávio levantou-se e se encaminhou em direção à porta. O professor fez o mesmo. Despediram-se ali.

Nesta décima aula do professor, a classe estava tumultuada com as conversações sobre os auxiliares do Senhor.

— Quem ainda não acredita na existência dos auxiliares?

Oito alunos levantaram a mão.

— Quem quer, então, responder às minhas perguntas? Indagou o professor.

Nenhum levantou a mão.

— Luizinho, por favor, me responda. Como você acha que foi feita a natureza?

— Já me perguntei sobre isso e não cheguei a nenhuma conclusão. Às vezes acho que foi Deus quem criou tudo, inclusive nós, respondeu Luizinho de uma maneira acanhada.

— Ele pessoalmente desceria das alturas infinitas para, sozinho, construir tudo?

— Acho que sim, murmurou Luizinho.

— Você não acha que Ele, tendo esse poder de construir tudo, não teria também o poder de criar seres auxiliares? Indagou o mestre.

— Bem, isso é.

— Os reis da Terra não têm seus servos? E o Todo-Poderoso não poderia ter também os seus servos? Você não acha que Ele é mais poderoso que os reis da Terra?

— Sim, claro. Ele tem que ser infinitamente mais poderoso, pois foi Ele quem criou os reis da Terra, suponho eu.

— Então qual é a dúvida, Luizinho?

— É, não havia pensado nisso dessa maneira, de fato tem lógica essa nova imagem que o senhor acabou de mostrar.

Geraldo aguardava as conclusões do professor para dar seu aparte:

— Já quebrei a cabeça para encontrar uma resposta para a construção da Grande Pirâmide. Não encontrei nenhum meio que pudesse esclarecer como se deu a construção dessa imponente obra. A única verdade mesmo tem que ser a existência dos gigantes. Quando cheguei a essa conclusão fiquei com vontade de vê-los. Espero que um dia ainda possamos merecer esse presente.

O aparte de Felipe foi cheio de emoção:

— O que mais me impressionou é a amizade dos gigantes com Piramon. A gente sente algo novo, pois se trata de um sentimento de amizade e ao mesmo tempo de amor que nunca experimentei antes.

— Quero agora falar sobre a reunião de vocês com o povo, interrompeu o professor. O que vocês têm a me dizer?

— Estamos marcando a reunião para o próximo sábado, afirmou Felipe.

— Comecem com as leituras das apostilas para que eles tomem conhecimento das noções básicas da vida espiritual. Se eles compreenderem isso, tudo ficará mais fácil.

Flávia pediu atenção:

— Foi bom falar sobre isso. Estávamos querendo selecioná-los de acordo com o nível de maturidade escolar de cada um.

— Não se esqueçam de que nossa matéria é para o íntimo das pessoas, é direcionada para nossa essência. Vai haver pessoas com pouca escolaridade, mas que serão mais maduras do que aqueles que têm mais estudos, lembrou o professor.

— Quero lembrar ainda que as pessoas que procuraram ajuda estarão tocadas em seu íntimo pelas revelações do Juízo Final, lembrou Otávio. Se basear o estado delas com o meu estado, posso garantir que muitas delas estão sem dormir. Eu e minha irmã ficamos acordados até altas horas, conversando e procurando entender tudo direitinho. Compramos o livro e agora disputamos os horários para as leituras. Nunca gostei de ler, mas agora tudo é diferente.

— Eu e minha avó estamos chocados, pois nem por um minuto duvidamos das verdades ali narradas. Apenas estou preocupado, professor, com a vinda do Grande Cometa e eu também sumir nestas catástrofes provocadas por ele, temerosamente falou Felipe.

Muitos dos alunos mostraram também as mesmas preocupações. Olhando para os semblantes preocupados de seus alunos o professor foi dizendo calmamente:

— O medo dos cometas está estreitamente ligado ao Juízo Final. Chegou para todas as pessoas e todos os povos, a notícia da chegada desse maravilhoso Cometa, explicava pausadamente o professor. Não havia um só ser humano que duvidasse dessa notícia, pois desde longos tempos cada acontecimento e cada saber superior eram retransmitidos por videntes. Esse conhecimento sobre o Grande Cometa não se perdeu, nem com a morte terrena. Continuou a viver nas almas humanas. É necessário apenas um leve clicar para vir à tona até o cérebro. Ninguém conseguirá escapar do Juízo sem uma grande transformação íntima.

— E aqueles que não estão sabendo de tudo isso? Exclamou preocupado Leonardo.

— Não sabem porque não buscam saber. Nesta época vai ser assim: ou o ser humano se enquadra nas leis de Deus, ou será, sim, atingido pela limpeza que já está se processando. Só não vê isso quem não quer.

Os alunos olhavam assustados para o professor, que ainda perguntou:

— Por que o medo? O medo vem do sentimento de culpa. No fundo cada um sabe que errou muito, nesta e em outras vidas.

— Como se livrar do medo? Interpelou Felipe.

— Confie na Justiça do Senhor, e mudem suas fontes de interesse. Mudem seus pensamentos e seus hábitos, busquem a ligação com o Alto, a fonte de toda vida, só assim poderão ficar livres do medo.

— Essa transformação já se processou em mim. Estou ligada nisso dia e noite. É um calor que tomou conta de todo o meu ser, emocionada confessou Flávia. Não mais tenho medo do Juízo e do Cometa. Sei que esse saneamento na Terra tem que se processar. Confio incondicionalmente na Justiça do Senhor, pois sei que Ele é perfeito.

A classe olhava para Flávia com grande admiração. Aquela confissão deu estímulo a todos!

— Com essa transformação, Flávia, mudarão as cores de sua aura magnética, e com certeza você será protegida, acrescentou ainda o professor, pois bem percebeu que os outros alunos, diante dessa confissão dela, também foram tocados no íntimo.

Ouve-se o sinal. Os alunos emudecidos nem se mexeram para a saída. Com a saída do professor... aproveitando o silêncio reinante, Leonardo acrescentou:

— Penso que minha memória intuitiva foi clicada com sucesso!

A classe toda olhou para ele com satisfação.

**N**o encontro dos alunos com o povo a perplexidade foi grande, não esperavam o comparecimento de mais de trezentas pessoas. Geraldo adiantou-se ao microfone:

— Sejam bem-vindos ao nosso encontro. Não esperávamos por tanta gente. Estamos felizes que todos vocês tenham se interessado por assuntos que nos toca a alma. Hoje queremos ouvir de vocês o que mais os impressionou na reunião das Revelações. Como são muitos, vamos iniciar logo. Quem quer começar?

Muitos levantaram a mão. Indicando para o primeiro da fila acrescentou:

— Pode subir, o microfone é todo seu.

Um homem bem trajado subiu rapidamente a escada. Cumprimentou a todos com muita simpatia. Aproximando-se, falou com firmeza:

— Meu nome é Fernando. Assisti à reunião das Revelações. De início confesso que achei tudo alarmante demais. Depois que comecei a ler o livro indicado, mudei de ideia. Aliás, não só mudei de ideia como mudei todo o meu ser. Contudo, estou aflito pela humanidade em geral. Acho que não dará tempo de todo mundo ouvir as profecias para iniciarem as mudanças necessárias. Pergunto: o que vocês pretendem fazer a respeito?

Os alunos entreolharam-se e imediatamente Flávia foi a aleita para responder:

— No momento estamos preocupados em formar um grupo maior de auxiliares. Esse saber terá de chegar a outros centros de ensino e a outros lugares. Acredito que depois desta primeira fase de estudos, muitos de vocês estarão preparados para fazer o que estamos fazendo agora. E assim, esperamos que as notícias corram com a velocidade do vento.

O senhor Fernando agradeceu dizendo:

— Podem contar comigo. Desceu as escadas com a mesma pressa que subiu.

Novamente voltando para o alto-falante Geraldo indicou para a segunda pessoa que havia levantado a mão. Tratava-se de uma mulher um tanto descabelada que subiu lentamente as escadas. Ao chegar em cima, olhou demoradamente as feições dos auxiliares presentes e aproximou-se do microfone.

— Meu nome é Fátima! Fiquei sabendo das notícias do Juízo Final e gostaria de saber mais a respeito, pois estou muito nervosa com essas notícias. Tudo isso é realmente verdade? Como posso saber se vou para o sarcófago ou se ainda poderei ser salva?

Desta vez coube a Gabriela responder:

— Sim, D. Fátima, tudo isso é realmente verdade. Se a senhora realmente se interessa pela sua melhora como ser humano, venha ao nosso curso na próxima terça-feira e então tudo ficará mais fácil. Não tenha medo. O medo prejudica. Confie no Senhor de Todos os Mundos. Todos deverão aproveitar essa grande oportunidade para conhecer a Vontade de Deus. Devagar iremos corrigir todos os erros que temos em nosso íntimo e que nos prendem como cadeias. Quanto ao sarcófago, a explicação é a seguinte: Ele mostra simbolicamente que a humanidade espiritualmente está quase toda morta. A humanidade está quase toda presa à matéria, portanto podemos nos considerar materialistas. Precisamos mudar nossa sintonia e mudar também nosso comportamento. Deixarmos de ser tão presos às matérias e movimentar o nosso íntimo, introduzindo nele as verdades eternas. Aproveite seu tempo agora para conhecer realmente qual é a Vontade de Deus, Quem ele é, e o que Ele quer que nós.

D. Fátima agradeceu e se retirou. Desta vez foi Roberto quem, aproximando-se do microfone, perguntou:

— Quem é o próximo?

Um senhor de mais idade levantou-se e vagarosamente caminhou para a escada que estava a pouca distância. Ao chegar ao palco, sem cerimônia aproximou-se do microfone.

— Meu nome é Isidoro. Em primeiro lugar quero expressar meus profundos agradecimentos a estes jovens que aqui se encontram, dando tanto de si, para que uma nova Luz possa reinar nesta Terra atualmente tão obscurecida por erros. Quero fazer uma pergunta que há muito tem me oprimido. Será que o Amor do Senhor é tão grande que possa perdoar todos os nossos erros cometidos nesta vida e nas vidas passadas? Devo ainda ter esperanças de um perdão?

Desta vez coube a Mônica a explicação:

— Sim, senhor Isidoro, pode confiar no grande Amor do Senhor. No entanto, o senhor terá que saber que esse tão grande Amor é inseparável da mais severa Justiça. Antes do perdão é preciso que o senhor mude radicalmente o foco de seus pensamentos, sua maneira de ser e todo o seu querer. Os auxiliares de Deus saberão colocar tudo o que o senhor fez de errado diante de si para que possa chegar ao reconhecimento dos erros. Deverá ainda conseguir o perdão das pessoas que o senhor prejudicou. Enfim, eles saberão conduzi-lo às mudanças.

Sr. Isidoro, com os olhos marejados de lágrimas, agradeceu mais uma vez e retirou-se em silêncio.

Meio sem jeito, Otávio aproximou-se do microfone:

— Alguém mais tem perguntas?

Uma senhora morena, bem vestida, levantou a mão e saiu caminhando em direção à escada. Já diante do microfone e após os cumprimentos e agradecimentos, disse pausadamente:

— Meu nome é Rebeca. Respondam-me, por favor. Os auxiliares em geral e os gigantes ainda vivem e ainda permanecem perto dos seres humanos? Isso é verdade?



— Sim, os auxiliares ainda vivem, disse Roberto com convicção. Ainda executam seu trabalho como antes. Sem eles, a vida na matéria seria impossível. Mas, não mais se aproximam dos seres humanos, pois nós não guardamos mais a lembrança deles em nossos corações.

Insistindo, dona Rebeca, prosseguiu:

— Mas, com a nossa mudança e com a nova sintonia de vida eles se aproximarão novamente?

— Vai depender muito da intensidade do nosso querer para atraí-los mais uma vez para perto de nós, acrescentou novamente Roberto. O mais certo é não esperar por isso, pois a humanidade em geral está ainda muito decadente. Mesmo nós que já sabemos muita coisa deles ainda trazemos muitos erros em nós. É preciso lembrar ainda que o nosso saber está apenas começando!

Desta vez coube a Leonardo o alto-falante:

— Alguém mais tem perguntas?

Levantou-se agora uma linda jovem que, abrindo espaço, caminhou até o microfone. Com um lindo sorriso, cumprimentou a todos:

— Meu nome é Vera. Quando virá o Grande Cometa? Acompanhei pela Internet grandes catástrofes que assolam o mundo já há anos. Todas essas catástrofes são resultado da aproximação do Grande Cometa?

— Não temos previsão da chegada dele. Sabemos apenas que está próximo. Há relatos de que já está visível nos telescópios infravermelhos.

Leonardo chamou pelo próximo indagador:

— Alguém mais?

Desta vez uma senhora de cor, esbanjando simpatia, levantou-se e começou a se fazer presente.

— Estou chegando, esperem por mim!

— Meu nome é Jane. Eu e minha família conversamos muito sobre esses assuntos na hora do jantar. Noto, no entanto, que minha filha de quinze anos está com medo do Grande Cometa. Ela está sentada lá no fundo, esperando por uma resposta.

— Não é preciso ter medo dele. Desde muito tempo a notícia da vinda do Cometa alcançou todos os povos. Temos impressas em nossas almas tais notícias. Ninguém conseguirá escapar do Juízo, uma grande transformação íntima terá que acontecer. Agora, ou o ser humano se enquadra nas Leis de Deus ou vai ser atingido pela limpeza que já está acontecendo na Terra. Mas devemos confiar na Justiça do Senhor. Contudo, devemos mudar o foco de nossos pensamentos e os nossos hábitos de vida. Buscando por essas mudanças, não é preciso ter medo. Em nossos estudos, todos esses assuntos serão abordados, falou Flávia bondosamente.

— Há mais alguém que queira fazer perguntas? Perguntou Luizinho que se colocou em frente ao alto-falante.

Desta vez foi Mônica que, antes que alguém fizesse outra pergunta aproximou-se do microfone:

— Essas dúvidas serão tratadas no curso que terá início na próxima terça-feira, às sete e trinta. Com um grupo menor ficará mais fácil tirar as dúvidas. Vocês concordam?

Houve um vozerio.

— Quem concorda levante a mão.

A grande maioria levantou a mão.

— Que vocês tenham um bom final de tarde e que a paz esteja com vocês.

Na plateia, um rapaz levantou-se:

— Posso fazer ainda uma pergunta?

Como Luizinho ainda permanecia perto do microfone foi logo dizendo:

— Venha logo, estamos esperando.

— Meu nome é Jair. Esse Juízo Final já aconteceu ou ainda vai acontecer? O sarcófago espera quase toda a humanidade que está morta. Quando isso se dará?

Desta vez foi Luizinho quem respondeu, pois estava bem ao lado.

— O Juízo Final, senhor Jair, já está acontecendo. As doenças que assolam a humanidade, as guerras e rebeliões, os assassinatos, as brigas, os terremotos, erupções vulcânicas, tsunamis, tornados. Enfim, todas as catástrofes da Natureza demonstram que um terrível acerto de contas da humanidade com o Criador, já está acontecendo. Porém, não se trata de castigo. Deus não castiga ninguém. Trata-se, sim, de Justiça. Isso ainda sem falar no maior mal de nossa época, que são as depressões. Difícil encontrar um ser humano que hoje em dia não sofra algum distúrbio desse tipo.

— Muito obrigado pela resposta. Agora compreendi como se processa o Juízo Final. Quero acompanhar os estudos.

Luizinho ainda acrescentou:

— Minha colega anteriormente disse que todas essas perguntas serão respondidas durante o curso. Esperamos todos vocês na terça-feira.

O povo levantou-se e as palmas começaram com grande força. A turma do 3º ano retirou-se devagar, acenando.

**S**aída do anfiteatro:

— Puxa gente, sinto algo tão forte sobre nós. Será que é apenas impressão minha? Observou Leonardo.

— Não, não é não. Também estou sentindo isso, confirmou Gabriela.

As vibrações de alegria estão nos atingindo. Estou muito feliz e alegre. Trata-se de uma alegria diferente, vem de dentro de mim.

— Também sinto isso. Serão mesmo vibrações de alegria? Vou perguntar para o professor, disse Roberto sorrindo.

Os alunos se separaram, cada um com seus sentimentos e pensamentos. Vivenciaram eles pela primeira vez a alegria de dar ao próximo a elucidação, de serem considerados mestres! Apesar de ainda tão jovens, sentiram o peso da responsabilidade!

**F**lávია procurou pela mãe. Encontrou-a nos fundos da casa ensinando Aracy a fazer doce de leite no tacho de bronze. Ficou observando as explicações da mãe, que ao mesmo tempo mexia com a colher de pau. D. Sílvia nem percebeu a chegada da filha.

Aracy, a empregada da casa, foi a primeira a ver Flávია.

— Você também quer aprender a fazer doce, Flávिया?

— Boa tarde, Aracy. Não, hoje eu não quero aprender a fazer doce.

— Ci, filha, faz tempo que você chegou? Falou Sílvia virando a cabeça em direção à porta. Não via a hora de você voltar. Estive pensando, também quero estudar mais. Preciso estar confiante em me apresentar diante do povo. Quero auxiliar nesta grande transformação.

Ao se aproximar, Sr. Armando ouve as palavras de D. Sílvia:

— Estou orgulhoso de você.

**C**om a entrada do professor, o vozerio alto cessou. O professor como sempre passando os olhos para os semblantes alegres de seus alunos...

— Quem vai ser o narrador?

Posso iniciar hoje? Perguntou Leonardo.

— Claro, vamos lá.

Leonardo iniciou sua narrativa com muito entusiasmo.

— Professor, a reunião transcorreu com muita paz e elevação. As perguntas denotavam que estavam realmente interessados em sua melhora íntima. Cada um de nós respondeu a uma pergunta. Foi uma experiência marcante, acredito que para todos nós. Respondemos com muita calma e pareceu-me que fomos ajudados pelos bons espíritos, pois a inspiração surgiu e com isso nos saímos muito bem.

Interessado, o professor perguntou:

— Quantas pessoas compareceram ao evento?

— Mais de trezentas pessoas, animadamente respondeu Roberto.

— Mesmo? Vocês são em dez. Serão trinta pessoas para cada um de vocês.

— Professor, meus pais vão também ser instrutores, falou Flávia radiante de alegria.

— Meus pais e minha namorada também pretendem ajudar, falou Geraldo.

— Meus pais também, acudiu apressadamente Mônica.

— Minha mãe também quer ajudar, completou Gabriela.

— Falarei com minha irmã, acredito que também ela poderá ajudar. Minha namorada gosta muito de tudo que estamos estudando e também se prontificou em prestar ajuda, orgulhosamente informou Otávio.

Animado, o professor concluiu:

— Nesse caso vocês já são 20 instrutores. Serão portanto 15 pessoas para cada instrutor. Vocês já perceberam então que a coisa é muito mais fácil do que se pensava? O mais importante é que vocês tenham o amor no coração. O Amor ao Criador e às suas criaturas abrirá o caminho para a inspiração. As pessoas estão aflitas e sofridas, portanto se abrirão com mais facilidade para os ensinamentos.

— Será que uma turma não irá atrapalhar a outra? Ponderou Roberto.

— Se isso acontecer poderemos separar dez turmas para cada dia da semana, concluiu Otávio.

— Boa ideia, Otávio. Vocês se sentem preparados?

Os alunos se entreolharam...

— Não sei se estamos preparados, mas sei que estamos confiantes, respondeu Geraldo por todos.

— A primeira vez servirá para a adaptação. O instrutor deverá acompanhar com paciência o passo de cada um. Criar situações que ensinam o conceito. Eu sei muito bem que vocês estão preparados, estimulou o professor.

— Professor, caso apareçam situações onde deveremos colocar a Justiça Divina, sei que não estarei preparado. Vou ficar embasbacado sem saber o que dizer. Nesse ponto sei que não estou preparado ainda, inseguro confirmou Geraldo.

— Alguém quer dar uma palavra de alento ao Geraldo? Perguntou sorrindo o professor.

Todos se calaram. Não sabiam o que dizer.

— De fato, é difícil criar uma situação onde se fala sobre a Justiça Divina. No caso de aparecer digam com sinceridade que vocês irão se informar e depois trarão a resposta, continuou o mestre.

Lembrando-se de um exemplo, Leonardo aparteou:

— Ontem ouvi pela TV que uns policiais foram dar batida num bar que alguns bandidos costumavam frequentar. Pediram os documentos das pessoas que lá estavam. Dois deles estavam sem documentos. Explicaram aos policiais que moravam ali perto, portanto deixaram de levar seus documentos. Os policiais não acreditaram neles, mandaram para o camburão, para encaminhá-los à delegacia. Um elemento que estava chegando, percebendo a situação, sacou a arma, acertando um dos policiais. Estes reagiram e acabaram matando todos. Após a apuração verificaram que os dois sem documentos eram trabalhadores honestos, que estavam ali apenas para se divertir, enquanto os outros eram realmente bandidos com documentos falsos. Os policiais que mataram esses inocentes adquiriram débito com eles?

O senhor Hércules, examinando as feições curiosas de seus alunos:

— Vou responder a essa pergunta através de outras perguntas:

1ª – Pode ser chamado inocente quem anda com bandido?

2ª – Trabalhador honesto fica na rua até altas horas? De alguma maneira esses trabalhadores nutriam simpatia pelos bandidos, pois os procuraram nos lugares onde se reuniam. Esses trabalhadores se sentiram atraídos para o bar por ter chegado sua hora. Se aparecer uma cobra em

seu quintal, antes de matá-la você vai verificar se ela é venenosa ou não? Essa cobra estava fora do lugar, portanto deve-se matá-la. O mesmo aconteceu com aqueles trabalhadores. Estavam fora do lugar onde deveriam estar àquela hora da madrugada, essa é apenas uma das razões... Enfim, são tantas as razões que levam ao desencadeamento de um carma, que se torna difícil para nós sabermos todas.

— Quando o senhor explica parece tudo tão lógico! O pior é que agora os policiais que executaram aquelas pessoas vão ter que responder processo pela justiça terrena, não é? perguntou Geraldo.

— No entanto, esses policiais trabalharam na limpeza que agora está se processando na Terra, estou certa? quis saber Flávia. Eles nem sabem do Juízo Final, nem sabem do trágico acerto de contas do Criador com suas criaturas. Na realidade, esses policiais serviram mesmo é de instrumento.

Luizinho continuando suas reflexões:

— Acho que as instituições humanas e as pessoas em geral não estão preparadas para aceitar essas explicações, que afinal, são tão lógicas.

— O falso amor tomou conta das pessoas em geral. Querem a todo custo ser consideradas 'boazinhas', não consideram que a Justiça de Deus não tem nada dessa moleza enervante à maneira humana. Afinal, é muito mais fácil ser 'bonzinho' do que ser justo. É muito mais fácil ser considerado vítima do que culpado. O pior é que as leis terrenas acompanham essa ideia repulsiva, afirmou categoricamente o professor.

— É mesmo. O pior ainda é que tudo que está acontecendo de trágico na natureza, com milhares de mortes e desabrigados, é tido como obra do acaso. Nem sequer cogitam que o Senhor está irado com a espécie humana e que tudo o que está acontecendo faz parte da limpeza de nossa querida Terra, opinou Gabriela emocionada...

Como é bom falar sobre esses assuntos. Falar da Justiça de Deus dá-me alento para a luta. Quero mais do que nunca trabalhar para a elucidação do povo que nos procurar, disse animadamente Geraldo.

Ao bater o sinal, ninguém se mexeu. Os pensamentos estavam ainda pousados na Lei da Justiça. Aos poucos foram saindo vagarosamente.

**O**s estreantes na arte de ensinar estavam vivendo dias ditosos. Com amor no coração estavam levando muito a sério esse começo. Ao todo eram 20 instrutores. Nesse dia apareceram quase 400 pessoas. Notava-se ansiedade e expectativa nos presentes. Os instrutores foram chamados pelo nome e por ordem de inscrição. A cada vinte pessoas chamadas saía um instrutor do palco e seguia para o fundo do auditório compondo os grupos que aos poucos se aglomeravam junto ao instrutor. Assim foi facilmente organizado tudo de uma maneira satisfatória. Iniciou-se dessa forma a grande transformação nos conceitos de vida, tão necessária para a melhora de todos. Instrutores e instruídos se entrosavam cada vez mais profundamente, devido aos elevados ensinamentos que tocavam a alma de todos.

O primeiro grupo chamou a Otávio.

— Que bom que vocês se interessam pelos assuntos que tocam nossa alma. Espero que entre nós se formem laços de confiança. Quero que se sintam à vontade para perguntar sobre aquilo que não entenderam. A matéria que vamos estudar aqui é a mesmíssima que o professor nos ensinou em classe. Trata-se de conceitos e ensinamentos necessários para que possamos entender as necessidades das mudanças em nós mesmos e no meio em que vivemos.

Um aluno de nome Giba levantou a mão e pediu licença para perguntar:

— Estou muito interessado nos assuntos referentes ao livro da Grande Pirâmide. Nós vamos abordar as profecias e ensinamentos contidos ali?

— Claro, podemos falar sobre isso primeiro.

— Estou muito impressionado na profecia que afirma que quase toda a humanidade estaria morta espiritualmente nesta fase do Juízo Final. O livro é bastante convincente, porém, essa afirmativa me parece um tanto exagerada. Até que ponto essa profecia é verdadeira?

— Essa profecia é absolutamente verdadeira, respondeu Otávio com segurança. A nossa vida do dia-a-dia nos leva a um tipo de sintonia em que achamos tudo normal. Mas essa vida que levamos é falsa, porque não nos conduz a um saber sobre a verdadeira vida. Toda nossa vida tem sido materialista, isto é, estamos apenas ligados às matérias. Contudo, nossa essência, a nossa alma, quer mais. Precisa de alimento, assim como nosso corpo físico precisa de alimento para viver aqui no mundo visível.

— E qual é o alimento da alma? Continuou Giba?

Pausadamente, Otávio formulou seus pensamentos:

— O verdadeiro saber que vem do Alto, e não esse que aprendemos nas escolas, nas famílias e nas religiões em geral. Hoje iniciaremos o nosso estudo aprendendo a diferenciar o que é uma pessoa erudita e o que é uma pessoa sábia. A erudição é justamente essa que aprendemos nas escolas, nas Universidades e nos livros. Sabedoria é essa que guardamos dentro de nossa alma. Esse saber nos leva a pensar e agir de acordo com as Leis Naturais, onde o Senhor de Todos os Mundos expressa Sua Vontade.

— Quais são essas Leis Naturais, perguntou dona Carolina, preocupada.

— À medida que formos estudando essa matéria que fortificará o nosso íntimo, tomaremos o conhecimento dessas leis junto com os exemplos. Dessa forma gravaremos melhor em nossa essência. Uma dessas leis indica que temos que buscar por explicações sobre todos os fenômenos de nossas vidas. Por exemplo: Por que existem tantas doenças? Por que ficamos deprimidos? Por que nascemos? Por que morremos? Por que existem ricos e pobres? Para todas essas perguntas existem respostas que mostram a perfeição do nosso Criador. Ou Sua grandeza, ou ainda Seu grande Amor. Nós todos fazemos ideias erradas sobre o Senhor. Precisamos conhecê-lo melhor para podermos adorá-lo.

— Quando vamos começar a estudar essa matéria?

Otávio olhando para as feições dos presentes, deu um sorriso e respondeu:

Agora, caso queiram. Mas vocês não preferiram falar sobre o livro “A Grande Pirâmide”?

— Sim, respondeu outra senhora que aguardava a sua vez para falar. Gostaria de falar sobre os gigantes. Poderia falar sobre isso agora? Quero continuar a ler o livro, mas não estou acreditando na existência desses gigantes. O senhor poderá falar sobre eles?

— Claro, vamos então falar sobre isso. Os gigantes assim como outros seres que cuidam da natureza, existem de fato. Todos os povos antigos viam esses seres, conversavam com eles, pois eles foram os primeiros professores dos seres humanos. Eles que nos ensinaram quais as plantas comestíveis, quais as ervas que curam, quais as que podem tecer, como preparar as sementes para novas plantas, enfim tudo relacionado às plantas. Os grandes seres como os gigantes, se ocupam com as grandes construções, outros cuidam das grandes porções da água como, por exemplo, os trovões, as tempestades, os vulcões. Eles são chamados de Titãs. São seres servos do Criador e desempenham o trabalho deles com total perfeição e amor. São fiéis ao Senhor, mais que nós seres humanos. Bem, penso que como início desse saber, hoje foi o suficiente. Teremos essa matéria mais para frente e vocês ficarão conhecendo tudo sobre eles.

— Por que eles não se mostram para nós? Perguntou Renê, um jovem bem vestido e simpático.

Otávio, não querendo deixar a pergunta sem resposta, pensou demoradamente e falou devagar.

— Porque nós seres humanos abandonamos a amizade deles. Como eu disse anteriormente, essa matéria iremos estudar daqui a poucos dias. Para que vocês possam compreender com profundidade, necessário se torna aprender outras coisas que deveremos começar agora. Se eu falar agora sobre eles é a mesma coisa que subir uma escada e ter que pular degraus. Uma coisa de cada vez. Está bom assim?

Todos concordaram e assim a aula prosseguiu tendo como alvo os conceitos de Saber e Cultura.

O grupo de Geraldo era constituído de pessoas que já não eram tão jovens. Diante desse grupo ele falava dos gigantes que ajudaram os seres humanos a construir as grandes obras edificadas na Terra. Precisaram da ajuda deles pelos portes gigantescos dessas obras.

Flávia mostrava como uma mestra as diferenças dos conceitos de cultura e sabedoria. O grupo pedia por exemplos, pois queriam entender bem aquela diferença. Flávia então narrou a seguinte história:

— Dois grandes amigos encontravam-se passeando por uma calçada. Já desde a infância foram colegas de escola. Um deles formou-se em Direito e o outro seguiu a carreira de Biologia. Conversavam animadamente quando, de repente, se depararam com um mendigo. Este, com a perna estirada, mostrava aos transeuntes uma enorme ferida purulenta. Ficaram parados diante do mendigo sem saber bem o que fazer. Deveriam dar esmolas para aquele homem? O advogado pôs a mão no bolso e deu-lhe uns trocados. O biólogo, comovido pelo seu sofrimento, sentiu vontade de orientá-lo no seu problema. Parou na frente do mendigo e fez a seguinte pergunta: “O que será que o senhor fez para merecer tamanho sofrimento?” O homem olhou para ele sem entender nada. “Sim, meu senhor, quando um sofrimento tão grande como o seu, nos acomete é porque a pessoa fez alguma coisa de errado. O Senhor do céu não castiga ninguém, nós é que colhemos o fruto dos nossos erros. Deus é Amor, mas também é Justiça. O Senhor não pensa assim?” O homem demorou um pouco e respondeu: “Acho que sim. Estou sofrendo porque mereço. Fiz sofrer minha mulher e filhos. Abandonei-os quando ainda eram pequenos. Agora sinto que as pessoas me negam ajuda.” O biólogo acrescentou: “Se o senhor está realmente arrependido, lá no fundo do seu coração e pedir perdão ao Senhor por esta grande falha, tenho certeza que a ajuda virá.” O mendigo acrescentou: “Já estou me sentindo melhor só com essa conversa. Agora vejo que realmente mereço tudo aquilo que estou passando”. Flávia então perguntou ao grupo que ouvia atentamente sua narrativa:

— Qual dos dois homens agiu com sabedoria?

Um dos alunos respondeu:

— Sem dúvida foi o biólogo, pois aproveitou a ferida da perna para ajudá-lo na cura da ferida da alma.

— Sem dúvida, a ajuda material acabaria em pouco tempo, mas a ajuda da alma perduraria para sempre. A conscientização do erro é meio caminho andado para se resgatar um carma, falou Flávia pausadamente.

— Após hora e meia de conversação as pessoas ainda tinham perguntas e ainda estavam ouvindo muitas narrativas dos seus instrutores. Notava-se entusiasmo geral. Os assuntos eram realmente contagiantes. A alegria tomou conta da maioria. Terminada essa primeira sessão de estudos, já se falava no segundo encontro.

Na casa de Leonardo a família festejava o reencontro. Todos queriam falar, contar as novidades, mostrar os presentes e as compras.

— Mãe, temos tanto para conversar! Disse Leonardo ansioso.

— Filho, que bom que estou aqui. Como você está? Nunca estivemos tanto tempo fora!

— Como eu disse ao telefone, nunca estive tão bem.

O Sr. Fernando quis logo entrar no assunto que tanto Leonardo esperava:

— Compramos o livro que você nos indicou. Já terminei de ler. Quanta fantasia! Você acreditou mesmo nisso tudo?

— A princípio eu também pensava assim, mas agora mudei de ideia. Assim que nossa vida voltar ao normal estudarei com vocês as apostilas do meu professor e o senhor verificará que a lógica

está na existência dos enteais. Ilógico é pensar que somente seres humanos construíram aquela monumental obra, falou Leonardo confiantemente.

— Se você for capaz de me convencer que foram realmente os gigantes que carregaram aquelas pedras e as empilharam para aquela construção, eu prometo que levarei vocês para uma viagem até lá nas próximas férias.

Arregalando os olhos, Leonardo acrescentou:

*Meeesmo?* Já vou preparar minhas malas, e fazer planos para essa maravilhosa viagem.

— Confesso que ainda tenho dúvidas a respeito, filho, disse carinhosamente a mãe.

— Vamos desfazer as malas, descansar da viagem e se vocês estiverem dispostos poderemos começar nossas leituras hoje mesmo, após o jantar.

D. Patrícia concordou com o filho.

— Isso mesmo! Vamos nos recompor, Fernando. Levantou-se e encaminhou para a escada. O Sr. Fernando a acompanhou.

— **M**inha reunião com aquele grupo foi muito boa, disse Valéria, alegremente. Podemos falar agora a respeito? Dirigiu-se Valéria ao esposo e à filha.

— Claro, vamos falar sobre isso, mãe.

O Sr. Antônio rejeitou a conversa do momento.

— Não podemos falar sobre isso durante e após o jantar?

— Não, ainda falta meia hora para o nosso jantar, objetou Valéria. Preciso saber de tudo o que aconteceu com vocês.

**A** 12ª aula do professor seria a troca de importantes vivências de todos. Desta vez era o professor que estava interessado nos comentários do 1º encontro com o povo. Queria ouvir de seus alunos as vivências ocorridas.

— Quem vai ser o primeiro?

— Posso ser o primeiro? Prontamente falou Otávio. A minha primeira experiência como instrutor foi ótima. Senti-me muito seguro. As pessoas de meu grupo estavam realmente interessadas, então foi fácil lidar com elas. Na hora de falar sobre o conceito de sabedoria e de cultura, lembrei-me de tudo o que foi dito em classe e ainda, com o auxílio da apostila, não tive o menor problema.

— A minha turma estava mais interessada em comentar sobre o livro da Grande Pirâmide. Queria mais informações sobre a existência dos gigantes, interrompeu Roberto. Vi aí a necessidade de saber todas as explicações da apostila sobre a existência dos enteais. Ainda bem que me lembrei de tudo. Agora vou levar comigo todas as apostilas. Mas fiquei contente. Foi gratificante. Penso eu que todos aceitaram as explicações. Também, não têm outro jeito. Ninguém sabe mesmo replicar ou argumentar e muito menos contestar.

Flávia, cheia de si, narrou suas vivências:

— A minha turma também estava muito interessada em saber tudo. Deu para falar sobre as profecias e os conceitos de sabedoria e cultura. Conteí uma história sobre dois amigos que passeavam. Cada um deles tomou uma atitude ao se deparar com um mendigo. Eles souberam bem identificar aquele que tomou uma atitude com amor e sabedoria e o outro que apenas o auxiliou na matéria.

— Bem, como vocês se sentiram como instrutores? Indagou interessado o mestre. Falem um de cada vez.

Cada um por sua vez foi respondendo às perguntas do professor. Todos se deram muito bem e ficaram satisfeitos com a experiência.

— Vocês conversaram com seus pais? Como foi a experiência deles? Na próxima aula gostaria de receber um relatório sobre a atuação deles.

— Devido à maior experiência de nossos pais, tenho a impressão de que as aulas deles foram mais ricas, disse Roberto com orgulho. Meu pai está interessadíssimo em tudo isso. O Livro da Grande Pirâmide mexeu muito com a cabeça dele. Ele está levando isso com muita seriedade. Acho mesmo, professor, que o senhor deve fazer uma reunião com eles.

— Também acho. Estou querendo fazer essa reunião logo. Podem marcá-la para amanhã à noite.

Todos concordaram.

— Agora que vocês estão trabalhando com a palavra, com a palavra humana, quero falar sobre esse tema hoje. As palavras que usamos, as frases que moldamos, formam nosso destino sobre a Terra. As palavras que proferimos são como sementes jogadas em terra fofa. Se a semente for boa, colhemos alegria e felicidade em abundância, mas se a semente for ruim, somente sofrimento e infortúnio colheremos. Através do idioma temos que atuar na Criação. Não é, pois, difícil concluir, de onde vem a grande quantidade de sofrimentos que hoje assola a humanidade. Vêm em grande parte do uso errado da palavra.

— Nós, com nosso curso com o povo, estamos semeando só coisas boas. Sei que nossas palavras vão penetrar fundo na alma deles. Sinto isso.

— Todo o saber que vai edificar na alma, frutificará para o bem. Mas vamos analisar as palavras usadas na TV, por exemplo. As práticas decorrentes da mentira, logro, abuso de confiança, calúnia, etc., são transmitidas através das palavras como se fossem coisas naturais, coisas comuns do dia-a-dia. A criança e o jovem retêm isso e passam a agir como os modelos vistos, pois ainda são imaturos para discernir o certo do errado e aceitam facilmente esses engodos, “dançando conforme a música”.

— Gabriela se antecipando:

— É mesmo! Tudo é transmitido através da palavra, tanto o bem como o mal. Não só através da palavra oral, mas através também da palavra escrita.

— Exato Gabriela, os livros ruins, que não transmitem nada de bom, estão aí aos milhares disseminando superficialidades e absurdos. Se formos julgar as diferentes opiniões disseminadas por esses livros, baseadas nas Leis Naturais, ficaremos perplexos diante de tantas baboseiras. E o pior é que os desavisados aceitam aquilo como verdade. Recebem pedra no lugar do pão.

Otávio, completando, acrescentou:

— São aqueles livros que nos fazem mal, que o senhor disse no início das aulas, não?

— Exatamente. Agora pergunto: Quem do povo ainda não se decepcionou com a fala mentirosa de políticos? “Política e verdade não coabitam”, diz o velho ditado. Parem para pensar um pouco sobre isso. Os políticos, visando o poder, disseminam uma quantidade catastrófica de palavras mentirosas.

— E essas palavras mentirosas são acreditadas pela maioria da população, disse Gabriela preocupada. Como fica isso?

— Os políticos já deram inúmeras provas de que não cumprem suas promessas. Quem acredita ainda nesse *blablablá*, torna-se culpado da mentira que abriga em si. Lembrem-se de que quem acreditar em mentiras, seja de onde surgir, do amigo, dos pais, do Estado, das religiões, torna-se responsável por isso. Caso aceitem essas mentiras, elas farão parte deles, ficam depositários delas. Claro que somente colherão sofrimento e decepções.

Rapidamente, Geraldo reagiu:

— Quer dizer que somos responsáveis por todas as palavras que saem de nossa boca e aquelas que entram em nossos ouvidos? Como assim, professor? Se as palavras entram pelos ouvidos, como poderemos detê-las?

— As palavras que ouvimos têm que passar pelo crivo de nossa intuição, podemos acatá-las ou rejeitá-las, explicou vagarosamente o mestre, incentivando seus alunos à reflexão.

— Qual a outra forma que os políticos têm de transmitir suas intenções para pleitear em uma eleição? Perguntou Geraldo.



— As palavras deles são lançadas ao vento sem direção certa, acrescentou Roberto. São como pedras. Enquanto estão em nossas mãos, estão seguras, mas, depois que as atiramos, não podemos mais controlar onde irão acertar.

— Mas a responsabilidade continua, terão que responder pelas promessas não cumpridas. Perante a Lei da Reciprocidade, terão que pagar como qualquer outra pessoa. Não existe lógica nisso? Acho que essa Lei da Criação nos traz iluminação e paz! Pensem bem antes de aceitar palavras mentirosas como se fossem verdades. Quem abriga mentiras torna-se cúmplice delas, advertiu mais uma vez o professor.

— Como podem esses políticos prometer coisas, sem saber o que vão encontrar pela frente? Eles contam mesmo é com a ignorância e a fraqueza de nosso povo, completou Otávio.

— A apostila de hoje se refere ao perigo de disseminar mentiras e o perigo de acatá-las.

O divulgador diz: “Os auxiliares enteais do Criador não existem.”

Ele não acredita neles por ignorar as Leis da Natureza. Não buscou esse saber, portanto, não leu nada a respeito e também não ouviu nada. Essa frase ficou abrigada em uma gavetinha em seu cérebro. Ora, quem abriga mentira, além de se enfraquecer, ainda torna-se responsável por ela. As consequências disso são inúmeras:

1. Diminui a percepção do todo.
2. Nele o anseio pelo saber é zerado.
3. O sentimento intuitivo torna-se inativo.
4. O ouvido espiritual é fechado.
5. A visão espiritual é nublada, isto é, torna-se cega espiritualmente por culpa própria.
6. A pessoa, contudo, tem a livre decisão de acreditar e divulgar isso.
7. Divulga mentiras que se alastram como epidemia. Torna-se culpado por todas aquelas pessoas que acreditarem naquilo que divulga.

Diante do silêncio de seus alunos, continuou o professor a estimular as reflexões:

8. Não é menos condenável a situação do ouvinte, pois aceitou a mentira como fato consumado, ingenuamente confiou no divulgador, portanto, é fechado à análise.

Sem a análise fica com os ouvidos e os olhos espirituais fechados.

Por ser inativo em suas reflexões fica com a intuição bloqueada.

Não tem anseio pelo conhecimento.

Torna-se portanto, culpado por aceitar mentiras. (ninguém o obrigou).

— Nossa, professor, aparteu Leonardo. Como levá-lo a libertar-se dessa mentira?

— Procurar despertar nele a reflexão através da palavra que contraponha a mentira que está na gavetinha onde está guardada.

— A verdade é simples e lógica, basta analisar. Pensar é uma prerrogativa do ser humano, falou Flávia ponderando.

— Isso, Flávia, pensar é uma prerrogativa humana. Vamos então refletir: A natureza foi preparada muito antes do ser humano ser colocado nela. Ora, foi preparada por quem? Como surgiu a natureza? Falou o professor induzindo seus alunos à reflexão. A terra fértil que os primeiros seres humanos encontraram aqui testemunha a existência desses colaboradores. Só não vê isso quem não pensa. As sementes preparadas e já semeadas também testemunham que mãos hábeis as prepararam. Como supor que tudo tenha surgido do nada? Tudo dá testemunho da existência deles.

— É mesmo! Concordou Mônica. A chuva para regá-las também!

Alegremente o professor estimulou;

— Estou gostando de ver! Com essa análise a intuição de vocês está ficando cada vez mais aflorada.

— Ainda mais, professor, aparteu Gabriela, os primeiros seres humanos teriam que ter alguém para ensiná-los a lidar com as plantas. Conclui-se, portanto, que eles foram os nossos primeiros mestres. É isso mesmo? Ou estou boiando na maionese?

— Claro, seria ingenuidade pensar que tudo isso é obra do acaso. Que tudo isso surgiu do nada. Pensar que tudo isso apareceu assim sem mais sem menos, sem mãos hábeis para compor tudo, informou o professor.

— Seria o mesmo que pensar que o ar não existe porque não podemos vê-lo, exemplificou Otávio.

— Seria o mesmo que pensar que o Senhor, que está no céu, tivesse feito tudo sozinho, concluiu ironicamente Geraldo.

— Se fosse assim, não precisaríamos plantar para ter os alimentos. Na terra nasceria tudo, a colheita seria feita sozinha, a separação das sementes também, completou Roberto.

— Claro, concluiu Henrique, como não pensamos nisso antes?

— Mas estamos pensando agora. E vamos levar o povo a pensar nisso também, completou o mestre pausadamente.

— Com estes pensamentos, além de confirmar a existência dos auxiliares, ainda verificamos a grandeza do Criador e a perfeição de Sua obra, finalizou Flávia.

— Como é bom falar sobre isso! Sinto-me alegre e feliz, espontaneamente acrescentou Felipe. Nem a doença grave de minha querida avó consegue me levar para o abismo do desespero e da tristeza. Sei agora da perfeição de tudo!

— Isso mesmo, Felipe, esse seu brado de alegria e de compreensão da perfeição de Deus me contagiou, disse Mônica carinhosamente.

— Vejam como a sabedoria é o caminho da felicidade! Guardem essas vivências para sempre em seus corações, falou emocionado o professor.

A classe toda, emocionada com a espontaneidade de Felipe, silenciou como prova de respeito e amor por ele. Depois de alguns segundos de silêncio, Guilherme continuou:

— Estive analisando como a chuva cai de uma maneira tão natural! Tudo o que a natureza realiza é perfeito!

— Contudo, às vezes cai arrasando, inundando e desabrigando. Mas já sabemos que essa chuva destruidora somente é assim devido à interferência maléfica do ser humano, disse Otávio convencido de que sua reflexão seria certa.

— É verdade! A poluição dos rios, os desmatamentos e a poluição do ar provocam o desequilíbrio das temperaturas, das formações da chuva, e por aí vai, disse Geraldo vagarosamente. É por isso que a gente se ferra. Todo mundo sai perdendo. Onde o bicho homem põe a mão é só destruição.

— Muito bem, Geraldo, é isso mesmo, elogiou o professor.

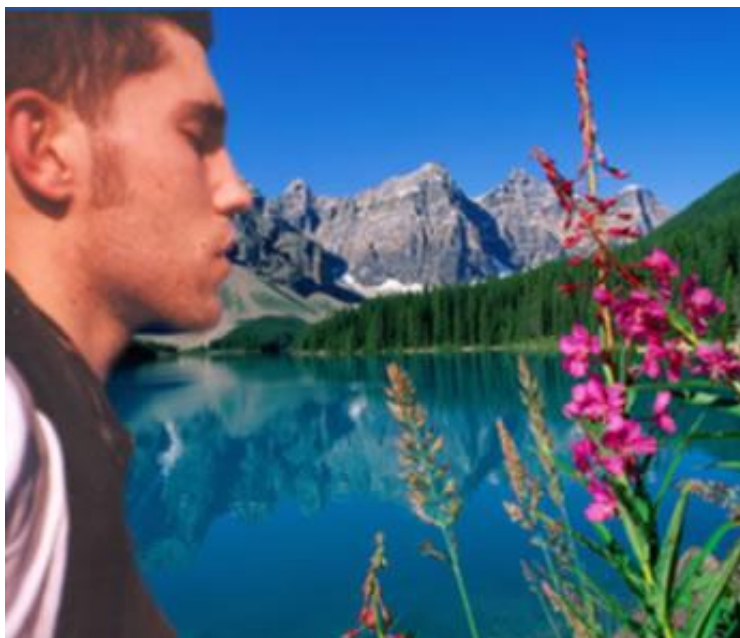
Leonardo, pedindo permissão:

— Posso completar?

Com um sinal de cabeça o professor anuiu.

— O homem optou pela destruição do meio onde vive e conseqüentemente pela destruição de si mesmo.

— Isso é sinal de cegueira, burrice, ignorância... Se tivessem ensinado a eles que todo mal que praticam à natureza, aos animais ou ainda às pessoas, terão de pagar e caro, com certeza eliminariam todo o errado de suas vidas. Lamentavelmente é isso mesmo. Vocês notaram então que tanto o divulgador de mentiras como aqueles que as aceitam são responsáveis por si mesmos. Ambos deverão sentir um mal-estar, como algo que está incomodando, pois a Lei da Reciprocidade atuará sobre eles infalivelmente. Quais as outras conseqüências de abrigar essa mentira? Vamos ver isso no telão.



— Não irão amar e respeitar a natureza. Ficarão diante dela como cegos por não perceberem a perfeição de Quem a criou. Com isso irão trabalhar por sua destruição. O cérebro calculador visará lucro. Pensarão o que deverão construir ali para ganhar dinheiro desconsiderando ser bom ou não para o meio! Mais tarde em seus corações somente a tristeza e um vazio os acompanharão, por mais que procurem alternativas para sentirem-se felizes, não conseguirão, pois eles mesmos fecharam as portas para a elucidação e a alegria. Precisa mais?

Os alunos acompanhavam com grande interesse as explicações do mestre, se esforçavam para compreender as razões mais profundas do atuar humano irresponsável.

— Agora entendo, todo mal-estar indica que estamos vibrando em mentiras ditas ou aceitas de alguém. Claro, ainda falta acrescentar que a grande maioria de nós ainda vibra em conceitos mentirosos de vida, afirmou Gabriela com convicção.

— Quando abrigamos mentiras, além do mal-estar, fica ainda algo sobre nós como uma nuvem negra impedindo a descontração e a naturalidade, completou o professor.

— Que conceitos são esses que a Gabriela falou? Perguntou Otávio.

— Você não sabe? perguntou Geraldo.

— Não, não sei, afirmou Otávio.

— Posso responder, professor? Perguntou Geraldo.

— Pode sim.

Geraldo orgulhosamente dirigiu o olhar para os colegas e completou:

— Conceito de caridade por exemplo. Dá-se esmola sem dar a elucidação. Conceito de amor que carrega consigo a permissividade. Conceito de amizade que precisa de cúmplices para os erros. Conceito de religião, que torce a imagem de Deus e Sua Vontade. Conceito de cultura, onde os cultos adquirem status, mesmo que sejam despidos de todo o saber.

Roberto atônito elogiou Geraldo.

— Viu, Otávio, que aula que o nosso amigo deu?

Com um sorriso cativante, o mestre confirmou.

— O mais satisfeito aqui sou eu!

— Posso distribuir as apostilas? Interrompeu Mônica.

— Por favor, faça isso, Mônica.

Com o sinal acusando o término da aula, Roberto pediu licença ao professor para falar com os colegas. Com o consentimento, encaminhou-se para frente.

— Gente, hoje é sexta-feira. Que tal nos reunirmos lá na Lanchonete do clube para comermos uns petiscos e tomarmos um chopinho? Este assunto hoje iniciado poderá ter sequência lá. Que tal? Professor, o senhor é meu convidado.

— Aproveitamos para fazer aquele encontro com os pais marcado para amanhã. A classe toda aplaudiu com muita alegria a sugestão do Roberto e do professor. Ficaram de se encontrar às oito horas. Roberto correu para o lado de Gabriela tomando-lhe a mão carinhosamente. Saíram juntos, porém calados. Ao alcançarem a rua, Roberto, quebrando o silêncio, perguntou:

— Estou notando você um pouco triste ou é impressão minha.

— É, estou um pouco triste, sim.

— Posso arriscar um palpite?

— Claro, pode dizer.

— Quando surgem esses assuntos sobre a devastação da natureza um peso opressor toma conta de mim. Comigo acontece isso e sei que com você acontece o mesmo.

— Você tem razão. Esse assunto me oprime muito. Temos a consciência dessa depredação e também nós não estamos fazendo nada. Temos que encontrar tempo em nossas vidas para trabalhar com os ativistas de alguma ONG.

— Através de nossas aulas com o povo, poderemos incentivar as pessoas a também trabalhar em defesa da natureza, sugeri animadamente Roberto.

Gabriela, demonstrando já aquela alegria infantil, acrescentou:

— Isso mesmo, você tem razão! Poderemos incentivá-los a amar e proteger a natureza. Temos que falar muito da lei de Causa e Efeito. Mostrar que adquire carma pesado, não só aquele que depreda a natureza, mas também aquele que se omite diante dessa depredação.

— É mesmo, Gabriela, temos que falar muito da omissão. Acho mesmo que erra mais quem se omite do que aquele que comete erros, pois quem erra pode errar por ignorância, e aquele que se omite é consciente. Onde poderemos conversar? Você quer ir à minha casa agora?

— Minha mãe está me esperando para almoçar. Se eu tivesse avisado, você poderia almoçar conosco.

Nisso a mãe de Gabriela, dona Regina, abre a porta para receber a filha. Depara-se com os dois parados no portão. Cumprimenta-os sorridente. Foi correspondida. Roberto corre para junto dela pegando em sua mão delicadamente.

— Que bom que você está aqui, Roberto! Quer almoçar conosco? Fiz comida mais do que de costume. Parece que estava adivinhando.

— Vou aceitar sim, pois sou mesmo cara de pau. Preciso só avisar minha mãe.

— Deixe que eu a aviso. Pegou a mão de Roberto puxando-o para dentro da casa. Dirigindo-se ao telefone, falou com dona Sílvia com aquela mesma meiguice de sempre. Já na saleta de almoço, D. Regina falava com Roberto sobre os últimos acontecimentos vividos por eles nos dias anteriores.

— Como você está se saindo como instrutor espiritual do povo?

— Estou me saindo muito bem, pois quando há interesse por parte deles fica tudo mais fácil. Ao que parece entenderam muito bem o conceito de cultura e sabedoria. Aliás, estas apostilas são muito bem escritas e qualquer pessoa pode aprender facilmente.

— Mãe, eu e Roberto estamos agora preocupados em entender bem os conceitos dos sábios do livro da Pirâmide. O povo por nós orientado também está lendo o livro, por certo quererão fazer perguntas sobre os conceitos lá existentes, precisamos nos preparar.

— Eu também, como instrutora, quero me aprofundar nos conceitos dos sábios, confirmou D. Regina.

— Ótimo, mãe, então poderemos estudar juntos.

— É o que mais quero. Fiquei um tanto insegura por ter que falar diante de muita gente. Mas sei que me saí bem. Por ser a primeira vez...

— Todos nós passamos por isso. Só nos primeiros minutos ficamos desajeitados. Depois ficamos à vontade e confiantes. Trata-se, dona Regina, de uma experiência marcante em nossas vidas, falou Roberto bastante empolgado.

— São momentos tão marcantes, mãe, que sentimos claramente o auxílio. Você sentiu também?

— Sim, parecia no início que não era eu quem falava, que alguém falava por mim. Não compreendia como eu sabia tudo aquilo que falava. Se eu for falar agora, tudo que falei para eles, tenho a impressão de que não vou me lembrar.

**L**eonardo, dirigindo-se à mãe:

— Você continua achando fantasioso o livro da Pirâmide?

— Com a leitura das apostilas parece que alguma coisa está mudando, mas seu pai está renitente. Nem quer ler as apostilas.

— Ele virá para o almoço?

— Sim, virá. Não deve demorar para chegar.

— Quero ver onde vai dar tamanha teimosia! Mas vamos falar de você, mãe. O que você acha que mudou?

— Bem, essas apostilas são tão objetivas, tão simples e tão fáceis de serem compreendidas, que não tenho nem argumentos para contestá-las. Estou lendo aquelas sobre a reencarnação, sobre a vida após a morte e sobre a Lei da Reciprocidade. Tudo me parece tão simples que não sei como até hoje não procurei me informar sobre essas coisas. Para falar a verdade, nem sei onde procurar saber sobre tudo isso. Isso é religião?

— Não, isso tudo são conceitos de vida. Esse saber deve fazer parte de nossas vidas. Sintonizados nesse saber, fortificaremos o nosso íntimo, estruturando nossas personalidades.

Nisso ouviu-se o barulho na porta com a entrada do Sr. Fernando.

— Oi, que bom encontrar os dois em casa! Beijando a face de sua esposa, perguntou:

Como vai, filho? O que você me conta de novo? Você parou com aquela história de acreditar em gigantes, gnomos, elfos, centauros?... Será que meu filho depois de grande começou a voltar a ser criança?

— Pai, se acreditar nisso é voltar a ser criança, estou atualmente com 4 anos de idade.

— É mesmo? Vamos falar sobre isso então, estou sedento por argumentos.

— Mamãe me disse que o senhor não quer ler as apostilas.

— Não, não tenho tempo para voltar a ser estudante.

— Pai, estou dando aulas sobre esse saber que o senhor se recusa em conhecer. É lamentável que isso ocorra dentro de minha casa.

— Como assim dando aula! Para quem?

— Para o povo. Vou contar tudo para o senhor desde o início...

Leonardo falou com entusiasmo para o pai de todo o saber que adquiriu, falou da sua experiência como professor, do entusiasmo de todos...

— **M**ãe, quero apresentar você para uma linda moça. Estou gostando muito dela. Quando poderei trazê-la aqui? Perguntou ansioso Luizinho para sua mãe

— Faz tempo que vocês se conhecem? Fale-me mais sobre ela.

— Faz pouco tempo que a conheço, mas já é o bastante para gostar dela. Creio tratar-se de uma boa moça.

— Espere um pouco mais, veja direito se vai mesmo valer a pena. Principalmente agora que estamos tomando um rumo espiritual em nossas vidas. Você já verificou se ela vai poder também enveredar pelo seu caminho? Caso não, vocês irão falar línguas diferentes. Isso não dará certo.

— Você tem razão. Precisamos conversar mais. Já falei com ela sobre as aulas que estou dando... Quero saber no que ela acredita. Qual a visão dela em relação ao nosso Criador e qual os seus anseios.

## 2ª FASE

Foi iniciado, então, o trabalho com o povo, visando a grande transformação dos conceitos de vida vigentes. Os instrutores ganharam em experiência, despertaram neles o verdadeiro amor ao próximo, trabalhando com dedicação. Após dois meses as apostilas básicas já tinham sido estudadas. As notícias voaram. O bem-estar daqueles que estavam estudando bastou para conchamar um enorme número de pessoas. Vinham eles para serem aceitos nos grupos de estudos. Queriam saber de tudo. Não queriam ser considerados como espíritos mortos. A notícia chegou aos ouvidos das autoridades, que enviaram pessoas preparadas para verificar o que estava acontecendo. Foi nomeada uma comissão para esse fim.

A comissão inicialmente procurou pelo diretor da escola. Este recebeu-os com simpatia. O professor Hércules foi chamado. Toda a sua figura despertou confiança na comissão.

— Eu sabia que tudo isso iria acontecer, falou o professor com um sorriso confiante. Para facilitar o trabalho dos senhores, trouxe os temas de estudos e orientação para o povo. Os senhores podem levar o material, examinem e voltaremos a nos falar.

O presidente da comissão, Sr. Eduardo, começou a interrogar, pois foi lá para isso.

— Mas o senhor não pode nos adiantar do que se trata? O povo está ficando alarmado. Estamos preocupados.

— Por mais que eu explique não conseguirei passar para os senhores o que está acontecendo. É um trabalho direcionado para a alma humana, portanto se trata de um assunto de muita seriedade, fácil de aplicar, mas difícil de explicar. Não se preocupem. Estamos ajudando o povo a se modificar, para que tenham atitudes como gente civilizada e não como bichos humanos.

— Está bem, vamos examinar, penso que se trata mesmo de coisa muito séria, admitiu Sr. Eduardo.

— Providenciei também para os senhores este livro. Nossos ensinamentos baseiam-se em parte nele. Espero que concordem com nosso trabalho e ainda possam colaborar. Precisamos de pessoas altruístas, que amem nosso país, nosso povo e, principalmente, que amem a Deus, completou o professor, cujo semblante harmonioso impressionou a todos os elementos da comissão. Despediram-se amavelmente.

A reunião do professor Hércules com os instrutores se deu numa das dependências da escola. Os vinte instrutores já se encontravam na sala, quando o professor entrou. Com sua entrada o silêncio se fez.

— Espero que todos estejam em paz. Sem ela não conseguiremos ligação com o Alto e nos sentiríamos sem força e sem alento para as realizações. Sei que vocês estão esperando que eu fale. Mas isso não vai acontecer. Hoje estamos aqui reunidos para que os senhores falem, falem sobre as experiências colhidas. Quem será o primeiro?

O Sr. Armand, para dar coragem aos meus amigos instrutores, levantou-se com muito charme:

— Posso iniciar com os meus relatos, se for do agrado geral.

Os outros respiraram aliviados. Com muita simpatia e olhando as expressões de todos, encarou o Professor Hércules.

— Preciso começar agradecendo ao Professor Hércules, por esta iniciativa brilhante de iniciar esse movimento de mudanças. Principalmente por ter iniciado essa grande transformação através dos jovens. Foi uma ideia magnífica. Às vezes olho para os meus filhos e sei que os outros também aqui presentes olham embevecidos para esta juventude sadia de corpo e alma. Uma onda de gratidão me invade e tenho que elevar meu pensamento para o Alto, para agradecer Àquele que nos enviou o senhor, Professor Hércules. Sua missão vem de uma Vontade Superior, pressinto isso. Quero me dedicar por inteiro e ombrear-me em sua missão que penso também ser a de todos nós.

Todos aplaudiram de pé. Tamanho reconhecimento veio ao encontro da vontade de todos. Com olhos brilhantes e marejados de lágrima o professor emocionado falou pausadamente:

— Agradeço a todos e confesso que estou aliviado em saber disso. Temos ainda uma luta mais árdua pela frente, mas sei que será uma luta prazerosa pelo que estou vendo e sentindo aqui. Voltando para seu lugar, com um gesto passou a palavra novamente para o senhor Armando.

— Nestes dois meses de trabalho pude verificar que aqueles que fizeram parte do meu grupo receberam os ensinamentos de uma maneira bastante diferenciada. Gostaria de falar de todos, mas sabendo da impossibilidade disso, trouxe um relatório sobre o aproveitamento de cada um. Quero falar, contudo, dos casos mais impressionantes que passaram por mim. Uma senhora, mãe de três filhos, se impressionou com o assunto sobre o falso amor na educação dos filhos. Estava angustiada porque não conseguia controlá-los. Vivia um verdadeiro martírio. Dizia ela que as crianças chegaram ao cúmulo de cuspir na comida quando não gostavam do que lhes era oferecido. ‘Sentia-me impotente, sem saber o que fazer,’ dizia-me ela. Após os ensinamentos aprendidos aqui, resolveu tomar uma atitude. Foi falar com uma senhora conhecida sua que dirigia um orfanato. Explicou todo seu caso e a senhora resolveu ajudá-la. Chamou as crianças e disse que estava muito cansada delas e que resolvera tirar umas férias. Eles iriam ficar no orfanato com a senhora Paula. Quando ela se sentisse descansada iria buscá-los. Conta ela que as crianças ficaram felizes pela novidade. E assim foi feito. As crianças mudaram-se para o orfanato. Já na primeira noite ficaram perguntando pela mãe. Queriam a mãe para levar o leite na cama e cobri-los. A Sra. Paula, energicamente, mandou-os ficarem quietos e apagou as luzes. Assim, com muito custo, conseguiram dormir. Na manhã seguinte foram despertados mais cedo do que de costume. Tentaram ficar na cama, mas o pulso forte de Sra. Paula não permitiu. A linha dura começou. O plano funcionou. Após uma semana as crianças entraram em uma disciplina que dava gosto. No entanto, perguntavam pela mãe constantemente. Após dez dias, a mãe foi buscá-los. Ao se despedirem de Sra. Paula, achavam que ficariam para sempre com a mãe. Quando ouviram que voltariam caso não obedecessem, se espantaram. Assim foi conseguida a disciplina na família. Voltaram até a ser mais carinhosos com a mãe.

— Ela foi mesmo corajosa, admirou-se Flávia. Não é qualquer mãe que teria forças para fazer o que ela fez.

— Posso falar de outro caso importante que aconteceu comigo? Indagou Sr. Armando.

Todos concordaram com alegria.

— Um senhor muito simpático e honesto contou sua triste história. Um de seus três filhos perdeu-se com seus amigos drogados. Chegava em casa sempre com as pupilas exageradamente grandes e falava nervosamente com todos. O seu estado foi piorando dia a dia. Até que esse senhor, revendo o conceito de verdadeiro amor, chegou à conclusão de que deveria tomar uma atitude mais enérgica com seu filho, pois palavras não mais eram ouvidas. Foi até a policia e conversou com uma delegada de plantão que condeu-se do sofrimento daquele pai. Chamou o moço até a delegacia e conversou com ele. Disse que iria colocá-lo numa clínica de recuperação de dependentes químicos. Assim foi feito. O rapaz ainda está internado e ao que parece está se recuperando bem. Outros casos de recuperação foram registrados e agora percebi como esses novos conceitos de amor, o amor severo, está calando fundo nas pessoas que se interessaram em promover mudanças. Passo a palavra para o professor.

— Quem será o próximo? Perguntou o professor.

— Posso ser eu? Indagou o Sr. Antônio, pai de Mônica.

Após a anuência de todos, começou sua narrativa:

— Para mim, estes dois meses de experiência foram de grande ajuda. Imaginava o mundo completamente diferente do que vejo hoje. Agora estou focado com grande alegria no desenvolvimento íntimo das pessoas. Antes, somente via o desenvolvimento material. Para explicar melhor, vou iniciar minha narrativa contando o caso de uma pessoa que de arrogante se transformou numa pessoa humilde e bondosa. Trata-se de um médico. No início tentava ele sobressair, procurando argumentos contrários àqueles expostos na apostila em questão. Com o

desenrolar dos assuntos, foi aos poucos contestando menos, até que, ao contrário do que era, passou a contribuir para o enriquecimento dos conceitos sugeridos nos estudos. Vou narrar aqui suas palavras: 'Quando me formei na universidade, sentia-me o dono do mundo. Achava que todos deveriam ajoelhar-se diante do canudo de médico que com tanto esforço havia eu conquistado. Tentei colocar o que apreendi na cura dos doentes que por mim passaram. Com isso tive muitas decepções. Muitos remédios que receitava faziam mais mal do que bem. Consultei meus colegas de profissão para verificar no que eu havia errado. Não, não havia errado na receita. Busquei pelo nosso professor. Narrei-lhe tudo o que estava acontecendo. Disse-me ele que mudasse os remédios. Que eu deveria receitar então um similar. Assim fui aprendendo que os remédios por mim receitados, baseados nos meus estudos, muitas vezes não funcionavam para a maioria de meus clientes. A mesma doença, os mesmos remédios e muitas vezes com resultados diferentes. Uma noite, falando com minha esposa sobre isso, ela me falou sobre este curso sugerindo transformação. Leu um trecho da apostila sobre as profecias. Interessei-me e iniciei a leitura do Livro da Grande Pirâmide. Nele os médicos sábios tratavam da alma e do corpo ao mesmo tempo. Resolvi então seguir esses ensinamentos para proceder então a transformação. Diante de tudo aquilo que aprendi e sei que tenho ainda muito que aprender verifiquei que os doentes que de mim se aproximavam eram muito mais doentes em suas almas do que em seus corpos. Virei o jogo. Passei a conversar com meus clientes para saber quais eram suas feridas de alma. Estou enviando para cá aqueles que se mostraram aptos para mudanças. Agradeço muito a Deus por ter colocado vocês em meu caminho. Quero aprender tudo a respeito de nossa vida espiritual e quero colaborar também'.

— É muito bom ouvir tudo isso. Agradeço a todos que estão colaborando com essa grande transformação. O nosso tempo está esgotado. Podem marcar a nossa próxima reunião com a senhorita Dalila, encarregada de toda a organização do nosso movimento, rematou o professor aquele assunto.

Dalila em voz alta e se levantando:

— Professor, tenho feito inscrições sem parar. Já temos mais de quatrocentas pessoas inscritas.

Procurando acalmá-la, o professor notificou:

— Amanhã terei entrevista com as autoridades e verei o que posso fazer. Dalila, ligue para mim no final da tarde para marcarmos as futuras reuniões.

Chegou a hora alegre de uma rodada de pizza. Os rapazes cantavam ao som do violão de Leonardo e de Roberto. Após uma hora de alegria e prazer, o professor Hércules despede-se de todos e se retira com um intenso brilho no olhar e um lindo sorriso.

**N**a segunda reunião da comissão de inspeção com o professor Hércules, o número de pessoas havia aumentado. Na sala estavam presentes as autoridades da Prefeitura, duas autoridades do Ensino Estadual e ainda duas autoridades eclesiásticas. Conversavam animadamente sobre tudo o que estava acontecendo com o movimento iniciado na escola. Com a entrada do professor Hércules, a conversa cessou de repente. Cumprimentou a todos com aquele seu sorriso de sempre, demonstrando confiança, firmeza e bondade. O diretor, Sr. Eduardo, fez as apresentações dos presentes. Os representantes do Ensino já eram conhecidos do professor. O Sr. Rodrigues, autoridade da Prefeitura, adiantando-se:

— Professor Hércules, eu e meu colega examinamos as matérias do seu movimento. Após levarmos ao prefeito a realidade de tudo, a prefeitura alegrou-se com o movimento e colocou-se à disposição para colaborar em tudo o que estiver ao nosso alcance.

Todos se mostraram alegres.

— Agradeço de coração toda e qualquer ajuda e posso antecipar que vamos mesmo precisar de espaço, pois soube ontem à noite que temos mais de 400 pessoas inscritas interessadas em saber tudo sobre essa já tão famosa transformação.

O pároco levantou-se e disse:



— O nosso secretário que está frequentando os estudos do seu curso nos pôs a par de tudo. Estamos acompanhando através do entusiasmo dele toda a matéria estudada. Contudo, em alguns ensinamentos ali contidos não acreditamos. Por exemplo, negamos a reencarnação e a existência dos enteais. No restante, não temos nada que desabone tudo o que está sendo feito, muito pelo contrário, estamos também querendo estudar esses novos conceitos de vida. Tenho notado que esse movimento de mudanças não mexe com a religião de ninguém, portanto deve tratar-se somente do comportamento humano, estou certo? O Pároco parou de falar e ficou esperando o parecer do professor.

— Bem, nós falamos, sim, dos princípios básicos das religiões. Abordamos essa matéria não como religião, mas como princípio de vida. Acredito que também as religiões constituídas devem se interessar pelas mudanças de comportamento dos seus fiéis para melhor. Todo nosso ensino é canalizado para trabalhar no íntimo dos seres humanos. Quando o íntimo se movimenta o comportamento também igualmente se movimenta. Recomendo aos senhores lerem as apostilas do seu secretário, para enfronhar-se melhor nos conceitos ali ensinados.

Sorridente, o pároco confirmou:

— Faremos isso sim, examinaremos melhor. Contudo, com a leitura do livro que temos em mãos, sei que todo esse saber vai ser de grande valia.

Professor Hércules, mudando o olhar em direção às autoridades do Ensino, perguntou:

— E os Senhores? Têm algo a dizer?

O inspetor do ensino Estadual, Sr. Paulo, encarando o professor, disse pausadamente.

— Nós examinamos tudo. Sei que se trata de algo muito valioso para alunos, pais, e para o povo em geral, mas infelizmente não podemos concordar que essa matéria seja integrada em nossas escolas.

— Sei muito bem disso, respondeu incisivo o professor, pois tenho a escola de hoje como a maior responsável pela queda dos usos e costumes de nossa época. É lógico que não somente ela é a responsável por tudo, também as outras instituições têm sua parcela de culpa. Posso assegurar contudo, que indubitavelmente ela é a principal responsável. Todas as instituições são coparticipantes da queda da moral humana de nossa época.

O inspetor, mudando o tom da voz:

— Como pode o Senhor assegurar isso?

— Estudando, analisando, colhendo dados, entrevistando, selecionando resultados. Há anos estudo sobre isso. Sinto afirmar que nossas escolas precisam de reformas radicais.

— Gostaria de examinar esses estudos do Sr, seria possível?

— O resultado dos meus estudos estão catalogados em forma de livro e registrados na repartição que cuida de registros de autores ou seja, na Biblioteca Nacional. Posso passar ao senhor o telefone da pessoa responsável para fazer contato.

— Está bem, tenho todo o interesse em me aprofundar nesses assuntos, afirmou o senhor Paulo, já num tom de relaxamento da voz.

— Agradeço por isso. Conto mesmo com isso. Espero que o senhor com o tempo possa também enfileirar-se nesta luta por um mundo melhor, revidou educadamente o professor.

O telefone na casa do professor não parava de tocar. Todos queriam saber da reação das autoridades diante do movimento que tomava vulto. Dalila também ligou.

— Professor, acho melhor continuar o encontro com os instrutores, pois existem casos que estão precisando de sua orientação.

— Para quando você sugere? Perguntou o professor confiantemente.

— Para amanhã mesmo, caso o senhor esteja disponível.

— Está bem, somente estarei disponível às sete horas da noite.

— Desta vez a reunião acontecerá no clube de campo. O senhor concorda?

— Claro, Dalila. Estamos mesmo nos desvinculando das reuniões na escola. As autoridades não concordaram com o nosso movimento lá.

— Muita gente está se oferecendo para auxiliar. Não se preocupe lugar não irá nos faltar, falou Dalila para animar.

— Sei que não, pois a prefeitura está disposta a nos ajudar em tudo o que precisarmos.

Posso divulgar essa notícia? Disse Dalila com alegria.

— Pode sim. Logo manteremos o contato com os representantes do prefeito. Vamos planejar tudo direitinho, respondeu o professor.

— Então amanhã conversaremos. Está combinado?

— Combinado. Que a paz a acompanhe, falou baixinho o professor.

— Muitas bênçãos para o senhor.

**L**eonardo tentava sempre acompanhar a evolução dos pais.

— Pai, agora que o senhor tomou conhecimento de tudo, gostaria de saber por que está tão quieto. Este silêncio quer dizer rendição à verdade ou procura de argumentos convincentes para lutar contra as evidências?

— Estou refletindo, não é o que professor fala na apostila? Temos que analisar tudo, senão não saberemos argumentar, falou o senhor Fernando parecendo um pouco irritado.

Leonardo acrescentou:

— Além de pensar e refletir, temos que também sentir no nosso plexo solar se essas afirmativas são realmente verdadeiras. Tudo tem que passar pelo crivo de nossa intuição.

— É o que estou fazendo agora, mas você não me dá trégua. Fica interrompendo o meu pensar. Dá para esperar? Desta vez, mais irritado ficou o pai.

— Desculpe, prometo não mais atrapalhar. Vou para o meu quarto e quando o senhor quiser conversar é só chamar. Saiu em retirada vagarosamente.

O Sr. Fernando chamou Leonardo de volta.

— Filho, volte aqui. Estou com a cara no chão por ter que dar a mão à palmatória. Li e reli tudo. Realmente as evidências não deixam espaço para contestação, mas algo ainda não caiu bem. São assuntos que nunca me passaram pela cabeça, são revelações nunca antes ouvidas. Estou intrigado, por que esse assunto permaneceu por tantos milênios afastado do grande público? Quando menino, ouvi estórias de fadinhas, gnomos, gigantes. Conhecia os gigantes como seres maus, que queriam comer criancinhas. Agora, depois de velho, aparece esse assunto como verdadeiro e esses seres como servos do Criador! Preciso de tempo para assimilar tudo isso, resmungou Fernando.

— Pai, eu também demorei a engolir tudo isso. No entanto, agora esses assuntos já fazem parte da minha vida. Não aceito que toda a beleza da natureza tenha surgido do nada. Sei que, em todos os lugares aonde vamos, deparamos com o trabalho desses servos dedicados de Deus. Vejo agora que fui ingênuo em não pensar em tudo isso antes. Estou focado nisso o tempo todo. Uma grande alegria se apodera de mim quando penso na serenidade do mar, no barulho das ondas, na beleza das matas e na doçura dos animais! E saber que esses construtores estão tão perto de nós! Pai, como é bom viver!

— Ih, ih! Já estou contando os dólares que vamos gastar na nossa viagem para o Egito! Bem que eu poderia ficar com a boca calada!

Com uma boa gargalhada, Leonardo foi abraçar o pai, que estava estirado num comprido e lindo sofá. Juntos, pai e filho começaram a fazer planos para a grande viagem de férias de verão.

— **M**ônica, você está mesmo namorando o Felipe? Perguntou dona Valéria.

— Por que essa pergunta agora, mãe?

— Estive observando esse mocinho lá nas aulas e acho-o muito queridinho. Como se esforça em tornar-se compreensível. Tinha hora que parecia estar afogueado de tão vermelho. Notava nele o

esforço também em penetrar no íntimo dos seus interlocutores! Faço muito gosto num bom relacionamento entre vocês.

— Mãe, o Felipe é um rapaz e tanto... Gosto tanto dele! Ele é gentil, atencioso, amoroso, enfim tem todos os predicados que uma mulher sonha para si. Acontece que somos da mesma idade. Gostaria de encontrar como par um rapaz pelo menos cinco anos mais velho do que eu.

O senhor Antônio, ao entrar, ouviu as últimas palavras de Mônica.

— Quem tem cinco anos mais que você?

— Estávamos falando do Felipe. Ele parece gostar de nossa filha. Mas Mônica acha-o muito novinho para ela.

— O que interessa é o amor, falou o senhor Antônio ponderando. Se vocês combinam em tudo, vão acabar se amando. Talvez vocês dois já estejam destinados um ao outro. Ele me parece um moço excelente! Gosto muito dele, mas interessa é você gostar. Mas se vocês ainda querem cursar a universidade, ainda há tempo para pensar nisso, não?

— É isso mesmo, pai. Vamos falar de nossa nova vida como mestres.

— Tenho algumas dúvidas ainda para serem elucidadas, disse Valéria. Vejo que aquela apostila sobre o verdadeiro e o falso amor mexeu literalmente com a cabeça das pessoas. Quero mais diretrizes sobre esse conceito!

— Em classe, informou Mônica, foi dita uma frase que muito elucidada essa questão. Para mim ela diz tudo. “Merece tem, não merece não tem”. Com a minha turma eu a mencionei. Parece que ela iluminou a cabeça e o coração de muita gente.

— Os pais, ou melhor os educadores em geral, são relapsos quando tratam da educação de seus filhos, disse Valéria.

Mônica, interrompendo a mãe, começou seu relato:

— Uma senhora de minha turma narrou, que para poder intimidar seus filhos, usou de ameaças. Agora essas ameaças já não funcionam, disse-me ela. Trata-se de dois garotos: um de quinze anos e o outro de treze. Ela disse que pediu para os garotos arrumarem a cozinha, porque precisava sair naquela tarde. Começou aquele jogo de empurra. A mãe, decepcionada, ameaçou não os deixar sair naquela tarde, caso encontrasse a cozinha sem arrumar. Ao voltar, encontrou a cozinha toda limpa. Após o jantar, os dois estavam se preparando para sair, quando foram interrogados por ela. ‘Gostaria de saber quem arrumou a cozinha’. Um olhou para o outro e o mais velho disse que foi seu irmão. Ela elogiou o mais novo pelo seu feito. Ambos saíram para brincar com os amigos. No dia seguinte, ela novamente precisou sair e houve o mesmo bate-boca. O mais novo, então, diante da ameaça de não saírem, retrucou: ‘Mãe, ontem você disse que não sairia aquele que não colaborasse com a arrumação da cozinha. Aquele que não arrumou saiu para brincar igual àquele que havia arrumado. Não acredito em suas ameaças, não acredito em você!’

Aquelas palavras do filho tiveram o mesmo efeito de um tapa. Queria sumir no chão caso ele se abrisse. Perguntou-me angustiada como deveria agir de agora em diante. Respondi-lhe com esta frase: “Merece tem, não merece não tem”. A senhora, além de não ser justa, agiu mal com o uso da palavra. Esse garoto teve uma grande perda, perdeu a confiança na mãe. É uma ferida de alma, cuja cicatrização pode demorar muito. Aconselho-a a conversar com ele, reconhecer seu erro e a vontade de corrigir. Prometa-lhe que nunca mais isso voltará a acontecer. Ajude-o agora a cicatrizar aquela ferida aberta.

— É mesmo, Mônica, essa frase diz tudo. Um educador que conseguir aplicá-la terá grande sucesso na sua árdua missão de educar, concordou Valéria.

Ponderando, o senhor Antônio afirmou:

— O pior de tudo é que, quando não se aplica essa milagrosa frase, o educador leva a culpa de passar um conceito errado sobre a Justiça. A cabecinha do jovem ou da criança ficará confusa com esses erros. Vão ficar com um conceito errado sobre a Justiça do Senhor. Esse jovem terá ensejo de cometer muitos erros, baseados nesse único conceito. Os pais se tornam culpados de todos os erros cometidos por seu filho. Hoje muitos pais estão sofrendo sem saber por quê.

— A conversa está muito boa, mas hoje vou ao cinema com Felipe, disse Mônica sorrindo. Continuem conversando sobre isso. É um assunto apaixonante. Fiquem em paz. Tchau!

**E**m casa de Dalila, o ambiente estava mais harmonioso. Diante dos últimos acontecimentos, os dois irmãos se uniram mais. A colaboração de Otávio nos serviços domésticos serviu também para que a consideração e o respeito os aproximassem ainda mais. Confiantes conversavam sobre muitos assuntos.

— Para quando será marcado o novo encontro com os instrutores? Perguntou Otávio.

— Para amanhã às sete da noite.

— Que bom, precisamos, sim, de aulas de reforço com o professor.

— Otávio, qual a notícia que você pode me dar sobre o Aristides?

— Mana, por incrível que pareça, ele se entregou à justiça. Esse fato vai amenizar o processo de assassinato. O advogado dele vai alegar legítima defesa. Ele está solto. O habeas corpus o colocou em liberdade. Quer saber mais? Ele vai se inscrever no nosso curso. Mandei-o procurar por você.

**N**o Shopping da cidade, Mônica e Felipe caminham para a praça de alimentação. Encontraram uma mesa vazia, bem perto das mesas onde iguarias estavam expostas. Sentam-se um em frente ao outro. Olham-se demoradamente. Cada um procura descobrir os pensamentos do outro.

— Mônica, gostaria de conversar com você sobre a minha avó. Você estaria disposta a me ouvir?

— Claro, Felipe, o que está acontecendo? Confie em mim, fale aquilo que o está incomodando.

— Quando ainda pequeno, minha mãe confiou-me aos cuidados de minha avó. Ela foi e ainda é uma mãe para mim. Confio nela para o que der e vier. Ela me compreende e sempre me orientou em tudo. Tem uma capacidade de discernimento bastante acentuada. Estudei com ela as apostilas do professor. Leio com ela o livro da Grande Pirâmide. Hoje está próxima dos 80 anos e continua a levar uma vida de uma mulher de 50. Absorveu os novos conceitos de vida. Sem se debater, aceitou tudo com facilidade. Conversamos muito sobre o Juízo Final. Ela acredita em tudo isso e ainda concorda plenamente em que a humanidade está mesmo precisando de uma mudança radical em tudo. A semana passada ela foi fazer uns exames de rotina. O médico detectou um câncer em seu fígado.

Arregalando os olhos, Mônica perguntou.

— Como ela aceitou isso?

— Está muito calada, penso que está inspecionando dentro dela para descobrir a razão de ter contraído essa doença, pois agora ela já sabe da Lei de Causa e Efeito.

— Sabemos que todas as doenças são frutos de erros que cometemos. Você já conversou com ela a esse respeito?

— Ainda não. Gostaria de saber mais sobre essa doença. Não estou preparado para essa conversa, porque na realidade estou muito triste e não quero passar essa tristeza para ela.

— Felipe, hoje a cura dessa doença tem acontecido com frequência. Eu mesma conheço pessoas que se curaram. E depois, você não confia em Deus? O Nosso Criador não é justo? Compreendo sua tristeza, mas... Vamos supor até que ela venha a falecer. A morte não faz parte da vida? A sabedoria de Deus criou a morte como uma imensa graça, por que então não aceitá-la? E ainda mais, Felipe, sabemos que a alma continua a viver com o transpasse para o Além. Encare isso com naturalidade e passe isso para ela. Passe ainda a ela a confiança em Deus.

— Isso mesmo, Mônica. Estou sendo ingrato e egoísta. Confio sim em Deus e em suas Leis. Sei que tudo o que ela vier a passar será em cumprimento da lei do carma, onde a Vontade de Deus se expressa. Isso me basta. Agradeço a você o fato de ter me alertado com essas sábias palavras. Vou hoje mesmo conversar com minha avó.

— Felipe levantando-se, pegou carinhosamente a mão de Mônica.

— Tenho muito mesmo para agradecer ao bom Deus. Em primeiro lugar pela graça da elucidação. O Saber sobre os segredos da vida nos dá alento e força. Em segundo lugar por ter colocado você em meu caminho. Sou muito grato por tudo. Você agora bem merece que eu lhe pague um cineminha, disse sorrindo.

O 2º encontro do professor com seus colaboradores diretos se deu no clube de campo, que ficava na periferia. Cada um que chegava deparava com os belos jardins nas circunvizinhanças. Tudo muito bem cuidado, com profusão de cores das diversas flores, dava um encantamento. O dia estava começando a escurecer e o brilho do sol na linha do horizonte ainda derramava sobre o lindo jardim aquela cor dourada, completando ainda mais aquela beleza do final de tarde. O pessoal do curso foi encaminhado para o salão de reuniões. Roberto foi o escolhido para a recepção de todos. Muito alegre, desempenhava bem sua tarefa de anfitrião. Desde pequeno frequentava aquele clube com seus pais. Era bastante conhecido do corpo docente do clube. Estava descontraído, brincalhão, com uma alegria contagiante. Com a chegada de Gabriela e de D. Regina, sua alegria ainda foi maior. Acompanhou-as até os lugares e pediu que guardassem a poltrona dele ao lado da de Gabriela. Com a pontualidade de todos e a chegada do professor, teve início o segundo encontro dos instrutores do povo. Procurou-se um voluntário para secretariar a reunião. Flávia foi a escolhida, com o aplauso de todos. O professor Hércules tomou a dianteira.

— Estou percebendo através dos semblantes risinhos de todos que a paz e a alegria reinam neste recinto. Vamos então dar início ao nosso encontro. Antes, contudo, gostaria de fazer uns poucos segundos de silêncio para agradecermos ao Todo-Poderoso a graça de poder servi-Lo. Após o tempo decorrido, continuou... Encarreguei Dalila de noticiar a vocês a bem-vinda e oportuna ajuda da Prefeitura com o nosso movimento. Precisamos nos organizar para utilizarmos ao máximo não só as dependências como também a ajuda financeira para a impressão das apostilas. Tenho também a informar que não mais utilizaremos a escola para os nossos estudos. Vamos providenciar um local que a prefeitura tão gentilmente está nos oferecendo.

— Professor, interrompeu Dalila, diante do número alto de inscrições, precisaremos mais de instrutores; o que o senhor pretende fazer a respeito?

— Preparar mais instrutores. Vocês também poderão colaborar nesse sentido. Alguns daqueles que estão sendo instruídos poderão se tornar instrutores.

Dessa vez, o senhor Antônio foi quem ofereceu ajuda:

— Em minha turma há três elementos que poderiam ser preparados para esse fim.

— Na minha turma apenas um, ofereceu dona Regina, mãe de Gabriela.

Dona Valéria completou:

— Na minha turma dois elementos masculinos poderão ser aproveitados.

— Bem, penso que D. Dalila, disse o professor olhando para ela em busca de consentimento, poderá então selecionar esses nomes após aceitação deles. Eu mesmo gostaria de prepará-los. Quero examiná-los pessoalmente. Precisamos de gente humilde, com características apropriadas para ensinar. Por favor, Dalila, marque esse curso para as sete horas da noite. Durante o dia todos devem trabalhar para o seu sustento terrenal, cada um nas suas capacitações específicas e nos seus trabalhos já em andamento. Olhando interrogativamente para os presentes interrogou? Quem de vocês poderá me acompanhar para o primeiro contato com a Prefeitura? Inspecionando os rostos com expressões indagativas acrescentou: Prefiro voluntários a indicações.

Dr. Armando, com grande simpatia, levantando-se e olhando para o professor:

— Com todo prazer poderei acompanhá-lo e assessorá-lo em tudo. Se eu não estiver habilitado a isso é melhor rasgar o meu diploma.

Uma explosão de risadas quebrou o clima sério de até então.

— Obrigado, fiquei agora mais confiante com tal assessoria, poderemos ir amanhã logo após o almoço?

— Liguei ao senhor logo que chegar em casa. Terei que ir ao fórum, mas não posso precisar o horário.

Flávia, interrompendo, perguntou se poderia falar!

— Professor, estive conversando com o pessoal e verifiquei que a maioria de nós está precisando de um reforço sobre a Lei do Carma, ou, melhor falando, sobre a Lei da Reciprocidade. Como se dá ela no nosso dia-a-dia, nas mínimas coisas que pensamos ou fazemos. Tenho notado que o povo viveu até agora tão separado dessas leis, que para compreenderem precisamos de exemplos bem fáceis. Seria possível?

— Claro, vamos então falar disso. O destino de cada um foi traçado por ele mesmo. Esse saber é fundamental e básico. Vejam, quando dirigimos um carro, damos a direção desejada. Percorremos distâncias sempre em cumprimento de nossa vontade. Da mesma forma dirigimos a nossa vida de acordo com a nossa vontade. Temos a capacidade de escolher o que queremos estudar, aonde ir para se divertir, podemos escolher a nossa companhia, enfim, fazemos exatamente aquilo que queremos. Somos donos de nossa vontade. Também escolhemos aquilo que aceitamos como certo e errado. Aceitamos todos os princípios de vida vigentes sem questionar se são benéficos ou maléficos para nós.

— A vontade é então a mola do mundo? perguntou doutor Armando.

— Sim, a vontade é a mola que movimenta o mundo. Acontece que, através dessa vontade de realizações, existe a responsabilidade ligada a ela. Se não houvesse, seria tudo imperfeito. A responsabilidade ligada à vontade faz parte do processo de evolução. Vocês já imaginaram a grande confusão que seria se pudéssemos destruir tudo sem responsabilidade alguma? Em pouco tempo a espécie humana desapareceria da face da Terra. Quando fomos criados, ou melhor dizendo, quando Deus criou o ser humano, já o criou com todas as capacitações para serem desenvolvidas. Vejam então que temos todas as capacitações latentes em nosso corpo e em nossa alma. A vida consiste, pois, em oportunidades para desenvolver o que está latente em nós. Todos nós apreciamos muito quando deparamos com uma pessoa madura que é responsável por tudo aquilo que faz e por tudo aquilo que fala. Para nós ela se torna confiável.

— Assim temos de ser perante o nosso Criador, acrescentou Gabriela sensatamente, perante as pessoas e principalmente perante nós mesmos. Faz-nos sentir bem. A confiança em nós mesmos leva ao entusiasmo pela vida.

A classe ficou muda pensando nas palavras de Gabriela. Ela notando isso perguntou admirada:

— Falei alguma coisa errada?

O professor veio em seu auxílio:

— Não, não Gabriela, você falou certo. A autoconfiança nos pode levar a grandes feitos. A responsabilidade diante de qualquer pensamento e diante de qualquer realização faz parte da vida humana. Com a utilização da vontade e da livre escolha, é fácil concluir que o que estamos colhendo hoje nada mais é do que a consequência de inúmeras vontades que tivemos e realizamos antes. Portanto, não adianta falar em sorte ou azar e querer jogar para o terreno da fatalidade os momentos difíceis por que estamos passando, sempre estamos colhendo aquilo que semeamos anteriormente.

Geraldo foi o primeiro a se manifestar:

— Agora entendi melhor. Estamos colhendo aquilo que semeamos para ver se a escolha deu certo ou não. Assim, quando semeamos uma semente na terra. Se ela brotar bonita e forte é porque a semente foi boa, se ela brotar raquítica e pouco desenvolvida é porque a semente não foi boa. Tem que ser retirada e jogada fora. Tudo é tão lógico! Estou entendendo tudo melhor.

— Isso mesmo, vejam como esse exemplo do Geraldo foi tirado da natureza. A natureza nos ensina tudo que devemos saber, temos só que observar e praticar em nossa vida. A Física e a Química são ciências que poderiam ter nos ensinado tudo sobre a natureza. Se essas duas ciências tivessem utilizado tudo que já extraíram de saber e transmitissem para todos através da escola poderíamos ter atingido já um desenvolvimento muito maior em nossas vidas. O Senhor nos fala

através da natureza. Reconhecer essa fala e segui-la é o caminho do verdadeiro saber, é o caminho da felicidade, explicou o professor com bondade em sua voz.

— Eu me lembro que o senhor nos falou que a mudança dos corpos na adolescência é a fala do Senhor, mostrando que com essa transformação o habitante do corpo ganhou a liberdade de escolha junto com o poder de decisão, e com isso a responsabilidade de tudo o que pensa e faz, oportunamente lembrou-se Otávio.

— Bem lembrado, Otávio, confirmou Mônica; ficamos preocupados por adquirirmos carma já aos 14 anos. Aliás, é em torno dos 14 anos, pode não ser exatamente nessa idade.

— Exatamente. Bem lembrado esse exemplo. Muitos ainda poderão ser extraídos das observações da natureza humana também, afirmou o professor.

Dessa vez foi Guilherme quem tomou a palavra:

— Professor, os jovens são inexperientes, e é lógico que vão adquirir mais carmas ruins do que os adultos, pois vão errar mais, estou certo em minhas reflexões?

— Vamos aproveitar o exemplo do Geraldo. Se a semente for boa ela crescerá robusta e forte. Se for ruim terá que ser expelida da face da Terra. Há pessoas que já não têm mais jeito de se recuperar. Por mais que se esforcem, não conseguirão recuperar sua intuição, pois os inúmeros erros aderiram tanto em suas almas que se tornam irrecuperáveis, portanto terão que ser expurgados da face da Terra. As leis que regem os Universos fazem conosco exatamente aquilo que devemos fazer com as crianças e adultos do nosso convívio: “Merece tem, não merece não tem”. “Cada um colhe aquilo que semeia”.

Felipe aparteu meio desanimado:

— O povo tem muita dificuldade em assimilar isso. Por quê?

— Por diversas razões, explicou o professor com paciência. Fazem uma ideia errada sobre a Justiça de Deus. As religiões e as pessoas em geral fazem crer um Deus bonzinho que perdoa todas as insolências humanas e todos os erros. Assim anulam a Justiça. Para haver o perdão é necessário, sim, o chicote da Justiça. Sem esse corretivo, que somente é benéfico, o ser humano não aprenderia a noção do certo e do errado. Esse Deus bonzinho que anula a Justiça não existe. É preciso apagar da cabeça do povo essa imagem errada sobre o Criador. Sim, Deus é Amor, mas também é Justiça. O Amor e a Justiça trabalham juntos. São até inseparáveis.

— Sou advogado, informou o doutor Armando, e a minha profissão nesse sentido é tão errada que as coisas boas que ela contém são anuladas diante dos erros de todo um sistema! Essa tese, por exemplo, de que todo culpado precisa de defesa leva a atenuantes falsas que modificam toda a verdade. Um assassino frio e calculista pode ser posto em liberdade até com certa facilidade.

Roberto acrescentou ainda:

— Hoje, a justiça humana está tão desmoralizada que ninguém mais dá crédito a ela. São tantas as leis, que elas hoje só servem para confundir e atrapalhar. Sei que tem muita coisa boa e necessária, mas os erros são muito maiores do que os acertos.

Doutor Armando perguntou, interessado:

— Agora lhe pergunto, professor: Se um juiz, um promotor ou mesmo um advogado, se deixarem levar pelas leis da justiça terrena, anulando o mais simples senso de justiça, como fica esse profissional diante de Deus?

— Como qualquer criatura humana, eles também estão ligados à Lei da Reciprocidade, pagarão caro pela negação da verdadeira Justiça. Diante do nosso Criador não existem figurões importantes que possam errar sem serem atingidos pela Justiça. Isso somente existe na cabeça de míseras criaturas humanas, confirmou o professor.

— É um consolo ter a certeza disso, afirmou doutor Armando sorrindo.

Dessa vez foi Valéria que pediu um aparte:

— Sr. Hércules, em minha turma há um senhor que lê muito. Ele me disse que há outras profecias. O senhor conhece outras? Poderíamos falar mais a respeito?

Prontamente o professor respondeu:

— Há sim. Existe uma profecia que diz: “O Brasil é uma terra escolhida... uma terra destinada a brilhar extraordinariamente entre as nações”. Mesmo diante da maior corrupção a que estamos assistindo, mesmo na maior florescência do falso amor aplicado pelas famílias e pelas leis vigentes, mesmo na falsa ideia que fazem sobre o Amor condescendente de nosso Criador, a profecia sobre o Brasil está se cumprindo, pois este país foi escolhido outrora para ser um ponto de ancoragem da Luz tendo, logicamente, que brilhar espiritualmente e terrenalmente.

— Então, nada pôde impedir essa realização? Espantada perguntou Flávia: como assim, ela já se ancorou aqui em nossa terra?

— Sim, ela já se ancorou. A Vontade da Luz é imperiosa e exigente. Quem se colocar no caminho, atrapalhando o cumprimento dessa Vontade, de alguma forma será afastado do seu atuar errado, pois o Amor Divino não conhece fraquezas à maneira humana. De nada vale a vontade humana querer competir com a Vontade de Deus. Será dissolvida até às cinzas. Não há lógica nas minhas afirmativas?

Confirmando com a cabeça, Sílvia acrescenta:

— Se tal afirmativa não fosse absolutamente verdadeira, não haveria explicação para tantas tragédias que se avolumam continuamente, como desmoronamentos de terra soterrando pessoas, secas prolongadas estragando as plantações, chuvas em excesso ocasionando desabrigo, afogamentos, o mar invadindo a terra matando milhares, aumento da miséria... E as doenças incuráveis exterminando milhares... Quem observar tudo isso, questionando os porquês de todos os acontecimentos, com certeza encontrará as respostas. Tenho certeza de que realmente o Senhor não tolerará nenhuma interrupção de Sua Vontade.

Flávia pediu licença para concluir:

— Claro, todo esse acontecer faz parte da Justiça. O computador do Universo é muito mais aperfeiçoado do que o humano, e as mãos que o digitam fazem-no por ordem de Um mais poderoso. Não existem erros nem acasos. Tudo está sob controle. As leis instituídas pelo Senhor, em Sua Criação, são incorruptíveis, perfeitas, eu já compreendo isso tudo muito bem. Já falo isso com segurança para aqueles que foram confiados a mim.

Luizinho, satisfeito com a compreensão do sentido da conversa:

— Quem acha que isso pode ser diferente nada sabe sobre o Amor e a Justiça divinos, que sempre fazem retornar à criatura humana aquilo que ela mesma desejou com seus pensamentos, palavras e ações...

— Exatamente, percebi que vocês já assimilaram o funcionamento da Justiça e do Amor em conjunto. Vocês entenderam, então, que amor e graça residem, também, na destruição de todos os males? Todo o mal desaparecerá agora da face da Terra. E também terão que ser varridos os seres humanos que não quiserem agora abaixar o topete e com humildade se renderem à Vontade de Deus.

— Quer dizer que também nós aqui presentes, com nossos erros do passado, ajudamos o retardo dessa profecia? Perguntou Otávio com certa amargura.

— Claro, Otávio, sem sombra de dúvida.

— Mas nós não sabíamos de nada... Estamos correndo perigo?

— Otávio, quando estávamos errando sem saber disso era porque não procurávamos saber. Essas profecias há muito existem. Não há aquele ditado: Quem procura acha? Nós não procuramos. Agora que estamos sabendo, vamos trabalhar em sentido contrário, e, além de nos elucidarmos e praticarmos os ensinamentos, ainda trabalharemos para a conscientização do nosso povo. Não é o que estamos fazendo agora?

— E daí, quando vier o Juízo Final, vamos também ser atingidos? Existe a lei da compensação? Temerosa, indagou Dalila.

— Sim, existe a lei da compensação, senão não haveria Justiça, concluiu o professor amavelmente. É a oportunidade que temos de corrigir nossos erros, trabalhando em sentido contrário. Quando o resgate do carma chegar, estaremos num estágio mais alto, mais nobre e assim



ele resvala mas, não nos acerta. Com a melhora pessoal, não oferecemos campo de pouso para o retorno, apaziguou o professor, notando o desalento de alguns.

— Quanta perfeição existe nisso tudo! Dá gosto viver assim conscientemente, falou Sílvia emocionada.

— Cs que dão guarida àquele amor condescendente, que tudo perdoa a quem não quer se conscientizar dos próprios erros e, portanto, não se arrepende e não se modifica, e acaba resgatando uma pesada culpa. A confusão aumentará cada vez mais. A crescente onda de violência, com crimes e assassinatos, acidentes, corrupção! Sim, a corrupção é também um ato de violência, um dos piores até. Causa tamanha indignação, que a Reciprocidade irá atingir esses corruptos de uma maneira também violenta. Aguardem. Concluindo Gabriela afirmou:

— Se o Amor verdadeiro, aquele que educa, corrige e castiga com severidade, estivesse sendo aplicado, nós já poderíamos estar colhendo bênçãos e proteção, não é? Estou vendo certo?

— Sem dúvida, mas, a meu ver, ainda falta muito para isso, pois é muito cômodo não se educar, não educar o meio onde vivemos e não fazer absolutamente nada. A humanidade, nesse sentido, está muito mal acostumada e dorme tranquilamente, até que seja acordada por um tremendo chacoalhão. Ai... Se fará de vítima! Completou o professor as reflexões de seus alunos.

Preocupado o senhor Antônio pergunta:

— Como irá terminar então tudo isso?

— Cada um que pensa e dá acolhida a concepções erradas, nos conceitos cotidianos de vida, coloca-se contra o cumprimento da profecia referente ao Brasil, esclareceu o mestre.

— E o que poderemos fazer diante disso? Flávia perguntou.

— Temos que nos disciplinar e disciplinar nosso meio, continuou o professor vagarosamente. Temos de nos dar as mãos, não para recitar o Pai Nosso mecanicamente sem compreendê-lo, mas para viver intensamente as palavras: “Seja feita a Tua Vontade, assim na Terra como no Céu...” E no céu não há falso Amor, não há condescendências ilógicas... Não há qualquer fraqueza ou moleza de nenhuma espécie.

Todas as expressões demonstravam profunda análise no mais profundo silêncio, quando o professor novamente começou a falar. Está na hora de terminarmos a nossa reunião. Olhando para os instrutores, com expressão indagativa, esperou que alguém falasse alguma coisa. Dr. Armando, levantando-se com muito charme:

— Aproveitando o ensejo de estarmos aqui reunidos, tenho o prazer de convidar a todos para saborearmos uma deliciosa pizza.

O Sr. Jerônimo, que até agora permanecia calado:

— Uma salva de palmas para ele!

E assim aconteceu. Todos em volta de uma mesa, alegres, brincalhões e felizes! Antes ainda de serem servidos, o professor, levantando-se, acrescentou sorridente:

— Espero que o nosso trabalho, já iniciado com tanto sucesso, não termine em pizza, como no Congresso!

Após muita risada... o doutor Armando pediu a palavra:

— Que a bênção do Senhor nos livre de todos os males, principalmente deste. Que nos livre de todos os conceitos que hoje vigoram neste mundo. O nosso trabalho em primeiro lugar.

**D.** Sílvia, altiva, elegante e sorridente, colocou-se diante do seu grupo.

— Espero que vocês já estejam colocando em suas vidas os novos conceitos aprendidos aqui. Um dos alunos, o senhor Pedro, levantou a mão para poder se pronunciar:

— D. Sílvia, com todo o respeito, eu não estou conseguindo colocar esses novos conceitos na minha casa, não.

— Por quê, Sr. Pedro? Perguntou admirada.

— Imagine a senhora que a minha esposa não concorda com nada daquilo que estou aprendendo aqui. Estou pensando em largar minha família.

— Mas o que está acontecendo, afinal? Por que essa atitude tão drástica?

— Eu quero colocar minhas filhas para correrem de casa e minha esposa não concorda com nada. O falso amor corre solto na minha casa. Minhas filhas fazem o que bem entendem, não respeitam ninguém. Eu não aguento mais!

— Por que sua esposa age dessa maneira?

— Ela sempre foi assim. Agora, depois que estou sabendo que sou responsável pela educação de minhas filhas, quero me posicionar para tomar atitudes corretivas, mas a molenga de minha esposa diz que, se as filhas forem colocadas para fora de casa elas não terão para onde ir. Ficarão na rua e isso ela não poderá concordar.

— E por que o senhor quer colocar suas filhas para fora, Sr. Pedro? O senhor não está sendo drástico e insensível?

— Tenho até vergonha de dizer. Sou motorista de praça há muitos anos. Lutei a vida inteira para dar estudo às minhas filhas que agora estão com 14, 16, 17 e 18 anos. A mais velha ficou grávida e já tenho um neto em casa. Agora, imagine a senhora, que todas as quatro filhas estão grávidas sem se casarem. Ora, eu não sou burro de carga para criar os filhos dos outros. Elas que vão viver com aqueles homens que as engravidaram.

Todos ficaram admirados com essa triste estória do senhor Pedro. Passado os primeiros minutos de perplexidade, Sílvia acrescentou:

— Sr. Pedro, se sua esposa até hoje não educou suas filhas, o senhor até agora aceitou isso. O senhor reclamou muitas vezes, mas nunca deu um basta prá valer. Quando não tomamos uma atitude de rejeição, significa que concordamos com o fato.

— Mas D. Sílvia, eu saio de casa bem cedinho e só volto à noite. Quem tem que saber tudo sobre as filhas, quem tem que educá-las é minha mulher, que só fica em casa. A senhora não acha?

— Bem, de fato se ela não trabalha fora e fica em casa com as filhas, é ela a maior responsável. Contudo, o senhor tem também uma parcela de culpa. Deveria também inteirar-se de tudo o que acontece na sua ausência.

— D. Sílvia, a senhora não sabe do que elas são capazes de fazer. Quando minha filha mais velha engravidou, fiquei muito bravo e exigi explicações para saber como aquilo aconteceu. Depois de muitas mentiras, descobri que ela pulava a janela do quarto e saía para a rua depois que todos nós já estávamos dormindo. Fiquei mais bravo ainda e não acreditei. Sabia que, se ela tivesse feito tudo sozinha, teria se machucado pulando daquela altura. Apertei mais ainda e, por fim, acabei descobrindo que minha mulher, depois que eu dormia, saía do quarto e ajudava minha filha a pular a janela, dando-lhe a mão. O que fazer com um bicho desse?

O Senhor Alexandre, um dos alunos do grupo, aparteou:

— Sr. Pedro, no seu lugar, eu punha sua mulher para fora de casa, e não suas filhas. Sua mulher estragou suas filhas e, agora, terá que colher aquilo que plantou. Não é assim a lei do Retorno? Cada um não colhe aquilo que planta? Assim que eu entendi essa lei.

— Acho uma boa ideia. Vou pensar nisso. O que a senhora acha disso, D. Sílvia?

— Mas como essas moças tão deseducadas, indisciplinadas e enfraquecidas em seu íntimo, o que não aprontariam sozinhas? O senhor seria o responsável por elas.

— Mas eu não quero mais minhas filhas. Para ser sincero, parece que perdi todo o amor por elas. Acho que elas devem procurar os homens que as engravidaram.

— Acho que, em primeiro lugar, o senhor tem que procurar falar com esses rapazes. Veja o que o senhor apura. Quem sabe os rapazes irão assumir os filhos.

— Se eu for falar com eles e me responderem torto, aonde vou encontrar paciência para enfrentar isso? Preciso me preparar para aceitar sem brigas, pois não adianta peitar e me desgastar mais do que já estou.

Uma das alunas, dona Diva, pediu um aparte:

— É melhor, mesmo, o senhor não brigar com eles. Pode ser que mais tarde, quando se depararem com os bebês, se encham de amor por eles e mudem de ideia. Se não ficar a lembrança de uma briga do passado, vocês poderão até serem amigos futuramente.

D. Sílvia acompanhava com interesse as diversas opiniões.

— Acontece que até que isso venha a acontecer, quem as protegerá? Quem cuidará delas? Uma vez que a responsabilidade é dos rapazes que as engravidaram, eu não vou assumir essa.

— O Senhor tem que ir à polícia e dar parte deles, pois terão, sim, que assumir essa responsabilidade, afirmou outro aluno que acompanhava com interesse o desfecho daquele caso.

— O senhor já ouviu todas as opiniões, o que apurou de tudo isso? Perguntou Sílvia.

— Penso que sou eu quem deve sair de casa e deixá-las entregues a si mesmas, tanto as filhas como a mãe. Vou morar com uma irmã viúva. Depois que eu já estiver estabelecido, vou falar com todos os rapazes. Caso eles não queiram assumir ou mesmo não tenham condições de assumir, então sim, irei à polícia registrar as denúncias. Cada passo por sua vez.

— Acho que o senhor estará agindo certo assim, é uma atitude bastante sensata, falou Sílvia estimulando.

— O Senhor vai dar pensão para elas? Indagou novamente dona Diva.

A resposta surgiu prontamente:

— Claro que não, elas que vão trabalhar para se sustentarem. Tratem de arrumar emprego se quiserem ter a barriga cheia. Fazendo isso, creio que estarei em paz. Elas terão que sentir na pele os seus erros, só assim poderão se conscientizar o quanto erraram e o quanto foram levianas em seus atos.

— Dê uma pequena pensão por apenas três meses. Dê a elas o tempo necessário para se organizarem e se adaptarem à nova vida, sugeriu Sílvia.

— Nós não estamos aprendendo que “Quem merece tem e quem não merece não tem”? Acho que elas não merecem nada não. Não aprontaram, mãe e filhas? Agora terão que assumir. Assim terão a oportunidade de corrigirem suas leviandades. Vou dar a casa para morar e só.

Vocês todos estão sendo para mim de especial ajuda. Ouvindo vocês clareei minhas ideias. Passou toda a raiva e estou novamente em equilíbrio, falou senhor Pedro desabafando.

— De fato, todas as opiniões foram de grande valia. Faça assim senhor Pedro, e vejamos o desenrolar desse caso tão complicado, delicadamente falou Sílvia.

— Estou agora em paz, desabafou senhor Pedro, pois parece que uma luz acendeu dentro de mim. Vou fazer tudo direitinho. Sei que agindo assim vou vibrar na lei do amor, vou educar mãe mole e filhas irresponsáveis e levianas! Agradeço a todos do fundo do coração.

— Vou pensar com muito carinho no seu caso, falou Sílvia, consolando. Vou ver como poderei ajudar na elucidação de suas filhas e de sua mulher. Muita paz para todos e até a próxima seção de estudos.

**V**aléria, muito bem vestida, se colocou diante de seu grupo.

Os alunos a mediram de cima a baixo. O vestido cor de cenoura combinando com a sandália de salto da mesma cor dava-lhe um ar jovial. Seus olhos verdes e cabelos pretos, soltos até os ombros, agradavam a todos, pois realmente estava muito bela. Ela, notando que estava sendo observada, ficou levemente corada e sem jeito. Recobrou ânimo e começou a perguntar se todos estavam sintonizados com as últimas revelações.

— Como os senhores estão se sentindo diante da nova vida? Já conseguiram renovar suas vidas pelo menos em parte?

— D. Valéria, estou me esforçando ao máximo para que tudo mude mesmo em minha vida. Contudo, confesso que não está sendo fácil. Sei que a maioria das pessoas estão mortas espiritualmente e isso mexe muito comigo. Minha família não quer seguir o mesmo caminho que eu. Estou me modificando, impulsionado pelo amor e pela necessidade de endireitar tudo que está torto. Vivo, porém, num ambiente diverso, ninguém da minha família e ninguém do escritório onde trabalho quer saber de modificações. Parece até que falamos línguas diferentes., desabafou senhor Elizeu, funcionário de uma empresa conceituada.

— As mudanças são sempre difíceis. No começo, quando mudamos, as pessoas logicamente nos verão com olhos diferentes. Isso é um bom sinal, mostra que realmente mudamos.

— Sim, é um bom sinal. Mas existem pessoas que ficam tirando sarro diante dessas mudanças. É difícil suportar!

— Sabe, senhor Eliseu, na hora em que uma pessoa parte para a gozação, pense que ela está numa pior, justamente pela falta da elucidação. É digna de lástima. Ao invés de se sentir magoado, vai é sentir pena! Muita pena! Sabedor ainda de que tais pessoas estão se sobrecarregando com débitos e que terão que pagar por isso mais cedo ou mais tarde, para que sentir raiva, mágoa ou tristeza? Deixe-as entregues à lei do Retorno. A lei se cumprirá.

Outra senhora de nome Nair aparteou:

— Assim tenho feito. Sinto tanta pena que não consigo magoar-me com as críticas e gozações do meu ambiente. Logo fico pensando nos ensinamentos dos sábios da Caldeia. Um desses ensinamentos diz: “Doenças surgem quando o espírito e o cérebro do corpo terreno não colaboram um com o outro, mas sim agem um contra o outro”. Como se dá isso?

— Essas palavras foram ditas por um dos sábios da Caldeia. Eles constataram que as doenças e feridas surgiam devido aos pensamentos e atitudes erradas que os seres humanos estavam praticando. Ora, isso quer dizer que as pessoas, já naquela época, estavam se deixando levar pelas ponderações do cérebro em detrimento das advertências de seus corações, ou melhor dizendo, de suas intuições. Já estavam praticando toda sorte de delitos contra as Leis Naturais,

— Mas que delitos são esses? Continuou dona Nair.

Calmamente Valéria foi enumerando:

— Ganância, cobiça, sexualidade depravada, calúnias, vaidade e a terrível inveja que espreita em todos os cantos... Pertence a isso um rosário de defeitos que os seres humanos foram colecionando ao longo do tempo. Esses são delitos que o ser humano pratica contra a Vontade do nosso Criador. O espírito sabe que está cometendo delito, mas como ele se enfraqueceu ao longo do tempo, deixa-se levar pelo cérebro calculista, pelas razões do raciocínio...

— O invejoso também prejudica a pessoa alvo de sua inveja? Continuou Nair insistindo na elucidação: Como se dá isso? Estive pensando que a inveja prejudica, já imaginaram como ficam os artistas da televisão que são alvo de inveja de milhares de pessoas?

— Só as prejudicam se elas carregarem em seu íntimo sentimentos semelhantes ou iguais a esse. Se, ao contrário, têm uma alma limpa, sem manchas, a inveja resvala nessa pureza e não as prejudica. Podemos dizer que a inveja não encontrou nelas campo de pouso, explicou pacientemente a mestra.

— Que perfeição existe nisso! Ninguém, então, está exposto a mal nenhum, caso a própria pessoa ofereça campo de pouso para o mal, alegremente concluiu Nair.

— Isso mesmo. Somente ela mesma, de dentro para fora, com seus pensamentos e sentimentos puros pode se fechar a todos os males.

— Como eu estava separada de todo esse saber! E quando a inveja cai sobre uma criança? Continuou Nair com suas reflexões.

— Aí o estrago vai ser grande. Mas para tudo há remédio. Eu mesma presenciei um fato, que me mostrou a devastação que causa a inveja! Uma senhora deu banho em sua menina de dois anos e a colocou sentadinha no terraço da casa para se distrair com o movimento da rua. Foi cuidar de outra coisa e, ao voltar para pegar a criança, ela se encontrava dormindo. A mãe achou estranho ela dormir antes do jantar por não ser esse o seu hábito. Colocou-a na cama e esperou até que a menina acordasse. Após duas horas, uma vez que isso não se deu, ela foi acordá-la para jantar. Não conseguindo acordá-la chamou pelo pai. Resolveram levá-la ao médico. No hospital examinaram e não encontraram nada. Lá, ela passou a noite em observação. O caso se prolongou por mais dois dias e a menina foi definhando. A empregada da casa, dentro de toda simplicidade, matou a charada. A menina estava com mau olhado, dizia ela para sua patroa: ‘Lá, na colônia, mora uma velhinha que benze e tira dela esse mal.’ A mãe, já desesperada, resolveu buscar a menina no

hospital e chamar a tal benzedeira. Após a bênção, o galinho de arruda que ela trazia consigo murchou. Assim que a velha saiu a menina sentou-se e chamou pela mãe, pedindo alimento.

— Por que no hospital não deram soro para ela? Perguntou outro aluno de nome Alexandre.

— Estavam na esperança de a menina acordar. O médico que a atendeu era ainda inexperiente. E o senhor acha que a medicina ia mesmo solucionar um caso desses? Se hoje os médicos considerassem os motivos das doenças de alma e vissem a aura magnética de todos os seres, encontrariam a chave para a cura de muitos males com facilidade. A medicina de hoje é totalmente materialista e desconhece os motivos invisíveis causadores de doenças.

— É difícil acreditar nisso. Não são coisas habituais, confirmou Alexandre.

— Meus filhos e meu querido marido, quero dar-lhes uma notícia sensacional! Disse Sílvia alegremente. Vejam como o mundo atual é materialista. Os médicos de hoje não sabem nada sobre o “mau olhado”, não são capazes de interferir num caso desses contribuindo com seu saber para a cura, no entanto, não dão mão à palmatória para reconhecer que existem muitas coisas que a medicina não alcança. E vejam o porquê da profecia em relação aos mortos espirituais que hoje habitam a Terra! Vejam o simbolismo da existência do sarcófago em “A Grande Pirâmide”. Quem de vocês ainda tem dúvidas da veracidade de tudo o que está naquele livro?

— Fale-nos sobre os servos auxiliares de Deus, pediu o senhor Alexandre.

A mestra achou oportuna a hora de mais revelações sobre os servos.

— Esses servos de Deus trabalham em todos os setores da Criação. Eram conhecidos de todos os povos. Uma grande parte do povo podia vê-los. Ora, todos aqueles povos, como caldeus, egípcios, sabeus, germanos e ainda muitos outros viam os enteais. Uma grande distância separava esses povos, falavam línguas diferentes e estudos mostram que o significado dos nomes que davam aos regentes do Olimpo e de alguns astros era sempre o mesmo. A descrição desses seres auxiliares de Deus era, também, sempre a mesma. Portanto, não se pode mais jogar essas verdades para o terreno das lendas. Em diversos países pode-se constatar construções tão gigantescas que é fácil concluir que mãos humanas não poderiam ter conduzido aquelas pedras para o local das obras onde foram construídas. Os gigantescos blocos de pedra usados na “Grande Pirâmide” pesavam muitas toneladas. Como poderiam ser transportados para aquele local e ainda serem levantados àquelas alturas sem o auxílio desses seres gigantescos? Tudo é tão óbvio, tão claro que, somente seres humanos sem a mínima intuição ou, ainda, escravos de seus raciocínios, podem negar tais evidências, falou Valéria de uma maneira convincente.

— Para mim, disse dona Rita, depois que comecei a ler esse livro com minha família, não tenho mais dúvidas. Meu marido ainda duvida da existência deles. Meu filho mais velho não pensa noutra coisa. Ele quer muito saber mais a respeito desses auxiliares e também quer frequentar estas aulas. Quando ele poderá vir?

— Estamos nos preparando para ampliar estes encontros para mais quatrocentas pessoas. Eu avisarei quando chegar a hora certa, informou Valéria.

— D. Valéria, levantou a mão Berenice, solicitando permissão para falar: na página 34 deste livro lemos que “Quem quer receber algo, terá de dar também algo em troca! Pois um ser humano que quer apenas receber, sem dar nada, torna-se um mendigo! Atentai para que os pratos da balança sempre estejam em equilíbrio”. Como uma pessoa poderá se tornar uma mendiga? Ainda nesta vida? Ou em uma próxima?

— Cada mendigo era considerado um fora da lei de Deus. Ninguém queria ser considerado assim. Os mendigos só recebem sem dar nada em troca. Há muitos mendigos que não aceitam ser recolhidos em casas destinadas ao abrigo deles. Preferem ficar mendigando, pois chegam a receber um bom dinheiro. Aqueles que dão esmolas não pensam o quanto prejudicam esses mendigos. São considerados bonzinhos ao dar uma esmola, no entanto, estão ajudando a cair no abismo do egoísmo. Tais mendigos não sentem gratidão, se sentem, sim, como injustiçados por Deus. E não nos esqueçamos de que cada um tem aquilo que merece. Não existe injustiça. O mendigo é, sim, um fora da lei de Deus. Já perdeu a dignidade humana.

— São tantos, o que fazer por eles? Indagou o senhor Alexandre, preocupado.

D. Valéria, pacientemente, explicou:

— Eles deverão ser recolhidos para receberem ensinamentos para a alma e ainda ensinamentos profissionais. Não adianta somente resolver a sua questão profissional e não ensinar-lhes como devem agir e qual o seu papel na sociedade e na Criação. Deverá ser exigido, sim, um comportamento digno como retribuição da ajuda que receberam. Existe maneira melhor de amar o próximo? Nosso encontro de hoje está terminado. Até o próximo.

**N**a sala de jantar da casa do doutor Armando, os familiares reunidos trocavam entre si experiências sobre o encontro com seus alunos.

— Meus filhos e meu querido marido, quero dar-lhes uma notícia sensacional! Disse Sílvia alegremente. Vou tornar-me proprietária de uma casa de recuperação de meninas-mães. O que vocês acham disso? Quero a opinião de todos.

— Para opinar, preciso saber de todos os detalhes, pediu o doutor Armando. Como você pensa fazer isso?

— Bem, quero falar primeiramente do porquê dessa ideia que parece estranha, mas não é. Um senhor da minha turma nos revelou seus problemas íntimos e de comportamento. Está encontrando muitas dificuldades para uma tomada de posição junto à família. O caso dele é difícil, mas penso que para mim foi a luz que eu precisava para auxiliar as mulheres a se conscientizarem do seu papel na Criação, na sociedade e, conseqüentemente, levá-las a se modificarem.

— Não me diga, mãe, que você pensa em tirar as mulheres dos seus pedestais! Elas estão muito senhoras de si e seriam muito poucas aquelas que desejariam reconhecer seus erros, disse Flávia.

— Filha, quando o sofrimento chega, a arrogância tende a enfraquecer. Imagine você que um motorista de taxi tem em casa quatro filhas grávidas. Todas elas solteiras e ainda superprotegidas pela mãe. Essa mãe não tem a menor consciência sobre o verdadeiro papel da mulher na Criação e na sociedade. Pensei, então, em abrir essa casa de mãe solteira para conscientizar essas moças a olharem de frente para o papel inferior e pouco digno que desempenham na vida.

— E as suas aulas? Você pretende continuar como mestra? Perguntou Flávia interessada.

— Minhas aulas são à noite e o trabalho do lar da mãe solteira será durante o dia, falou Sílvia com segurança.

Doutor Armando, em tom de desamparo, exclamou:

— E nós? Vamos perdê-la?

— Vejam como mudei. Até há pouco só cuidava de vocês, agora tudo terá que mudar. Você, Flávia, não achava que eu devia deixar vocês crescerem e não me envolver com suas coisas pessoais? Obrigada, filha! Isso me ajudou muito! Eu que precisava crescer como mulher. Agora sei que a responsabilidade de uma mulher é bem maior do que cuidar apenas do pequeno lar, falou Sílvia, com determinação.

— Não acredito, não conheço mais você!... Parece que é outra pessoa que aqui fala conosco, resmungou o doutor Armando.

— Quero minha mãe de volta! Disse Roberto em tom de brincadeira. Não consigo imaginar você o dia todo fora de casa. Vou me sentir abandonado!

Flávia, elogiando:

— Mãe, estou orgulhosa de você! Sua iniciativa de querer auxiliar na conscientização da mulher será uma obra de inestimável valor. Se não fossem as aulas do cursinho, iria ajudar também.

— Essa sua ideia é, sim, viável. Não será um grande investimento. Até a Prefeitura deverá ajudar, penso eu, disse o senhor Armando, estimulando.

— Vou convidar a Valéria, a Iracema e a Patrícia, mãe do Leonardo. Fiquei conhecendo a Patrícia há poucos dias e gostei muito dela. Vou convidá-las para um jantarzinho aqui em casa e vou expor as minhas ideias. Assim poderei ver se encontro acolhida em seus corações.

— Vai em frente, mãe, estou entusiasmado com suas ideias e iniciativas, falou Roberto. Pode contar comigo. O tempo que tenho é pouco, mas, espremendo, dá.

— Eu sabia que poderia contar com a minha encantadora família. Hoje mesmo vou telefonar para elas e começar logo o que tenho que fazer, falou Sílvia alegremente.

**N**a residência do senhor Jerônimo, Geraldo entra apressado.

— Mãe, a Débora ligou para mim?

— Sim, ligue para ela, respondeu Iracema. Ela me pareceu meio quieta. Aquela alegria, peculiar dela parece que desapareceu.

— Geraldo, todo preocupado, se encaminhou em direção ao telefone. Ao ouvir o alô do outro lado da linha, percebeu, pelo tom de voz, que havia realmente alguma coisa que a preocupava.

— Fale, minha querida, o que a preocupa tanto?

Débora, em tom contrariado...

— Ah! Geraldo, aqui em casa o ambiente está um caos. Preciso sair um pouco, pois a barra aqui está muito pesada. Durante as aulas com o povo, consigo serenidade para pensar e auxiliar. Quando as tragédias atingem os nossos familiares, a coisa muda de figura. Toma outra proporção!

Geraldo, prontamente:

— Vamos jantar fora e assim poderemos falar mais calmamente. Daqui a quarenta minutos passarei em sua casa. Está bem assim?

— Está bem. Vou aguardar.

No horário combinado, Geraldo parou o carro na porta do prédio onde morava Débora com sua família. Ficou esperando que ela descesse. Aguardou por vinte longos minutos. Estava já preocupado, quando apareceu na porta do prédio o irmão de Débora todo esbaforido, correndo em direção à rua. Geraldo tentou interceptá-lo, fazendo sinal para que parasse. Não conseguindo isso, colocou o pé para o rapaz tropeçar. Assim pode, ao erguê-lo do chão, tentar acalmá-lo. Sérgio estava muito ofegante para poder falar.

— Calma, fique tranquilo, tudo irá se resolver, falou Geraldo espanando com a mão a calça marrom que empoeirou.

— Não, agora tudo irá piorar, apressadamente falou Sérgio. Perdi as estribeiras e esmurrei a cara de meu pai. Nisso olhou para a porta do prédio e avistou Débora segurando o braço do pai, que estava com o rosto todo ensanguentado. Débora fez sinal para um taxi, que, imediatamente, parou diante deles. Débora fez de conta que não viu seu irmão e Geraldo parados há poucos metros de distância do lado oposto da rua.

— Não quero me meter nessa briga de família, contudo quero ajudar Débora a encarar de frente esse problema de vocês. Posso saber do que se trata? perguntou gentilmente Geraldo.

— Prefiro que Débora ponha você a par de tudo, vagarosamente respondeu o moço.

**A**pós 3 horas, Débora volta do hospital com o pai. O senhor João Carlos, passando a mão nas ataduras sobre o nariz, pergunta de repente:

— Onde está o Sérgio?

Dona Carolina, mãe de Débora, em tom de expectativa:

— Saiu, não sei onde ele se encontra. Deve estar assustado com o que aconteceu.

— Preciso falar com ele. Se ele ligar, diga-lhe que não estou com raiva e que preciso ter um dedo de prosa com ele, falou João Carlos em tom amigável!

— Você acha que ele vai acreditar nessa? Depois dos seus gritos e humilhações para com a mamãe, ele vai mesmo ouvi-lo? Perguntou Débora.

— Reconheço que errei muito... Mas preciso explicar tudo. Preciso desabafar, pois esse problema me atormenta há muitos anos. Por isso, preciso falar com todos vocês juntos, falou o pai de uma maneira decidida.

— Isso, pai! Você precisa falar a verdade, sem esconder nada. Sua moral diante de nós está a zero. Você precisa resgatar, diante de nós, aquela imagem de um pai carinhoso e confiável, falou Débora.

— Preciso tanto disso como se estivesse morrendo de sede e não tivesse água para beber. Para isso quero que Sérgio esteja presente.

— Vou ver se consigo localizar o seu paradeiro. Débora encaminhou-se para o telefone. Ligou para a casa de Geraldo. Lá estava o Sérgio sob a proteção dele.

— Como está tudo, mana? Perguntou Sérgio aflito.

— Venha para casa, o pai não está com raiva. Ele quer desabafar, mas quer a presença de todos nós.

— Mesmo? Ele não está fingindo ou mentindo como fez a vida toda?

— Acho que os seus socos iluminaram a cabeça dele. Parece que alguma coisa acendeu lá dentro. Venha logo e vamos nos certificar de tudo.

— Se for outra armação dele vou esmurrá-lo outra vez. Para mim, chega.

— Pense positivo. Vamos desejar que o auxiliador dele fale alto em seu coração.

— Oh! Mana! Você sempre sendo a mediadora da paz. Você é muito queridinha.

Geraldo, que ouvia a conversa ali do lado, murmurou rapidamente:

— Eu também acho. A bondade dela faz até os tiranos retrocederem.

— O Geraldo está aqui do lado concordando comigo. Passando o fone para Geraldo, acrescentou, já estou indo.

— E aí? Tudo está dando certo?

— Não, certo nunca mais vai ficar, pelo menos agora tudo será esclarecido e terá um final adequado à situação. Pessoalmente porei você a par do ocorrido.

— Quando estiver disponível, ligue para mim. Acho que o nosso jantar ficará para outro dia, não é?

— Sim, claro. Hoje acredito que toda desconfiança que permanecia nesta casa vai se dissipar. As ansiedades serão saciadas e um desfecho, embora doloroso, acontecerá para readquirirmos a paz tão necessária a todos nós. Nada mais de dúvidas. De agora em diante só certezas, falou Débora com voz melodiosa.

Geraldo, em tom amoroso:

— Desejo que vocês consigam isso.

— Amanhã falarei com você.

**A** visita do doutor Armando e do professor Hércules se deu bem à tardinha do dia seguinte da reunião com os colaboradores. Os dois tiveram entre si um clima de amizade e confiança. As formalidades para se chegar diante do prefeito foram cumpridas. O doutor Armando foi o primeiro a se pronunciar:

— Este é o professor Hércules. E eu sou seu colaborador!

— Ah! Sim, fiquem à vontade, disse o senhor Barroso amigavelmente. Fiquei sabendo do movimento dos senhores e confesso que estou entusiasmado. Meus colaboradores disseram que esse movimento está mexendo com o comportamento do nosso povo.

— Qualquer movimento, no começo, é sempre bem aceito pela novidade que ele encerra, falou pausadamente o professor, mas acredito que opositores sempre aparecerão. Se não tiverem argumentos para o ataque, inventarão. Quem mente como meio de vida, mentirá sempre e, calúnias, também, não faltarão.

— Não, desta vez não vamos permitir interferências. Olhando para o Senhor Armando, perguntou:

— O senhor não é aquele advogado de fama em nossa cidade?

— Sou advogado sim, mas não sei se é de fama. Sou? Interferiu de maneira brincalhona o doutor Armando.



— Pelo visto, tenho aqui em meu gabinete a elite das realizações! Risonho falou o senhor Barroso.

E o doutor Armando, topando as brincadeiras:

— Somos mesmo?

— São sim, em que posso servi-los? Falem-me sobre esse movimento, por favor.

O senhor Hércules, antecipando-se:

— Nosso movimento encerra uma mudança de sintonia e de comportamento. Baseada nos ensinamentos do livro da Grande Pirâmide de “Quéops”. Pretendemos descortinar a Verdade neste mundo de aparências. Estamos ensinando o povo a pensar, a analisar e a se posicionar diante das mentiras que atualmente estão infiltradas nos conceitos de nossas vidas.

— Bravo! Vocês esperam conseguir isso? Interrogou o prefeito interessado.

— Já temos quatrocentos alunos e mais quatrocentos em espera, antecipou o doutor Armando.

— Onde vocês estão atendendo toda essa gente? Interessou-se o prefeito.

— Até agora usamos à revelia do Estado o anfiteatro da escola estadual. Já não podemos mais utilizar aquele espaço, por isso estamos aqui, para ver em que o senhor poderá colaborar conosco, gentilmente falou o professor.

— Vamos colaborar, sim. Chamou dois assessores pelo interfone. Os dois chegaram após alguns minutos. Quero que vocês colaborem em tudo o que for possível com o movimento de elucidação do povo que estes senhores estão promovendo. E, olhando para o professor e para o doutor Armando, afirmou ainda:

— Vou ver quanto poderei dispor de verba para esse fim. Olhando para um de seus assessores, perguntou:

— Onde você acha que poderemos oferecer espaço para essa campanha se realizar?

— Temos aquelas dependências lá no estádio, que poderemos adaptar para esse fim, respondeu prontamente o assessor Rogério. Temos ainda, aquele galpão que seria destinado a abrigar o mobiliário, fruto de doações.

A alegria do doutor Armando e do professor se manifestou de imediato.

— Agora é só arregaçar as mangas, falou doutor Armando para o professor, abraçando-o.

Assim foi feito. Tudo resolvido. Acabaram-se os problemas de espaço. Agora faltava o mais difícil. Resolver o problema da falta de instrutores. O professor Hércules resolveu preparar os alunos do segundo ano. Mas desta vez utilizaria as dependências cedidas pela Prefeitura.

**A** família de Débora estava reunida na sala de jantar, quando se ouviu o barulho da chave na porta de entrada. Sérgio entrou e examinou demoradamente o ambiente, pois estava receoso de entrar. Não que tivesse medo, mas para evitar novamente uma cena tempestuosa como a anterior. O pai, percebendo o vacilar do filho, antecipou-se:

— Entre sem receio.

Sérgio foi se aproximando vagarosamente, virando nervosamente a chave entre os dedos. Parou em pé na cabeceira da mesa.

— Senta aí. Resolvi acabar com essa farsa de uma vez. Se eu tivesse encarado antes a situação a coisa não teria chegado a esse ponto. Não culpo você, filho. Você agiu certo, defendendo sua mãe. O meu erro começou há seis anos. Conheci uma moça lá em Ribeirão Preto e apaixonei-me perdidamente por ela. Ela acabou engravidando e montei uma casinha para ela e meu filho Eduardo. Hoje ele está com quatro anos e já temos uma menina de dois anos, Cecília. Não queria deixar vocês, pois eu os amo muito. Sempre amei vocês como a minha verdadeira família. Ao mesmo tempo não queria abandoná-los ao seu destino. Fui tocando assim a vida, dando assistência a todos. Mas aqui, dentro de mim, essa situação nunca deixou de me atormentar. Dia e noite era como se tivesse em cima de minha cabeça, uma espada querendo me acertar. Assim foram passando os dias e eu dividido entre minhas duas famílias. Após pequena pausa resolveu encarar os olhos de

sua esposa... Eu, diante de você, sentia-me um traidor. Eu te amo muito, Carolina, nunca quis te deixar. Sempre neguei tudo por pura covardia. Não queria ferir ninguém, por isso resolvi silenciar. Agora vocês decidem, se querem continuar a ver-me ou não.

— Por mim, você pode continuar a viver com a outra. Eu ficarei melhor sem você, falou Carolina sem conseguir esconder a amargura.

— Tem certeza? É isso mesmo que você quer? insistiu João Carlos.

— Sim, tenho certeza. A dor de uma traição... Não sei se conseguirei apagar. É como uma ferida aberta que nunca irá cicatrizar.

— E vocês, filhos? Há alguma coisa já definida dentro de vocês? Vocês me perdoam? Ou vão me odiar como a um vilão? Perguntou olhando para ambos os filhos.

— Pai, você sempre será o meu querido pai, falou Débora, olhando melancolicamente para ele. Nunca poderei anular tudo o que de bom o senhor dispensou a nós durante todos esses anos. Eu o amo da mesma maneira como antes. Contudo, me preocupo muito com sua alma. Com essa traição, o senhor feriu a mamãe profundamente. Esse peso o senhor terá de carregar. Passadas essas impressões de revelação, de choque, de decepção, de tristeza, vamos esperar para ver o que cada um conseguiu apurar de tudo isso. Quanto a mim, não tenho por que me afastar do senhor. O perdão tem que partir apenas da mamãe. Ela, sim, foi a única atingida.

— Obrigado filha, suas palavras são um grande alento. Nunca mais me esquecerei delas. Desviando o olhar em direção ao Sérgio, perguntou:

— E você, Sérgio? Vai conseguir me perdoar?

Sérgio emocionado:

— É pena que a coisa tenha chegado a esse ponto. Quero me desculpar por tê-lo agredido dessa maneira. Não contava com tanta aspereza para com a mamãe. Senti-me agredido. Eu devia ter-me controlado. Quanto ao resto, faço de minhas palavras as de Débora. Eu o amo muito e nunca esquecerei o pai extremo que o senhor foi durante estes vinte anos. Sempre me lembrarei do senhor com carinho e gratidão. Desculpe-me, nunca vou me perdoar por tê-lo agredido dessa maneira.

Com as palavras de Sérgio, o senhor João Carlos não mais conseguiu se conter. Desabou num choro convulsivo, colocando para fora toda a pressão que vinha guardando há tantos anos. Débora e Sérgio também se entregaram à emoção do momento. Até mesmo D. Carolina ficou com os olhos marejados de lágrima, controlando o choro. Levantando-se, se retirou.

Sílvia corria atarefada, preparando o jantar para suas amigas. Ajudava a empregada que também se entregava com dedicação a seus afazeres.

— Que bom que tudo isso está acontecendo, D. Sílvia, falou Aracy entusiasmada para a patroa. Estava mesmo precisando destas horas extras, pois com a gripe do Toninho gastei a mais e estou descoberta neste mês.

Sílvia, espantada:

— Por que você não pediu um adiantamento?

— É o que ia fazer, mas felizmente não precisou, este jantar veio apenas me ajudar.

Adentrando na sala, Flávia exclamou:

— Que linda, mãe. Essa decoração está melhorando o astral. Incrível como as flores melhoram o bem-estar num ambiente! Qual o cardápio?

— É surpresa também para vocês, respondeu Sílvia, concisa.

— Quero provar para saber se tudo está mesmo bom. Pode ser?

Em tom de brincadeira a mãe explodiu:

— Abelhuda! Vamos lá. Puxou Flávia pela mão em direção à cozinha.

Uma hora depois... Recepção dos convidados. Aqueles que chegavam sentiam um impacto pela beleza do ambiente. Iracema trouxe um lindo ramalhete de flores exóticas que veio completar

ainda mais toda aquela beleza. Após a recepção dos convidados, o doutor Armando falou, meio apressado.

— Enquanto vocês vão tomando os aperitivos, peço licença para sair um pouco, pois esqueci-me de algo.

Foi se retirando rápido para anular qualquer contestação. A atitude precipitada funcionou. Todos se admiraram, mas não disseram nada. Os assuntos continuaram animados. A alegria era geral. Após meia hora, apertam a campainha. D. Sílvia foi atender, dizendo:

— Quem será? Todos já chegaram... O Armando tem chave... Ao abrir a porta, teve uma agradável surpresa: o doutor Armando, ao lado do professor Hércules.. Os dois sorridentes esperavam pela reação de todos.

— Esta é mesmo uma surpresa agradável, alegremente disse Sílvia; não o havia convidado, professor, devido às suas aulas do período noturno. Como isso aconteceu?

O professor sorridente:

— Pra tudo dá-se um jeito. Eu não poderia perder esse jantar por nada neste mundo.

A alegria de todos aumentou ainda mais.

**O** Sr. João Carlos retirou-se para sempre. Teve mesmo que assumir sua segunda família. Naquela casa não podia mais permanecer. No dia seguinte, na cozinha, D. Carolina preparava o almoço. Aquela noite não conseguiu conciliar o sono. Débora, ao entrar deparou com uma mãe desgastada, pálida, parecendo ter envelhecido muitos anos numa só noite.

— Mãe, vamos almoçar fora, você não oferece condições físicas nem emocionais para pilotar esse fogão. Você tem que descansar e colocar suas ideias no lugar, falou Débora como que mandando.

— Vamos sim, estou mesmo cansada! Você tem razão, falou a mãe baixinho.

Esperaram pela chegada de Sérgio e saíram. No trajeto, todos se mantiveram calados, entregues às intensas vivências do dia anterior. Já no restaurante...

— Falei com o pai ontem sobre a nossa sobrevivência. Ele vai nos enviar todo o dinheiro que necessitarmos até mesmo o dinheiro das nossas universidades. Disse que nos manterá até que possamos ganhar o nosso sustento. Choramos, um abraçado no outro. Mãe, a coisa que menos quero neste mundo é magoar você. Se você não se magoar, gostaria de ir conhecer meus dois meio irmãos, falou Sérgio com amor.

— Mano, você acha, mesmo, que esta é a hora certa para tocar neste assunto? Falou Débora reprendendo.

Carolina prontamente interveio:

— É a hora certa sim. O pior já passou. Tenho que me acostumar com tudo e principalmente que vocês têm esses dois irmãos menores, que deverão amá-los também.

— Mãe, quanta grandeza de alma encerram essas suas palavras, emocionada balbuciou Débora. Só com esta atitude sei que vai receber ajuda do Alto, para curar suas feridas de alma. Afinal, a vida continua e devemos vivenciá-la por inteiro.

— Marquem uma viagem para lá no próximo feriado.

— Obrigada, mãe. Sabia que você seria aquela pessoa muito querida de todos nós. Vamos tornar sua vida ainda mais bela, pois você merece, alegre falou Sérgio afagando a mão da mãe.

— Quando você estiver preparada para conversarmos sobre o lado espiritual de tudo o que está acontecendo, estarei disposta a esclarecer. Creio que se você estiver aberta para esses esclarecimentos, as suas feridas de alma, se não cicatrizarem, vão ficar bem menos doídas, falou vagarosamente Débora.

— Pois fale, este não é um bom momento? Por quê? Se o que você tem a me dizer vai curar a minha dor, por que não dizer agora? Insistiu Carolina.

— É mesmo, Débora, agora até eu estou interessado nestes esclarecimentos. Que esclarecimentos são esses que curam as feridas de alma? Você sabe de alguma coisa que eu e mamãe desconhecemos? Interveio Sérgio interessado.

Com segurança Débora esclareceu:

— Sei sim, estou até mesmo dando aula para uma pequena parte do povo sobre os assuntos que tocam a nossa alma. Até hoje não falei nada a vocês dois, e nem mesmo ao papai, porque eu os sinto bastante distantes desses assuntos especiais.

— Filha, do que se trata esses assuntos especiais? Se de fato são mesmo especiais, deveriam se tornar públicos, para que todas as pessoas possam participar e desfrutar deles.

— Parece fácil, mãe, mas não é. Hoje vivemos num mundo materialista e esses assuntos dizem respeito à nossa essência íntima. Estão esquecidos do grande público. Somente um reduzido grupo ainda mantém sua intuição clara e forte o bastante para conseguir descortinar a Verdade neste mundo de aparências, esclareceu Débora.

— Não acredito que somente poucos possam ter a intuição clara e forte. Todas as pessoas têm intuição, protestou Sérgio.

— Não, nem todas as pessoas têm a intuição ainda desperta. A grande maioria da humanidade a tem quase que totalmente soterrada sob o grande entulho das concepções falsas. Tenho notado que, em casa, nunca recebemos orientação sobre a verdadeira vida. Posso dizer que sempre fomos uma família feliz, mas era uma felicidade apática, sem nenhum sentido mais forte de vida. Agora, a minha vida mudou, contestou Débora com firmeza.

— Explique logo. Do que se trata, filha.

— Baseado no livro “A Grande Pirâmide” que estamos lendo com apoio do nosso professor de português, a humanidade atual está sob o julgamento e sob a ira de Deus. Tudo o que está acontecendo de tragédias da natureza, de desmoronamento de dos valores, de desmoronamento da vida financeira de todos os povos, enfim nada está em pé no mundo humano. Tudo isso já faz parte desse julgamento.

Sérgio, meio irritado, contestou novamente a irmã:

— Do que você está falando? De catástrofes, de economia, de conceitos... Tudo isso faz parte do julgamento da humanidade?

— É, sim, Sérgio. Esse livro diz que, agora, quase toda a humanidade está morta espiritualmente. Isso quer dizer que todos aqueles que somente usam o cérebro calculista, em total detrimento de sua intuição, serão agora varridos da face da Terra. A vida que tivemos até agora também foi só materialista. Com a análise de tudo que envolve nossas vidas, poderemos voltar a despertar nossa intuição. Somente através da intuição uma pessoa poderá se religar a Deus e livrar-se de todo o mal, falou Débora com segurança. Mas, deixe-me falar do caso que está acontecendo conosco, em nossa própria casa. Até agora tivemos uma vida estável. Dormíamos em berço esplêndido. Sem grandes preocupações, sem brigas, cada um cuidando da própria vidinha pacata, sem grandes confusões... Até que agora fomos sacudidos com esse desagradável acontecimento que atingiu a todos. Nosso lar foi desmoronado por uma terrível verdade. Pela lei de Deus, “Cada um colhe aquilo que merece” ou “Cada um colhe aquilo que plantou”.

Dona Carolina percebendo a indireta:

— Você quer dizer que eu mereço isso que está acontecendo? O que foi que eu fiz de errado?

— Só falta essa! Explique-se melhor, falou Sérgio maneando a cabeça.

— Mãe, há seis anos eu estava com apenas doze anos. Não me lembro de ter assistido a brigas entre você e papai, mas procure se lembrar de algo que possa ter acontecido que tenha enfraquecido o relacionamento de vocês dois. Algumas vezes lembro-me de a ter visto chorando. Foi justamente nessa época que papai começou a ficar mais dias longe de casa. Procure se lembrar... Veja, isso não vai tirar a culpa dele, mas algo aconteceu para que ele se enfraquecesse e desse essa abertura a um novo relacionamento.

Dona Carolina, procurando se lembrar:

— Naquela época eu me lembro muito bem, queria que ele deixasse essa vida de viajante e procurasse um serviço por aqui. Ele dizia que o que ele sabia fazer era viajar. Disse-me que ele não servia para esses serviços de pequenos ordenados.

Sérgio achou razão para defender o pai:

— Realmente, nesse sentido ele tinha razão. Com seus serviços de viajante ele ganhou gordas comissões e conseguiu formar este patrimônio que hoje desfrutamos. Sempre tivemos tudo, nunca me lembro de algum período de privações!

— De fato isso é mesmo, concordou Carolina.

— Mãe, será que você não o saturou de reclamações? Essas desarmonias deixam um ambiente pegajoso, repulsivo, desarmonioso, expôs Débora.

— Acredito que eu tenha mesmo passado dos limites nas reclamações! Mas eu sentia muito falta dele, queixosa falou Carolina. Fiquei sozinha com a responsabilidade de educar vocês. Quando ele chegava de viagem, precisava dar atenção aos filhos, que também solicitavam muito a presença dele, e me vi de repente uma mulher casada sem marido.

— Pense nisso tudo, mãe. Analise com sinceridade. Veja sua parcela de culpa. Contudo, em todos os acontecimentos há o lado positivo. Estamos, hoje, mais ligados um ao outro. Quando que teríamos a oportunidade de falar assim francamente e sair para almoçar fora como hoje, hein? E ainda mais, sair daquela vidinha sonolenta e começar a analisar melhor todas as situações de nossas vidas!

Assim, Débora conseguiu com suas reflexões profundas amenizar as feridas recentes.

**N**a família do doutor Armando Nogueira, os assuntos espirituais, com a atuação de cada um, fluíam com muito interesse. Havia um clima agradável, de elevação e troca de vivências.

— Sílvia, por que você já não entra naquele assunto que motivou esta reunião? Perguntou Dr. Armando com expressão indagativa. Deve ser um assunto muito especial, pois este jantar me parece muito especial também. Só de olhar para estes pratos...

— É um convite para a gula, falou o professor para estimular Sílvia a dizer o que estava para vir.

— Mãe, fale logo, trata-se de um assunto de fato muito especial, e a hora passa muito rápida, lembrou Flávia.

— Já não mais me contendo de curiosidade, argumentou Valéria.

— Queria tratar desse assunto na nossa reunião de instrutores, mas diante da situação inusitada que surgiu, resolvi antecipá-lo, pois surgiu em mim um grande desejo.

Todos os olhares estavam pousados nela que, tomando fôlego, expôs o seu pensar:

— Pretendo fundar um lar para mães solteiras.

— Que ideia é essa? O que a motivou? Perguntou Iracema.

— Percebo agora, depois de muitas vivências em salas de aula, que a situação da mulher em nossa sociedade e em nosso pequeno mundo é muito preocupante. Desde há muito a mulher vem vagarosamente perdendo o seu valor. Hoje eu a vejo como um brinquedo nas mãos dos homens. Soube que somente em nosso país temos mais de 6 milhões de mães solteiras na faixa etária de 13 a 19 anos. Como o senhor vê isso, professor?

— De fato, muito bem observado. A mulher de hoje perdeu o rumo. Parece um barco à deriva num mar revolto. Ela, das criaturas da Criação, é a que mais errou e, portanto, a que mais precisa de ajuda. Tenho já uma apostila pronta para a nossa próxima reunião de instrutores que se dará no próximo dia 15, lá mesmo no Clube de Campo.

Valéria, curiosa, interrompeu os argumentos do professor:

— E onde eu, Patrícia e Iracema poderemos participar?

Sílvia olhando para elas sintetizou suas ideias:

— A fundação desse lar inclui diversos departamentos que, bem coordenados, vão ser de grande auxílio para as mulheres que se perderam. Uma pessoa precisa cuidar do funcionamento do

todo, isto é, da parte administrativa. Outra deverá selecionar o pessoal de trabalho, ou seja, as psicólogas, as monitoras, a governanta e ainda as serviçais. Para isso preciso da cooperação de vocês. Patrícia, Valéria e Iracema entreolharam-se, com expressão de espanto. A primeira a se expressar foi Valéria:

— Bem, você nos pegou desprevenida. Vou tentar elaborar essa ideia e tomar uma decisão. Sei que quando me empenho em fazer qualquer coisa, me dedico com alma. Quero que tudo funcione com a máxima perfeição possível.

— Para que vocês possam se entusiasmar com essa ideia, gostaria que o professor falasse mais sobre o verdadeiro conceito de mulher, falou Sílvia olhando para o professor. Pode ser, professor?

— Estou aqui sem horários pré-estabelecidos. Por que não? Após pequena pausa começou a falar com emoção. A missão da mulher na Terra é a mais importante de todos os seres criados. Se ela não tivesse se perdido tanto, deveria hoje estar conduzindo a humanidade para a sintonia nas Leis Naturais, desenvolvendo assim a nobreza, o verdadeiro senso de beleza e o verdadeiro conceito de Amor. Mas, infelizmente, ao invés de dirigir ela preferiu seduzir.

— Essa torção de destinação não a deixou perceber a própria queda? Perguntou Sílvia

— Exatamente. Hoje ela nem mais quer ouvir nada, e com isso não percebe o quanto está perdida em sua vida. Não percebe o quanto é ridícula em suas atitudes, completou o professor.

— Ela perdeu a percepção devido à queda? Interrogou Valéria.

— É como se uma pessoa caísse num poço. Lá do fundo, ao olhar para cima, a boca do poço parece pequena, devido à distância. Uma pessoa que atua contra as Leis Naturais perde a percepção do todo, pois se distancia dos conceitos verdadeiros de vida. Na nossa aula sobre esse tema, será mostrada no telão essa lei novamente. Quando a mulher ainda era nobre, sua intuição era pura e brilhante. Recebia todos os ensinamentos que vem do Alto através da intuição. Nada lhe escapava. De todas as criaturas, ela é a mais bem dotada. Hoje, ela calca sob seus pés todas as capacitações nela inerentes, sempre prontas a serem desenvolvidas. Ela é, portanto, a criatura que mais caiu e que mais precisa de ajuda.

Insistiu Sílvia:

— Qual, na sua opinião, é o maior motivo de sua queda?

— A vaidade, indiscutivelmente. Tomando a consciência do poder que exercia sobre o homem, ela dirigiu todos os seus pensamentos para seduzi-lo. Com sua maneira coquete e sua falta de pudor, levou o homem a sintonizar seus pensamentos somente para o corpo dela, despertando nele o desejo sexual exacerbado, saindo da normalidade. Com isso conseguiu derrubá-lo também e escravizá-lo. Hoje, a sexualidade exacerbada tomou posição de destaque. O homem, inconscientemente, tornou-se embrutecido, pois sente intuitivamente que é ela, a mulher, a culpada da pressão que sofre, vagarosamente ensinou o professor.

— É por isso que o homem tornou-se grosseiro para com a mulher? É isso que eu entendi? Insistiu Patrícia.

— É isso, sim. A mulher deixou de ser tratada como rainha para ser tratada como um objeto de uso, e ainda descartável. Isso representa a agonia do amor verdadeiro. Ao invés de ser considerada a rainha do lar é a serviçal mais desrespeitada que existe. Com isso, o materialismo tomou vulto, pois aquela que deveria elevar a sintonia humana, para o Alto, arrastava para os baixios.

— Há alguns anos, não era preciso haver uma Delegacia da Mulher. Hoje, a mulher apanha tanto que se tornou necessária essa iniciativa da sociedade, falou Valéria, refletindo.

— Interessante é que a gente sabe de tudo isso e não presta atenção nessas coisas. Quando ligamos a televisão e vemos, nos shows, as mulheres seminuas, rebolando, não atentamos para a gravidade de tudo isso. Os garotinhos, vendo tais cenas, serão incentivados a uma sexualidade precoce, sem o amor, observou o doutor Armando.

O professor completou o pensamento do doutor:

— O pior, ainda, é passar esse conceito de exibição, de vaidade, para as meninas ainda em formação. Elas veem isso e acham natural. Querem também se exhibir através das danças, das roupas e de todos os exageros nesse sentido, que grassam por aí.

Valéria foi ainda mais fundo:

— Hoje, é difícil comprar uma roupa. A moda implica sempre em mostrar o corpo ou parte dele. A moda mais despe do que veste. Infelizmente é isso mesmo.

— Sempre achei a mulher pior do que o homem. Então não estava errada. Acho a mulher intrigante, vaidosa, invejosa e ciumenta. Tenho assistido na televisão que são os ciúmes o maior causador de assassinatos. E eu sei que a mulher é sempre a pior nesse sentido, observou Flávia.

— Por ter-se enfraquecido em seu íntimo, ela perdeu a percepção espiritual de tudo. Está impedida de perceber a sua queda e perdeu, além da noção do ridículo, o pudor e perdeu até mesmo a noção da beleza. É como se estivesse com os olhos fechados diante da vida. Não é preciso dizer que embotou sua intuição, que é a parte principal dela, explicou o professor.

Sílvia, preocupada, dirigiu-se novamente ao professor:

— Se a mulher voltar a ser realmente feminina, voltará a ser novamente intuitiva?

— Sim, voltará a ser intuitiva e assim cumprirá a missão para a qual o Criador a destinou, falou o professor, dando alento às mulheres ali presentes.

Diante dessa afirmativa do professor, Patrícia disse com convicção:

— É, Silvia, você tinha razão. Agora estou entendendo a grandeza de sua iniciativa. Quero também participar desse empreendimento que auxiliará muitas moças. Ainda poderemos nos redimir dos nossos erros em relação à missão a que fomos destinadas. Até hoje tenho estado atolada no materialismo, no mundão, sem contestar nada. Às vezes, confesso que havia alguma coisa me incomodando, me sentia insatisfeita sem saber o porquê.

Flávia completou:

— Era o seu auxiliar que avisava. Queria chamar sua atenção sobre a aceitação fácil dos modismos.

— Comigo também acontece isso, completou Valéria; podia estar no meio de uma grande festa e no íntimo me sentia insatisfeita, achando ridículo tudo o que via.

Flávia, com firmeza:

— Agora entendo, professor. Quando o senhor disse que as faculdades inerentes à mulher estão sempre à espera de um estímulo para serem desenvolvidas... Esse sentimento de insatisfação a que elas se referiram é justamente o estímulo para a rejeição do que viam nas festas. Estou certa? Assim é que os auxiliares atuam para ajudar?

— Isso mesmo, Flávia. Os auxiliares sempre nos falam através de nossa consciência. Quando algo incomoda é o auxílio que chegou. Se tivéssemos sido educados para estar sempre atentos aos avisos de nossos auxiliares, não teríamos errado tanto. Essa infinidade de desastres que acontecem poderia ser evitada se houvesse uma atenção voltada para o sentimento de advertência que surge na boca do estômago. O professor parou, observando os semblantes reflexivos. Diante do silêncio de todos, acrescentou: Bem, penso já ser hora de nos recolhermos, amanhã o dia começa cedo.

Sílvia, alegremente e com os olhos brilhantes:

— Professor, com essas suas revelações de hoje, tive o jantar mais enriquecedor de minha vida. Espero poder repetir mais vezes esses encontros.

— A vibração do ambiente é de elevação e alegria, completou Flávia.

— Hoje não senti rejeição, somente satisfação. Estou bem, embora sabendo quanto já errei nesse sentido, completou Patrícia, pensativa.

— Vou abraçar essa causa com você, Sílvia, disse Valéria sem hesitar. Vamos trabalhar em sentido contrário ao materialismo. Vamos tirar a mulher da sarjeta onde se encontra. Vamos torná-la superior, nobre, de acordo com a Vontade de Nosso Criador.

Diante de tantas palavras de reconhecimento, o professor concluiu:

— E assim se iniciará a grande transformação da mulher.

Todos se levantaram, iniciando as despedidas.

**N**a Casa de Otávio, os dois irmãos entraram mais em clima de cooperação mútua. As brigas devido à manutenção dos serviços domésticos cessaram. Otávio, mais amadurecido, reconheceu que a irmã não poderia assumir os seus desleixos. Após arrumar seu quarto, desceu as escadas apressadamente e viu Dalila debruçada em um monte de papéis. Ela, erguendo os olhos para ele, pediu delicadamente:

— Otávio, você não quer me ajudar a telefonar para os instrutores, avisando da próxima aula do professor?

— Pode ser à noitinha?

— É até melhor. Mais tarde todos estarão de volta do trabalho. Preciso sair agora.

— Posso saber aonde a senhorita vai? Disse em tom jocoso.

— Vou até a casa do professor para marcarmos as reuniões do mês. Preciso fazer contato com a prefeitura, e começar logo as aulas com o povo nesses outros locais. Muito trabalho me espera. Preciso de ajuda.

— Sabe, mana, acho que você e o professor fazem um belo par. Ficarei orgulhoso de tê-lo como cunhado! Falou Otávio olhando para ela com cara de maroto.

— Sonhar não paga entrada, não é mano? Quem sou eu para pensar nisso? Como dizem vocês jovens: É muita areia para o meu caminhãozinho. Tenho-o como uma autoridade na espiritualidade, como um amigo, como um auxiliador, como um servo do Senhor na Terra, por isso, nem ousou pensar em um romance com ele.

Contestando, Otávio continuou:

— Você está com apenas 25 anos e é muito linda. Ele deve ter 30 anos ou um pouco mais. Vocês são solteiros, estão trabalhando juntos. Sem querer, você o está secretariando. Vá se preparando mana, um romance poderá pintar por aí! Preste atenção, maninha.

— Pare de sonhar, Otávio. Tchau!

Saiu de fininho... Otávio não conteve o riso.

**A**ps poucos dias, o empreendimento de Sílvia já estava em andamento. O esboço da “Casa da Mãe Solteira” já estava saindo do papel. O aluguel da casa para essa destinação seria pago pela prefeitura. A casa escolhida era grande, com cinco dormitórios amplos, duas salas também grandes, uma saleta menor e três bons banheiros. A cozinha era espaçosa, com dispensa. Após a cozinha, ainda havia dois dormitórios e um banheiro para serviçais, complementando as necessidades iniciais do lar das mães solteiras. A contratação do pessoal ficou a cargo de Patrícia, mãe de Leonardo. As quatro senhoras cuidaram de tudo. Do mobiliário, da decoração e dos utensílios. A beleza e a simplicidade de tudo ofereciam um ambiente acolhedor. As moças deveriam se sentir bem no novo ambiente. A disciplina ali não deveria dar margem à obstinação e sim tudo deveria ser aceito prazerosamente, pois a elucidação com certeza teria que produzir alegria e transformação. Tudo foi preparado para dar certo.

**A**o toque da campainha, uma serviçal uniformizada foi abrir a porta para Dalila.

O professor já a esperava, trabalhando na montagem dos aparelhos para o telão. Com a entrada de Dalila, ele parou para cumprimentá-la. Com um sorriso cativante disparou:

— Muito trabalho nos espera, Dalila. Você está disposta? Como está seu tempo?

— O meu tempo também é escasso, respondeu ela, como o do senhor. Como o senhor sabe, estou no último ano da faculdade. Divido o serviço de casa com Otávio. Temos apenas uma faxineira uma vez por semana. Não existe uma sábia frase que diz: Tem algum serviço a realizar? Dê para alguém ocupado. Por isso estou aqui.

Dando um a boa risada, o professor concordou:

— É isso mesmo. Um ocupado sempre encontra tempo... um desocupado vive cansado, encontrando só empecilhos para realizações. Morrem sem saber que estão morrendo para a



verdadeira vida. Chegue mais perto, venha ver estes slides. São fotos que eu tirei na rua, para ensinar a vocês, instrutores.

Dalila se aproximou. Curiosa e espantada, deparou com umas fotos de moças e adolescentes em posições desconcertantes. À medida que os slides iam sendo trocadas, as feições de Dalila eram de pasmo. O professor a observava com interesse e sorrindo.

— Do que se trata, professor? Para que estas fotos tão desconcertantes?

— O nosso tema da próxima reunião será sobre a decadência da mulher.

— Ah! Então para esse fim estes slides estão ótimos, concordou Dalila.

— Dando uma boa risada, acrescentou:

— Você ainda não viu nada. O que vai ser mostrado no telão não deixará ninguém negar a decadência da mulher.

Assim o professor e Dalila ficaram organizando a agenda de realizações do mês em curso. No final de duas horas, o professor olhou demoradamente para Dalila e acrescentou vagarosamente:

— Sabe, Dalila, pedi ao prefeito um salário para você. Amanhã mesmo terei a resposta.

— Professor, outros também estão trabalhando... Todos irão receber?

— Não, Dalila, somente você. Esse seu trabalho é o que mais exige e o tempo gasto nisso merece ser remunerado. Mais tarde, quando nosso movimento crescer, quem sabe todos serão remunerados!

— Eu ia mesmo procurar um emprego. A verba de que dispomos para nosso sustento é um pouco limitada e as coisas a cada dia ficam mais caras. Quando nos damos conta, já está faltando o dinheiro para as despesas necessárias.

— Nada mais justo que uma remuneração. Vou me empenhar ao máximo. Sinto muita gratidão por você. Sempre pronta a ajudar, sempre alegre, nunca mostra ares de cansaço. E mais, Dalila, seu serviço está sempre pronto na hora certa, com perfeição. Nos nossos estudos não aprendemos que quem dá recebe? É uma questão de justiça. Essa remuneração terá que sair.

— Obrigada, professor. O senhor me emociona. Fitou os olhos do professor que neste momento também a olhava com ternura e gratidão. Agora preciso ir, minha hora por hoje acabou.

Despediram-se ali. O professor foi acompanhá-la até a porta.

— Até outro dia, Dalila. Obrigado por tudo.

Dalila respondeu com um sorriso apenas.

O encontro dos instrutores com o professor Hércules se deu novamente numa das dependências do clube da cidade. Roberto foi novamente o anfitrião. A simpatia e a alegria dele já constituía uma saudação aos alunos. À medida que os instrutores iam chegando, eram encaminhados para o teatro do clube. Este estava preparado com telão e aparelhagem devida. Era motivo de admiração a organização de tudo. Assinalada a presença de todos, deu-se início ao esperado encontro. Antes que o professor Hércules fizesse a abertura, Roberto levantou-se e pediu licença para fazer uma surpresa que ele e seus colegas haviam preparado. O professor pronta e alegremente consentiu no pedido. Roberto, Geraldo, Leonardo, Felipe, Otávio e Luizinho foram para a frente e, acompanhados pelo violão de Roberto, declamaram as significativas palavras de Castro Alves:

“Por isso na impaciência  
Desta sede de saber,  
Como as aves do deserto  
As almas buscam beber...  
Oh! Bendito o que semeia  
Livros... Livros a mancheias  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É gérmen que faz a palma  
É chuva que faz o mar.”

Repetiram as palavras da poesia, desta vez com outros acordes. Muitas palmas, pois as vozes em coro com a música que criaram agradaram muito. O professor Hércules se levantou mas não subiu ao palco. Postou-se em frente à primeira fileira. Olhou demoradamente para todos e disse:

— Agradeço esta iniciativa com demonstração de alegria e criatividade. Foram palavras sabiamente escolhidas. Estão de parabéns! Como sempre, o professor examinando os semblantes interessados, continuou: Prefiro começar nossos assuntos pelas perguntas que trouxeram de suas experiências como instrutores. Quem quer começar?

— Colegas, estou sentindo falta da abordagem do assunto referente aos ensinamentos dos sábios da Caldeia. A minha turma está aceitando os ensinamentos como verdadeiros, mas impraticáveis para a vida moderna. Com vocês acontece o mesmo? Falou Otávio dirigindo-se aos colegas.

— Por que impraticáveis? Eles deram os motivos? Perguntou o professor.

— Sim, alguns motivos, informou novamente Otávio. Alegam, por exemplo, em relação à beleza das mulheres... O livro menciona que: 'O pecado e a tentação raramente se apresentam pelo seu lado feio'. Um dos rapazes que mencionou isso, disse que nos dias de hoje, com as roupas das moças, que deixam à mostra o formato do corpo e ainda parte dele descoberto, é difícil alguém deixar de admirar os corpos lindos que desfilam por aí. Eu não resisto, disse-me ele. Fico pensando naquele lindo corpo e logo saio atrás dele.

Todos riram. O doutor Armando, aproveitando o assunto de Otávio:

— Na minha turma, uma senhora também alega não poder seguir esse mesmo ensinamento. Disse-me que não consegue deixar de controlar seus pensamentos diante de cenas de filmes e novelas. A imagem de um beijo, por exemplo, a persegue durante dias seguidos.

— Difícilmente uma pessoa consegue controlar seus pensamentos. Essas regiões no mundo invisível estão muito condensadas. Vocês já imaginaram que os pensamentos e desejos sexuais de todos os habitantes adultos e adolescentes da Terra se aglomeram em uma região no mundo invisível que nos cerca? A sexualidade está muito exacerbada devido a essa região. Com o menor pensamento de uma pessoa, ela se liga nessa região. Isso funciona como se perfurássemos com uma agulha uma bexiga cheia. Virá uma explosão de tais pensamentos que ela dificilmente conseguirá controlar, explicou o professor de uma maneira convincente.

— Por isso devemos nos fortificar para adquirir novamente o autodomínio? Perguntou Flávia ao professor.

— Exatamente. Temos que saber controlar nossos pensamentos. Caso isso não ocorra e dermos vazão livre aos pensamentos que nos assaltam, caminhamos para erros e mais erros e todos eles deverão ser resgatados segundo a Lei do Retorno, concluiu o mestre.

— Assim aumentamos o tapete de débitos, completou Patrícia.

— Cada vez que nos aprofundamos nestes assuntos compreendo mais o porquê do sarcófago. Sim, imaginando essa região tão sobrecarregada de desejos sexuais de toda a humanidade, como esperar que alguém ainda possa sair disso? Concluiu Leonardo.

— Quem quer responder às reflexões do Leonardo?

— Eu já terminei de ler o Livro da Grande Pirâmide, aparteou Sílvia. Bem no final do livro, algumas pessoas, também preocupadas com a própria salvação, perguntaram a Piramon sobre isso. 'Como poderemos saber se nós, quando estivermos encarnados na Terra, por ocasião do Juízo, não nos deixaremos levar pelos princípios antagônicos à Luz?' Piramon pensou e respondeu: "Somente através de uma mulher ligada à Luz o homem poderá se libertar das correntes escuras".

— De fato, somente através da mulher ligada à Luz um homem nos dias de hoje terá chances de não cair em tentações...

— Onde estão essas mulheres ligadas à Luz? Difícil, hein, professor, falou Roberto duvidando.

— Existem mulheres ligadas à Luz. Mulheres que não se deixaram levar pelos engodos da vaidade, da moda, sem querer sobressair, sem o engodo da falta do pudor. Mulheres que rejeitaram

o clima de sedução que hoje vigora como epidemia. Mulheres que permaneceram puras. Elas têm uma intuição tão refinada que captam com facilidade todas as irradiações da Luz! São mulheres sábias, pois captam o saber dessas mencionadas irradiações. Esse assunto é o tema de hoje. Estou apenas esperando que todos tirem suas dúvidas dos assuntos que saíram nas aulas com o povo.

— E as mulheres que estão despertando agora? Poderão ainda desempenhar o seu verdadeiro papel na Criação? Recorreu Patrícia, em busca de consolo.

— Nunca é tarde para redimir erros cometidos. É preciso envidar muitos esforços nesse sentido. Não pensem ser tão fácil! Contudo, quando o ‘querer’ é intenso tudo se torna mais fácil.

— Em minha sala apareceu o assunto sobre uma pessoa se enfraquecer quando está errando através dos pensamentos, das palavras e dos atos. Em que posso apoiar esse saber? Perguntou Suely.

— Alguém quer responder? Interrogou o professor.

Após os alunos se entreolharem com expectativa, Flávia se oferece:

— Só conseguimos reconhecer o enfraquecimento íntimo de uma pessoa pela dificuldade que ela tem em dizer ‘não’ a si mesma diante das tentações. Por exemplo: Uma pessoa que não consegue dizer ‘não’ quando lhe oferecem um cigarro ou outra droga qualquer. Se ela for fraca em dizer ‘não’ é porque está errando com pensamentos contrários às leis da Luz ou da Natureza. Eu já aprendi que qualquer erro incorporado na nossa maneira de ser ou no nosso pensar enfraquece nosso íntimo, nos torna inseguros e confusos.

— Quer dizer que todas as pessoas que aceitam drogas são fracas em seu íntimo? E sendo fracas tornam-se culpadas? Perguntou Suely.

— Claro, são fracas porque usaram sua liberdade de escolha para pensarem e praticarem coisas que são contrárias às Leis Naturais. São fracalhonas, pois não lutam contra o mal, se entregam a esses e a qualquer outro vício sem se preocuparem com os sofrimentos futuros. Ainda mais, não se preocupam com os sofrimentos que causam aos outros. Tais pessoas se tornam um peso para aqueles do seu convívio.

Mônica foi ainda mais fundo em suas reflexões:

— Se todas as pessoas resolvessem ser fortes acabariam então com os traficantes?

— Se todas as pessoas resolvessem de repente ser fortes, acabariam com todos os problemas do mundo. Por isso lutem pelo domínio da própria vontade e aprendam que todos os erros praticados através dos pensamentos, palavras e atos enfraquecem o nosso íntimo, dificultando as tomadas de decisões em todas as situações de nossa vida, calmamente afirmou o professor.

— Pode também uma pessoa silenciar por não ter a coragem de dizer a verdade... Ela adquire culpa pela omissão? Perguntou Suely.

— Essa situação é lamentável. Por exemplo, diante de um moribundo. Os familiares preferem mentir sobre o estado do doente, para não chocá-lo com a verdade do seu estado grave de saúde. Isso é de tamanha gravidade que, se as pessoas soubessem o prejuízo que causam ao seu querido parente, por certo não o fariam. Vejam, isso somente acontece porque o ser humano ainda não conseguiu, em sua evolução, encarar a morte terrena com naturalidade. Ora, a morte faz parte da vida. Já temos tantas vidas vividas e ainda a mesma ignorância diante de tal perfeição! Quando o moribundo toma conhecimento do seu estado de saúde, de imediato vê-se diante das coisas erradas que praticou. Naquele momento pode chegar ao arrependimento. Passa para o além tomado por esse sentimento que só poderá beneficiá-lo, explicou o professor.

— Não há situações em que devemos mentir? Por exemplo, para os ladrões? Perguntou Suely.

— Quando falamos em mentiras, nos referimos sempre às mentiras que torcem os verdadeiros conceitos de vida, mentiras sobre o nosso Criador e toda ou qualquer mentira por mínima que seja que venha a prejudicar alguém. No caso de mentir para um ladrão trata-se de uma defesa pessoal.

— Ela mencionou mentira para o ladrão, claro que devemos mentir para eles. Essa corja, na realidade nem pode ser considerada “gente”. Estes, sem lei, só causam dor, desespero, traumas, nem

mais merecem ajuda. São piores que parasitas. O sarcófago está esperando por eles, assim penso eu, ponderou Otávio com convicção.

Meneando a cabeça o senhor Antônio disparou:

— Só falta essa, contar a verdade dos esconderijos de algum bem, aos ladrões, por não poder mentir!

— Sim, são situações especiais. É errado matar, mas em situações especiais devemos matar como é o caso da legítima defesa. Mas voltemos ao assunto sobre as dificuldades em tomar o rumo certo na vida, falou o professor.

— No caso, estávamos falando de uma pessoa não ter coragem de dizer a verdade, continuou Suely com suas reflexões. Um senhor de meu grupo conta que sua senhora tem mania de mentir nas mínimas coisas. Ela mente tanto que ela mesma faz confusão sobre aquilo que diz. E o pior é que ele não tem coragem de censurá-la por isso. Prefere se omitir do que feri-la chamando-lhe a atenção.

— Através desse vício, essa pessoa está formando para si mesma doenças graves em seu corpo físico. A mentira mina as forças da alma e do corpo e é foco de doenças. Não se trata somente de dizer mentiras. As mentiras piores são aquelas sobre os conceitos de vida de que já falamos anteriormente, pois essas estão infiltradas em nossa vida e nem nos damos conta delas. Quanto à omissão, no caso desse senhor, ele torna-se duplamente culpado, pois além de cúmplice do erro dela, favorece a disseminação da mentira. Se ele a amasse mesmo, faria de tudo para ajudá-la a vencer esse vício. Poderia assim resgatar muitas culpas do passado. Não se esqueçam de que ele foi por algum motivo atraído para junto dela, chegou o professor ao aprofundamento dos pensamentos sobre a gravidade da mentira.

— Então todas as pessoas fracas em resistir às tentações estão errando de alguma forma? Perguntou Geraldo.

— Claro, são fracas porque estão abrigando em si erros de alguma espécie. Deixaram-se levar pelo raciocínio torcido, descartando os apelos de sua intuição. Uma pessoa leva muito tempo errando para perder sua intuição. Os auxiliares fazem de tudo para colocá-la diante das consequências de seus erros, para que ela os reconheça e deixe de errar.

— Pode nos dar um exemplo? Pediu Leonardo.

Posso dar, professor? Pediu Flávia.

— Sim, pode dar.

Flávia começou:

— Um senhor tinha a mania de só falar gritando com todos os membros de sua família. Todos ficavam magoados e recuavam diante de qualquer grito dele. Um dia, foram assaltados quando estavam à mesa do jantar. Os ladrões, aos gritos e ameaças, fizeram todos como reféns. O filho mais velho tentou escapar e foi agredido com violência. O pai diante, daquela cena, tentou defendê-lo. Um dos ladrões gritava tanto com esse pai e lhe batia na cara com o revólver, machucando-o todo. Enfim, aquele senhor, após esse assalto, mudou radicalmente seus modos no trato com a família. Percebeu daquele momento em diante o quanto amava sua esposa e filhos. Tornou-se afável, amoroso e estava sempre pronto a servir.

— Na minha turma, começou Iracema, uma senhora mencionou aquela frase: 'Quem perde o autocontrole, facilmente pode ser arrastado por poderes obscuros'. Ela está horrorizada em saber disso, porque todos os membros de sua família somente falam gritando. Em sua casa é uma verdadeira confusão, ninguém se entende. Ela quer saber como poderá modificar esse estado de coisas.

— Em minha turma também houve o interesse em modificar isso. Esse mau costume atualmente é muito disseminado, completou Sílvia.

— Quando uma pessoa tem esse pendor, provoca feridas profundas na alma das pessoas. Tais feridas deixam cicatrizes. A pessoa que a causou aumenta o seu lastro de culpas e tudo deverá ser resgatado. Ela passará por situações semelhantes e até piores do que aquelas que impôs a suas vítimas, explicou o professor.

— Em minha turma também aconteceu algo semelhante, aparteou Valéria.

Outros mostraram o mesmo interesse em modificar isso, sem saber por onde começar.

— É difícil indicar um caminho certo. Existem diferentes pessoas e diferentes situações. Portanto, falar sobre isso não é como ditar uma receita de bolo. Em cada situação difere a maneira de reagir a isso, explicou o mestre.

— Posso dar um palpite? Pediu Débora.

— Fale, Débora.

— Se fosse comigo, assim que uma pessoa alterasse seu tom de voz, eu simplesmente sairia do recinto. Eu a deixaria falando sozinha. Agindo assim algumas vezes, creio que ela aprenderia que não adianta gritar comigo. Nada conseguiria. Se ela for atrás gritando ainda mais, responderia sussurrando. E falaria uma só vez. Sem repetição. Caso ainda insistisse, começaria a cantarolar como se nada estivesse acontecendo, como se eu estivesse surda.

Todos riram e até gostaram da receita dela. A maioria concordou com Débora.

— Só um forte agiria assim. É uma maneira de dominar o ambiente. Quantos conseguirão agir assim? Perguntou o professor. A melhor maneira, contudo, seria mesmo a evolução íntima, que poderia advir através da análise de tudo o que se passa a nossa volta e pela leitura de bons livros.

— Acredito que uma parte de minha turma conseguirá dominar o próprio ambiente. Vou passar a eles a sugestão de Suely.

— Hoje em dia existem tiranos em todos os ambientes. Principalmente nas famílias o império deles tomou posição de liderança. O tirano de uma família absorve as forças de todos os demais. Aqueles que se deixam tyrannizar, além de perder suas forças, ainda se tornam culpados em alimentar o erro do tirano, completou o professor.

— Mas não é fácil enfrentar um tirano, interveio Otávio. Suponhamos uma mulher que tem de enfrentar a tirania do marido! Por ela ser mais fraca, logicamente ficará com medo dele. E aí? Como agir?

— Deverá recorrer à Delegacia da Mulher, afirmou Sílvia, lá encontrará apoio. Não é preciso mais ter medo em denunciar. O cerco sobre os violentos está apertando.

— Mesmo com essa Delegacia criada para defendê-la, a mulher ainda continua em desvantagem. Está sempre à mercê da tirania do homem, afirmou o doutor Armando.

— É porque ela está enfraquecida em seu íntimo, completou Flávia as reflexões do pai. Não tem coragem de encarar a vida sem o dinheiro do homem que a sustenta. Com isso ela perde a dignidade.

— Penso como Flávia, concordou Iracema. Elas arrumam sempre a desculpa de que alimentam esperanças em mudanças. Merecem mesmo apanhar para ver se criam vergonha. Pensam elas que são vítimas e no entanto são culpadas.

— Uma mulher que apanha uma única vez e continua com o marido é, em primeiro lugar, porque merece. Em segundo lugar é porque perdeu a dignidade, e em terceiro lugar torna-se culpada por alimentar a tirania do machão, pois ela, com seu silêncio, constitui-se no veículo para ele manter seus erros. E tudo isso é muito grave, explicou o professor. A coisa ainda não para por aí. As regiões de agressividade e de violência do além tornam-se cada vez mais condensadas e assim vão fomentar todos os agressivos e violentos de toda a humanidade. Então, vejam como vivemos hoje em dia, com que insegurança estamos vivendo até dentro de nossas casas. E não há poder nenhum no mundo que possa controlar isso, explicou o professor pausadamente.

Sílvia, ponderando:

— Muitas delas não têm para onde ir. É preciso pensar em todas as situações.

— Vocês viram como, sem querer, entramos no tema de hoje? aparteou o professor.

Creio que as dúvidas foram sanadas. Vamos, então, para o nosso tema?

Luizinho e Geraldo levantaram-se e caminharam em direção aos aparelhos de projeção.

O telão foi iluminado. Em letras grandes:

## O PAPEL DA MULHER NA CRIAÇÃO

O mestre, com olhar profundo deslizando por todos os semblantes, começou, com grande comoção, sua narrativa. Esse tema o tocava sobremaneira.

— A mulher é o ser mais bem dotado de toda a Criação. O Criador a dotou com capacitações maiores que qualquer outro ser. A capacidade intuitiva dela pode levá-la a grandes alturas e assim formar a ponte para toda a humanidade em direção ao Paraíso. Hoje em dia deveria haver na Terra somente nobreza, singeleza e beleza! Essa é a missão de uma mulher na Terra. Cabe a ela manter nas almas a chama sempre acesa do anseio pelas alturas! Esse é o seu principal papel. Todos nós já nascemos com esse anseio, bastaria apenas que a mulher, fazendo uso de sua refinada intuição, incentivasse sempre o desenvolvimento desse anseio. O poder que emana dela o homem inconscientemente percebe. No entanto, ao invés de conduzir, ela preferiu seduzir. Inverteu seu papel.

— Mas, ninguém sabe disso! Por que ela preferiu seduzir? Protestou Mônica.

— Movida pela vaidade. Calçou sob os pés todas as suas capacitações. Tornou-se coquete e exibida. Com o tempo, perdeu até mesmo o pudor. Justamente a falta do pudor a fez perder completamente sua intuição. Daí sua queda foi irreversível. Caiu mais que qualquer outro ser. Hoje ela perdeu a noção de ridículo até de se vestir. Faz coisas descabidas... Despudoradas, arrogantes, zombam de todos que queiram lhe mostrar sua posição inferior. Colhi algumas posições de mulheres que lotam as nossas ruas.

Enquanto o professor falava, o telão exibia fotos com posições e situações desconcertantes.

— Estas fotos mostram a cegueira de percepção das mulheres! Mostram a perda do senso da beleza! Vestidas assim, mesmo com roupas novas, apresentam-se desleixadas, ridículas, despidas de sentimento intuitivo. Perderam a percepção até das coisas simples. Isso mostra com nitidez sua queda. Perderam todas as capacitações a elas inerentes. Isso quer dizer que em seu íntimo domina a vaidade em se exibirem. Quando a moda não é adaptada ao seu tipo físico, como comprovam estas fotos, o que acontece? Elas ficam feias e, ao invés de desenvolverem o senso de beleza, que é uma das capacitações delas, ficam incapacitadas para isso. E o pior é que, assim, não podem fazer campo de pouso para as irradiações da pureza que vêm da Luz.

A classe acompanhava a narração com interesse incomum.

— Com isso as mulheres se tornam fracas em seu íntimo? Perguntou Suely decepcionada.

— Você duvida? Vamos analisar a mulher de hoje. Vocês mesmos poderão tirar as conclusões, ponderou o professor.

— A mulher, de uma maneira geral, está sofrendo muito por ser desprestigiada, afirmou Sílvia, interrompendo.

— Ninguém mais a considera como um ser elevado. O homem subjuga a mulher em quase todas as situações, acrescentou o senhor Antônio.

— Em casa, ela se transformou em empregada do lar. E o pior é que todos os membros da casa a humilham de uma forma ou de outra. Eu vejo que hoje ela é ferida em sua dignidade e nem se apercebe disso. Com palavras de amor fazem-na trabalhar mais que qualquer outra pessoa. E dizem ainda: 'Eu adoro a minha mãe', 'eu adoro minha mulher', ponderou Patrícia.

— Mas nada fazem para aliviar a carga pesada dos trabalhos dela. Ela mesma aceita essa situação e se sente bem dentro desse esquema. Já se acostumou a isso, concluiu Flávia.

Geraldo concluiu ainda com um aparte arrasador:

— Mas se ela perdeu o seu lugar de sábia, tem mesmo é que ser empregada de todos. Quem ela poderá conduzir ao Criador, se ela mesma não pode encontrar o caminho de volta para a Luz?

— Ela poderá novamente adquirir sabedoria buscando restaurar sua intuição? Procurou Patrícia intervir.

— Somente através do desenvolvimento de sua intuição poderá se elevar e carregar consigo os filhos, o marido e toda a humanidade para a modificação dos conceitos de vida atuais, concluiu o professor com grande sabedoria. Mas não será fácil! Os conceitos vigentes já estão enraizados dentro dela. E modificar isso vai levar um certo tempo, caso queiram ainda aceitar mudanças.

— Através das análises de tudo o que estamos ensinando, através do saber verdadeiro sobre a vida e do conhecimento da Vontade de nosso Criador, elas conseguirão, sim. Sei que não serão todas. Mas algumas ainda conseguirão, afirmou Luizinho esperançoso.

— Luizinho, uma mulher que cultua a vaidade há muito tempo não terá a devida humildade para reconhecer seus erros. Ela nem quererá ouvir, quanto mais analisar e com isso estará muito distante ainda de se modificar. A intuição dela já deverá estar seriamente comprometida, interveio o professor.

— Ela dificilmente se abrirá às mensagens de advertência do livro da Pirâmide, concluiu Gabriela. Em primeiro lugar, porque não tem tempo para ler, pois precisa cozinhar, lavar, passar, arrumar e por aí vai. Sequer desconfia que não é isso que o Criador quer dela. Será que todas as mulheres que fazem todos os serviços da casa pensam que estão cumprindo sua obrigação para com o Senhor? Indagou Gabriela.

— Penso que sim, Gabriela. O fato da mulher de hoje ser tiranizada por todos é consequência da perda da intuição e do saber sobre a vida, afirmou Mônica olhando para o professor, pedindo confirmação.

— Sim, a mulher que não conseguir recuperar sua intuição para captar os ensinamentos da Luz estará fracassando em sua alta missão. A sua função principal não é ser esposa e mãe. Se ela somente for boa esposa e boa mãe e não tiver a sabedoria para conduzir a família de volta para a Luz através do seu saber, sua queda será inevitável, afirmou com severidade o professor.

— Mesmo que sejam ótimas mães e ótimas esposas se não recuperarem sua intuição perdida terão falhado como mulher? É isso que eu entendi? Indagou Flávia assustada.

— É isso mesmo, Flávia. O nosso Criador não quer máquinas de trabalhar, seres humanos indignos e fracos. O trabalho deverá ser como uma confirmação de vida. Alegria e bom humor não poderão faltar. O senhor quer sábios em sua vinha e não seres humanos fracassados em seu íntimo, doentes de corpo e de alma e cheios de vícios. Ele quer trabalhadores ativos, nobres, de coração limpo em toda a sua vida. Seres humanos sempre voltados para o Alto, em direção à Luz. Que façam da sua vida uma prece de gratidão e que não fiquem recitando palavras que não conseguem implantar em suas vidas.

— Falando assim parece tudo tão fácil! Ponderou Sílvia.

— E vocês não acham fácil? Não é mais fácil ser simples e natural? Não é mais difícil ser antinatural? Ser antinatural é ser sofisticada. A sofisticação é a mesma coisa que esnobismo, ser pedante e afetada... Isso é ser antinatural!

— Agora eu entendi, falou alegremente Flávia. A gente nota realmente tudo isso, mas não damos o devido apreço. Quanto ao que o senhor disse sobre máquinas de trabalhar, eu acho que um trabalho, quando é realizado para o nosso Criador, vamos querer fazer tudo bem feito! Para fazer da vida uma prece de gratidão, as mulheres terão antes que deixar o que fazem agora. Terão que se fazer respeitadas e não humilhadas como atualmente. Terão que reagir à menor agressão, mesmo no tom da voz. Terão que buscar forças para não mais aceitar a menor tirania, seja do marido ou dos filhos. Se ela quiser mesmo, ela conseguirá.

— Exatamente. Somente assim ela conseguirá curar suas feridas da alma e, conseqüentemente, as doenças do corpo. Se ela quiser. Não terá outro caminho. Se o seu querer for realmente forte encontrará força a seu dispor. Tomará atitudes que calarão as bocas agressivas e colocarão todos os membros da família para assumirem suas tarefas. Caso não encontre força para isso é porque o querer foi fraco. Estará fracassando em sua alta missão de mulher. Se ficar calada, alimentará todos os erros de seus familiares, tornando-se culpada.

— Será que ela não percebe que está sendo tiranizada pelos filhos e pelo marido? Perguntou timidamente Iracema.

— Claro que percebe. A maioria das mulheres que a gente conhece e que aparecem nos programas de T.V. são tristes e carregam dentro de si feridas de alma. É uma dor que não passa. Basta prestar atenção nos olhos tristes das mulheres. Mesmo rindo mostram sua dor, mostrou Sílvia sua observação.

— Como eu havia dito anteriormente, a mulher que se deixa tyrannizar é mais culpada que aquele que a tyranniza. Se ela tirar o corpo fora, o tyranno não terá a quem subjugar, portanto não cometerá erros. Permanecendo calada, ela alimenta o erro de seu algoz. Torna-se cúmplice do tyranno.

— Não vai ser fácil as mulheres entrarem na linha. Falta muito! Falou desanimado Roberto.

— Vejam como falta a elucidação de todos os conceitos. Como está tudo errado. Todas as confusões, brigas, tristezas e sofrimentos são contrários à Vontade de Deus. Até mesmo as doenças são frutos de erros cometidos pelos seres humanos. Se a mulher não tivesse se deixado levar pela vaidade, nada disso estaria acontecendo. Com a perda de sua intuição sua queda foi inevitável e consequentemente tudo saiu dos eixos. Ela sozinha conseguiu o descalabro de tudo a que estamos assistindo, avançou mais o professor em suas revelações.

— Então ela é a única culpada de tudo? Perguntou Otávio

— Ela é a maior culpada, mas o homem também é culpado. Ele alimentou os erros dela, pois assim tudo ficou mais fácil para ele. Ele aproveitou-se da fraqueza dela para alimentar seus desejos sexuais. O homem de hoje vive uma sexualidade doentia, e que muito o perturba. Ele também perdeu a paz. Vive atormentado, infeliz e com os nervos aflorados. Tornou-se de difícil convívio, insuportável até, posso afirmar isso, disse com firmeza o professor.

— Podemos dizer que o homem está doente de alma. A mulher poderá ainda auxiliá-lo? Indagou Dalila.

— Ela terá que se esforçar muito para compreender seu papel na Criação. Se ela se modificar, toda a humanidade a acompanhará. O difícil é ela querer realmente conquistar novamente seu papel de liderança.

— Precisamos saber tudo sobre esse tema para podermos iniciar as mudanças. Nas aulas com o povo as notícias vão correr, lembrou o senhor Antônio.

— Há algum tempo atrás somente os homens traíam as mulheres. Agora percebo que, se não fosse a queda da mulher, os homens não trairiam, pois não teriam com quem trair, ponderou o doutor Armando.

— O homem deixou-se seduzir pela mulher. Tornou-se, pois, responsável também. O domínio do raciocínio no homem e a perda da intuição nas mulheres são os motivos de todos os erros hoje alimentados pela humanidade. Ambos os sexos abrigam em si erros e consequentemente fraquezas em seus íntimos, ensinou o mestre.

— Por isso o sarcófago está esperando. Ou mudamos ou morremos, disse Gabriela meio desanimada.

— Morreremos em nosso íntimo. Por isso, a profecia: “Quase toda a humanidade estará morta espiritualmente por ocasião do juízo”, falou pausadamente o professor.

— É de arrepiar, falou Leonardo com leve estremecimento. Precisamos trabalhar muito em nós mesmos e ainda auxiliar na conscientização do povo.

Interrompendo, Dalila se fez ouvir:

— Professor, já selecionamos dez elementos que poderão ser preparados para serem instrutores. Todos estarão disponíveis no horário noturno.

— Ótimo, Dalila, marque o curso com eles para a quinta-feira, das dezenove às vinte e uma horas. Amanhã passarei a lista dos alunos do segundo ano que estão também querendo se unir a nós. Com a distribuição da apostila, esse assunto hoje iniciado já poderá ser ensinado para o povo. Colham experiências, tragam vivências, analisem todas as situações desagradáveis que vivemos em decorrência da queda da mulher. Precisamos levar o povo a pensar, analisar, refletir... Quanto mais o povo pensar e analisar, mais cedo chegarão ao desenvolvimento da intuição, o elo perdido... Ponderou saudosamente o professor.



O Sr. Armando, auxiliando Sílvia, falou num tom de voz mais alto:

— Professor, Sílvia tem algo a dizer a todos.

— Professor e colegas de trabalho, estou convidando vocês para a festa de inauguração de “A Casa da Mãe Solteira”, no próximo dia 19, às 20 horas. Enviaremos os convites. Contamos com a presença de todos.

— Claro, pode contar conosco. Não deixaremos de prestigiar tão nobre iniciativa, disse Mônica.

— Se este trabalho der certo, partiremos para outras unidades, falou Iracema entusiasmada. Esperamos recuperar muitas moças, dar muitos empregos e elevar a moral deste país.

— Sei que dará certo. Minha intuição está acusando sucesso e bênçãos vindo do Alto, falou o professor animando.

O Sr. Armando, como não poderia deixar de ser, levantou-se sorridente:

— O restaurante do clube está nos esperando para saborearmos um bacalhau à portuguesa. É o início das comemorações da inauguração de “A Casa da Mãe Solteira”.

A alegria e os cumprimentos tomaram conta do ambiente. Os grupinhos foram se formando e caminharam em direção ao restaurante, liderados por Roberto. O professor pediu licença para sentar-se ao lado de Dalila, queria aproveitar o momento para anunciar a contratação dela pela Prefeitura. Todos bateram palmas e, um a um, abraçaram Dalila. Com os olhos marejados ela recebia os cumprimentos. Do outro lado da mesa Iracema, Sílvia e Patrícia comentavam: “Que belo par aqueles dois formam!”

Dois dias depois desse encontro no clube, aconteceu um novo encontro de instrutores e alunos já no prédio oferecido pela Prefeitura. Aos poucos foram se organizando e se acomodando nas novas dependências. Muitas pessoas ainda não matriculadas tentavam entrar. Foram encaminhadas para a secretaria, que já estava funcionando. Dalila, a incansável, andava às pressas de um lado para outro, organizando com amabilidade todo aquele movimento. Orientava, acalmava, dirigia...

Parada diante da classe, Sílvia esperou que os assuntos paralelos cessassem.

Quando o silêncio se fez, com olhar profundo e um belo jogo de cabeça, acrescentou:

— O assunto de hoje é de perder o fôlego.

— Pode dizer, sinto-me vacinado contra qualquer situação errada que nós seres humanos praticamos, disse calmamente o senhor Pedro, o taxista.

— Este assunto vai nos envolver num clima mais preocupante que os demais.

Refere-se à decadência quase irreversível da mulher, completou Sílvia.

— Nesse tema sou catedrático, completou o senhor Pedro o seu pensamento. Como todos sabem minha história com esposa e filhas, tive a oportunidade de vivenciar essa decadência bem de perto.

— Sr. Pedro, o senhor não falou ainda sobre o desfecho de sua história, reclamou dona Diva. Por quê?

— Porque vocês não me perguntaram, calmamente ele retrucou.

— O senhor quer falar agora? Ou se sente constrangido, delicadamente falou Sílvia.

— Não, não me sinto constrangido. Todos vocês muito me auxiliaram na solução do meu problema. Vou contar tudo. Naquela ocasião, como eu havia dito, mudei-me para a casa de minha irmã. Quando me mudei, levei comigo o telefone. Pedi a transferência para a minha nova moradia. Simplesmente cortei relação com elas. Soube, por uma cunhada, que muito gostava de mim e me apoiou em minhas resoluções, que a situação delas de fato se complicou com a minha saída.

— O Senhor deu-lhes uma pensão? Novamente interrogou Diva.

— Claro que não. Pensei muito antes de tomar essa decisão. Elas não mereciam ser alimentadas por mim. Transformaram-se em mulheres parideiras, e terão que sofrer para aprender.

Foi o único meio que encontrei para ajudá-las a pensar e chegar à conclusão de que erraram em suas atitudes levianas. Nós não aprendemos aqui que cada um tem que colher aquilo que planta?

— E como ficou a situação delas? Como se alimentam agora? Perguntou Sílvia preocupada.

— Elas recebem donativos de uma entidade municipal. A vizinhança toda se pôs em campo para buscar soluções. Ao que parece, ainda não encontraram emprego. Qualificação elas não têm. Poderiam, contudo, trabalhar em casas de família. Mesmo nessa atividade penso que não se dariam bem. A mãe não ensinava nada para elas.

— Aproveitando o assunto, quero comunicar a todos que eu e mais três amigas fundamos uma casa apropriada para ensinar a mulher a ser realmente mulher. Essa casa foi batizada “A Casa da Mãe Solteira”. A partir da próxima segunda-feira, já abriremos as inscrições. Só aceitaremos moças grávidas que estão sendo rejeitadas pelos familiares e por quem as engravidou.

— Visitarei as minhas filhas e gostaria de abrir as inscrições. Falarei com elas ainda hoje.

— Sem pressões, a aceitação precisa ser espontânea, senhor Pedro.

— Pode deixar, não pressionarei. Falarei que deverão ser entrevistadas antes de serem aceitas, falou senhor Pedro com firme decisão.

— Assim não estará mentindo, pois de fato serão mesmo entrevistadas por uma psicóloga. Bem, alguém tem alguma pergunta a esclarecer ou podemos entrar no tema de hoje?

Desta vez o senhor Lázaro participou da conversa:

— Sim, tenho ainda uma pergunta: Nós estudamos aqui a falência do ensino no Brasil. A senhora disse que 52% das pessoas alfabetizadas não são capazes de interpretar uma leitura. Como poderão ler o livro da Grande Pirâmide? Creio que a maioria não entenderá as mensagens e ensinamentos dos sábios da Caldeia! Estou certo em minhas reflexões? O que pretendem fazer em relação a isso?

— Aqueles ainda despertados em seu íntimo, ou, melhor dizendo, aqueles que ainda têm interesse no saber, darão um jeito. Lerão em grupo. Assim poderão se auxiliar mutuamente. Até agora ninguém pediu ajuda nesse sentido. As leituras em grupos são muito atraentes. Conversam a respeito, pensam, refletem e tiram suas conclusões. Com a mudança de sintonia, sentir-se-ão bem e aumentará o desejo de ler mais. Assim vão adquirindo o hábito da leitura e da análise. E isso é muito bom!

— O tema sobre a mulher da Criação deverá ser o mais longo, não? Interrogou Diva.

— Vou mostrar uns slides com fotos de mulheres que desenvolveram o senso de beleza e outras que se tornaram ridículas ao acompanharem a moda. A moda em questão não fica bem para todos os tipos de corpos. Conforme o contorno do corpo, a roupa simplesmente enfeia ao invés de embelezar. Mas isso não é o principal, embora seja importante.

Conforme os slides iam passando, Sílvia ia mostrando as mulheres que se vestiam harmoniosamente e aquelas que se tornavam feias com as roupas que usavam. Diva novamente deu seu aparte:

— A gente vê nos shoppings cada coisa tão linda, mas quando a gente vai vestir fica horrível!

— Está provado então que a moda não serve para todas as pessoas; compreenderam isso?

— O senso de beleza é muito diferente de uma pessoa para outra, falou Célia, outra aluna que sempre estava calada.

— É onde estou querendo chegar. Vem do íntimo de uma pessoa o seu senso de beleza. Uma mulher decadente em seus costumes, aliás, em toda sua vida, torna-se relaxada, com aspecto desarmonioso. Por mais que se arrume, apresentará aspecto repulsivo. Contudo, aquelas que desfrutaram de uma situação econômica alta, se vestem com roupas caras, até bonitas, mas não conseguem esconder sua insegurança. Demonstrem em todo o seu ser a intenção de serem admiradas. Precisam disso para alimentar sua vaidade. Aceitam a moda como bichos aos quais são atiradas guloseimas. Na maioria das vezes, mesmo estando chiques, com roupas lindas, não conseguem ocultar o que se passa em seu íntimo. São esnobes. O esnobismo vem do raciocínio. O verdadeiro senso de beleza vem da alma. Exteriormente são iguais, mas o sentimento que as impulsionam são diferentes.

— Mas, D. Sílvia, a moda é tão variada que permite às menos abonadas se vestirem bem, aparteou Diva. Uma mulher querer ser admirada é uma coisa normal. Todas querem ser admiradas, não é mesmo?

— Neste querer ser admirada está embutida a vaidade pessoal. Na escolha de uma roupa, na maneira de se vestir, em todo o seu ser, uma mulher tem que demonstrar seus valores íntimos. Não parece, mas até mesmo sua moral, sua estreiteza em encarar a vida, ficam explícitas em toda sua maneira de ser.

— Sabe, dona Sílvia, acho que a senhora tem razão. Só de olhar para uma mulher eu sei se ela é fácil, superficial ou imatura. Eu tenho 35 anos. Tenho horror de mulher burra. A maioria das mulheres de hoje não tem personalidade, ficam fazendo charminho, são artificiais. É muito difícil encontrar uma mulher de verdade. Até hoje estou em busca da minha cara metade que deve estar perdida por aí, falou Ricardo um dos alunos em tom de reclamação.

— Há muitas mulheres boas e inteligentes. Penso que o senhor está buscando no lugar errado, senhor Ricardo, protestou dona Diva.

— Uma hora ela vai aparecer. Não perdi a esperança, respondeu o moço.

— O que conversamos até agora serviu de preâmbulo para o principal. Quis mostrar a vocês como a vida íntima de uma pessoa pode ser avaliada pelo seu exterior. Mas agora vou falar da verdadeira missão de uma mulher na Terra. A mulher é o ser mais bem dotado de todas as criaturas. O nosso Criador a cumulou com uma intuição capaz de captar todos os ensinamentos da Luz. A vida na matéria deveria ter atingido hoje o máximo de sua florescência. Não era para haver brigas, doenças, crimes, perversão de nenhuma espécie. Os seres humanos teriam que ter atingido maturidade e uma sintonia com o Alto, com a Luz de Deus. Assim usufruiriam de todas as dádivas, só haveria felicidade, harmonia e amor!

— Se nada disso hoje está acontecendo... é por culpa da mulher? Perguntou Ricardo.

Sílvia, encarando o moço:

— Sim, a mulher deveria ser tratada como rainha. Com seu saber captado da Luz, deveria conduzir o marido, os filhos e toda a humanidade a uma sintonia superior. No entanto, ela falhou mais que qualquer outro ser. Preferiu se mostrar sedutora ao invés de condutora do seu meio. Deveria conduzir os conceitos de vida para um nível superior. Quando a mulher começou a se despir com a intenção de seduzir, levou o homem também para uma sintonia inferior. Os homens de hoje carregam consigo uma sexualidade excessiva, doentia, e caem facilmente nos engodos delas. São presas fáceis. Com a ideia disseminada de que o homem que rejeita uma mulher que se oferece é frouxo, não aprenderam a rejeitá-las. Com isso se prejudicam sobremaneira.

— Elas nos conquistam com a exibição dos corpos como se vê hoje em dia, replicou o senhor Lázaro. Outro dia fui à praia e percebi que os maiôs das mulheres quase não escondem nada. Elas desfilam por lá sem o menor constrangimento.

Sílvia, aproveitando a oportunidade:

— Com a perda do pudor, perdeu ela também sua intuição. Aí tudo desandou, hoje tudo está fora dos eixos.

Ricardo, pedindo maior esclarecimento:

— Se a mulher não tivesse caído tanto, os homens não teriam caído também, não é assim?

— Se os homens tivessem rejeitado as mulheres caídas, eles teriam segurado a queda delas.

No entanto, eles acharam bem-vinda essa queda, pois veio ao encontro de seus desejos, falou Sílvia de uma maneira incisiva.

— Elas ficariam bravas e rancorosas se os homens as tivessem rejeitado, falou o senhor Pedro.

— Seria uma raiva momentânea, que não teria consequência maior. Os homens sabiam também muito bem que aquela mudança das mulheres era contra a Vontade de Deus. Eles respeitavam, confiavam nelas. Sabiam muito bem que com aquela aceitação estavam destruindo as pontes que os conduziriam de volta para a Luz. Com essa mudança inconcebível, para a infidelidade foi um passo. Daí surgiu a desconfiança, o ciúme, o ódio, as brigas, crimes... Na Terra, qualquer

vida digna desapareceu! Hoje nada se encontra no lugar, tudo saiu dos eixos, falou a mestra com segurança.

— Agora compreendo. Eu confiava tanto em minha esposa, eu a amava tanto que não percebi o quanto ela já estava decadente. Carregou consigo minhas filhas e eu. Eu estava cego em não perceber suas artimanhas para levar nossas filhas para os namoricos, sem nenhum senso de decência. Como pude ser tão cego? Inconformado falou o senhor Pedro.

O senhor Lázaro, concordando com o colega:

— Se fosse só o senhor! Todos os homens se deixam levar por elas. Caem em suas redes sem se darem conta. Principalmente as meninas e os meninos educados por elas!

— Sim, as mulheres se tornam responsáveis pelas crianças e jovens que educam. Em casa como mães e na escola como mestras. Consentem que os conceitos de vida que hoje vigoram se alastrem como epidemias. São desleixadas nisso, pois é muito mais fácil “deixar rolar”, como se diz!

— Mas elas aí são obrigadas a seguir uma programação estipulada pelas autoridades. Com isso não poderão levar a culpa, argumentou o senhor Lázaro.

— Não são assim tão presas a uma programação... Se fossem mais espiritualizadas poderiam adaptar o ensino vigente aos verdadeiros ensinamentos de vida, rebateu Sílvia convicta.

— A senhora poderia nos dar um exemplo? Pediu Diva.

— Vejam, quando uma professora vai a um museu com seus alunos, enaltece o artista que executou as obras lá expostas. Quando vão ensinar sobre o corpo humano, cuja perfeição não se pode ocultar, esquecem de enaltecer o autor dessa obra. Vejam a perfeição que o corpo humano encerra. Todos os órgãos funcionando, cada um desempenhando uma função, sem que o espírito que habita nele precise prestar atenção nisso. O autor dessa obra é Deus. No entanto, ela não é mencionada para as crianças e jovens. O autor é sempre esquecido e ignorado, falou Sílvia vagarosamente. É lamentável!

— É mesmo, se mostrassem para os alunos essa perfeição iriam formando nas crianças a noção da grandeza de Deus. Não havia pensado nisso... Conclui Diva.

Sílvia prosseguiu:

— Tudo isso terá que ser transformado também. No ensino sobre a natureza não deverá ser ocultada a perfeição do seu autor. O nosso horário já venceu. Quero convidar todos para a festa de inauguração de “A Casa da Mãe Solteira” no próximo dia vinte, às vinte horas. Ao saírem retirem seus convites sobre a mesa. Conto com a presença de todos.

— Pode contar comigo. Lá estarei às vinte horas, afirmou resolutamente o senhor Pedro.

## INAUGURAÇÃO DE “A CASA DA MÃE SOLTEIRA”

Muita iluminação, flores, músicas suaves... Um encantamento tomava conta de todos que chegavam! Poltronas para as autoridades, cadeiras para os demais, completavam o ambiente. Beleza e simplicidade por todos os cantos e dependências do pequeno lar que abrigaria quinze futuras mães. Ao chegarem, os convidados visitavam as dependências da casa para depois se acomodarem nos locais a eles destinados. Foram chegando as autoridades que eram encaminhadas para suas poltronas. Prefeito, Presidente da Câmara, engenheiro de obras, Professor Hércules, diretor do Colégio, Senhor Eduardo. A primeira fileira acomodou o corpo docente e as responsáveis diretas pelo empreendimento, com seus esposos. O professor Hércules foi encarregado de presidir a mesa e fazer o discurso de abertura. Levantando-se e repassando com um olhar expressivo todos da plateia, falou pausadamente:

— Senhores e senhoras, este empreendimento tornou-se possível graças aos esforços de algumas pessoas aqui presentes. Não podemos deixar de agradecer ao prefeito e seus mais fiéis colaboradores. As quatro senhoras responsáveis pela montagem de tudo foram, em dado momento de suas vidas, iluminadas por uma força superior. Este projeto é o primeiro que modificará o conceito de mulher. Estas senhoras fazem parte de um grupo que não mais aceita a posição inferior em que as mulheres se colocaram. A mentalidade atual de um ser inferior terá que se modificar. O valor da mulher terá que ser resgatado. Novamente terá que brilhar a intuição feminina, para evitar os escombros previstos para toda a humanidade. As moças que forem internas ignoraram o seu alto valor como mensageiras da espiritualidade. Com isso passaram a ser portadoras de desequilíbrio, sofrimento e dor. Desequilíbrio para si, para os pais, para a sociedade e, acima de tudo, para os bebês já a caminho! Como uma mãe poderá trazer um ser humano para o mundo, se seu íntimo ainda imaturo não sabe sequer tomar conta de si? Brincarão com bonecas humanas, pois não foram preparadas para uma vida responsável. Se essa situação não mudar, viverão em total desequilíbrio com o meio e não conhecerão o brilho de ser mulher. O trabalho de resgate da dignidade feminina é o mais imprescindível em nossos dias. Faço votos que esta iniciativa alcance o maior sucesso e que seja a primeira dentre muitas que virão. Passo a palavra para o senhor prefeito

Os ouvintes bateram palmas em pé, sensibilizados com aquelas palavras.

O prefeito, senhor Barroso, que desde o início acompanhou o grande trabalho desenvolvido pelo grupo do professor Hércules, com um grande sorriso dirigiu-se aos presentes:

— Meus amigos e conhecidos. Aos poucos estou entendendo este pessoal liderado pelo brilhante professor de português, senhor Hércules. Este pessoal não quer mais edificar na matéria. Para isso muitas organizações estatais e particulares encontram aí o seu trabalho. Esse grupo quer edificar no íntimo do ser humano. Eles estão certos. Se não edificarmos no íntimo do ser humano de nada adiantará construir a casa para ele morar. No seu livro: ‘Olhai os Lírios do Campo’, Érico Veríssimo previu isso. Hoje em dia, mais do que nunca, é preciso trabalhar no íntimo do homem. Se o ser humano não se modificar na sua concepção de vida, simplesmente destruirá tudo o que foi edificado para ele e para os outros. Eu posso afirmar isso como autoridade no assunto, pois, como prefeito, gasto quase a metade de nossa verba consertando o que o povo depreda. Acho que falei tudo, não? Felicidades para os empreendedores desta Casa. Que sejam abençoados nos seus trabalhos.

Uma ovação se fez ouvir. Também os aplausos foram em pé. Sílvia, levantando-se, seguiu até o lado das poltronas das autoridades. Virando-se para a plateia, disse com muita determinação.

— Eu e minhas colegas somos muito gratas a todos estes colaboradores aqui presentes. Se não fosse esse trabalho de equipe o nosso não poderia acontecer. Edificar no coração das pessoas, em especial no coração feminino, não será uma tarefa fácil. Sei, contudo, que com o saber adquirido em nossas aulas com o professor Hércules, temos muitas chances de sucesso. Estaremos trabalhando em busca de uma sociedade mais evoluída, menos materialista e menos superficial em seus anseios.

O materialismo reinante é um foco de doenças tais como: egoísmo ganância, brigas, desonestidade e superficialidades de todos os tipos. Alguém tem que começar essa grande transformação. Espero que esta segunda iniciativa seja acompanhada de muitas que virão. Desejamos a todos paz em seus corações. Retirou-se sob uma salva de palmas.

Os alunos do terceiro ano já começavam a recolher as cadeiras para ceder espaço ao Buffet. Grupos se formavam para comentar as palavras ouvidas. Em um grupo, estavam presentes o senhor Armando, o engenheiro Cláudio e o senhor Barroso, o prefeito. As moças começaram a distribuir pequenos presentes, quando Flávia se aproximou desse grupo. Sorridente, nobre e muito bem vestida, provocou admiração. Ofereceu a cada um deles um mimo com um cartãozinho onde se lia a seguinte frase: “Se a mulher renascer, o mundo a seguirá”. Retirou-se com graça e leveza. Dr. Cláudio a seguiu com o olhar e comentou com os presentes:

— Essa mulher já renasceu, portanto posso segui-la. O senhor Armando, com um sorriso maroto, acrescentou:

— Obrigado pela parte que me toca, pois ela é minha filha mui amada. Realmente você tem razão, ela é uma mulher renascida para a vida. Todos riram da cara de espanto do desajeitado engenheiro. Ele não perdeu o rebolado, pois ainda sorrindo acrescentou:

— Não pode apresentá-la para mim? Gostaria de conhecê-la melhor. Quando se conquista primeiramente o pai fica mais fácil conquistar a filha. Foi só risada. Estou falando sério, Armando. Quando será a apresentação?

— Espero-o em minha casa amanhã às oito horas para o jantar, está bem assim?

— *Beeem?* Está ótimo. Agradeço o convite e a confiança.

O prefeito, assistindo à conversa entre os dois, reclamou:

— E eu fico de fora, é?

— Não, gostaria de convidá-lo para participar de um jantar no clube de Campo que daremos no próximo domingo à noite. O convite é extensivo à sua esposa, falou sorridente o doutor Armando.

Com simpatia, o senhor Barroso completou.

— Estou brincando, Armando. Eu e minha esposa estamos de neném novo. Não tenho coragem de deixá-la. Afinal, o bebê é nosso e tenho que ajudá-la nisso. Os antigos diziam que quando um casal está com neném novo e some, é porque está lambendo a cria.

Com risadas gostosas se despediram ali. O senhor Armando buscou por Sílvia. Estava num grupo, conversando com Flávia, dona Diva, e um belo rapaz, alto, com uma cabeça bem proporcionada e de boa postura. Sílvia, ao vê-lo se aproximar:

— Oi, por onde o senhor andou até agora?

Brincalhão olhando com um grande sorriso para os presentes:

— Não é de bom tom primeiramente fazer as apresentações do grupo?

— Sim, você tem razão. Esta é Diva e este é Ricardo. Ambos estudam comigo. Olhando agora para os dois, acrescentou: Este é meu marido.

Dr. Armando, após as apresentações, dirigiu-se a Ricardo:

— Está aprovando as transformações de nossas vidas?

— Tudo muito interessante. Dá vontade de voltar no tempo e viver novamente durante a época da construção da Grande Pirâmide.

Flávia, interrompendo:

— Você diz isso porque sente saudade de uma época onde o verdadeiro amor ainda existia. Saudade de uma época, em que os seres humanos eram ainda puros de alma.

Ricardo concordou aproveitando a oportunidade de falar com Flávia por quem nutriu simpatia imediata.

— É isso mesmo. Você designou bem o que sinto, trata-se de uma grande saudade, saudade indefinida, parece-me saudade de algo perdido.

O doutor Armando, dirigindo-se novamente a Ricardo:

— Quem aceita a existência dos seres auxiliares de Deus, renasce para a alegria. Você não acha?

— Quando é que a gente poderia imaginar isso? Quero me aprofundar nesse estudo. Quando era menino, gostava de ler histórias sobre eles. Não me conformei ainda desse saber ter-se perdido. Já existe um saber mais profundo sobre eles?

— Existe sim, Ricardo. Será o nosso próximo livro, respondeu Sílvia.

Aos poucos as primeiras pessoas iam se despedindo. Num canto, outro grupinho conversava animadamente: Dalila, professor Hércules, Otávio, Suely, Luizinho e Cristina. Otávio, olhando para o professor e Dalila:

— Essa iniciativa de dona Sílvia é a segunda realização visando a grande transformação. Quem terá criatividade para a terceira realização?

— Uma pessoa muito criativa é a Gabriela. Acho que ela e D. Regina ainda serão também iluminadas para uma ação mais arrojada, opinou Dalila.

— Ainda precisamos das duas para o curso com o povo. Gabriela ainda estuda e cursará a Universidade. Sua mãe trabalha fora e com certeza não disporá de tempo suficiente para alguma realização, explicou o professor.

— Com o potencial delas e a vontade de servir ainda arrumarão algo para ganhar o seu sustento, completou Dalila o seu pensar.

— Ninguém mais pode com essas mulheres, professor. Além de intuitivas ainda são comerciantes? Falou Otávio em tom de brincadeira.

— Hoje em dia a mulher que precisa trabalhar fora estaria sobre o efeito de um carma? Perguntou Suely dirigindo-se ao professor.

Interrompendo, Otávio expôs suas ponderações:

— Bem, a época agora é outra. Tudo mudou. O trabalho fora desgasta muito uma mulher. Segundo eu entendi, a mulher foi afeita ao lar. Lá ela tem a capacidade de receber a força que vem do Alto e desenvolver mais sua intuição. No lar sereno, onde a paz reina, naturalmente. Nesses lares onde as brigas tomaram uma proporção descomunal, logicamente nada desenvolverão.

O professor, concordando com Otávio:

— É isso mesmo. Estão certas as suas conclusões.

— Mesmo que ela não trabalhe no lar porque tem empregada, desenvolverá sua intuição? Insistiu Suely.

— Claro, o simples fato de estar no lar condiciona isso. Mesmo que ela tenha seis empregadas. Lá, no silêncio de seu lar, conseguirá a sintonia com os mundos superiores e o desenvolvimento de sua intuição. Desde que se dedique é claro, a ler muito, refletindo sobre tudo aquilo que lê. Não há outro caminho para restaurar sua intuição, estendeu o professor suas explicações.

Cristina pela primeira vez se manifestou em público:

— Eu, por mim, ficaria conversando com vocês a noite inteira. Esses assuntos me fascinam. Mas, infelizmente, tenho um pai déspota, do qual ainda não consegui me libertar.

— No fundo você não se liberta porque não quer, falou Luizinho olhando para ela.

— Você tem razão. Queria sair de lá e levar comigo minha mãe e meu irmão. Uma hora vou conseguir, sei que vou.

— Vamos, então. Eu a levarei para casa, amavelmente falou Luizinho, pegando-a pela mão.

Despediram-se e se foram.

Otávio, olhando para os dois que se afastavam:

— Vocês perceberam? Essa moça já está acordada, senão não gostaria dos nossos assuntos.

O professor concordou novamente com Otávio:

— Bem, preciso também ir descansar. Vocês querem carona?

— Prefiro ficar um pouco mais. Pretendo ainda visitar todas as rodinhas de amigos que estou vendo daqui em conversas superanimadas, falou Otávio, pegando na mão de Suely e puxando-a para fora da rodinha.

— O senhor me deixaria em casa? Timidamente perguntou Dalila.

Otávio, ouvindo o apelo da irmã, voltou e censurou a irmã:

— Dalila, o professor mora em sentido contrário ao de nossa casa. Você o tiraria do seu itinerário!

— Não tem importância alguma. Com todo o prazer a levarei para a casa. Aliás, tenho obrigação de auxiliar minha secretária. Sem ela não poderia fazer nem a metade do que faço. É uma das formas de mostrar gratidão, concluiu o professor, sorrindo para ela.

— O senhor me deixa encabulada, professor.

— É o que mais gosto em você. Quando a vejo assim você se mostra em toda sua feminilidade. Isso é encantador! Elogiou o professor.

Otávio e Suely pararam atônitos. Retirando-se novamente falou baixinho para Suely:

— Nunca vi o professor elogiar ninguém assim!

Despediram-se ali e se retiraram. Otávio e Suely ficaram ali parados observando os dois se afastarem.

— Sabe, Suely, tenho a impressão de que o destino vai unir esses dois. Minha intuição está indicando isso. Retiraram-se e procuraram se unir com o grupinho de Gabriela, Roberto, D. Regina, Mônica, Felipe, D. Iracema, Sr. Antônio, Geraldo e Débora. Ao se aproximarem o grupo cessou a conversa para recebê-los com alegria. Geraldo foi o primeiro a dar as boas vindas ao casal:

— Então, gostaram das singelas, rápidas e eloquentes palavras dos oradores?

— Você disse bem. Eu ainda acrescentaria que foram palavras incisivas, falou Suely.

— Se os políticos de nossa pátria falassem assim, nem seriam necessários os intoleráveis horários políticos, falou Otávio com convicção.

O Sr. Antônio, respondendo com sensatez:

— Quando o povo rejeitar essa intragável maneira de atraírem os eleitores, com certeza os políticos não mais jogarão palavras fora como até então.

Iracema foi ainda mais longe:

— Quem sabe a grande transformação atingirá também a classe política!

— Com a rapidez com que o nosso movimento está caminhando, não vai demorar muito para chegar a Brasília, concluiu Roberto.

Gabriela, a mais sensível, deixava que tais pensamentos prejudicassem seu organismo. Ainda não aprendeu a manter o equilíbrio necessário diante dos males da época.

— Sinto um mal-estar agudo na boca do estômago quando o assunto é esse. Preciso me acostumar com ele. Com licença, precisamos nos recolher.

Fim de festa. As despedidas indicaram isso.

**N**a segunda-feira, a família do doutor Armando reunida na saleta à espera do jantar, comentava os últimos acontecimentos. Trocavam experiências colhidas das aulas com o povo. A conversa estava animada quando a campanha tocou. Sr. Armando levantou-se apressado para atender. Logo depois voltou segurando pelo braço o engenheiro da prefeitura, doutor Cláudio.

— Creio que vocês já conhecem o meu mais recente amigo, não? Em tom brincalhão falou o doutor Armando.

Todos se levantaram para cumprimentar o visitante.

— Silvia, convidei o Cláudio para jantar. Como hoje é segunda-feira, penso que ele não se incomodará de comer aquela comida francesa que vocês sabiamente denominaram de “Resto de Ontem”.

— Mas papai, nosso hóspede está nos visitando pela primeira vez e o senhor não avisou para que fizéssemos um jantar melhor? Protestou Flávia.

Doutor Cláudio, sorrindo para ela:



— Foi bom assim. Em minha casa também o cardápio da segunda-feira é isso. Considerem-me como uma pessoa da família. Disse essas palavras fitando demoradamente os olhos de Flávia.

Roberto reagiu:

— Nós, Cláudio, vibramos na verdade. Esse negócio de faz-de-conta não funciona. Você é nosso amigo. Penso que todos nós podemos considerá-lo assim. Um amigo de verdade não se incomodará de comer comida amanhecida.

Educadamente Sílvia concertou a situação:

— Seja bem-vindo, doutor Cláudio.

Flávia pediu licença e foi preparar um aperitivo. Com espanto, constatou que a empregada já havia preparado o que pretendia.

— Nice, que bom que você já preparou estas delícias! Como você sabia que teríamos visitas?

— Eu não sabia. Quando ouvi a campainha, pensei que alguém estaria chegando para o jantar.

Flávia alegremente voltou em seguida para a sala trazendo a bandeja com aperitivos coloridos.

— Que beleza! Isto foi obra sua, Flávia? Perguntou Cláudio.

— Claro que não, não daria tempo.

— As mulheres desta casa são virtuosas, Cláudio, falou Armando convencido.

— São mulheres renascidas para a vida? Indagou o visitante.

— Sim, as mulheres desta casa dirigem a caminhada da família. Todos nós pertencemos a um mundo diferente! Completou Flávia

— E qual é essa diferença, Flávia? Você poderia me dizer? Prosseguiu o moço.

— A nossa vida é focada em conhecimentos mais profundos. Nossa sintonia não é mais materialista. Vivemos na matéria, sim, mas procuramos espiritualizá-la em tudo o que realizamos. Construímos em nossa essência mais íntima um altar para o Senhor de Todos os Mundos. Agimos com imenso amor em relação a tudo que foi criado! Respeitamos todos os seres como propriedade de Quem os criou.

Insistindo, Cláudio continuou:

— De onde vem todo esse saber? Trata-se de uma nova religião?

Todos sorriram ao perceber a confusão criada por Flávia na cabeça do engenheiro. Sorrindo, ela respondeu:

— Não, Cláudio, não se trata de uma nova religião. Trata-se de uma nova vida. Uma vida diferente! Impulsionada por uma força maior e iluminada por outro saber.

— Você teria tempo disponível para também iluminar a minha vida? Insistiu o moço.

— Não, Cláudio, não poderei iluminar a sua vida! Poderei apenas mostrar o caminho onde você mesmo iluminará sua vida. É um trabalho que cada um poderá e terá de fazer por si mesmo. Poderei, contudo, acompanhá-lo em sua caminhada! Falou Flávia com serenidade.

— Entendi. Então me indique esse caminho. Preciso também iluminar minha vida. Estou interessado em saber do que se trata.

Doutor Armando veio em socorro do convidado:

— Cláudio, esse assunto é aquele do nosso movimento. Estamos convocando todo o povo para conhecê-lo e tentar seguir pelo caminho indicado. Trata-se de uma transformação em toda a nossa vida.

— Eu já entendi, Armando, quero saber tudo a respeito. Por onde devo começar?

Todos entreolharam-se com certo espanto! O jantar transcorreu num clima de grande elevação. Após a sobremesa, voltaram à saleta aconchegante para o café. D. Sílvia pediu licença e se retirou. Roberto também dispensou o café para ligar para Gabriela. Restaram com o convidado o doutor Armando e Flávia. O pai, dirigindo-se a Flávia:

— Resuma para o Cláudio como começou nosso movimento.

— Tudo começou...

Roberto, ao telefone:

— Oi, minha linda, como está você?

Do outro lado da linha:

— Estou sentindo sua falta. Estou estudando para as provas de química de amanhã, mas com você em minha cabeça.

## MATRÍCULAS DAS MÃES SOLTEIRAS

Às seis horas da manhã apresentaram-se quarenta e sete meninas grávidas. Às sete horas, quando o corpo docente e as diretoras começaram a chegar, admiraram-se com aquela quantidade de mães meninas. Resolveram reforçar o café da manhã para receber todas aquelas adolescentes. Após a entrega das senhas, os portões foram abertos e as moças encaminhadas para as dependências do fundo. A sobra de salgadinhos da festa do sábado veio complementar o café. As diretoras se reuniram para decidir o que fazer. Valquíria, a psicóloga questionou:

— Entrevistaremos todas ou apenas selecionaremos as quinze primeiras que chegaram?

— Eu entrevistaria todas para selecionarmos as mais rejeitadas. Aquelas que não têm onde morar.

Iracema, Patrícia e Valéria acharam o argumento de Sílvia muito bom. Concordaram. Resolveram então que todas elas examinariam as moças interessadas, uma em cada sala. Ruth, a secretária, imediatamente imprimiu mais questionários. Assim tudo começou. A psicóloga Valquíria achou excelente a ideia de ser auxiliada em seu primeiro dia de trabalho. Após as entrevistas, o trabalho de recuperação foi iniciado com as quinze moças inscritas. No fim daquela semana, as mocinhas já se mudaram para seu novo lar.

— Então, pessoal, como vão os estudos? Estão conseguindo entender melhor o livro? Alguma pergunta? Inquiriu Otávio os seus alunos.

— Muitas, Otávio. No livro da Pirâmide, o sábio Magog observava como a alma do outro sábio se desligava do corpo. Ele viu que a alma era jovem e não velha como o corpo, falou o senhor Reinaldo.

— Isso mesmo. Quer dizer que a alma é sempre jovem. Os sábios eram puros e isentos de erros, portanto suas almas permaneciam bonitas e jovens, explicou Otávio.

— E como serão as nossas almas quando se desligarem dos corpos terrenos? Insistiu o aluno.

— As marcas de nossos erros estão gravadas em nossas almas. Por exemplo: a alma de um fumante tem um aspecto repugnante. Os lábios se apresentam estreitos e de cor marrom-escuro. Igualmente marrom-escuro são a língua e os dentes, continuou Otávio.

— Fale mais sobre isso. Gostaria de saber mais a respeito.

— Não basta saber que todos os nossos erros estão gravados em nossas almas? Por exemplo, uma pessoa que na terra foi presunçosa, preguiçosa e vaidosa, aparece em sua alma com as mãos deformadas. Uma pessoa prepotente que sempre deixou os outros trabalharem para si aparece com os polegares grandes e deformados. Pessoas que se esquivam de trabalho para não estragar suas mãos, aparecem com as mãos pequenas, como mãos de criança, precisamos saber quais os conceitos errados de vida que hoje vigoram, para nos modificarmos. Precisamos mudar tudo o que está errado. Assim, quem sabe mudaremos as marcas em nossas almas, falou Otávio já de uma maneira mais incisiva.

Outro aprendiz de nome Francisco, impressionado com o as revelações do livro, pediu um aparte.

— O livro que estamos lendo diz que dedinhos hábeis desligam um fio de prata que une o corpo terreno com o corpo astral. Os dedinhos pertenciam a Manem, um dos enteais. Diz que a tarefa deles é essa. Eles fazem a ligação quando nascemos e desligam quando morremos. Os Manens maiores desligam os fios que unem o corpo astral com a alma. Achei isso muito interessante, pois não é possível uma coisa se ligar e desligar por si. É necessário mesmo alguém que se ocupe com isso.

O jovem mestre com grande emoção fala a seus alunos:

— Notem bem isso. Todo esse saber vem ampliar para nós a perfeição de Deus. Como tudo é controlado pelas Leis perfeitas, também há seres criados por nosso Criador que registram com

perfeição tudo aquilo que semeamos com nossos pensamentos, com nossas palavras e com nossos atos. Esses registros são tão perfeitos que se torna impossível uma injustiça.

O senhor Francisco com alegria dispara:

— Como é bom saber que não estamos expostos ao acaso; sim confio no Todo-poderoso!

Todos concordaram com essa expressão profunda do colega.

— Voltando a falar dos gigantes, prosseguiu o senhor Reinaldo, lembro-me de uma passagem onde um dos gigantes falou para o sábio Sunrid: “Vós e eu somos servos do Criador, do onipotente Senhor do Universo! Servimos a Ele, louvando-o com nosso trabalho!” Estive pensando nisso. Os gigantes deixaram claro que são servos do senhor do Universo e que também os sábios serviam ao Criador. Nós também temos que ser assim. Servir ao Senhor e não ficar somente pedindo como fazemos hoje em dia. Por isso é que as orações não são ouvidas. As orações são cantilenas sem sentido. Não sinto prazer nenhum em ficar recitando orações. Se eu tenho que servir ao nosso Criador com meu trabalho, fica mais fácil. Sou padeiro e quando faço os pães fico pensando nisso. Hoje consigo amar o meu trabalho e tenho a certeza de que também honro a Deus com ele.

— Fico contente em saber que vocês estão mudando os hábitos de até agora, já conseguindo fazer do trabalho uma prece de gratidão, elogiou Otávio.

O Sr. Isidoro pediu licença para falar novamente:

— O que me impressionou muito no livro foi aquela passagem em que o empregado do sábio Sunrid perguntou-lhe por que não tinha medo dos animais se ele tinha tanto medo! O sábio respondeu: ‘Certamente maltrataste animais numa de suas vidas terrenas, ou os caçaste sem precisar de sua carne para tua alimentação.’ Houve uma época em que havia paz entre os seres humanos e os animais e um entendia a língua do outro. Hoje quase não existe uma ligação entre o ser humano e a natureza. Estou sofrendo muito desde que li isso. Sempre tive a pesca como divertimento. Quantos peixes eu matei! Fico com depressão só ao pensar nisso. Nunca mais vou pescar em minha vida.

— Sr. Isidoro, se o senhor reconheceu seu erro e não mais vai voltar a cometê-lo, não é mais preciso ficar pensando nisso. Agradeça ao Senhor pela elucidação e ajude os pescadores a entenderem a lei da reciprocidade. Faça-os entenderem que terão que pagar e muito caro por cada peixe que matam.

Desanimado, o senhor Isidoro continuou:

— Eu já tentei, e nada consegui. Os meus amigos responderam que pescam para comer e que isso não é pecado.

— É o que o senhor respondeu?

— Respondi-lhe que tem gente que é pescador por profissão, mas nós pescamos por prazer de matar e isso é muito diferente. É uma contravenção às leis naturais. Eles riram de mim.

— Vejam, esses seus amigos só se deixam levar pelo raciocínio. A intuição deles se apagou. Só vão cair na real quando sofrerem algum infortúnio. Aí irão se lembrar de suas palavras de advertência. Poderá ser muito tarde para eles! Há poucos dias não caiu um avião causando a morte de 12 pescadores, vindos justamente de uma pescaria? Lembrou Otávio em tempo.

Continuem lendo o livro e anotando os novos ensinamentos para formarmos uma sociedade melhor. Nosso horário chegou. Que vocês consigam a paz e boa noite a todos.

— **E**ntão, como vocês estão indo com a leitura? Interrogou o senhor Antônio ao seu grupo.

— Se os meus colegas tiverem perguntas como eu, o senhor hoje vai ficar sem dar matéria nova. Somente responderá às perguntas, disse dona Lídia.

— Vamos então começar. Quem será o primeiro?

— Posso ser eu? Perguntou Lídia timidamente.

A maioria concordou, através do silêncio, apenas com um sinal de cabeça, olhando para ela. O senhor Antônio fez um gesto de anuência.

— Bem, quando Sunrid, o sábio, e seu empregado Horis saíram à procura do local onde seria construída a pirâmide, encontraram um lugar onde havia só caveiras de mulheres e crianças. Sunrid

contou que naquele lugar vivia uma tribo cujas mulheres se denominavam “livres”. Elas executavam só serviços de homens, inclusive caçar. Os homens tinham que criar os filhos e executar todos os serviços destinados às mulheres. Veio uma peste e liquidou aquelas mulheres antinaturais. Sr. Antônio, hoje em dia as mulheres querem fazer tudo o que os homens fazem, até jogar futebol. Como irá terminar isso?

— Quando as mulheres procuram fazer o que os homens fazem, não percebem que isso é uma aberração. Deixam-se levar pelo raciocínio e com isso mostram que a intuição delas está bloqueada. Com esse bloqueio não vão conseguir perceber que estão erradas. Pela Lei da Reciprocidade terão que passar por tristes situações. É a única forma de poderem chegar a um reconhecimento. Dependendo do grau de torção, poderão até mesmo ser definitivamente perdidas, falou o mestre.

— O que muito me impressionou foram aqueles mandamentos dos sábios: “Vive de tal modo que ninguém sofra por tua causa” e “Vive de tal modo que ninguém peque por tua culpa”, falou vagarosamente o aluno de nome Reinaldo. Considerando essas palavras como leis, ao analisar a época de hoje na qual ninguém se preocupa em não fazer o outro sofrer, reconheço a razão do sarcófago. A humanidade está perdida apenas considerando esses dois mandamentos. Já imaginaram o que nos espera?

O mestre lançou um desafio:

— Quem seria capaz de me dar um exemplo de uma situação na qual uma pessoa possa pecar por culpa de outra?

Os alunos se entreolharam com expectativa, esperando para ver quem teria já pensado nisso. Marlene, com timidez, pede para falar:

— Posso ser eu. Quando aconselhamos uma pessoa a se vingar quando foi ferida por outra. Tornamo-nos cúmplices do erro dela. Também quando apresentamos uma imagem errada de nosso Criador. Teremos que carregar essa culpa. Enquanto aquela pessoa não corrigir a imagem, ficaremos atados a ela.

— Como assim? Não entendi. Dê-nos um exemplo, falou o senhor Venâncio, aluno de mais idade.

— Se nós dissermos a uma pessoa que o Criador não existe e ela aceitar essa mentira. Ela levará toda a sua vida despreocupada com tudo, não se policiando em seus pensamentos e atos. Com certeza devido a isso cometerá muitos erros. É lógico que nos tornaremos culpados disso. Metade da culpa cabe a ela mesma, pois aceitou a mentira, falou Marlene sua reflexão.

— Gostei do exemplo, dona Marlene. Essa culpa é difícil de ser resgatada, senão impossível, concluiu o senhor Antônio.

Dona Lídia foi ainda mais longe:

— Nossa, já pensaram na culpa das mães que ensinam coisas erradas para seus filhos? E as professoras nas escolas? Um professor que fuma perto de seus alunos está, através do exemplo, incentivando-os a fumar.

— Vocês pensaram também nos exemplos de desonestidade que os nossos representantes estão dando ao povo? Vejam como exemplos não faltam para testemunhar o quanto uma pessoa se sobrecarrega de culpa ao levar outra a errar.

— Além da corrupção, ainda levam o povo a se desencantar da vida, desanimados na luta pela sobrevivência, falou dona Lídia indignada. Acham que nada vale a pena. Meus filhos me disseram isso ontem à noite, quando estávamos ouvindo o noticiário. Fiquei indignada de ouvir aquilo. Mostrei que nem tudo está perdido. Existe uma força maior que irá acabar com tudo isso. Através de nós, através de nossa rejeição, poremos um final nisso. Aqueles canalhas terão que recuar. A vitória é sempre do bem. O mal se extinguirá. Não podemos mostrar desânimo, pois assim perderemos força.

— A senhora falou muito bem. Se desanimarmos, estaremos recuando, nos acovardando diante desse mal. Mais alguém quer falar?

Senhor Rogério pediu licença para expor seu problema.

— No livro da Pirâmide há um ensinamento que estou tentando praticar, mas confesso que estou encontrando muitas dificuldades. O senhor poderia me ajudar?

— Vamos lá. Se eu puder!

— Diz o livro: “Mantém-te livre de pensamentos errados! Pensamentos são como sementes que colocas no solo!” Por mais que eu me esforce não consigo me livrar deles. Como farei?

— Esse mal atinge a todos. Nosso professor disse que dificilmente uma pessoa consegue se livrar deles. Se o senhor ficar lutando contra eles, de nada irá adiantar. Deverá pensar em outra coisa. Uma coisa agradável que tenha acontecido em sua vida. Procure um bom filme para assistir e vá pedindo auxílios ao seu protetor. Quando menos o senhor esperar, aqueles pensamentos terão se enfraquecido tanto que não mais o importunarão, explicou o senhor Antônio.

— Por que acontece isso? Continuou Rogério.

— Na matéria invisível que nos rodeia, existem regiões de condensações de diferentes pensamentos. Um tipo de pensamento não se mistura com outro. Portanto, existem regiões de condensação de pensamentos de ódio, de vingança, de baixa sexualidade, cobiça e muitos outros. Se uma pessoa se deixar assaltar por um pensamento de cobiça, por exemplo, imediatamente ela se conecta a essa região de condensação de pensamentos iguais. Com essa conexão com aquele pensamento inicial recebe reforços poderosos. Torna-se, portanto, difícil sair dessa influência. O melhor que se tem a fazer é pensar em outra coisa. Algo agradável, bonito, cujas impressões guardamos em nossas almas, explicou o mestre com segurança.

**N**a “Casa da Mãe Solteira” as meninas-mães participam da primeira sessão de conversação com a psicóloga e com Sílvia. Na sala de encontro, as cadeiras estão distribuídas em círculo. Dessa maneira todas as participantes tinham visão completa das demais. Sílvia abriu a sessão. Inicialmente, cada uma das participantes fez sua própria apresentação, dizendo o nome completo, idade e o lugar onde morava. Em seguida, Sílvia explicou a finalidade de estarem elas ali reunidas.

— Temos que seguir certas regras para os nossos encontros. O que sair aqui, isto é, o que for dito por qualquer uma de nossas participantes ou por dona Valquíria ou por mim, permanecerá estritamente confidencial. Temos que ser confiáveis. Se uma respeitar a outra não passando adiante o que ouviu, viveremos felizes e em paz. Somente assim encontraremos apoio para a solução de todos os problemas pelos quais vocês estão passando. Isto não quer dizer que, quando vocês estiverem juntas no hall dos banheiros ou durante as refeições, não possam falar sobre os assuntos que passaremos a analisar aqui. É muito bom que isso aconteça. Às vezes não terão a coragem de se abrir aqui nos nossos encontros e terão vontade de se abrirem com alguma colega.

Tereza, uma das meninas, perguntou:

— Por que devemos falar aqui tudo o que se passa conosco, em grupo, e não em particular?

— Porque em grupo vocês vão verificar que o problema das outras são semelhantes aos seus. Isto é um consolo e um alento. Poderá surgir a vontade de ajudar a colega a resolver o problema dela! Se isso acontecer, você poderá verificar que a solução do seu problema não será tão difícil.

— Nós poderemos trabalhar fora? Perguntou Dione.

— Se vocês forem bem na terapia em grupo nos dois próximos meses, poderão ingressar no mercado de trabalho, mas, vou advertir desde agora, é muito difícil uma grávida arrumar um emprego. Terão, contudo, de concordar com todas as regras disciplinares que isso implicará. Na ocasião certa serão informadas de tudo, falou Sílvia vagarosamente.

— Quero ainda informar que a duração deste encontro será de uma hora e quinze minutos. Procurem tomar água e irem ao banheiro antes do início de nossa sessão. Esta não poderá ser interrompida. Desliguem os celulares, pois nada deverá perturbar nossa sintonia, falou Valquíria.

— Mais alguma pergunta?

— Poderemos sair à noite para passear? Perguntou Fernanda

— Não, Fernanda. Nestes próximos seis meses vocês terão que mudar a sintonia, terão que mudar a maneira de pensar. Serão preparadas para serem mães e terão que aprender uma nova concepção de mulher, explicou pacientemente Sílvia.

— Aos sábados à tarde vocês poderão receber visitas dos namorados e aos domingos dos familiares, informou Sílvia.

Uma das meninas de nome Cecília perguntou como que reclamando:

— Nunca poderemos sair, então?

— Sim, sairão para irem ao médico, ao dentista e ainda para irem ao trabalho quando este começar, informou novamente Sílvia.

Edneia, aproveitando a dica da colega, perguntou num tom de reclamação:

— Nunca poderemos ir ao cinema?

— Aqui passaremos filmes duas vezes por semana. E depois, meninas, vocês estão esperando bebê. Vocês anteciparam a hora de ficarem grávidas, portanto terão de antecipar também a responsabilidade em suas vidas. Uma mãe deve estar preparada intimamente para esperar o seu bebê. E não é em bailes ou barzinhos que isso poderá acontecer.

As meninas se calaram e Valquíria aproveitando...

— Mais alguma pergunta?

Mariinha, uma outra adolescente:

— O que faremos durante o dia?

— Durante o dia vocês estarão se ocupando em fazer o enxoval de seus filhinhos, falou Sílvia vagarosamente, uma senhora virá ensiná-las a fazer tricô, bordar e a compor um enxoval. Duas vezes por semana aprenderão a cozinhar com uma professora contratada para esse fim. Durante duas horas teremos aula de leitura. Leitura em conjunto, onde analisaremos as ideias dos autores e suas propostas de vida.

Daniela, à queima-roupa:

— Mas eu detesto ler. Vou ser obrigada a isso?

— Vocês nunca tiveram esse tipo de leitura, falou Valquíria revidando, portanto não podem dizer que detestam algo que nunca experimentaram. Não se esqueçam também de que aqui vocês terão uma vida tranquila e cheia de aprendizados para suas vidas futuras. Caso não queiram isso, há uma fila enorme esperando por vaga. Vocês vieram para cá para serem auxiliadas a enxergar melhor a vida. Somente alegria e gratidão deverão brotar de seus corações; pensem sobre isso.

— Penso que já podemos dar início à nossa sessão de hoje, interrompeu Sílvia aquele questionário de exigências.

Valquíria, dirigindo-se à Celi:

— Vamos começar com você. Gostaríamos que você nos contasse a sua história. Como aconteceu o seu namoro. O nome de seu namorado. Quanto tempo vocês namoraram... Se vocês ainda estão namorando. Pretendem se casar. Qual a situação dele.

Celi, sentindo-se importante, começou...

— A minha história começou numa balada. Assim que nos vimos gostamos um do outro. Eu tenho quinze anos e ele dezessete. Um dia fomos em excursão para Santos. Estávamos todos muito felizes, com esse passeio, nós e os nossos amigos. Já no caminho de ida ele começou a me pedir para ficarmos juntos. Minha mãe sempre me aconselhava a não começar cedo com essa mania de “ficar”. Ela sabia que isso não daria certo. Meu pai é muito bom para nós, mas não admite que os filhos saiam da linha. Meu pai não é mole não. Quando chegamos a Santos fomos à praia e lá dentro da água começamos com aquela *beijação* e não pudemos mais parar. Não sei como não morremos afogados! Foi uma loucura.

A colega Tamara interrompeu:

— Mas assim, perto dos outros?

— Nossos amigos estavam mais retirados e também estavam cada um com seu par. Não prestaram atenção em nada, podem imaginar como estavam ocupados, não?

— Foi desta vez que você se engravidou? Perguntou Valquíria.

— Não, quando voltamos de Santos a coisa continuou ainda mais.

— Por que ele não usou camisinha? Insistiu Valquíria.

— D. Valquíria, nós estávamos tão apaixonados que nesse dia ele estava sem a camisinha e nem quis esperar para comprar. Onde nós estávamos nem tinha onde comprar, falou Celi encontrando desculpas.

— Você confidenciou isso a sua mãe? Inquiriu Sílvia.

— *Nãããã.*

— Como foi que a gravidez foi descoberta, então?

— Porque comecei a vomitar e a passar mal e minha mãe me levou ao médico. Quando o médico mandou fazer o teste para comprovar a gravidez, eu queria afundar no chão. Minha mãe coitada, achou um absurdo o que o médico falou. Ela disse: ‘O que é isso, doutor, nem pense nisso! Minha filha não faria isso comigo’. O médico olhou para mim e perguntou sorrindo: ‘Estou errado?’ O meu rosto afogou e a minha mãe percebeu tudo pela minha reação. Na hora ela não disse nada, mas assim que saímos, ela me grudou pelo braço com força e falou muito brava: ‘Você não fez isso, NÉ, filha?’ Fiquei calada e ela insistiu: ‘Filha, estou falando com você, me responda!’ Não tive saída, tive que falar a verdade ali para ela. Depois de algum silêncio, ela me disse: ‘Você me traiu, então? Traiu seu pai? O que você merece? Diga o que você merece!’ Mereço ser tratada como uma mulher grávida com todo o respeito, respondi, pois gravidez não é doença ruim. ‘Ah! Sua descarada! Vai morar com quem a engravidou? Você já pensou em todas as consequências dessa leviandade? Sua cabeça de vento!’ Daí pra frente foi só brigas e desavenças em casa por minha causa.

— Como se chama o pai de seu filho? Perguntou Sílvia interessada.

— Rafael. Ele, quando soube, levou o maior susto. Eu falei, então: ‘Você que é atentado. E agora, você vai assumir?’ Ele ficou parado e não falou nada. Desse dia em diante foi se afastando de mim. Eu me senti a pior pessoa do mundo. Ele me rejeitou como se nada houvesse acontecido entre nós.

— E qual foi a reação de seu pai? Sílvia insistiu.

— Foi ainda pior. Ele chorou como uma criança. ‘Por que você fez isso?’ Fiquei desconcertada, pois senti pena dele!

A psicóloga inquiriu:

— E como você se sente hoje?

— Não posso ficar na casa de meus pais, pois a tristeza tomou conta de todos. Perdi o namorado que me abandonou. Preciso pensar se quero fazer um aborto ou se vou assumir este bebê.

— Celi, você pensa num aborto mesmo sabendo que isso é um crime perante o nosso Criador? perguntou Sílvia.

— Na hora do desespero a gente fica sem saber o que fazer, falou baixinho Celi.

— Você na realidade está pensando em matar o seu filho, falou Tereza reagindo. Se um dia a sua vida mudar e você ficar grávida novamente, a lembrança desse ato vai deixá-la com depressão e desnorteada. Minha mãe passou por essa experiência, ficava dias dentro de um quarto sem participar de nada, nem à mesa ela se sentava para comer. Precisávamos dar comida na boca. Quando resolvia sair do quarto falava constantemente da criança que havia matado através do aborto que praticara. Lamentava-se e chorava, nada a consolava. Demorou muito para voltar novamente sua vida normal.

Completando a história de Tereza, Sílvia acrescentou um esclarecimento a mais sobre o aborto:

— Na realidade, uma mulher que pratica um aborto terá constantemente uma sombra atrapalhando sua felicidade, mencionou Sílvia. Em sua alma ficará gravada essa contravenção contra a Vontade de Deus. Essa marca a acompanhará por toda sua vida. Não será tão fácil resgatar esse tipo de erro. Afinal, trata-se de um crime. Um silêncio perturbador se fez depois dessas palavras. Somente quando uma mulher se engravidar através de um estupro será permitido um aborto! No estupro não há a concordância da mulher, portanto prevalece o livre-arbítrio dela!

— Como consertar isso, D. Sílvia? Perguntou Dione.

— Meninas, hoje o nosso tempo não seria suficiente para explicar tudo isso, explicou Sílvia com melancolia na voz. Mas, escreverei a respeito. Vocês ficarão cientes de tudo. Faremos sessões especialmente para elucidar o que ainda está obscuro. Até lá pensem no principal: Uma mulher que pratica o aborto é infiel a Deus e terá que pagar muito caro por esse grave erro.

Após um silêncio abafado...

— Bem, quem agora quer contar a sua história? Perguntou Valquíria passando o olhar pelos semblantes das adolescentes.

As mocinhas esperaram pelo oferecimento uma da outra.

— Posso ser eu, apresentou-se Ester.

— Pois fale, Ester, consentiu Valquíria.

— Tenho dezesseis anos. E meu namorado vinte e um. Eu o conheci na minha casa, porque ele é colega de meu irmão mais velho. No começo éramos só amigos. Depois eu fiquei gostando dele. Ele parecia me ignorar, mas eu fiquei dando em cima. Liguei para a casa dele e falei que estava gostando muito dele. Ele me disse que já tinha namorada e não queria se indispor com meu irmão. Pediu para eu parar de andar atrás dele. ‘Mulher que anda atrás de homem, não presta.’ disse-me ele. ‘Se você insistir vou falar com seu irmão.’ No começo, fiquei com medo que ele contasse para o meu irmão, mas continuei insistindo porque acho que o meu irmão não me manda. Um dia o encontrei com meu irmão sentado à mesa da cozinha tomando café. Aproveitei esse momento e num impulso perguntei ao meu irmão o que ele achava de o amigo dele me namorar. Ele ficou espantado e perguntou para o Jorge se era verdade aquilo. Ele respondeu que era coisa da minha cabeça. Meu irmão não deixou passar essa oportunidade: ‘Você não se emenda mesmo, né? Será que vai querer ser mulher de rua, se oferecendo para os homens? Espere por um homem que procure por você e não faça mais isso’, disse-me ele com ares de mandão.

— Mesmo assim você não se envergonhou? Perguntou Sílvia interrompendo.

— Na hora fiquei humilhada, mas o meu amor por ele era muito grande, eu sofri muito. Chorava todas as noites.

— Por que você não contou para sua mãe? Interrogou Valquíria.

Prontamente veio a resposta com amargura:

— Eu não tenho mãe. Ela morreu quando nasci. Meu pai não liga pra mim. Sai de manhã e volta à noitinha. Toma banho e sai para a casa da amante. Meu irmão sai para trabalhar e eu fico sozinha em casa, sem ter com quem conversar. À noite meu irmão fica trancado dentro do quarto estudando ou com seus amigos. Quando saio para ir ao colégio, desvio do meu caminho só para passar em frente a casa do Jorge. Quando saio da escola, a mesma coisa. Não fazia outra coisa senão pensar nele.

— E amigas, você não tem? Perguntou Sílvia.

— Tenho só colegas de escola. Às vezes vou na casa de uma ou de outra para fazer algum trabalho. Para passear, só de vez em quando e assim mesmo quando meu irmão está por perto.

Dione, antecipando-se:

— E como você engravidou? O seu filho é do Jorge?

— Um dia, eu estava na cozinha fazendo o jantar e virei para pegar uma coisa qualquer na mesa. Deparei com o Jorge encostado na porta me fitando com aqueles olhos lindos. Quase desmaiei. Fiquei olhando para ele espantada e então ele chegou mais perto de mim e me perguntou: ‘Você ainda gosta de mim?’ ‘Sim, gosto, mas sei que você não quer nada comigo. Uma hora eu tiro você de minha cabeça e vou partir para outra.’ Ele então se aproximou mais de mim e me disse: ‘Tenho pensado em você e não queria namorar por namorar, porque você é muito criança para mim.’ Ainda espantada, perguntei: ‘Você agora quer namorar comigo?’ Ele me olhou demoradamente e disse que se sentia atraído por mim. ‘Vou pensar melhor.’ Quando ele virou as costas e saiu, achei que ia desmaiar. Meu coração parecia que ia sair pela boca. Daquele dia em diante já sabia que aquele homem seria meu. No final daquela mesma semana ele apareceu lá após o jantar. Disse-me que ele e meu irmão iriam a uma festa. Aí perguntei: Por que vocês não me levam? ‘Seu irmão é que manda’, respondeu. Meu irmão concordou em me levar. Naquela noite, lá na



festa, conversamos e ele me disse que queria se casar comigo. Fiquei muito feliz, feliz mesmo! Meu irmão pediu-lhe que me levasse para casa porque ele ia levar a namorada até a casa dela. Assim aconteceu. Já viu, né! Nós sozinhos lá, entregues ao amor. Foi uma linda noite de amor!

— Você engravidou dessa vez? Inquiriu Sílvia

Nunca mais tivemos a oportunidade de ficar juntos. A vida dele virou. De empregado passou a ser desempregado. Raramente ia em casa e eu ficava telefonando para saber por que tinha sumido daquele jeito. Disse-me que estava muito cansado porque andava o dia todo procurando emprego. À noite só pensava em descansar para de manhãzinha começar tudo de novo. Um dia percebi que os meus seios estavam crescendo e ficando duros. Estranhei e pedi para minha vizinha olhar o que estava acontecendo. Estava com medo de ser câncer de mama. Ela olhou, apalpou e disse que eu estava grávida. Queria morrer. Liguei para o Jorge e contei tudo. Ele ficou em silêncio por um momento perguntou se eu estava louca. ‘Você já fez exame?’ Aí minha vizinha foi comigo no posto e depois do exame vi que ela tinha razão. Cheguei em casa e liguei novamente para o Jorge. Ele disse que ia pensar no que fazer. Resumindo minha história, ele disse que não poderia se casar comigo porque estava desempregado. Falou com meu irmão, que ficou muito bravo com ele e comigo. Cortou relações com o Jorge e mandou que eu saísse de casa e fosse para a casa dele. Que daquele dia em diante ele não mais tomaria conta de mim. Quem deve tomar conta de você é o ‘sacana’ do Jorge, disse-me. Foi então que surgiu esta oportunidade de vir para cá.

— E como você se sente? Perguntou delicadamente Valquíria.

— Sinto que o Jorge ainda virá a se casar comigo, assim que arranjar um emprego.

— Bem, diante dessas duas histórias vamos começar a mostrar a vocês a situação da mulher nos dias de hoje. Vamos analisar juntas.

— A mulher luta por seus direitos. Quer se igualar ao homem. Os homens que elaboram as leis logicamente colocam a mulher numa situação desvantajosa. O que vocês acham dessa afirmativa? Interrogou Sílvia, passando o olhar pelas meninas.

— Acho correta, prontamente respondeu Daniela. Quando a gente vai disputar um emprego e existe algum rapaz disputando com a gente, sempre dão preferência ao rapaz. Comigo mesmo já aconteceu duas vezes.

— Acho pior a situação da mulher na família, prontamente falou Tereza. Sempre ela tem que obedecer ao homem. Eu não concordo com isso. Minha mãe é a escrava de meu pai e não a mulher dele.

— Bem, se isso está errado, como poderemos mudar? Vocês pensam em mudanças? Falou a psicóloga.

— Acho difícil mudar isso tudo. Se os homens estão com o poder nas mãos, a gente não tem nem por onde começar, falou Tereza desconsolada.

— Comigo a coisa não é bem assim. Está pra nascer o homem que vai mandar em mim. Não quero mandar nele, mas que ele não vai mandar em mim, ah! isso não vai! Irritada falou Dione.

— Vamos falar então da situação da mulher no lar. Casamento. Casamento significa união. Subentende-se que o casal deve estar unido em amor. Caso isso não aconteça, esse casamento não se enquadra nesse termo, portanto não existe. Perante a Vontade de nosso Criador, somente os casamentos com amor são legítimos. Casamentos falsos se mantêm por necessidade, acomodação ou fraqueza, mas não são aceitos pela Luz, explicou Sílvia.

— Se é assim, todos os casamentos são falsos, não? Concluiu prontamente Celi.

— Não necessariamente. Há casamentos legítimos. Se você tivesse dito que a maioria dos casamentos são ilegítimos, então estaria certo, continuou Sílvia

— Nos casamentos falsos, o que está errado torna-se um vício. O casal acha difícil encarar as mudanças e a vida se transforma num inferno. Nós, seres humanos, estamos sempre buscando pela felicidade, falou a psicóloga.

— É fácil falar. Largar um casamento quando a gente tem filhos... O jeito é aguentar o que está errado, falou Regina de forma conclusiva.

— Regina, você está com apenas dezesseis anos e já pensa em se acomodar num casamento falso? Perguntou Sílvia para levá-la à reflexão.

— Hoje em dia é difícil arrumar um marido. Quando a gente consegue arrumar um, vai passar pra outra? Disse Regina rejeitando a ideia.

— E se você for traída? Interveio Sílvia.

— Vou fingir que não sei de nada, falou Regina, já mostrando indignação. Se eu conseguir descobrir quem é a sirigaita, aí, sim, vou acertar as contas com ela.

Sílvia cortou a reflexão da moça:

— Se você sabe que é traída e continua num casamento sabidamente falso, não merece ser traída? Você mesma não se dá valor. Por que teria o seu companheiro de lhe dar apreço?

— Regina, quem ama não trai. Parta desse princípio. Encarar um casamento sem amor é o mesmo que aniquilar a si mesma. É decretar um atestado de fraqueza inadmissível nos tempos de hoje, concluiu Valquíria.

— Vocês acham que é isso que nosso Criador quer de suas criaturas? Ele quer que as pessoas sofram dentro de tamanha falsidade? Perguntou Sílvia.

— O Criador quer que a gente sustente um casamento e não que a gente acabe com ele, contestou Regina com veemência. Quando casamos, queremos ficar junto com o marido e não passá-lo para outra.

— Como você pode afirmar que o nosso Criador quer que mantenhamos um casamento falso? O certo é que o nosso Criador só aceita as situações legítimas de um ser humano. Toda infelicidade é criada por situações ilegítimas, portanto falsas. Se você insistir numa situação falsa, o sofrimento e a insatisfação farão parte de seu íntimo. Isso só lhe trará doenças. Doenças físicas e doenças de alma, falou Sílvia com um tom que demonstrou serem reais suas palavras e sem apelação.

Tereza, sensibilizando-se com as palavras de Sílvia, disse ternamente:

— Eu não pensava assim, mas agora acho mesmo que a infelicidade foi criada por nós. O nosso Criador quer que a gente seja feliz e não infeliz; concordo plenamente.

— Toda situação em nossa vida tem que ser verdadeira e não falsa. Isso me parece tão lógico! Por que querer sofrer, se tudo pode se transformar? Falou a psicóloga.

Regina, continuando suas contestações:

— Se uma esposa traída tem quatro filhos para criar, como fará ela para criá-los sem a ajuda financeira do marido?

— Ela dará um jeito. Em primeiro lugar, o marido será obrigado por lei a dar pensão alimentícia para os filhos. Poderá pedir ajuda para diversos órgãos do governo. Mesmo em casa ela poderá desenvolver algum trabalho e acostumar os filhos a desempenhar alguma função. Quando se trabalha em paz, o serviço rende e a alegria é constante. A pessoa fica saudável de corpo e de alma. Não se esqueçam de que existem creches muito bem montadas e muito bem monitoradas por pessoas capacitadas e dedicadas, mostrou Sílvia que a coisa não é assim tão difícil de resolver, para que a dignidade esteja em alta.

— Se a mulher abandona a casa e o marido, outra tomará o seu lugar, ponderou Elaine.

— Se o marido procurou por outra é porque não se sentia feliz com a esposa. Deixe-o ir. Ele irá procurar por uma ligação legítima e isso é válido. No desfecho de um casamento sempre alguém sairá ferido! Um quer a separação e o outro não. Mesmo que uma mulher fique só, a situação é legítima. Ligações onde não imperam o amor e a confiança são falsas, ilegítimas. Tornam-se um poço de sofrimentos e dor. Portanto, devemos sempre em nossas vidas procurar por situações onde a paz possa reinar. Vocês ouviram nesta semana uma notícia de que existem no Brasil quarenta e dois por cento de mulheres chefes de família? A vida delas não deverá ser fácil, mas pelo menos não são alvos de pancadaria. E, depois, brigas não resolvem, tentava Sílvia levar uma reflexão mais sensata para as moças.

— E por que acontecem tantos casos assim? Para mim está provado que os homens não prestam mesmo, fez Elaine sua amarga afirmativa.

— Sinto contradizer você Elaine, mas é justamente o contrário que acontece, contestou Sílvia. As mulheres perderam a dignidade. Quando um ser humano perde a dignidade perde sua condição humana. Vejam, hoje elas dão em cima de homens, procuram seduzi-los, mostrando sem o menor pudor seus corpos mal cobertos. Será que existe uma mulher no mundo que pense que um homem irá amá-la quando ela o chama para si através de seu corpo?

Cecília concordou com Elaine:

— Para mim acho que poderá, sim, amá-la. Depois que eles usam os nossos corpos eles podem se enfeitiçar por nós.

— Cecília, o amor é uma irradiação que vem da alma. Vem de dentro de nós. A atração sexual é um apelo dos corpos. Pode-se ter relação sexual sem amor, mas essa atração não perdura por muito tempo. Quando duas almas se amam com o amor verdadeiro, esta ligação os acompanha durante diversas vidas. Enquanto perdurar esse amor, eles serão atraídos um para o outro quando nascerem novamente na Terra, explicou Sílvia pausadamente.

— Minha mãe pôs meu pai para correr de casa. O meu pai não prestava. Agora ela está sozinha. Arrumar outro que encare os filhos dela e que a ame com esse amor que a senhora está falando só se for mesmo por milagre! Ponderou Elaine.

— Se ela está sozinha, mas sem brigas, não está melhor? Mostrou Sílvia o outro lado das reflexões. Vejam, as brigas afastam os auxiliares. As pessoas envolvidas adquirem débitos com seu Criador. Uma pessoa acaba odiando a outra. Tudo isso ela carregará consigo, até que um dia possa se remir. Isso sempre se dará através de sofrimentos. Portanto, é melhor que se separem para evitar atritos mais graves.

Elaine continuava a contestar:

— Sofrer a gente sofre mesmo. Sofre por ter que viver com um galinha, mas pior é ficar sem o dinheiro dele. A mulher tem que sugar todo o dinheiro dele, fazer dele um burro de carga. Isso sim traz a paz.

— Elaine, querer fazer uma pessoa sofrer é um ato de burrice, contestou Sílvia, desta vez mais incisiva. Tudo o que fazemos para alguém, na realidade fazemos para nós mesmos, pois tudo volta para nós, seja o bem ou seja o mal. A pessoa que faz alguém sofrer adquire carma pesado. Sofrerá depressões até que a pessoa que ela prejudicou a perdoe do fundo de sua alma. Isso poderá não acontecer e o seu sofrimento se prolongará por muito mais tempo. Não é melhor, portanto, evitar brigas e sofrimentos?

Valquíria alertou as moças sobre as informações de Sílvia a respeito do carma:

— Prestem bastante atenção sobre esses ensinamentos de Sílvia, pois eles devem ajudar vocês a se comportarem melhor. Amanhã, iniciaremos a nossa aula de leitura.

Daniela resmungava qualquer coisa com Elaine, sentada ao seu lado.

— Daniela, sei que algumas de vocês não gostam de ler. Mas a história que leremos juntas é apaixonante e sei que será de agrado geral. Agora, vocês podem se retirar para os trabalhos domésticos. As instrutoras as esperam para ajudá-las.

As mocinhas se retiraram calmamente e cada grupo de cinco foi ao encontro de suas aulas de serviços domésticos. Para a cozinha, lavanderia e para a limpeza com arrumação.

**D**alila promoveu um novo encontro do professor com seus instrutores. Desta vez os novos instrutores já participaram. Eram ao todo dezenove, constituídos de doze alunos dos instrutores e sete alunos do segundo ano. O professor Hércules os preparou com todo o zelo.

O encontro se deu já numa das dependências de um grande prédio cedido pela prefeitura. Era uma sala ampla, bem iluminada e montada com certa modéstia, comparada com as elegantes salas do Clube. Dalila foi quem abriu o encontro:

— Antes de iniciarmos o nosso encontro, os rapazes vão cantar uma música, com a letra de uma poesia de Castro Alves. Realmente, aqueles jovens foram bem inspirados.

Os presentes se alegraram com a pequena canção. Após o término dessa abertura, Dalila continuou:

— Não pude falar da finalidade desse encontro pelo telefone. Já somos trinta e nove. O melhor é nos encontrarmos de quinze em quinze dias para acertarmos o que ainda falta. De hoje em diante não seria melhor que esta convocação fosse feita através dos e-mails? Após a anuência de todos, bem assim será feito, concluiu ela. Passo a palavra ao professor para nos inteirarmos de tudo.

Levantando-se, o professor seguiu para a frente, desejando paz a todos.

— Vocês notaram que há um espaço vazio no alto da porta de entrada do prédio?

— Eu notei, sim, espero que o senhor fale daquilo que está faltando, sugeriu o senhor Armando.

— Há tempos eu estava pensando nisso, opinou o senhor Antônio.

— Do que afinal vocês estão falando? Reclamou Flávia.

— Se é isso que estou pensando, já estamos selecionando alguns já há algum tempo, falou meigamente Gabriela.

Um dos novatos, de nome Joãozinho, interveio:

— Esta aula é de enigmas?

Todos riram com vontade. A alegria tomou conta.

— Vocês perceberam como estamos sintonizados? Observou o professor com alegria.

— E como! Esta união é o fruto da confiança que nos une, completou Regina.

— Sem sombra de dúvida. E essa confiança nos faz sentir bem, falou Patrícia, concordando.

— Penso que todos já chegaram à conclusão de que o nosso movimento precisa receber um nome, falou o professor.

— Posso dar uma sugestão? Propôs Sílvia.

— Claro, pois fale, concordou o mestre.

— Sugiro que cada um de nós escreva num papel um nome para o nosso movimento. Depois passaremos a analisar as sugestões de cada um. Faremos votação para a escolha do melhor.

— Todos concordam? Antes de iniciarmos, gostaria de fazer uma consideração sobre o nome. O nome está estreitamente ligado ao ser humano. Quando uma criança nasce, ela já tem seu nome mesmo antes do nascimento. A pessoa que escolhe como ela deverá se chamar apenas intuí o nome que já existe na matéria invisível. Podemos dizer mesmo que uma pessoa é o que seu nome diz. O nosso movimento está estreitamente ligado ao nome que devemos hoje aqui selecionar.

A aprovação foi geral. Assim procedeu a votação. Dalila pôde mostrar sua eficiência na organização de tudo. A demora só aconteceu com as pessoas que se concentraram na importante tarefa. Terminada a votação, começou a apuração, cujos nomes foram escritos no computador, cuja tela refletia em frente. Terminada a votação, Dalila e o professor começaram a apuração:

1. Escola para o espírito.
2. Saber e Erudição.
3. Verdades e Mentiras
4. Escola do Saber.
5. Pensar não é Saber.
6. A Grande Transformação.
7. Conserte o que está errado.
8. Pedras Que Falam.
9. É Hora de Parar.
10. Prepare-se.
11. A fala é outra agora.
12. Reagir para subsistir.
13. O nosso íntimo está morrendo...
14. Viver ou Morrer.

Os outros papéis estavam em branco. A votação agora seria oral. Todos tiveram que escolher entre as sugestões dadas por aqueles que votaram.

Viver ou Morrer – 6 votos  
Reagir para Subsistir – 4 votos  
Escola do Saber – 12 votos  
A Grande Transformação – 18 votos

— Um nome ganhou a preferência da maioria: A Grande Transformação será, então, o nome do nosso movimento, falou o professor com entusiasmo.

— Penso que com a escolha do nome do movimento não poderemos deixar de comemorar, pois se trata de um grande acontecimento. Não será exagero afirmar que esse acontecimento será, no futuro, um acontecimento histórico, falou o doutor Armando com um grande sorriso.

— Ele merece aplausos, não é, pessoal? Falou Luizinho com empolgação.

Todos bateram palmas, tomados de grande alegria.

— Comemoraremos no final do nosso encontro, já que é do agrado de todos, falou o professor. Agora vamos ao segundo e não menos importante motivo que aqui nos reúne. Com os novos instrutores aqui presentes, nosso movimento crescerá em proporções que ainda não poderão ser medidas. Precisamos estar preparados para enfrentar esse crescimento. Passo a palavra para dona Dalila, que está ligada a esses números.

Dalila levantou-se e falou com voz que indicava determinação:

— Além dos nossos alunos, temos seiscentos e trinta matriculados. Assim caberá a cada um de nós dezesseis alunos. Isso implica que trabalhemos mais duas noites por semana. Os novos instrutores trabalharão apenas duas noites e nós, os antigos, trabalharemos quatro noites. Contudo, quem não puder assumir mais esse compromisso, poderá passar suas aulas a mais para os novos instrutores ou os alunos poderão ser remanejados para as outras classes. As classes poderão funcionar, sim, com um número maior de alunos, sem problema algum.

O vozerio começou.

— Esperem, pediu Dalila a colaboração de todos. Os apartes são bem-vindos se puderem ser aproveitados. Vamos começar com a pergunta: quem não poderá assumir quatro noites por semana?

— Nós, os alunos do terceiro ano, poderemos ficar até o final do ano com as aulas, falou Flávia por todos. Para o próximo ano, faremos o cursinho. Aí não saberemos dizer dos horários que vamos encontrar pela frente.

Bem, isso poderá ser resolvido na ocasião, concluiu Dalila.

— Estamos certos, então? Perguntou o professor. Outro assunto de suma importância é marcarmos outro encontro geral com o povo.

Todos concordaram.

— Esse encontro, aliás, está sendo muito esperado. Fala-se nisso em repartições de trabalho, nos salões de cabeleireira e até mesmo nos clubes, informou o professor, segundo dados fornecidos pelos instrutores.

Otávio pediu permissão para falar:

— Outro dia fui tomar uma taça de vinho com meus antigos amigos num barzinho perto de minha casa. Alguns elementos são contra o nosso movimento. Achem que nós estamos fazendo uma lavagem cerebral na cabeça do povo. Repliquei com a seguinte pergunta: Vocês podem me apresentar a piora de comportamento de uma única pessoa que frequenta o nosso curso? Se vocês afirmam isso é porque vivenciaram algo assim. Ou então estão jogando palavras ao vento sem nenhum fundamento. Parecem palavras de político... Ficaram sem graça e não souberam argumentar.

— Você soube argumentar muito bem. Mostrou a eles que a palavra sempre tem que ter sentido! Gostei, Otávio, elogiou o professor.

Outros também elogiaram as palavras do colega.

— Não parou por aí, continuou Otávio. Um deles me perguntou: ‘Por que não deixar tudo como está?’. Respondi-lhe que temos muitos políticos que pensam como ele. Não se interessam por nenhuma melhora porque acham que está tudo bem como está. Foi a maior gozação pra cima dele. Continuei argumentando ainda mais: a grande maioria do povo votou querendo mudanças. Não sou somente eu quem deseja isso. E quer mais? As pessoas que estudam conosco, só estão lá porque querem realmente mudar tudo o que está errado. Quem não quer mudar está morrendo e não percebe isso. O meu amigo Vinicius, colocando a mão em meu ombro, comentou: ‘Amigo, como você mudou! Nem te conheço mais! Acho que vou também me matricular no seu curso!’

— O incrível de tudo isso é que foi uma conversa de bar que você, Otávio, conseguiu virar numa conversa consistente, elogiou o doutor Armando.

— Nessa ocasião, pude verificar como temos de ser firmes em nossos propósitos. Temos uma força e um saber que facilmente podemos calar os insensatos, falou Otávio com eloquência.

— Estou realmente orgulhoso de você, Otávio! Aquele menino de dezoito anos que conheci no início do ano, transformou-se num homem que sabe o que dizer e como dizer. A minha meta foi alcançada, falou o professor com a mesma eloquência do aluno.

— Partindo do senhor, esse elogio não me deixa vaidoso e sim ainda mais confiante. Agora quero me esforçar ainda mais para levar avante o nosso movimento. A força que sinto é inexplicável!

— Alguém mais quer nos brindar com tão marcantes vivências? Perguntou o professor aos demais.

— Creio que não tivemos oportunidade para ser contestados, respondeu o doutor Armando.

— Então, ao assunto do segundo encontro com o povo. Alguém tem algo a dizer?

— Poderemos marcar para daqui a duas semanas, falou Dalila, examinando sua agenda.

— Haverá tempo para todos serem avisados? Questionou Flávia.

— Já está sendo esperado o aviso nas rádios e imprimiremos panfletos pagos pela prefeitura.

— O que será de nós sem Dalila? Elogiou Gabriela.

Dalila, encabulada, falou baixinho:

— Estou só cumprindo minha obrigação!

— Algum aparte a mais? Perguntou o professor.

— Professor, posso arriscar um palpite? Propôs Roberto.

— Claro, vamos lá.

— Na reunião geral, devemos dar um maior aprofundamento ao assunto Justiça e Reciprocidade. Este assunto desperta grande interesse. São tantos os exemplos para essa confirmação, mas na hora em que estamos falando a respeito, eles faltam, falou Roberto se sentindo ainda inseguro sobre o tema.

— Exemplos precisam ser tirados dos acontecimentos do momento. Vamos analisar a queda daquele avião onde morreram mais de cento e cinquenta pessoas, lá no estado do Pará.

— Bem lembrado, eu mesmo estou confuso diante desse terrível acidente, falou o novato Joãozinho.

— Quem se habilita a expor seu ponto de vista diante do tema sugerido por Roberto? Propôs o mestre.

— Posso arriscar? Falou Suely levantando a mão.

Após a anuência de todos...

— Acho que todos os passageiros que se encontravam naquele avião morreram porque chegou a hora deles. Ninguém escapa de sua hora.

Ricardo, procurando lógica na afirmativa:

— Mas como foram parar todos eles dentro do mesmo avião?

— Ninguém quis arriscar um palpite. Precisavam da confirmação do professor, que, percebendo a insegurança, falou pausadamente:

— Vocês nem podem imaginar como isso se dá. O trabalho que os servos do nosso Criador têm para colocar todas aquelas pessoas para dentro do avião, são contingências formadas automaticamente pelo retorno cármico! Muitas vezes uma pessoa reluta em empreender a viagem,

mas isso só acontece quando ainda resta um pouquinho de intuição dentro dela, isto é, não se encontra de todo apagada. Mas, mesmo assim, os recursos do raciocínio são maiores. Os demais, que não relutam, têm intuição bloqueada pelo uso só do cérebro. Não ouvem a voz de seu íntimo e os apelos do seu auxiliar direto. Acabam cedendo facilmente ao seu querer imediato. Nunca ponderam! Se algum passageiro, por acaso, na última hora deixa de viajar porque surgiu um bom motivo para isso é porque não chegou mesmo a hora dele. Vocês ainda não conseguiram perceber a perfeição de tudo?

— Quando o senhor fala, a gente percebe ser tudo tão fácil! Ponderou Patrícia. Mas ainda não consigo, por mim mesma, compreender tal situação que afinal é tão lógica.

— Muitas vezes meus alunos apresentam exemplos tão bons que me admiro! Chego até a pensar que são melhores do que eu., falou o senhor Antônio.

— Se o avião tem mesmo que cair, vejo como injustiça as cobranças das indenizações das companhias aéreas. Além delas perderem o avião, ainda têm que indenizar os familiares dos mortos. Principalmente no caso desse último acidente que foi provocado pela negligência de outro avião! Ponderou Flávia.

— As companhias aéreas também têm culpa. Se não tivessem, não teriam sido envolvidas! Pois sabemos que injustiça não há. As más qualidades íntimas do piloto que causou o acidente inseriram-se na ação de retorno para cumprir a Lei da Reciprocidade e da Justiça, objetivou o professor.

— Quer dizer que quem provocou o acidente também adquiriu carma, embora fosse escolhido para provocar o acidente?

— Vejam, os defeitos do piloto, cu seja, a negligência e a irresponsabilidade nele inerentes ganharam proporções gigantescas nesse caso. Os defeitos dele foram apenas aproveitados. O carma dele cresceu sobremaneira, continuou o mestre.

— Como isso também poderá inserir-se na grande transformação? Perguntou o senhor Rogério.

— Quando o povo aprender que em todos os acontecimentos existe a sábia mão da Justiça, não mais quererá colocar a culpa nos ombros dos outros. Saberá não só respeitar mas também amar essa Justiça que a todos ensina com severidade, respondeu sabiamente o professor.

— Até que se aprenda que dentro dessa Justiça existe Amor! Ponderou Sílvia, quantos erros ainda vão rolar...

— Medir o Amor de Deus com a mesma medida de um amor humano... Isso terá que ser modificado, mas não será fácil! Vai demorar até que a grande transformação ocorra, completou o professor.

— Creio que mesmo eu, dentro desta análise aqui exposta, não estou preparado para aceitar. Vigora ainda em mim a posição de que as pessoas que morreram são vítimas e não justificadas por uma força superior. Isso me parece uma mesquinha. Fazer um avião cair com tantas pessoas a bordo para se fazer Justiça... É inaceitável para mim, falou senhor Rogério com certa indignação.

— Vamos então analisar, senhor Rogério. Por que então o avião caiu sem ser protegido por uma força superior? Por que Deus não quis ajudar o voo transcorrer sem problemas?

— Ele caiu por falha humana, não porque Deus não quisesse ajudar, respondeu, com convicção, o aluno.

— E quando Deus quer ajudar Ele não pode evitar a falha humana?

O senhor Rogério prontamente disparou:

— Não, Ele não interfere nessas coisas.

— Então, na sua opinião, tudo o que acontece é obra do acaso? Influenciou o professor a reflexão do outro.

— Estou confuso! Esperar que Deus controle tudo assim...

— Ele não é o dono da casa e o dono de tudo? Insistiu o professor.

— Claro, é o dono de tudo.

— Se o senhor concorda que Ele é o dono de tudo, deverá pensar também que Ele deverá controlar a casa Dele, não? Se nós, que somos imperfeitos, controlamos a nossa casa, já imaginou como o controle da casa do Senhor deverá ser muito mais perfeito que o nosso? Digo que ele controla tudo no sentido de que cada um colherá aquilo que semeia, mas não controla os nossos pensamentos e maldades. Esse controle é nosso. Mas ninguém escapará de colher aumentado aquilo que plantou, com simplicidade argumentou o professor.

O senhor Rogério, convencido, exclamou:

— É mesmo! Agora estou entendendo.

— Sr. Rogério, estude melhor as apostilas sobre o controle que Deus tem da casa Dele. As leis da natureza que Ele introduziu em sua Criação fazem com que nada passe despercebido. Lembra-se de que nós falamos do computador do Universo que é muito mais aperfeiçoado do que o humano, e que as mãos que o digitam vibram na Vontade de Deus, e por isso são infalíveis? Tudo está sobre controle.

Encantado, o aluno respondeu com animação:

— Vou estudar melhor. Agora me lembro dessa infalibilidade!

— Qual é o assunto que mais desperta interesse em sala de aula? Voltou o professor para os demais alunos.

— Na minha é a lei do Retorno, falou Flávia de pronto.

Os outros falaram não só da Lei do Retorno, mas também sobre a morte terrena. Outros ainda mencionaram os dois mandamentos dos sábios da Caldeia.

— Na apostila que montarei para o dia do 2º Grande Encontro falarei mais sobre esses assuntos. Mais alguma sugestão?

— Tenho uma, disse o doutor Armando: acentuar que as leis terrenas são frágeis e sem consistência. E que de maneira nenhuma poderão ser comparadas com as Leis da Justiça de nosso Criador. Principalmente que quem é absolvido de algum crime baseado nas leis terrenas, nem sempre será absolvido pelas leis da Justiça de Deus, cuja avaliação é muito mais profunda, pois envolve todo o ser.

— Dr. Armando, esse assunto é mais difícil de compreender. É preciso lembrar que lá comparecerão pessoas ainda não preparadas para ouvir assuntos assim mais profundos. Vocês, contudo, poderão ressaltar esse pensamento com seus alunos os mais antigos. Estes com certeza já têm uma noção bastante acentuada sobre a Justiça Divina.

— O Senhor vai falar sobre a maior responsável pela queda da humanidade? Falou Gabriela delicadamente.

— Ainda não, Gabriela. Esse assunto é muito complexo e esse conceito já está muito enraizado entre o povo. Quando queremos expor um assunto, temos que ser contundentes, mas com poucas palavras. Quando estendemos muito, o principal é enfraquecido. A verdade tem que ser colocada de tal maneira que as leis sejam evidenciadas com certo rigor. Mais alguma coisa?

— Professor, em minha turma notei que muitos, inclusive eu, estamos querendo maior esclarecimento sobre a morte. Não seria um assunto que precisa passar pela grande transformação? Perguntou Felipe.

— Bem lembrado, Felipe. Esse assunto precisa, sim, ser esclarecido para se evitem tantos sofrimentos.

— Para onde a pessoa vai após o falecimento? Perguntou Patrícia.

— Quem quer responder a essa pergunta?

Cochichos, entreolhares, mas ninguém soube responder. O professor, então, continuou:

— Quando passa para o além de nossa percepção, a alma continua aqui neste mesmo mundo até quarenta dias após o falecimento, portanto é variável, uns mais outros menos. O Aquém e o Além são, portanto, o mesmo mundo. Só que um é visível e o outro, o além (de nossa percepção corpórea), é invisível. Explicou o professor vagarosamente.

— Quer dizer que a pessoa fica ainda algum tempo aqui nas nossas proximidades? Perguntou Gabriela.



— Isso mesmo. Após esse período ela será conduzida para uma região onde vivem pessoas semelhantes a ela. Por exemplo: se ela é muito mentirosa, irá para a região dos mentirosos. Se o forte nela é o verdadeiro amor, irá para a região correspondente a essa sua qualidade. A pessoa será conduzida pelos auxiliares à região correspondente à qualidade mais forte nela. Poderá também ser um defeito, aliás, é o que mais acontece hoje. Um criminoso, lá, não poderá prejudicar ninguém. Apenas atuará naqueles que são iguais a ele. Lá não haverá mistura de pessoas diferentes em sua constituição de alma. Misturas somente existem aqui, na matéria visível.

Insistindo, Gabriela em seus pensamentos:

— Quer dizer que quando vamos homenagear os nossos queridos parentes falecidos levando flores para eles no dia de finados, eles não se encontram lá para receber as flores?

— Claro que não, falou o mestre olhando para todos alternadamente. Lá se encontram apenas os corpos em putrefação, ou já apenas os ossos. Se ficássemos presos lá no cemitério a obra do Senhor seria imperfeita. Já imaginaram que existe um enorme número de pessoas que acham que quando morrem ficarão presas lá embaixo junto do corpo? Para falar a verdade nem no dia que morremos ficamos lá embaixo. Ficamos do lado de fora, em cima da tumba. No recinto de passamento, ou seja no velório, a pessoa falecida fica ao lado do caixão. Lembrem-se de que estudamos que mãozinhas hábeis cortam os fios prateados que nos ligam ao corpo?

— É mesmo, eu me lembro disso. Quanto tempo eles levam para cortar esses fios? Falou Mônica animada pelo esclarecimento.

— O tempo é variável de pessoa para pessoa. Não menos que vinte e quatro horas. Às vezes vários dias até. Bem, penso que o que aprenderam hoje é o suficiente para transformar muitas mentiras em verdades. Principalmente essa de levar flor para os ossos no cemitério. Esclareçam o povo que lá não se encontram os seus queridos parentes. Bem, penso que o que foi dito hoje é o suficiente para desmistificar uma série de costumes errados. Após passar o olhar demoradamente para seus alunos, o professor continuou: nossa aula de hoje está encerrada.

Imediatamente o doutor Armando se levantou e...

— A minha função é lembrá-los de que agora iremos para aquele restaurante do clube. Todos sabem o caminho?

Alguns dos novos foram orientados a respeito. Gabriela e dona Regina foram no carro de Roberto. Luizinho e Cristina pediram carona para Roberto, que prontamente atendeu. Dalila, Otávio e Suely foram no carro do professor. Já no carro, Gabriela voltou ao assunto do encontro com o professor.

— Gostei do assunto da morte terrena, com as explicações de hoje, estou preparada para elucidar os meus alunos. Vocês também?

— Preciso muito desse assunto, pois sempre tive um medo terrível da morte, falou Cristina.

— Meu amor, depois dessa aula você deverá perder esse medo, não é? Medo denota falta de confiança na perfeição do nosso Criador, falou Luizinho.

— Não só falta de confiança na perfeição, mas também na Justiça, completou Roberto.

No carro do professor, Otávio aproveitando-se da situação:

— Professor, será que seria difícil arrumar um emprego para mim na prefeitura?

— Procure pelo doutor Cláudio. Converse com ele e veja o que você consegue. Quem sabe ele poderá ajudá-lo!

**D**esta vez foi o doutor Armando quem fez a distribuição dos lugares. Colocou os casais um em frente ao outro. Isso, segundo ele, evitava as conversas paralelas.

— Entendi o que você está pretendendo, falou Sílvia se aproximando, quer um prolongamento da reunião, não é?

— É isso mesmo. O tempo é curto para tudo o que temos que falar.

— Agindo assim, você vai impedir que os jovens se levantem para dançar, revidou Sílvia. Caso o assunto seja do nosso movimento, quererão também participar. Vamos mostrar aos novos

instrutores que, além de sermos espiritualistas, também gostamos de espairar com alegria e não para nos exibir.

Após refletir sobre as palavras dela, o doutor Armando concordou:

— Você tem razão. Vou mandar servir uma taça de vinho a todos para brindarmos este encontro.

Após o jantar, aos poucos foram se enturmando em pequenos grupos, que, em pé ao redor da pista de dança, esperavam por aqueles que estavam dançando. Sílvia, como nada lhe escapava, percebeu o interesse de Ricardo por Flávia. Achevou-se a ela:

— Filha, você com certeza percebeu o olhar insistente do Ricardo, não?

— Percebi, sim. Estou mais interessada no Cláudio, que também me convidou para jantar amanhã. O Ricardo é mais espiritualista que o Cláudio. No fundo, penso que tenho uma ligação mesmo é com o Cláudio.

Nesse instante, Ricardo se aproxima:

— Posso participar desta conversa?

— Claro, seja bem-vindo! Respondeu Flávia com amabilidade.

Ricardo, direcionando-se a ela:

— Quer dançar comigo?

— Sou ruim de dança. Estou sem treino, pois há tempos não danço.

— Solte-se que eu a conduzirei, disse amavelmente o moço.

Ao lado deles, também outro casal se preparava para entrar na pista de dança: professor e Dalila. Aquela cena despertou o interesse de todos, contudo o casal não se deixou encabular. Estavam apenas interessados em acertar os passos da dança. Entregaram-se ao ritmo, alegres e desajeitados no início. Aos poucos foram pegando o passo até com certa graça!

— Dalila, viu como estou enferrujado? Há anos não faço isso, disse o professor.

— Para a mulher, que é conduzida, a dança torna-se mais fácil. Mas há tempos também eu não dançava.

Após alguns instantes, o professor, olhando nos olhos de Dalila, perguntou amavelmente.

— No que está pensando agora? Você me parece preocupada.

— Estou pensando em nós dois. O que será que está acontecendo?

— Penso que os guias estão nos unindo com laços não só de amizade. Você já pensou nisso?

— Eu o admiro tanto, que nem ousar pensar em algo mais profundo entre nós dois. Eu o vejo no vigésimo andar da espiritualidade, enquanto eu ocupo o segundo, vagarosamente respondeu a moça.

Com uma risada gostosa, contestou com admiração:

— Você me encanta com essa humildade! Eu a vejo com olhos muito diferentes do que supõe. Vejo você como uma grande mulher! Não acrescentaria nada em seu porte e em sua maneira de ser. Eu a admiro em tudo. Creio que os guias já estão tecendo fios de um grande amor entre nós, pois tenho pensado muito nisso.

De repente, Dalila percebeu que os olhares dos demais estavam voltados para eles. Chamou a atenção do professor que, ao olhar em volta, deparou com aquela cena de olhos espantados e ao mesmo tempo alegres. Interrompeu a dança e sem perder a postura exclamou:

— O professor de vocês não os ensinou a serem discretos?

Ninguém se conteve. Risadas gostosas de todos os lados. Todos estavam desejando que aquilo acontecesse já há tempos. A alegria foi geral. Dalila queria que o chão abrisse para entrar... Encabulada, rosada e sob o olhar de admiração e amor do professor achegou-se a ele com a cabeça em seu peito. Ninguém resistiu, palmas de aprovação se fizeram ouvir. Otávio, aproximando-se deles, foi o primeiro a abraçá-los.

— Professor, que um grande amor esteja previsto para vocês dois! Minha irmã merece um companheiro assim como eu o vejo: Um servo do nosso Criador. Há tempos mantinha esta esperança. Que aqueles dois se abram a um grande amor, pensava eu.

— Nós nos abrimos, sim, Otávio, a um grande amor. Mas a nossa causa está em primeiro lugar, não é, Dalila?

Pronunciou essas palavras com um olhar de ternura para aquela que estava destinada a acompanhá-lo pelo resto de sua vida. De volta para casa, Flávia foi convidada por Ricardo para acompanhá-la.

Novamente em círculo as mocinhas da “A Casa da Mãe Solteira” tagarelavam em voz alta, à espera de Sílvia e de Valquíria. As duas se aproximam. Esperaram que as últimas palavras das moças acabassem, para iniciar o segundo encontro. O silêncio se fez naquele momento.

— Então, meninas, como estão se saindo nas aulas dos serviços domésticos? Perguntou Sílvia sorridente.

Elaine foi a primeira a falar, alegremente:

— Estou gostando muito. Quero ser uma grande cozinheira. Se um dia eu me casar, prenderei meu marido pelo estômago.

— Elaine, como pode pensar assim? Falou Sílvia pausadamente. Aqui a mentalidade a desenvolver é bem outra. A mulher deverá, sim, ter alegria e gratidão em fazer as refeições. Contudo, o principal não é agradar ao marido. A mulher é a responsável pela manutenção da saúde dos corpos. Deverá desenvolver essa aptidão. Se ela faz uma comida gostosa, mas não adequada à saúde da família, ela se torna responsável pelo desequilíbrio dos corpos. Mesmo que a refeição seja feita pela empregada, a orientação tem que ser da dona da casa. Vocês, meninas, vão aprender aqui como cozinhar bem e manter a saúde de toda a família, principalmente dos seus bebês.

Elaine prontamente opinou:

— Puxa D. Valquíria, com vocês aqui já vi que homem não tem vez!

Sílvia contestou:

— Você não está entendendo. Vocês ficaram grávidas de homens que não querem ou não podem assumir seus filhos. Alheios ao problema de uma gravidez precoce, podemos afirmar mesmo que são irresponsáveis. Vocês estão em uma situação desvantajosa diante dos pais dos bebês. Eles estão soltos, levando normalmente suas vidas e vocês estão desamparadas. Penso que qualquer uma pode ver isso, não? Essa situação não é desvantajosa para vocês? Quero ouvir de cada uma a resposta. Diga primeiro você, Elaine.

— Sim, de fato, eu acho que estou numa situação desvantajosa.

— E você Celi?

— Eu acho, sim.

— Eu também, confirmou Regina.

E assim, todas foram ouvidas.

— Se, portanto, vocês estão em situação desvantajosa, não está na hora de mudarem? Perguntou Sílvia, repassando o olhar sobre as moças. A mulher que se dá valor, não pode colocar o homem como a principal coisa em sua vida. A mulher que se preza tem primeiro que se amar. Não com egoísmo, mas com firmeza. Por exemplo: Se o homem quer fazer sexo sem usar a camisinha, vocês não devem aceitar, porque são vocês que engravidam e não eles. A mulher que cede é uma fraca, irresponsável. Ela não se ama de verdade. Quem se ama, se defende, se protege. Evita situações nas quais pode sofrer algum dano.

— É mesmo. Agora estou vendo que sou mesmo uma fraca, concordou Cecília. Os homens são egoístas, só pensam neles. Por que não pensei nisso na hora? Por que cedi?

Desta vez foi Valquíria quem explicou para as moças o prejuízo que causa a si mesma uma mulher desatenta.

— Vocês cederam por dois motivos: Primeiro, a mulher moderna ignora todo o saber sobre a vida. Ela está perdida dentro de falsos conceitos. A mulher foi posta na Criação para conduzir o povo para um saber superior. Como ela perdeu esse saber, por culpa própria, caiu numa situação inferior à do homem. Ao invés de conduzir, ela preferiu seduzir.

Daniela, inconformada, passou a fazer cobranças:

— Que saber é esse? Por que perdemos esse saber?

— Eu também quero saber, concordou Edith com Daniela.

Cada uma foi dando força às colegas. Também queriam saber tudo. Sílvia, aproveitando o interesse geral, começou a falar vagarosamente...

— Quando foi posta na Criação, a mulher recebeu como missão suprema de sua vida manter acesa a chama do anseio pela Luz. Não só em si mesma, mas também no marido e nos filhos. Se assim tivesse acontecido, toda a humanidade estaria hoje vibrando no amor puro pelo nosso Criador e por todos os seres criados. A nossa querida Terra seria um verdadeiro jardim.

Célia, exigindo, com desdém:

— Que chama é essa, D. Sílvia?

— Chama acesa é o anseio, um querer profundo, voltado para as coisas elevadas, nobres, verdadeiras... Sempre voltado para o Alto. Voltado para o Alto, para a Luz de Deus. Esta Terra e todas as suas criaturas pertencem a Quem as criou. Ele é o Dono de tudo.

Daniela, contestando, argumentava:

— Mas ninguém sabe disso, D. Sílvia. Nunca ninguém ensinou isso. Como poderíamos ser diferentes?

— Sim, você tem certa razão. Até agora, conceitos de vida deteriorados dominam nossa vida. Resultado: mulher fraca, sem saber e sem força. Escravas do lar, dos maridos e da sociedade...

Tamara já foi mais adiante em suas reflexões:

— Como deveríamos ser hoje?

— A mulher deveria manter sua intuição viva e brilhante. Com essa intuição ela receberia uma força muito maior que as demais criaturas, respondeu Sílvia.

Edneia, outra adolescente que se interessou pelo assunto:

— E como fazer para recuperar essa intuição?

— Fazer aquilo que estamos fazendo agora. Analisando tudo, ponderando, refletindo e se posicionando para mudanças. Quem não quiser mudar vai ficar para trás. Vai continuar cega, enfraquecida, sofredora, doente, reclamando de tudo, enfim um poço de sofrimento...

— Credo, D. Sílvia, acho que não vai ser fácil fazer essas mudanças, não. Recuperar essa intuição vai ser mais do que difícil, falou Edneia, desanimada.

Valquíria, ajudando Sílvia com sua visão já recuperada:

— Infelizmente nós, mulheres, devido à vaidade, perdemos nossa intuição e, conseqüentemente, perdemos o saber e a força. Com isso, carregamos o homem e os filhos para o abismo da ignorância.

Cecília, rejeitando, reclama com veemência:

— É difícil admitir que somos as culpadas de tudo. Vejo tudo diferente! Vejo que os homens são, sim, ignorantes, mas por eles mesmos e não por nós.

— Fruto dessa ignorância são as brigas, cobiças, insatisfações, egoísmos, desafetos, roubos, assaltos e até mesmo as guerras. Isso sem falar na sexualidade exagerada e depravada! Todos esses erros começaram quando a mulher ficou cega pela vaidade e torceu todos os conceitos de vida, revidou Sílvia com serenidade.

Tereza, como que duvidando:

— A senhora está dizendo que somos nós as culpadas disso tudo?

— Sim, fomos nós as maiores culpadas, e hoje estamos numa situação inferior devido a essa queda. Deixamos de ser rainhas na Criação para sermos criaturas inferiores em todos os sentidos, falou Sílvia, desta vez de uma maneira implacável.

Uma adolescente de nome Mariinha, inconformada com sua visão sobre a vida:

— Sempre achei que o nosso Deus protegeu os homens em todos os sentidos. Agora estou ouvindo que é justamente o contrário do que pensava...

Sílvia concordou:

— É isso mesmo, Mariinha. Nós estávamos em vantagem. Com nossa queda, hoje estamos em desvantagem. Somos as maiores culpadas de termos perdido o nosso lugar de agraciadas. Hoje nem mais sabemos discernir o certo do errado nos relacionamentos humanos.

— E agora, D. Sílvia? Vamos, então, continuar a sofrer nas mãos dos homens? Até quando? Perguntou Mariinha.

Vocês já perceberam que os homens estão cada vez mais violentos? Por que vocês acham que a sociedade precisou criar delegacias especialmente para defender as mulheres? Perguntou Sílvia.

Valquíria, completando o questionamento de Sílvia:

— Por que vocês acham que a mulher está sofrendo sob os pés de uma masculinidade agressiva?

— Credo! Eu não quero mais sofrer nas mãos dos homens! Falou Tereza se conscientizando da situação inferior. O meu homem é bastante agressivo. Como virar isso?

— Quem não quer mais sofrer discriminação na sociedade e na vida tem que encontrar novamente o caminho certo. É preciso encontrar o caminho que Deus traçou para as mulheres. Deus quer que a mulher volte a ser como era antes. Pura, com uma vida sem máculas, intuitiva... Só assim ela conseguirá restabelecer novamente o seu lugar de orientadora, educando com severidade seus filhos, esclarecendo ao seu marido qual o caminho a tomar para o reencontro com a Verdade... Dando ainda o exemplo a todas as criaturas do meio onde vivem. Só então a benção voltará a esta Terra. Assim, a paz e a alegria de viver serão restabelecidas, disse Sílvia com ênfase.

— Quer dizer que tudo depende da mulher? Perguntou Cecília ainda duvidando.

— Se todas as mulheres mudarem, os homens também mudarão. Automaticamente também terão que mudar. Saibam de uma coisa: A mulher é quem desencaminhou o homem. Agora, portanto, terá que mudar primeiro. O caminho está aberto para cada uma que queira realmente mudar, falou Sílvia em tom de desafio.

Daniela, convencida, aceitou o desafio:

— Eu quero mudar, D. Sílvia! Quero voltar a ser realmente mulher. Até agora tenho sido uma fracalhona, vivendo atrás dos homens. Fico com tanta raiva quando vejo uma sirigaita dando em cima do meu namorado, agora vejo como isso é mesmo revoltante. Isso acontece é porque a mulher perdeu o saber e a força? Será mesmo?

— Sim é isso mesmo, perdeu o amor próprio, o saber e a força. Perdeu ainda o principal: a intuição. Se as mulheres não tivessem perdido a intuição a situação hoje seria bem outra. Vocês imaginam quantas mulheres se insinuem para os homens e, principalmente, para os homens casados? Quanta infidelidade acontece devido a essa atitude? É uma atitude de rebaixamento de si mesma, e isso qualifica a queda da mulher, falou Valquíria com segurança.

— Mas são eles os sem-vergonha! Protestou Dione.

Sílvia, rejeitando o protesto, falou com firmeza:

— Eles sabem muito bem que as mulheres de hoje são fracas em seu íntimo, carentes, portanto, fáceis. E ainda com uma agravante. Se a mulher aceita os galanteios falsos de um homem casado está desrespeitando a esposa dele. Prejudicam não só a si mesmas, mas ainda aquelas que estão sendo traídas. Se todas as mulheres rejeitassem os homens casados a infidelidade conjugal desapareceria da face da Terra. As culpadas, portanto, são as mulheres.

Célia, inconformada, rebateu:

— Mas, D. Sílvia, se a gente mudar, a infidelidade vai continuar. Hoje, quase todas as mulheres não ligam para essas coisas. Para a maioria, o que cai na rede é peixe.

Sílvia, novamente rejeitando as reflexões em contrário:

— Todas as mulheres que agem assim, ou melhor, que não dão importância a isso, são infiéis. Infiéis ao nosso Criador, pois Ele colocou a mulher na Criação para construir. Com sua infidelidade ela está destruindo. Destruindo muitos lares. Muitas brigas se originam daí. Agora vejam quantas desgraças aí se formam. Viram como as mulheres merecem sua situação inferior? Não merecem sofrer?

Fernanda, se lamentando:

— Estamos mesmo perdidas. Eu mesma estou grávida de um homem casado! E agora? O que vai ser de mim? Deus não mais quer saber de mim? Eu não tinha a intenção de ferir a mulher dele! Por favor, D. Sílvia, ajude-me a consertar isso.

— Se você está reconhecendo o seu erro, poderá mudar daqui para frente, falou Sílvia confortando-a diante daquele reconhecimento. O homem que a engravidou sabe disso?

— Sim. Ele quer pagar para eu fazer o aborto. Eu não quis isso.

— A mulher dele sabe? Inquiriu Valquíria.

— Não, não sabe de nada. Eu gostaria que ela nem ficasse sabendo, pois não quero fazê-la sofrer.

— Pelas leis humanas você ainda é menor de idade, prosseguiu Sílvia os seus ensinamentos. Pelas leis de Deus, contudo, você é responsável pelos seus erros. E essa falta é grave, muito grave. Contudo, Fernanda, se você compreender que isso é um erro, e não mais cometê-lo, poderá conseguir oportunidade para apagar essa nódoa do seu destino. Terá que se dedicar muito pela educação do seu filho. Encaminhá-lo para a compreensão das coisas certas, dos conceitos certos de vida.

— Teremos que convidar o pai de seu filho para uma conversa séria, falou Valquíria. A responsabilidade material será dele. Quanto a você, como disse a Sílvia, vai ter que assumir a educação de seu filho ou entregá-lo para adoção.

— Não, nem pense nisso. O meu filho ficará comigo, custe o que custar,

Sílvia apoiou a determinação da moça:

— Isso mesmo, Fernanda. Gostei da firmeza, mas não pense ser fácil. Muita coisa ainda vai acontecer em sua vida. Com sua determinação, as coisas poderão se tornar mais fáceis.

— Depois, Fernanda, você deixa lá na secretaria o nome do pai de seu filho e os telefones dele, orientou Valquíria.

— D. Valquíria, o pai da minha criança também é casado, confessou Edith. A minha situação ainda é pior que a da Fernanda. Ele não mora aqui, é de uma cidade do interior e nem sabe que estou grávida. Não tenho o telefone, não tenho o endereço e nem o sobrenome dele eu sei. Só sei que o nome dele é Valter.

Toda a turma se espantou e sussurros tomaram conta do ambiente!

— O que é isso? Perguntou Valquíria arregalando os olhos, você se entregou a ele assim, sem conhecê-lo? Foi apenas uma única vez?

— Foi apenas uma única vez. Eu o conheci na rua. Fomos para um hotelzinho ali no centro da cidade onde ele estava hospedado, confirmou a moça.

— Você foi garota de programa? É inadmissível isso. Ah! Se você sabe qual é o hotel e sabe o nome dele, pode deixar que o resto nós descobriremos, assegurou Valquíria.

— Sim, eu fui garota de programa somente naquele dia, porque estava sem dinheiro. A esposa dele irá saber de tudo? Interrogou Edith com desamparo.

— Não é nossa intenção. Teremos que fazê-lo se responsabilizar por todas as despesas suas e do bebê, assegurou Valquíria.

— Bem, a situação material será resolvida, mas a situação mais importante é a espiritual, falou Sílvia vagarosamente. Edith, você já se inteirou de sua situação? Percebe agora quanto foi leviana e irresponsável ao engravidar de um homem que acabou de conhecer sem, portanto, amá-lo? Você percebeu que serviu apenas de escaradeira para um homem? Como você se sente diante disso?

Edith desandou numa choradeira que mal pôde falar.

Valquíria, consolando...

— Chore bastante, o choro do arrependimento lava a alma. E você bem que está precisando lavar a alma! Um peso opressor deve estar causando toda essa situação desconfortável, não é, Edith?

— Estou me sentindo péssima. Eu fiz isso porque estava precisando do dinheiro, sim. Eu me sinto suja. Se arrependimento matasse, eu já estaria no caixão,

— Edith, você percebeu o quanto uma mulher leviana tem que sofrer? Qual futuro a esperar? Falou Sílvia empurrando mais uma vez a reflexão das moças para a situação real. Você precisa

amadurecer para ser aquela mulher que o Criador idealizou para sua Criação. Ainda esta semana começaremos os estudos sobre isso.

A sessão daquela tarde estava encerrada.

— **M**ãe, vou para a casa de Felipe, informou Mônica. Não sei quanto tempo vou demorar. Ligarei mais tarde.

— Por que você tem ido tanto lá? Perguntou Valéria, por que ele não tem vindo mais aqui?

— A avó do Felipe está doente e também se tratando. Ele é quem está cuidando dela e eu quero ajudá-lo um pouco.

— Fale com o Felipe que ele pode contar conosco, prontificou-se o senhor Antônio. Também nós poderemos ajudar.

— Falarei com ele, sei que isso o alegrará.

— Filha, nós temos estado tanto tempo juntos, falou o pai preocupado, aquele dia na aula ele mencionou a doença da avó. Não tive a ideia de falar com ele depois da aula sobre isso. Estou em falta com ele. Sabe, Mônica, vou reparar essa falha. Passe para mim o telefone dele. Vou ligar agora.

Mônica rapidamente rabiscou o telefone de Felipe.

— Tchau pai, tchau mãe.

**F**elipe, abrindo a porta.

— Oi, Mônica, precisava mesmo de você. Seu pai acabou de me ligar. Ele está vindo para cá. Minha avó não está conseguindo tomar banho sozinha, você poderia ajudá-la?

— Estou aqui para isso. Vamos lá.

Ao entrar no quarto da doente, Mônica percebeu o grande enfraquecimento dela.

— D. Ema, vamos tomar banho? Vou prepará-lo.

A doente deu um sorriso de agradecimento. Felipe se retirou, deixando as duas sozinhas. Mônica procurou roupas limpas nas gavetas. Estavam vazias. Dirigiu-se ao fundo da casa. Lá as roupas estavam estendidas nos varais. Recolheu algumas e buscou o ferro de passar. Após o banho, vestiu a doente com muita paciência e cuidado.

— Como poderei agradecer, Mônica? Estou me sentindo melhor. Preciso falar com você um dia em que o Felipe não esteja.

— Fique calma, eu virei aqui amanhã à tarde. Arrumarei alguma coisa para o Felipe fazer. Conte comigo e com meus pais. Eles também virão vê-la. O Felipe é muito queridinho de todos. Quando a turma souber de tudo, também quererão ajudar.

As duas ouviram conversa vindo da sala. Nisso, batem na porta.

— Entre.

Felipe entra, acompanhado do Sr. Antônio. Após as apresentações e os comentários sobre a doente, informou ao visitante que ela precisaria fazer tratamento de quimioterapia.

— Felipe, vou tentar interná-la no Hospital das Clínicas em São Paulo. Lá os doentes recebem tratamento de primeiro mundo. Se vocês quiserem, hoje mesmo vou tratar disso, gentilmente falou o senhor Antônio.

A doente, emocionada, balbuciou:

— Agradeço muito, senhor Antônio. Vou aceitar, sim, pois o Felipe está muito sobrecarregado. Ele tem deixado de fazer as coisas dele para cuidar de mim. Leve-me para o médico e para os laboratórios. Essa situação está me preocupando muito.

— O que é isso, vó! Faça tudo com amor. Tenho dado conta de tudo. Mas, se você vai ficar melhor lá no hospital, é melhor que vá.

— Vou tratar de tudo hoje mesmo, completou o senhor Antônio.

Levantando-se, despediu-se com atenção redobrada. Estava sensibilizado. Felipe o acompanhou até a porta.

— Que bom que tudo está dando certo, não é? Eu e Felipe iremos vê-la todos os dias de visita, falou Mônica, sensibilizada.

— Em minhas preces, pedirei bênção para todos os seus familiares, Mônica. Mas o que mais me preocupa é sobre o meu carma. O Felipe me disse que essa doença vem da alma, portanto, poderei me curar, falou a doente desvalida.

— A pessoa acometida por essa doença precisa se transformar interiormente. Tem que se esforçar para reconhecer a Verdade. Tão logo reaparecer na pessoa tudo o que ela tem de bom, todos os sintomas de um câncer em formação junto a sua alma e a seu corpo astral desaparecerão. Assim, a doença física não mais recebe alimentação. É desse modo que poderá vir auxílio ao doente. Agora que a senhora está estudando as leis que regem nossas vidas e todos os Universos, poderá sair dessa, dona Ema, tenho certeza. Uma grande transformação dos seus pensamentos aplinará o caminho para a cura.

Felipe, adentrando o recinto:

— O que as minhas queridinhas estão confabulando?

— As palavras de Mônica estão me dando novas esperanças. Felipe, quero levar para o hospital todas as apostilas para facilitar a mudanças dos meus pensamentos. Quero corrigir tudo o que há de errado em mim, humildemente disse Ema ao neto.

— Assim é que se fala, vozinha. Gostei de ver a força!

— Vou passar sua roupa para levá-la ao hospital, falou Mônica, saindo do quarto.

— Estou sensibilizada com tanta ajuda, sussurrou a doente.

— E eu vou preparar um rápido jantar para nós, falou Felipe retirando-se em seguida.

— Boas falas, meu filho! Pronunciou a doente.

**N**uma das dependências do prédio novo cedido pela Prefeitura, estava a sala destinada ao trabalho de Dalila. Muito bem mobiliada, com telefone, computador, impressora.

O telefone não parava de tocar, e Dalila corria de um lado para o outro. Percebeu alguém entrando, quando anotava as dezenas de matrículas daquele dia.

— Que você esteja em paz mesmo diante desse sufoco! Falou o professor sorrindo e entrando no ambiente.

Levantando os olhos, deparou-se com aquele carinhoso olhar, acompanhado de um belo sorriso.

— Oi, que bom que você veio! Preciso mesmo colocá-lo a par do intenso movimento.

— Apesar de você nem desejar-me boa tarde, sei que o fato de estar aqui vai alegrar todo o meu dia.

— Sua presença aqui torna o meu trabalho mais suave. Estava com saudade.

— Menos mal, agora sim posso concentrar-me nos próximos passos para o nosso movimento. Então me conta tudo.

Com um olhar meigo, pousado nos olhos dele, acrescentou:

— Creio que vou precisar de uma ajudante! As matrículas não param para o próximo encontro. Preciso saber quantas pessoas posso aceitar. Preciso saber onde se dará o evento. De quantos lugares podemos dispor.

— Você tem razão. Vou conversar com o prefeito Barroso. Precisamos saber mesmo de tudo isso. Mais uma vez você tem razão. Ter você na minha retaguarda é uma dádiva da Luz.

Vou até lá e voltarei. Carinhosamente deslizou sua mão sobre os cabelos de Dalila que, em retribuição, presenteou-o com um sorriso.

**O** professor foi anunciado ao prefeito em seu gabinete. Ao entrar, notou que mais dois assessores estavam presentes. Cumprimentou a todos com muita simpatia. Foi recebido com muita alegria pelo senhor Barroso que o apresentou para os presentes.



— Que bons ventos o trouxeram até nós? No que posso servi-lo, professor? Estou sedento de notícias.

— Trago de fato boas notícias. O escritório montado para D. Dalila coordenar o nosso movimento já não mais está suportando a demanda, explicou o professor entusiasmado.

— Boas falas, no que podemos de fato auxiliá-los? Respondeu o prefeito.

— Precisamos de mais um telefone e de mais uma funcionária, falou o professor vagarosamente.

— Vamos então providenciar. E o que mais? Rapidamente falou o prefeito.

— Daqui a duas semanas faremos um novo encontro com o povo. Creio que virão cerca de duas mil pessoas. O que o senhor sugere?

— É mesmo, Hércules?! Que maravilha! Vou ver se posso lhe arrumar então o Estádio. A parte coberta abrigará todas essas pessoas. Para quando vocês querem?

— Para o segundo sábado, às 6 horas da tarde.

— Vou providenciar isso agora mesmo. Os dois assessores presentes se levantaram e se prontificaram a tomar as providências necessárias.

— Precisamos de alguns dias para as instalações do telão e dos alto-falantes, falou o professor.

— Não se preocupe, providenciaremos tudo conforme for determinado por você, Hércules, respondeu o prefeito entusiasmado. Estou pondo muitas esperanças nesse seu movimento. Espero que o povo seja estimulado a se educar. Se isso acontecer, prometo que toda a cidade futuramente participará dessa transformação.

— E quanto ao telefone e a uma nova funcionária? Sei que estou pedindo demais, mas são mesmo necessários.

— Sei, sim, pode contar com isso. Tudo pela causa. Também eu e minha esposa queremos participar desse grande encontro.

— Teremos grande satisfação. Sei que abrilhantarão o nosso encontro.

Os dois assessores presentes também demonstraram interesse em participar.

**M**ônica, diante de seu grupo, com um profundo olhar expressivo:

— Quem de vocês já acabou de ler o livro da Grande Pirâmide?

O vozerio começou.

— Esperem, um de cada vez, falou a mestra sorrindo.

— Eu já terminei de ler, mas agora estamos lendo em grupo, se expressou um estudante de nome Mauro. Eu e mais quatro pessoas. Estou gostando muito dessa experiência. Tenho notado que os estudos tomam outro rumo. As experiências de um contribuem para o outro. Parece que um dá alento ao outro. Estamos também lendo as apostilas.

— Vocês têm alguma dúvida? Perguntou Mônica interessada.

Senhor Mauro continuou:

— A menina Thisbe pode ser considerada uma pessoa sábia?

— Sim, Thisbe era uma sábia. Ela vivia entre os sábios e foi criada por um deles, seu avô. A sabedoria dela era notada através das menores frases que dizia e sua vida era toda pautada de pureza. O dom especial que lhe foi atribuído pelos guias ajudou a localizar os focos de infestação de pessoas já decaídas e que agiam contaminando os incautos.

— Quando conversávamos sobre os mandamentos dos sábios, verificamos que atualmente a humanidade toda está enredada nesses dois mandamentos, falou o senhor Mauro com certo pesar. Estamos preocupados com o que poderá acontecer, quando o acerto de contas com nosso Criador estiver se aproximando. Entendemos melhor o significado do sarcófago. Realmente a humanidade está quase que inteira morta espiritualmente. Já nos convencemos disso.

— O senhor poderia repetir para nós esses dois ensinamentos dos sábios? Vamos conversar sobre eles? Animou Mônica.

— Posso falar quais são esses ensinamentos? Falou dona Celina.

Com a aprovação de todos disse pausadamente:

— ‘Vive de tal maneira que ninguém sofra por tua culpa e vive de tal forma que ninguém peque por tua causa’.

— O que vocês apuraram disso? Interrogou Mônica, interessada na reflexão das pessoas confiadas a ela.

O senhor Tônico pediu um aparte:

— Posso falar agora? Em minha família esses dois mandamentos são infringidos o tempo todo. Imagine a senhora que meus filhos brigam e discutem tanto que está se tornando quase impossível o convívio com eles. Fico desejando que eles desapareçam de minha vida. Esses pensamentos que me assaltam no ambiente hostil em que vivo, sei que vão prejudicá-los, eu sei. Poderão precipitar sobre eles algum carma pendente? Quero ajudá-los, mas não estou sabendo como.

— Situação onde as pessoas se humilham e se ofendem mutuamente, de fato, levam as pessoas envolvidas e aquelas que assistem a tão desagradável espetáculo, a desejarem o mal para aqueles que provocam, com suas atitudes desrespeitosas, um ambiente tão desconfortável. Na matéria invisível, que está próxima a nós, estão os nossos auxiliares. Diante desse ambiente de brigas, nossos auxiliares se afastam para ceder lugar a seres decaídos. Com isso, o ambiente fica carregado e opressor. Quem não quiser se conspurcar deve sair depressa do ambiente, falou Mônica com segurança.

— Por que os auxiliares se afastam nessa hora? Perguntou o senhor Tônico. Eles cedem espaço para guias decaídos? Por que isso acontece? Eles não deveriam aí intervir?

— Quando ocorrem essas cenas deploráveis de brigas, os maus contaminam tanto o ambiente com as suas maneiras embrutecidas de proceder, que os bons têm que se afastar para se protegerem dessa contaminação. Uma pessoa que perde o controle e grita com seus semelhantes, afasta de si o seu auxiliar. Nesse momento ela fica desprotegida, podendo acontecer-lhe algum mal. Aliás, também os guias dos presentes se afastam de seus protegidos, falou Mônica com ares de mestra.

— Agora entendi esse processo dos afastamentos dos mais maduros, falou o senhor Tônico, um dos alunos mais calados. Quando estamos em um ambiente onde as conversas tomam um rumo que não nos agrada, queremos logo nos safar de lá e procurar um novo ambiente mais agradável. Esse processo é comum entre nós e, no entanto, não conseguimos detectar que também os do além seguem esse mesmo processo.

— Vamos então aprender isso, continuou Mônica: quando o ambiente está carregado de pensamentos e palavras que destroem a harmonia, os nossos auxiliares se afastam dali. Com isso outros espíritos menos esclarecidos tomam o lugar daqueles. As brigas e as gritarias dos presentes é que atraíram os espíritos inferiores. Nós também temos que nos afastar desse ambiente que se torna opressor se não quisermos nos contaminar por ele.

Dona Virgínia, aluna interessada nos ensinamentos:

— D. Mônica, quando estou fazendo minha caminhada, não consigo deixar de desejar o mal para as pessoas que, da mesma maneira, saem com seus cães para passear e deixam os detritos dos seus animais pelo passeio público. Não consigo desfrutar em paz do verde das árvores, do colorido das flores e do canto dos pássaros... Tenho que andar olhando para o chão para evitar acontecimentos desagradáveis ou andar na rua junto ao meio fio, arriscando ser atropelada por um motorista desatento. Como não desejar o mal para pessoas egoístas como essas?

— Vamos analisar esse fato com profundidade, falou Mônica aos alunos. Milhares de pessoas no mundo passam por esse mesmo problema. As pessoas que causam esse desconforto contraem carma ruim, pois são de fato egoístas. Utilizam o passeio público que tanto custou aos cofres públicos, para sujarem a ponto de impedir que milhares de pessoas possam caminhar por ele despreocupadamente. O sentimento de indignação desses milhares que passam por lá vão, de fato, se condensar sobre a cabeça dos culpados, trazendo opressão e mal-estar. Não seria tão fácil recolher os detritos do cão para evitar essa desarmonia?

— Onde está o amor ao próximo? Completou dona Aparecida, professora de educação física. Será que tais pessoas não pensam nos idosos e crianças que por lá têm o direito de usufruir do passeio público? Essas pessoas são movidas apenas pelo cérebro calculista e já trazem a intuição seriamente danificada. Mesmo que tenham alguma religião, não estão ligadas ao nosso Criador. De que adianta ter uma religião, se não atuam somente para proporcionar alegria ao seu próximo? Está certa a minha maneira de ver, Mônica?

Mônica, entusiasmada, prosseguiu:

— Sim, está muito certa. O egoísmo é um dos sentimentos negativos que mais assola o mundo moderno. Quem dá abrigo em si ao egoísmo deixou-se levar apenas pelo raciocínio. Nele a intuição está inativa. Tais pessoas precisam de redobrados esforços para resgatarem tão pesado carma. E o pior é que afastam de si os auxiliadores.

Dona Mafalda, uma comerciante, mudou o foco dos pensamentos para outro assunto que também a preocupava.

— No livro que estamos estudando, há uma frase que muito chamou minha atenção: ‘O sofrimento desperta o coração! E as lágrimas do arrependimento lavam o erro.’ Por que o sofrimento desperta o coração? Eu já sofri muito em minha vida e não senti meu coração despertar.

— D. Mafalda, quando algum sofrimento nos acomete, ficamos mais humildes e mais abertos para a análise. Ficamos pensando mais nestes assuntos relacionados a nossa alma. Nesses momentos poderá chegar à nossa consciência a culpa de algum erro que tenhamos cometido. Com isso, o desespero poderá nos atingir e as lágrimas aflorarem. Significa que nos arrependemos do erro. Esse procedimento desperta o nosso sentimento intuitivo, ou melhor dito, desperta o nosso coração. Tudo isso não é tão claro?

— Agora que você falou parece-me bastante lógico. Por que não consigo chegar por mim mesma a essa conclusão? Falou Mafalda reclamando.

A mestra, consoladoramente:

— Não se desespere com isso. No começo desses assuntos relativos à nossa alma, pela falta de prática, todos nós demoramos para chegar às conclusões tão óbvias. Eu mesma, no início, também não conseguia chegar a alguma conclusão. Não se esqueçam de que, até há pouco, tais assuntos não faziam parte de nossa vida. À medida que fomos nos dedicando a isso, iremos nos familiarizando. Um caminho não transitado ficará coberto pelo mato. Quando começamos a transitar por ele, o mato pisoteado por nós vai cedendo espaço. Com isso, poderemos transitar mais facilmente, não é assim?

— É isso mesmo. Agora vou me dedicar cada vez mais a essas ponderações. Quero tirar o mato do meu caminho, falou dona Mafalda, mais conformada.

## SEGUNDO ENCONTRO DO PROFESSOR E INSTRUTORES COM O POVO

No estádio lotado, com mais de 2.500 pessoas, os instrutores demoraram mais para conseguir o silêncio necessário. Contudo, com a entrada do professor Hércules, o silêncio aconteceu como num passe de mágica. Com sua voz troante, disse pausadamente:

— Senhoras, senhores e jovens, quando se deu o nosso primeiro encontro, ficou resolvido que marcaríamos o segundo somente quando estivessem preparados para isso. Acontece que, desde então, triplicou o número de pessoas interessadas em participar desta grande transformação. O impulso para esse querer ocorreu devido à profecia escrita nas pedras da grande Pirâmide de Quéops. Através do livro em estudo, que tão bem retrata essa profecia, os sábios da Caldeia, há 6.500 anos atrás, profetizaram que agora, em nossa época, a humanidade seria considerada quase que inteiramente morta espiritualmente. Isso quer dizer que atualmente mortos espirituais povoam nossa querida Terra. O uso exagerado do raciocínio provocou um desequilíbrio entre a atuação da razão e a atuação da intuição. Justamente a intuição humana, que nos liga aos mundos superiores, canalizando de lá sabedoria e força, ficou obstruída. A consequência foi a paralisação da evolução humana. Quando isso se deu, o raciocínio tomou as rédeas dos destinos humanos. Hoje, sem margem de erro, podemos nos considerar materialistas, isto é, presos somente às matérias. O desenvolvimento da intuição teria que ter caminhado junto com o desenvolvimento material. Poderíamos hoje ter atingido a maior florescência como seres humanos e ter transformado esta Terra num imenso jardim de Deus. Como tal não aconteceu, está provado que o raciocínio limitado provocou as consequências desastrosas que hoje estamos colhendo: violência, ganância, cobiça, desconfiança, vaidades, brigas, ódios, guerras, sexualidade exacerbada, pornografias e todos os crimes a isso ligados, superficialidades nos costumes, religiões que deformam a imagem da Justiça de Deus e ainda muito mais. Com o nosso querer errado, semeamos doenças, miséria, sofrimentos e dor. Somos apenas hóspedes nesta Terra e não proprietários. Portanto, ela não nos pertence. Não temos o direito de conspurcá-la e a depredação desta Terra atingiu um ponto inaceitável. Somente seres humanos intimamente poluídos causam poluição e depredação ao meio onde vivem. Essa depredação é um dos frutos do materialismo reinante. O planeta Terra está seriamente comprometido. Felizmente a Ira do Dono da Casa está vindo em nosso socorro. A Terra está passando por uma faxina que de tempos em tempos tem mesmo que acontecer. Terremotos, tornados, tsunamis, chuvas torrenciais desabrigando milhares, secas prolongadas. Sem falar nas doenças que acometem milhares em todos os países. Tudo isso faz parte do final que está próximo! É a colheita de toda a semente humana até então. Mas, isso não acabou. Se a semente de outrora foi má, muito pior está agora. Portanto, quando a profecia se deu, os sábios da Caldeia previram que o caminho humano para a Luz de Deus estaria interceptado por culpa própria, justamente nesta época. Ainda está em tempo de nos dedicarmos agora, com muito mais empenho, ao desenvolvimento de nossa intuição e desacelerarmos o desenvolvimento do raciocínio... Todos aqui presentes, que queiram ainda em tempo se transformar, podem contar conosco. Contudo, terão que se esforçar ao máximo. Os conceitos de vida atuais estão corrompendo o íntimo humano. Nesta hora, não adianta procurar por culpados. A humanidade toda é a responsável por essa tragédia! Agora só resta uma saída, procurar novamente o desenvolvimento da intuição, esse elo perdido. A Justiça de Deus está atuante, e um terrível acerto de contas já está vindo ao nosso encontro. Lembrem-se de que a Luz não precisa de nós. Nós é que precisamos dela. Cada um que abriga, em si, pensamentos maus, de destruição às pessoas, aos animais ou à natureza, cada um que fere o outro com palavras agressivas e ainda o difama para outros, e aquele que não zela pelos animais e pela natureza, ou ainda se omite diante dessa incrível devastação que está acontecendo, está seriamente enredado na Lei da Reciprocidade. Não esperem, portanto, proteção diante dos grandes abalos que estão por vir. Está passando da hora de reagirmos diante de todo esse mal.

O Grande Cometa está cada vez mais próximo da Terra. Suas irradiações virão processar a limpeza prevista para este princípio de século. Devemos estar preparados para recebê-lo com confiança em Deus, pois Sua perfeição mostra Amor em tudo o que faz. E é também Amor quando varre da face da Terra os hóspedes que a depredam. Que vocês consigam a paz perdida!

Lentamente, o professor se afastou. Roberto, adiantando-se, tomou do alto-falante. Esperou que a reação às palavras do professor perdesse fôlego...

— Senhores, queiram se acalmar. Os que já fazem o estudo conosco podem se retirar. O curso prosseguirá normalmente. Não se esqueçam de pegar as apostilas nas mesinhas do fundo. Elas poderão ser lidas em casa para uma maior compreensão do que foi dito pelo professor. Os que estão agora se filiando continuem sentados, por favor.

O vozerio alto demonstrava que muitos estavam ainda sem entender as palavras do professor. Após a saída de muitos, o auditório continuava lotado. Roberto, que havia se afastado um pouco, aproximou-se novamente do microfone:

— Por favor, peço silêncio. Com o silêncio poderemos nos entender. Caso contrário, qualquer palavra será inútil. Perto da saída vocês poderão pegar um folheto que explicará com palavras simples tudo o que deverão providenciar para o início dos estudos. O curso terá início na próxima quinta-feira, às sete horas da noite. Aqueles que querem fazer perguntas levantem as mãos.

Um grande número de mãos foram para o ar. Roberto chamou o mais próximo para subir ao palco e formular sua pergunta.

— Gostaria de saber se, com aproximação desse esperado Cometa, toda a Terra sofrerá catástrofes.

Flávia, aproximando-se do alto-falante:

— Toda a Terra já está sofrendo sua influência, mas nem por isso ela será totalmente destruída. Se fosse assim, não mais haveria vida na Terra. E não é assim. Com essa mudança da crosta terrestre, ela ficará tão linda como nunca foi outrora. Estará não só linda como também limpa. Limpa de todas as criaturas que a sujaram e de todas aquelas que se omitiram ao ver sua depredação. Saibam, portanto, que não só erramos com nossos atos, como também quando nos omitimos diante dos erros que venham prejudicar a Natureza, o planeta onde vivemos, nosso país, nossa cidade, nossa casa e todos os seres criados.

Roberto chamou pelo segundo que levantou a mão.

— Meu nome é Marcelo. Quer dizer que todas essas catástrofes vêm de Deus?

— Vêm de sua vontade perfeita, falou Gabriela, adiantando-se. Automaticamente com a depredação a que assistimos da natureza, derrubando-se matas para fazer pastos e a matança indiscriminada de animais, e toda a confusão que reina entre os seres humanos, nada senão uma força superior para pôr um paradeiro nisso tudo. A Terra não nos pertence. Seu legítimo Proprietário nos colocou aqui como hóspedes para que, através de vivências, desenvolvêssemos nossa consciência de vida. Teríamos que ter transformado esta moradia em um lindo jardim, onde somente o Amor, a beleza e a harmonia pudessem reinar. No entanto, isto não aconteceu. O egoísmo, a ganância e a ignorância tomaram espaço. Consequentemente, o materialismo fomentou as brigas e as confusões. A violência, a insegurança em que vivemos, são os frutos do querer errado que cada um alimentou dentro de si. O desconhecimento do sentido profundo da palavra 'Amor' contaminou todos os povos. O senhor não acha que os seres humanos estão merecendo todos esses castigos previstos?

— Acho que sim, respondeu o senhor Marcelo; merecemos esses castigos, mas ninguém sabe que isso tudo vem do Criador. Até agora pensava que todas essas catástrofes aconteciam por acaso, e não que seriam castigos divinos.

Gabriela, continuando sua profunda explicação:

— Se uma pessoa entrar em sua casa e começar a depredá-la, o que o senhor faria?

— Eu reagiria prontamente.

— Por que o Criador não reagiria também à mão destruidora? Após alguns instantes de silêncio, Roberto novamente aproximou-se do alto-falante.

— Próximo consulente.

Sra. Elenice, mãe de quatro filhos:

— O que deveremos fazer para desenvolver nossa intuição e com isso nos religarmos com Deus?

Desta vez, Sílvia aproximou-se para responder:

— Como a nossa intuição está inativa, precisamos levá-la a se movimentar, assim como movimentamos o nosso corpo. Para movimentá-la, precisamos analisar, ponderar sobretudo o que acontece ao nosso redor. Tudo o que atualmente dá rumo à nossa vida na matéria. Em nosso curso iniciaremos o estudo das leis naturais. As análises de tudo o que estamos pensando, falando e fazendo com base nestas leis, reativarão nossa intuição. Com ela em movimento nos religaremos ao nosso Criador.

— Então não vai ser difícil? Perguntou, animada, dona Elenice.

— Não vai ser fácil, não. É necessário muito empenho em tudo. É também necessário que a pessoa leia o livro indicado. Os ensinamentos que ele encerra, quando praticados, levam a uma enorme modificação dos erros que estão infiltrados em toda a nossa maneira de ser e em toda a nossa vida. Caso ela tenha dificuldade para ler, poderá se unir a grupos de leitura onde aquele que lê melhor possa auxiliar aqueles que apenas vão tomar conhecimento, ouvindo a leitura, explicou Sílvia.

Assim, prosseguiu a orientação dos novos elementos que se interessaram em participar da grande transformação que acontecerá. Transformação de si mesmos e transformação do meio em que vivem.

**A** ambulância encostou na porta da casa de dona Ema. Felipe foi receber os responsáveis pelo transporte de dona Ema para o hospital.

— A paciente está pronta? Perguntou senhor Miguel.

Mônica, saindo do quarto com a maleta na mão, respondeu de imediato:

— Está, sim, está pronta. Podem entrar.

Já deitada na maca, dona Ema olhou carinhosamente para Felipe e Mônica. Esta, passando a mão sobre sua cabeça, disse-lhe com ternura:

— Os auxiliares estão sempre atentos. Basta que você pense neles com gratidão. O desejo de todos nós está sobre sua cabeça, basta se abrir a eles.

D. Ema, emocionada, anuiu com a cabeça. Felipe ficou parado na porta da casa, olhando a ambulância se afastar. Mônica acenou para ele através do vidro de trás para confortá-lo. D. Ema, com um sorriso melancólico, falou baixinho para Mônica:

— Você é um consolo para mim. Mesmo longe de você sinto a força de sua presença. Envio-lhe bênçãos e gratidão com meus pensamentos e sentimentos.

— A senhora é muito queridinha, falou carinhosamente Mônica.

— Você que é, minha filha. Pessoas como você, nesta Terra, servem de apoio e consolo aos que sofrem. Se você aceitar ser a esposa de Felipe, sei que essa união vai ser aceita no céu!

**T**oca o telefone, na casa do professor Hércules.

— Alô.

Do outro lado da linha, a voz grossa do prefeito:

— Como vai? Muito trabalho?

— Felizmente, muito trabalho, respondeu o professor.

— Hércules, eu e minha esposa estamos impressionados com o encontro com o povo. Suas palavras contundentes, por certo, atingirão fundo o íntimo das pessoas. Passei a entender melhor o seu movimento. Aquela explicação sobre o uso só do cérebro, com a paralisação da intuição, nos deixou convictos dos motivos dos erros humanos. Estamos interessados em fazer esse curso com vocês. Também queremos aprender e, se possível, sermos ativistas do seu movimento.

— Você já é um ativista, e um dos mais valiosos, Barroso. Confesso que ontem consegui avaliar a dimensão do nosso movimento. Agora, com a participação sua e de sua senhora, precisamos fazer planos para o futuro. Não podemos crescer desordenadamente, respondeu o professor, animado.

— Sei disso. Precisamos nos organizar para crescer. Enquanto eu estiver com as rédeas da prefeitura, o movimento crescerá. Farei tudo o que estiver ao meu alcance. Você viu como estou falando como se já fosse um de vocês?

— Eu já o considero um dos nossos. Se não fosse sua ajuda o encontro de ontem não poderia ter acontecido. Eu lhe agradeço e desejo-lhe bênçãos.

A emoção era perceptível na voz do professor.

— Quero convidar o senhor e D. Dalila para um jantar amanhã em minha casa. Vocês estariam disponíveis?

— Amanhã à noite estaremos em reunião com os instrutores. Poderá ser na próxima quarta-feira?

— Combinado. Espero vocês então na quarta às 19 horas, falou Barroso com alegria.

**N**a residência do senhor Armando, Sílvia interroga Flávia com interesse:

— Flávia, que rumo está tomando as suas saídas com o Cláudio?

— Estamos nos conhecendo aos poucos. A nova concepção de vida ainda não adquiriu força total dentro dele. A nova imagem da mulher o está deixando pensativo. Ele diz que a nova mulher está desprestigiando o novo homem. Ele ainda não entendeu o sentido profundo de nossas mudanças. Mudar do materialismo para o espiritualismo é um passo a ser dado segundo as capacitações de cada um, ou, melhor dizendo, cada um tem seu passo. O passo dele é vagaroso. Ele está relutante. Mas sei que vai conseguir se enquadrar. Após as palavras contundentes do professor no encontro de ontem, ele ficou mais pensativo ainda. Espero que ele tenha sido tocado. Desta vez, creio que os estudos das apostilas e a leitura do livro vão influenciá-lo de uma maneira arrebatadora.

— E o Ricardo? Você o descartou? Insistiu Sílvia em seu interrogatório.

— Mãe, o Ricardo é mais espiritualizado. Mas, não sinto algo especial por ele como sinto pelo Cláudio. Ontem conversamos um pouco pelo telefone. Ele está fazendo um curso de aperfeiçoamento em finanças. Como a senhora sabe, ele é economista. O tempo dele é muito curto. Durante o dia ele trabalha. Quando temos o nosso curso ele falta no outro. Só isso basta para saber que a alma dele está em busca. A intuição já está caminhando para o despertar.

— Mais um pouco e vou convidá-lo para ser instrutor, falou Sílvia convicta. Ele me parece reconhecer toda a situação da mulher. Reconhece todas as falhas e a colaboração do homem para jogá-la tão baixo.

— Ele me convidou para jantar no próximo sábado, falou Flávia. Eu fui sincera. Disse-lhe que estava começando o namoro com o Cláudio. Ele ficou desapontado, mas desejou que acontecesse o melhor para mim.

— **P**ai, como você e mamãe estão se saindo com as leituras? Perguntou Guilherme.

— Sua mãe tomou a dianteira e começou a ler sozinha, resmungou o senhor Mateus. Ela não mais espera por mim. Fiquei para trás.

— Você está conseguindo ler sozinho?

— A minha vista está muito fraca. Tenho que me esforçar muito para conseguir ler.

— Mas pai, por que você não vai ao oculista?

— Unicamente por falta de tempo. Mas, amanhã mesmo, vou cuidar disso.

Com a entrada de D. Guilhermina, o rumo da conversa mudou.

— Oi, filho, quanto tempo a gente não se fala. Preciso conversar sobre a reunião. Quero que você me explique melhor aquela afirmativa do professor sobre o cérebro e a intuição. Como se dá isso?

— Você não se lembra do telão exibindo um ser humano com o cérebro superdesenvolvido e que mostrava no plexo solar uma intuição apagada? Respondeu Guilherme.

— Eu vi aquilo, e fiquei confusa. Sempre notei que as pessoas são diferentes nesse sentido. Uns são bons de coração e têm muita fé em Deus. Tudo fazem para acertar e estão sempre em paz. Já outros são frios, nervosos, pessimistas. Não têm fé em nada, não acreditam na Justiça e vivem soltando faísca pela boca. Tenho a impressão de que os primeiros são aqueles que ainda têm intuição e os outros são os que não têm coração, pois são escravos do raciocínio; é isso mesmo, filho?

— É isso! Em poucas palavras você identificou os dois grupos. Mas, também há aqueles que são alegres porque a vida é fácil e, no entanto pertencem ao segundo grupo. A vida deles é vazia, sem sentido profundo. São desonestos, buscando maneira de prejudicar os outros, e são indiferentes ao mal que praticam. Não se preocupam se vão causar ou não sofrimentos e dor. Vivem para se divertir, sem moral interior. Essas pessoas são instrumentos do raciocínio e raciocínio não tem alma, é apenas ligado à matéria.

— Posso nem saber explicar direito essas coisas, mas sinto tudo com clareza. Tenho convicção de que estou sentindo tudo certinho.

Com pontualidade, o professor apertou a campainha da casa de Dalila. Esta, abrindo a porta, puxou-o pela mão para dentro da casa, sem proferir palavra. Ao chegar a sua sala, mostrou um quadro pendurado na parede principal com a figura do sereno semblante do professor. Abraçando-a com carinho e com pasmo, o professor murmurou baixinho:

— Como você conseguiu isso? Que proeza é essa?

— O seu semblante meigo, seu olhar profundo e seu sorriso me cativaram de tal forma que pude rabiscar em horas vagas o que eu trago no meu coração, falou Dalila com meiguice.

— Esta é a maior prova de amor que recebi de você. Mais uma vez puxou-a para si com grande ternura.

— Essa é a imagem fiel sua. Guardo-a com carinho dentro de mim.

— Dalila, neste final de ano estamos atolados de compromissos... Mas para o início do ano, poderemos nos casar. O que você acha?

— Para mim parece um sonho. É tudo o que mais quero. Caminharmos juntos para a Luz, nos apoiando mutuamente para o nosso crescimento interior! Oh! meu querido! Como me sinto protegida com você!

— A nossa ligação é de alma. Seremos um baluarte do Senhor na Terra. Com você a meu lado poderemos abrir o caminho à Luz para milhares de criaturas!

Abraçados, os dois trocavam entre si irradiações de amor eterno.

Na “Casa da Mãe Solteira”, estando cada mocinha em seu lugar, Valquíria abriu a sessão.

— E aí, meninas, tudo está correndo bem? As ideias estão ficando no lugar?

— D. Valquíria, falou Fernanda devagar. Estivemos conversando sobre esses assuntos em relação às mulheres. Achamos que os homens são mais culpados do que as mulheres. Pois não são eles que controlam tudo? Não são eles que ditam a moda? Não são eles que dirigem as propagandas usando o corpo das mulheres?

Regina, interrompendo:

— E ainda não são eles que controlam os empregos? Não são eles que traem as esposas? Como nós, mulheres, podemos ser culpadas?

Silvia, sorrindo, com compreensão:

— Vocês dispararam com perguntas. Vamos agora às respostas: Vocês disseram que os homens controlam tudo. Disseram ainda que são eles que ditam a moda usando como atrativo o corpo da mulher. Pois bem, se são eles que controlam tudo, é porque a mulher perdeu o seu lugar de comando. Ao invés de comandar, passou a ser comandada e assim ela não tem nada. Hoje, ela



não tem intuição, não tem saber nenhum sobre a vida, tornou-se despudorada a tal ponto que perdeu até sua dignidade. Tornou-se uma fracalhona e aceita tudo o que lhe é imposto pela vontade do homem. Sua maneira de pensar e agir demonstra isso. Portanto, tornara-se brinquedo nas mãos dos homens. Para superar toda essa situação, só resta um caminho: A mulher terá que desenvolver novamente sua intuição e mudar completamente sua maneira de ser e de agir. Só assim poderá ser mais forte que o homem.

Célia, uma das adolescentes, perguntou um tanto desanimada:

— O que é afinal essa intuição?

— A intuição é a parte mais importante no ser humano. Quando o nosso Criador nos fez, nos presenteou com duas partes importantes: o raciocínio responsável pelo desenvolvimento da vida na matéria, e a intuição, responsável pela evolução íntima. Crescer como pessoa humana. Trata-se de nossa essência. É a parte principal que habita em nós, falou Sílvia vagarosamente.

Mariinha, inconformada;

— Quer dizer que não temos mais intuição? Como a senhora pode afirmar isso?

— É muito fácil. Pela dificuldade que a mulher tem de dizer não. A mulher de hoje diz sim à tirania da sociedade, diz sim à tirania do marido, diz sim à tirania dos filhos. Diz sim à moda, mesmo que ela não lhe caia bem. Diz sim a todas as mentiras colocadas nos conceitos de vida. Com isso, a mulher perdeu a sabedoria, a força e a dignidade; não é tão fácil ver isso?

— Do jeito que a senhora fala, parece que já perdemos tudo, falou Edneia como que desencantada pela vida.

— Edineia, pense e veja se você acha apenas uma situação onde a mulher esteja bem, falou Valquíria em tom de desafio.

— Quer dizer que, com a perda da intuição, perdemos tudo? Perguntou Cecília.

Sim, estamos em desvantagem em todos os setores de nossa vida, confirmou Sílvia

— Com a leitura daquele livro, poderemos restaurar a nossa intuição? Perguntou Tamara esperançosa.

— Será um começo. Muito ainda precisamos analisar para compreender qual o nosso papel na Criação. Precisamos saber o que o nosso Criador quer de nós e restaurar todos os conceitos de vida verdadeiros. Pois fomos nós, as mulheres, que pusemos tudo a perder. Falhamos como mulher, como mãe e como educadora. Perdemos o que de melhor existia em nós: a ligação com nosso Criador. Essa ligação era feita através de nossa intuição, falou Sílvia, pondo ênfase em suas palavras.

Elaine, com desânimo, proferiu palavras que puseram à amostra o seu íntimo sofrido:

— Eu sei que não vou conseguir isso, pois sempre achei que o Criador nem liga para nós. Como poderei mudar esse sentimento de abandono que sinto? Estou cansada de sofrer!

— Você não vê saída porque seu panorama é todo nebuloso, fez ver Sílvia a situação. Com tudo o que vamos aprender, sua visão se ampliará. Você voltará a ver tudo com clareza, basta querer isso com todas as forças de seu coração e se esforçar nesse sentido.

— Será, D. Valquíria, que conseguirei enxergar tudo diferente do que vejo hoje? Continuou Elaine.

— Claro que vai, tenho certeza disso, animou Valquíria.

Ester, ainda inconformada com as mudanças:

— Tenho a impressão de que, quando ficarmos certinhas, nenhum homem vai sequer olhar para nós.

— Existem homens e homens. Em relação a homens decadentes, que só procuram nas mulheres a satisfação de seus desejos, é bom que nem olhem mesmo para vocês. Mas homens maduros, que veem numa mulher aquela companheira ideal para passarem a vida juntos, unidos harmoniosamente e com fidelidade, esses poderão se aproximar, pois vocês já estarão maduras para uma vida a dois. Maduras como quer o nosso Criador.

— Ah! D. Sílvia! Falando assim, parece até que já estou pronta para o casamento! Desabafou Tereza.

— Fica apenas na vontade, Tereza. Vocês terão muito que aprender ainda, falou Sílvia devagar. Mudanças são sempre difíceis, porém necessárias.

— Se eu conseguir ser uma verdadeira mulher, nem mais vou querer saber do meu namorado, pois ele é esquentado e desafortado, esperançosa desabafou Tamara. Com o jeito dele, vou acabar deixando de gostar dele!

— E isso não é bom? Completou Valquíria as reflexões da moça.

— Mas ele é o pai do meu filho!

— O que ele disse quando você deu a notícia de sua gravidez? Insistiu Valquíria.

— Ah! Ele me deixou louca da vida! Disse-me que eu era muito burra mesmo. ‘Se você está pensando que vou entrar nessa, você está muito enganada’. ‘Detesto mulher burra, que só causa problemas’, relatou Tamara indignada.

— E o que você disse?

— Disse que eu devia ser mesmo muito burra por ter me engraçado com um moleque como ele. Disse que um dia o filho dele iria fazer pouco caso dele, pois não o veria como homem de verdade. Ele só estava esperando por isso para mandar um tapa na minha cara. Saí correndo pelo meio da rua, chorando de soluçar. Queria ter força para bater nele também. Nem sei se eu chorava de raiva ou de dor.

— E agora? O que você pensa em fazer? Interrogou Sílvia.

— O pior é que ainda gosto dele. Gostaria de deixar de pensar nele, pois sei que sofrerei muito se tiver que me casar com ele.

— Você só se casará com ele se quiser. Nada será feito sem a sua vontade! Esclareceu Valquíria.

— Prefiro decidir isso somente quando meu bebê estiver prestes a nascer. Quero ver a reação dele, animada novamente falou Tamara.

— Amanhã vocês irão ao médico para iniciar o pré-natal. Na próxima semana, começaremos a chamar os pais dos bebês. Vamos ver o que terão para dizer, informou Sílvia às adolescentes.

Assim, a reeducação daquelas mocinhas prosseguia com calma e firmeza.

Um advogado foi contratado para acompanhar os pais dos bebês aos encontros com as futuras mães e com as dirigentes da “Casa da Mãe Solteira”.

**A**ssim que o carro do professor parou nas redondezas da casa do prefeito, ele e Dalila perceberam uma aglomeração bem próxima da porta principal.

— Vou ligar para o Sr. Barroso para saber se poderemos descer.

— Ligar para onde? Perguntou o professor sem entender.

— Para o celular dele, prontamente respondeu Dalila.

— Até nisso você pensou, Dalila?

Dalila fez a ligação e o prefeito prontamente atendeu.

— Ci, Dalila. Enviarei uma pessoa para trazê-los até a porta, pois como vocês estão vendo, está havendo um congestionamento aqui em frente.

— Obrigada, senhor Barroso.

Assim aconteceu. Uma serviçal acompanhou o casal para dentro da casa. Passaram facilmente pela aglomeração. O Sr. Barroso e senhora foram recebê-los amavelmente.

— É uma honra tê-los em nossa casa, alegremente falou o Sr. Barroso.

— Estamos gratos por esse convite, respondeu o professor com amabilidade.

— Esta é minha esposa, falou o prefeito orgulhoso.

Sandra era uma moça de fino trato, bonita e de grande simpatia.

— Esperava ansiosa por este momento. Que esta amizade perdure para sempre.

— Que a confiança mútua seja o alicerce desta amizade, falou Dalila em resposta às meigas palavras de Sandra.

— Este momento vai ficar marcado em nossas vidas, falou o professor, cumprimentando a moça. O que nos une será a base de grandes realizações futuras, assim espero.

Já acomodados nos sofás de uma linda sala de visitas, o assunto girou em torno da reunião com o povo.

— Eu e o Barroso ficamos impressionados com o assunto abordado na última reunião. Aquela explicação sobre o uso unilateral do cérebro que domina o homem moderno diferenciando-o daqueles que se deixam conduzir pela intuição, me deixou muito pensativa. Gostei muito, pois percebi que nós mesmos diferenciamos estas pessoas em nosso restrito grupo familiar. A gente sabe disso, mas não atenta para o fenômeno. Nós mesmos não sabemos se somos mais intelectivos ou intuitivos.

— Com o tempo, irão se familiarizar com os termos e as situações que estamos usando agora como preâmbulo desta grande transformação, explicou Hércules.

— Como faremos para entrar nesse movimento? Queremos aprender tudo a respeito.

— Eu mesma vou prepará-los. Estamos precisando de instrutores e sei que vocês em pouco tempo estarão sintonizados com a nossa causa.

— Faço das palavras de Dalila as minhas, disse o professor.

— Vocês viram essas pessoas aí paradas ao lado da porta? Sabem do que se trata?

Com o assentimento do casal, prosseguiu Barroso: essas pessoas fazem parte do meu eleitorado. Estão aí para cobrar benefícios pessoais. Acham que merecem alguma coisa pelo voto. Eu não sei como fazer para entenderem que as minhas promessas de campanha foram para o bem comum e não em benefício de pessoas isoladas. Esse curso com o povo vai ajudar na compreensão de tudo, não é? Tenho esperança de que isso venha a acontecer.

— Quando a percepção e a visão íntima se ampliar, a pessoa vai querer mais realizações em benefício do todo, explicou o professor. Os egoístas vão ficar para trás. Terão que ceder espaço para as grandes realizações.

Esse encontro do professor e Dalila com o casal Barroso foi um marco na estruturação do movimento da grande transformação.

**N**a “Casa da Mãe solteira” a secretária de foi atender a campainha. Fora do portão, estavam um jovem, um moço e um senhor de meia idade. Os três foram recebidos por Iracema, Valéria e Sílvia. Quando já acomodados, o advogado fez as apresentações. Tratava-se de Rafael, o namorado de Celi. Tinha 17 anos e o pai o acompanhava. Celi também foi chamada para assistir à conversa.

— Bem, creio que este encontro irá esclarecer todas as dúvidas, falou Sílvia, dirigindo o olhar para Rafael e perguntando à queima-roupa:

— Você ama Celi?

— Eu pensei que amava, mas agora sei que não a amo mais.

— Por que deixou de amá-la? Insistiu Sílvia.

— Ela quis dar o golpe da barriga só para casar comigo. E eu não gosto de ser feito de bobo, falou Rafael, como se defendendo.

— Mas o certo não seria você usar a camisinha para evitar essa gravidez? Ou a culpa de você não usar a camisinha foi dela?

— A culpa foi nossa, pois ela também deveria trazer uma camisinha, empertigado falou o mocinho.

— Considerando, então, que a culpa foi dos dois, por que você diz que ela queria dar o golpe da gravidez? Perguntou Sílvia com firmeza.

— Se ela não quisesse mesmo ficar grávida, teria se negado a transar comigo, insistiu Rafael de uma maneira irritante.

— Você não sabia que sexo sem camisinha traz o risco da gravidez? Apertou Sílvia.

— Claro, eu sei disso.

— Então, sabendo disso, por que não se negou a ter sexo sem se prevenir?

— A senhora está querendo pôr a culpa só em mim. Já percebi isso.

— Não, Rafael, não é isso. Quero mostrar que também você participou dessa gravidez. Portanto, a culpa não é somente dela como você afirmou. Vocês dois se entregaram ao sexo de maneira irresponsável. Você será papai antes da hora por culpa própria. A Celi também será mãe antes da hora por culpa própria. O problema foi criado por vocês. Agora terão que cada um fazer a sua parte para solucionar o problema.

Valéria, olhando para o rapaz, completou:

— Uma criança chegará ao mundo através de vocês.

— Mas sou menor de idade, falou atrevidamente Rafael.

Sílvia respondeu secamente:

— Para fazer sexo você não foi menor de idade.

Patrícia completou:

— Diante das leis humanas vocês são considerados menores de idade. Os homens que fazem essas leis são estreitos e não enxergam que, se vocês fossem mesmo menores de idade, não poderiam fazer sexo e ainda não poderiam cometer tantos delitos iguais aos cometidos pelos adultos.

— Perante as leis de Deus vocês são maiores de idade, portanto responsáveis por essa criança que chegará ao mundo, falou Valéria conclusivamente.

Novamente Sílvia, olhando severamente para Rafael:

— Rafael, não se preocupe com casamento, pois a Celi não quer mesmo casar com você. Ela quer assumir a educação do filho que vai chegar. Ela já começou a fazer até o enxoval do bebê.

— Se eu não preciso casar, por que me chamaram aqui? Falou o moço em tom de desafio.

Ernesto, o advogado:

— A sua parte, Rafael, é pagar uma pensão para o bebê. Disso você não poderá escapar.

— Mas eu não trabalho, eu não tenho dinheiro, falou o moço se defendendo.

— Nós iremos colocá-lo para trabalhar e uma parte do que ganhar será para as despesas do bebê, falou o advogado.

— Está bem, então. Mas o que eu vou fazer?

— Não será um grande emprego, falou o doutor Ernesto. Você não tem qualificação nenhuma. Terá que começar de baixo.

— Terá que ser um emprego onde você irá apenas aprender. É sabido que responsabilidade você não tem, senão não teria engravidado uma menina de 15 anos, falou Sílvia com veemência.

Valéria, completando:

— Onde você começar, poderá crescer. Desde que os chefes possam confiar em você.

— Celi, se mantendo calada, evitava olhar para Rafael, era visível sua indignação.

O Sr. Chaves, pai de Rafael:

— Gostei de tudo que ouvi aqui. Rafael terá mesmo que trabalhar e virar homem de verdade.

Agradeço a todos. Contem comigo para tudo o que acontecer daqui para frente.

Doutor Ernesto, o advogado, olhando firme para Rafael:

— Creio que estamos entendidos, não é, Rafael?

Levantando-se, começou a se despedir das três senhoras que também se levantaram. Rafael também foi estender a mão para a despedida. Celi não quis lhe estender a mão. Ele seguiu em frente sem nada dizer.

O Sr. Chaves, dirigindo-se a Celi:

— Celi, espero que todo esse clima de briga termine quando chegar o meu neto. Desejo-lhe tudo de bom. O Rafael terá que criar juízo nessa cabeça! Tenha um pouco de paciência.

**E**staciona um carro BMW, verde-escuro de capota arriada, em frente à casa do doutor Armando. O motorista, jovem, bem vestido, espera por Flávia. Era Cláudio!

Na arcada da casa aparece ela. Veste um vestido lilás de seda pura. Um vestido simples mas que lhe caía bem, mostrando discretamente as formas do corpo. Seus cabelos pretos, soltos à altura

dos ombros, serviam de moldura ao seu belo rosto com pouca maquiagem. Cláudio sai do carro e vai recebê-la com um sorriso de satisfação.

— Estou encantado diante dessa beleza, cuja simplicidade não é comparável a nada nos dias de hoje. Abrindo-lhe a porta do carro, faz um gesto para ela entrar.

— Estou mudo diante dessa beleza clássica!

— Como clássica? Estou vestida com simplicidade.

— Exatamente. Sua juventude e simplicidade a destacam dos modelitos de hoje em dia. Essas roupas com bata, com decotes generosos, que estão em moda agora foram idealizados com a intenção de criar um clima onde a sedução impera.

— A última coisa que quero neste mundo é seduzi-lo.

— Sei disso. Isso me faz lembrar a sugestiva frase daquele mimo distribuído por você na festa onde eu a conheci. 'Se a mulher renascer, o homem a seguirá'.

— Já há dois meses nos conhecemos. Você me vê hoje como uma mulher moderna, desatualizada ou quadrada?

— Eu a vejo como a mulher de meus sonhos. Você não se encaixa em nenhum desses adjetivos. Penso em você como uma mulher ligada à Luz, que com sabedoria me conduzirá para as planícies da paz. Quero acompanhá-la nessa evolução íntima. Depois do último encontro e daquele discurso revelador do Hércules, não tenho mais dúvidas. Quero elucidar-me e trabalhar também com o povo. A dignidade humana tem de ser resgatada. O Livro da Pirâmide para mim tem sido como uma tocha elucidando questões que eu me perguntava e não tinha respostas.

— Ah! Cláudio, como queria ouvir isso! Desejei ardentemente que acendesse em seu íntimo essa tocha da elucidação. Agora os meus pensamentos estarão sempre juntos de você.

— E eu precisava ouvir isso! Até hoje eu a sentia distante... A mim parecia que você estava com receio de minha aproximação em sua vida.

— Realmente, você sentia certo. Até agora me mantive distante, pois temia que você rejeitasse os meus novos propósitos de vida.

— Você me encanta! Sua determinação, sua firmeza, me abrem um mundo novo! Um mundo onde a confiança irá prevalecer. O amor será regado com o entusiasmo e a vida laboriosa. Tudo tomou novo sentido para mim...

— Um grande amor está sendo prometido para nós dois. Sinto que os nossos auxiliares estão trabalhando pela nossa união de alma.

— Essa união iniciou quando a conheci. No meu coração, eu a reconheci como a mulher de minha vida. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo. Agora lhe pergunto: quando iremos nos casar?

— Já? Você se sente preparado para isso?

— Já tenho tudo para vivermos bem. No espiritual, é forte o meu querer. Quero protegê-la como um bem precioso que apareceu em minha vida. Sinto-me preparado, sim. Basta você me querer como eu a quero.

— Falarei com meus pais. Vou comunicar-lhes nossa decisão.

— Temo que eles possam achá-la precipitada, principalmente por você ser ainda muito nova.

— Esse conceito de idade é muito terreno. Estou preparada como mulher, tal qual nosso Criador quer. Mas gostaria ainda de fazer uma faculdade. O que você acha disso?

— Qual faculdade?

— Gostaria de fazer engenharia alimentar.

— Ótimo, você poderá cursar durante o dia. Enquanto eu trabalho você estuda. Acho muito interessante sua escolha. Por que pensou nisso?

— O corpo humano é uma dádiva de Deus. É o maior presente que recebemos na Terra. Estudá-lo, mantê-lo saudável, evitar doenças, saber curá-las... Penso que terei muito gosto em me dedicar a isso.

— Acho que você escolheu certo. Vou apoiá-la nisso. E sabe, estou me lembrando de uma coisa. Minha mãe está precisando muito de uma nora!

Ambos deram gostosas risadas.

O grupo de Leonardo era constituído de pessoas de nível de escolaridade diverso. Diante dessa diversidade, Leonardo percebeu que, quando se trata dos conhecimentos da alma, a linguagem é universal, é a mesma para todas as classes sociais. O anseio de alma de cada um é que faz a diferença. Analisava com profundidade as palavras daqueles confiados a ele. Buscava explicações profundas, mas que, ditas de maneira simples, todos conseguiriam compreendê-lo. O senhor Raimundo, gerente de Banco, pediu para ser o primeiro a fazer perguntas.

— Senhor Leonardo, o livro que estamos estudando menciona que o amor que liga um homem a uma mulher, espiritual e animicamente, bem como corporalmente, traz em si elementos criadores. Continuando a atuar, conduz beleza e força aos mundos espirituais e aos mundos das almas. Isso beneficia a natureza e os seus entes. Fiquei pensando... Como se dá isso? Acredito nisso, mas não compreendo como se dá.

— Nós não estudamos que, quando pensamos em alguma coisa errada, penetramos numa região de pensamentos semelhantes? Pois bem, quando, ao invés de pensamentos errados, cultivamos o amor entre duas pessoas, esse amor irá beneficiar outras pessoas da mesma forma que os pensamentos maus iriam prejudicar. O processo é sempre o mesmo. As irradiações de amor produzidas por duas pessoas que se amam verdadeiramente continuam criando beleza e força no mundo espiritual, no mundo das almas e até mesmo no mundo dos servos do Senhor. Tudo se processa através de irradiações.

Raimundo quis saber mais:

— O senhor podia dar um exemplo palpável?

— Posso. O Sol não irradia luz e calor? O amor de mãe não irradia força e paz?

— Ah! É mesmo! Como não havia pensado nisso antes? Alegre, confirmou Raimundo sua visão sobre o fato.

Leonardo percebeu que todos entenderam bem o processo. O Sr. Estevão, dono de um bar, desses bastante movimentados, trabalhava em pé durante todo o dia. À noite, um empregado de confiança exercia ali o seu ofício. As noites Estevão reservava para suas leituras. Agora com o curso, uma nova visão da vida o entusiasmou. As explicações do livro da Grande Pirâmide muito o impressionou, pois sua visão de até então era completamente diferente. Com certa timidez, perguntou a Leonardo:

— Quando os espíritos caídos queriam separar o povo da ligação com a Luz, primeiramente se dirigiam à mulher. Uma vez conquistada a mulher, eles não se preocupavam com mais nada. A mentira e o pecado contra o amor alastravam-se com a velocidade do vento. Agora pergunto: Desde aquela época a mulher se despia assim tão facilmente? Desde então a mulher separou-se do mundo da Luz?

— Sim, respondeu Leonardo, desde aquela época a mulher dirigiu os pensamentos dos homens apenas para o seu corpo. Com isso ela separou os seres humanos dos mundos luminosos do Onipotente Criador. Até hoje se fala em fazer amor, referindo-se ao sexo. Ora, sexo é algo apenas carnal, trata-se de uma atração física e nada tem de semelhança com o amor. O amor é uma irradiação do espírito e sexo é apenas do corpo terreno.

O senhor Estevão insistiu:

— Então são elas as culpadas e não nós, os homens?

— Mas nós, homens, concordamos com elas, mesmo sabendo que aquilo não era da Vontade de nosso Criador. O senhor hoje é capaz de dizer não ao sexo com elas? Com as decaídas e despidoras mulheres? Somos tão culpados quanto elas.

Uma voz rouca sobressaiu, de um moço chamado Jair:

— Por que a mulher caiu assim tão baixo?

Com segurança, Leonardo esclareceu:

— Porque acreditaram nos espíritos decaídos que disseram a elas que eram deusas, que seus corpos foram feitos para o prazer. Disseram ainda que os homens deveriam adorá-las e ajoelharem-se a seus pés.

— Bastou isso para elas acreditarem nessa mentira? Questionou novamente Jair.

— Eles se intitulavam deuses. Apareciam a elas como deuses lindos, ensinando toda ordem de mentiras. Sei que, mesmo assim, elas não deveriam acreditar, pois sabiam muito bem que o verdadeiro amor era algo completamente diferente. Sabiam que, com a perda do pudor, perderiam a intuição que as ligava ao Senhor. Caíram, então, movidas pela vaidade de aparecer. E até hoje é assim. A vaidade na mulher não a deixa novamente perceber sua queda. É uma proscrita da Luz.

— Então estamos perdidos? Falou Jair desesperado. Se ficarmos com elas, elas nos arrastarão para baixo. E agora? Eu não consigo ficar sem elas!

Pacientemente e apresentando domínio da situação, Leonardo falou com voz pausada:

— Se nós não mudarmos a nossa concepção de vida e não ajudarmos a soerguer a mulher, acredito que estaremos perdidos, sim.

— Como devemos proceder, então? Perguntou o senhor Alcides, como exigindo uma resposta convincente.

— Quando uma mulher sem pudor se aproximar de você, diga-lhe que uma verdadeira mulher não deve exibir assim o corpo. É uma atitude vulgar! Quando o homem quer se casar, jamais procurará uma mulher que se exhibe dessa maneira. Pode acontecer que assim se envergonhará.

O inquiridor continuou:

— E se isso não acontecer?

— Se ela não se envergonhar é porque além de ser despida no corpo é completamente despida de virtudes. Deixe-a, então. Busque uma mulher que tenha virtudes a oferecer, e não só beleza. Posso assegurar que ainda deve haver muitas mulheres que oferecem possibilidades de mudanças. Quando um homem busca por uma mulher de moral elevada, ele atrai exatamente assim como é o seu desejo. Caso no meio do caminho para essa busca deparar com uma mulher de moral decadente e ele se deixar influenciar por ela, e não souber dizer não a àquela tentação, logicamente a atração anterior será interrompida.

Sônia, uma dona de casa, murmurou de repente:

— Diante de tudo isso, tenho até vergonha de ser mulher!

— Essas palavras de reconhecimento sinalizam transformação íntima, dona Sônia. Uma pessoa que muda poderá auxiliar não só as mulheres de seu meio, mas também as mulheres do além que a acompanham.

— É mesmo? O senhor nunca nos falou sobre isso, reclamou Sônia.

— Estou falando agora. Todos nós temos acompanhantes do além que são atraídos pela nossa maneira de ser. Querem aprender conosco.

— Que responsabilidade, hein? Falou Sônia, meneando a cabeça. Eu, hein!

Estava terminado o encontro daquele dia.

**A**s moças já se encontravam reunidas e conversavam animadamente na sala de reuniões de “A Casa da Mãe Solteira”. Com a entrada de Sílvia e Valquíria, se calaram para os cumprimentos costumeiros.

— Meninas, hoje vamos comentar o livro da Pirâmide que estamos lendo. Quem não o está entendendo?

— Eu estou entendendo tudo, mas acreditar nos gigantes, dona Sílvia, é muito para a minha cabeça!

— Há 6500 anos, as pessoas eram mais puras de alma, portanto podiam ainda ver essas criaturas e todos os outros seres que trabalham com a natureza, adiantou-se Sílvia. À medida que o tempo foi passando nós, seres humanos, somente fomos nos interessando pelas coisas erradas que não fazem parte da Vontade de nosso Criador. Com isso, perdemos a capacidade de ver esses auxiliares, que estão ligados com a nossa vida. Eles vivem numa camada bem próxima da Terra. Diversos povos antigos podiam não só vê-los, mas também falar com eles.

— Verdade, D. Sílvia? Por que estamos ligados a eles? Perguntou Tereza.

— Porque o nosso trabalho com a natureza é preparado por eles. Quem ensinou o ser humano a separar as sementes foram eles. Quem nos ensinou a tirar as fibras para os tecidos e fazer as roupas foram eles. Quem nos ensinou quais eram as plantas comestíveis, como por exemplo, as verduras, frutas e as ervas curativas, foram também eles.

— Por que não nos lembramos disso? Perguntou Ester.

— Pelo motivo que mencionei antes. Ficamos muito ligados às matérias e lentamente perdemos todas as capacitações que nos ligavam não só com eles, mas também com os mundos superiores.

Bateram na porta, anunciando a chegada do advogado.

— Ester e eu vamos sair e vocês continuem os comentários sobre o livro com D. Valquíria. Até mais tarde.

Sílvia e Ester chegaram à saleta quando Jorge e o Dr. Ernesto conversavam animadamente. Com a chegada delas se levantaram e as cumprimentaram.

— Eu e Jorge já tivemos uma conversa sobre o assunto que nos traz aqui.

— Chegaram a alguma conclusão? Perguntou Sílvia.

— Sim, Jorge é maior de idade, portanto é consciente de sua responsabilidade.

Sílvia olhando para Jorge pergunta:

— O Senhor vai assumir o relacionamento com a Ester sem se sentir pressionado?

— Gostaria muito, mas infelizmente não tenho condições. Perdi um bom emprego e não estou conseguindo outro nas mesmas condições.

— Ele exercia a função de controle de almoxarifado. Agora não há mais vaga no mercado de trabalho, completou o advogado a informação pedida por Sílvia.

— Bem, quanto a isso, podemos ajudá-lo. O principal é o relacionamento de vocês dois. Você ama mesmo a Ester? Ou você quer ficar com ela por causa do bebê?

— Eu amo a Ester. E também quero assumir o nosso bebê. Assim que tivermos condições, poderemos nos casar.

— Se você ama mesmo a Ester, por que a fez sofrer no momento em que ela mais precisava?

— Como assim? Eu não a fiz sofrer! Respondeu prontamente o moço.

— Qual foi a sua atitude quando soube da gravidez dela?

— Fiquei chocado. Pensei logo no meu amigo que é irmão dela. Fui logo procurá-lo e dizer-lhe todo o acontecido. Ele foi tão estúpido comigo que nem tive jeito de falar que queria me casar com ela.

— Você se preocupou mais com o irmão dela do que com ela. Depois disso não apareceu mais, simplesmente se ausentou, não a procurou mais, não telefonou para mostrar o seu amor.

— É porque eu queria um emprego e saía durante o dia todo para procurá-lo.

— E custava ligar para mim? Interveio Ester.

— Quando eu pensava em ligar, você já me ligava. Brigávamos nessas ligações todas porque você só cobrava as minhas posturas. Você ligava tanto que nem dava tempo para eu ligar, protestou Jorge.

— Você já imaginou o que é engravidar e sentir que o namorado não está nem aí para o que eu estava sentindo? Você não pensou uma única vez que estava sendo indiferente comigo?

— Jorge, simplesmente você não apareceu mais. Você sabia que meu irmão pediu para eu sair de casa e que ele não ia mais tomar conta de mim? Que ele me mandou para a sua casa? Falou Ester já exaltada.

— Não, eu não sabia nada disso, respondeu Jorge desapontado.

— Você não sabia porque não telefonava, interferiu Sílvia. Porque foi egoísta para com a Ester. Você foi mesmo indiferente com o sofrimento dela. Por isso é que lhe pergunto: Você ama mesmo a Ester? Que tipo de amor é esse se, mesmo sabendo que ela concebeu um filho seu, não deu mais o ar da graça?

Ester, ainda desabafando:



— Eu pensava que você gostava de mim, mas agora não acredito mais nisso. Estou pensando em não me casar com você enquanto eu não me sentir amada.

— Puxa, como você mudou! Não esperava ouvir isso de você, falou Jorge pasmado.

— Aquela Ester boba que vivia correndo atrás de você morreu, Jorge. Agora não vou mais fazer isso. Se você me amar mesmo, vai ter que me procurar.

— Nossa! Vocês aqui fizeram a cabeça dela, é? Perguntou o moço.

— Estou aprendendo aqui a ser realmente mulher, a ter dignidade, e nem que eu esteja morrendo não vou ligar mais para você. Agora o seu amor vai ter que se revelar. Eu nem faço mais questão de me casar!

— O que você está dizendo? Não mais gosta de mim?

— Eu estou ferida, magoada, e não sei quando essa mágoa vai passar... Vai depender de você.

— E aí, Jorge? A sua posição mudou diante de tudo isso? Perguntou o advogado que acompanhava com interesse aquela sessão de desabafo.

— Vá para casa e pense bem sobre tudo. Amanhã você estará com a cabeça fria e poderá se decidir, falou Sílvia com firmeza.

— Não, já estou decidido. Se ela quiser casar-se comigo eu caso. Gosto dela. Não imaginava que a estava fazendo sofrer tanto! Desculpe-me, Ester.

— Diante disso, vamos procurar ajeitar tudo para que vocês possam ficar juntos, falou Sílvia com serenidade.

Doutor Ernesto, de imediato:

— Vamos arrumar-lhe um emprego. Nós comunicaremos a você assim que a entrevista for marcada.

A conversa daquele dia estava terminada. Ester estava visivelmente alegre com as inesperadas afirmativas de Jorge. Despediram-se com respeito, mas com muito carinho. Sílvia cumprimentou Ester dizendo-lhe:

— Parabéns, Ester, realmente esse rapaz é muito bom, ele causou boa impressão.

**A**rrumando a mesa para o almoço, Sílvia aguarda a chegada dos membros da família.

Entrando na sala, Flávia cumprimentou-a alegremente.

— Mãe, preciso conversar com todos vocês. Hoje, pela hora do almoço, vou botar todos cientes dos últimos acontecimentos.

— Eu também tenho muitas novidades.

Nisso, as duas param de falar ao ouvir a conversa animada de Roberto e Dr. Armando, que também entravam na sala. Os dois também pararam de falar para cumprimentar as duas que, pacientemente, aguardavam por eles.

— O que as minhas duas rainhas estão tramando?

— Nós duas estamos cheias de novidades.

— Aliás, a vida de todos nós está cheia de novidades, é uma atrás da outra.

Já ocupando o seu lugar, Flávia pergunta a todos:

— Vamos então às novidades. Quem vai começar? Posso ser eu?

— Pois, fale filha. Estou notando você ansiosa. O que a está afligindo?

— Eu e Cláudio resolvemos nos casar. O que vocês acham disso?

Diante do silêncio e dos olhos arregalados de todos, Flávia sorriu e acrescentou:

— Vão se acostumando com a ideia. Pretendemos realizar nossas bodas logo após a festa de formatura.

Passado o susto, Sílvia se manifesta:

— Filha, a união de duas pessoas é um passo muito sério. Sei que, apesar de sua idade, você é bastante madura, mas... para certas coisas é necessário experiência.

— O Cláudio é um rapaz educado e já está pronto para casar, ponderou o doutor Armando. Já está encaminhado na vida. Agora você, vai fazer dezenove anos. Não acha muito cedo?

— Eu e Cláudio previmos isso. Acontece que adiar não vai modificar nada. Ainda mais que vou continuar meus estudos, cursarei a Universidade e ele concordou com isso. Temos ainda três meses para preparar tudo.

— Vocês pretendem se casar também no religioso? Perguntou Sílvia, meio espantada.

— Não. Nosso casamento será abençoado no céu, tenho certeza. Ele será entre nós dois. Será realizado na presença de nossos familiares e dos amigos mais íntimos. Faremos juntos um compromisso de amor eterno e de fidelidade. Precisa mais?

— Onde se dará esse grande evento? Perguntou Roberto.

— Nisso ainda não pensamos. Mas hoje mesmo, quando o Cláudio chegar, acertaremos tudo.

— Esperemos então por isso. Agora vou contar as minhas novidades, falou Sílvia com entusiasmo. Encontramos entrada franca em muitas indústrias que vão nos auxiliar na colocação dos rapazes que quiserem assumir os seus bebês.

De imediato o doutor Armando expressou seu entusiasmo:

— Ótimo, já esperava por isso. Se você quer mesmo saber, já falei com dois clientes meus sobre isso. Foram prontos em atender ao meu pedido. Acharam a ideia excelente. Agora falta enfrentar os homens casados que engravidaram as mocinhas. Sei que também essa tarefa será bem sucedida.

**A**o iniciar a sessão de encontro com as meninas-moças, algumas estavam visivelmente ansiosas. Aguardavam o início da sessão de terapia em grupo para saber sobre o caso da Edith.

— Espero que hoje mais um caso seja resolvido, falou Valquíria: Os homens que engravidaram vocês terão que assumir as despesas. O caso da Edith é o mais complicado até agora.

Nisso, a campainha da secretária soou anunciando a chegada do Sr. Valter.

Sílvia, levantando-se, puxou Edith em direção à porta. As duas saíram. Ao entrarem na sala de reuniões, perceberam o Sr. Ernesto e Valter conversando um tanto exaltados.

Sílvia cumprimentou-os com simpatia. Edith cumprimentou-os apenas com um sinal de cabeça. Sílvia, olhando para o Valter, perguntou:

— O senhor já se inteirou da gravidez desta menor?

— Quando estivemos juntos ela já não era mais virgem. Portanto, assim como pode ser eu o pai, pode ser também outro. Quero fazer o exame para confirmação de paternidade.

— Segundo ela, o senhor foi o último homem com quem ela se deitou.

— Essa garota é de programa. Eu a encontrei com uma minissaia, sapatos de salto e passeando no centro da cidade, onde as prostitutas vão arrumar fregueses. Ela era apenas uma delas. Não aparentava essa idade.

— Você não perguntou pela idade dela? Perguntou Sílvia.

— Perguntei, e ela me disse que tinha dezoito anos. Quando já estávamos no quarto ela confessou que mentiu sobre sua idade. Eu quis parar, mas ela se insinuou ainda mais e eu acabei cedendo.

— Sendo um homem casado e já maduro, não acha que devia ter parado? Falou Sílvia com firmeza.

— Pensei tratar-se de uma prostituta, pois ela estipulou um preço. Cobrou R\$100,00. Afinal, vocês estão acreditando nessa piranha? Diga aí, Edith. Eu disse alguma mentira?

— Não, o Valter não está mentindo. Foi assim mesmo que tudo aconteceu. Fui uma ordinária, agi como uma mulher de rua. Fiz tudo por dinheiro. Desgracei minha vida, a vida de minha família e agora Valter também está sofrendo. Não quero, Valter, que sua mulher saiba de nada, para não estragar sua vida. Vou assumir nosso filho, não precisa se preocupar.

— Você terá que custear as despesas dela e da criança, falou Sílvia pausadamente.

— Isso, se eu for o pai, o que ainda não acredito.

— Só uma perguntinha, Valter, falou Sílvia de imediato, se o senhor pensou tratar-se de uma prostituta, por que não usou camisinha?

— Nunca trai minha esposa, por isso nunca andava com camisinha. Quando vi a Edith, com aquela minissaia, pernas torneadas e olhar penetrante, perdi a cabeça. Encantei-me com ela. Quero fazer o exame ainda hoje para tirar essa dúvida. Se eu for mesmo o pai dessa criança, vou assumir financeiramente as despesas dela e do bebê.

— Diante dessa afirmativa, não temos mais nada a dizer. Está encerrada esta sessão, falou o doutor Ernesto. Despediram-se ali.

Sílvia e Edith voltaram para a sessão de terapia. Ao entrarem na sala, o silêncio foi total. Esperavam sequiosas por notícias.

— Passei por um enorme vexame, se é isso que vocês querem saber, falou Edith sorrindo e colocando a mão na boca, sinalizando pasmo.

Sílvia logo perguntou:

— Como você está se sentindo, Edith.

— Sei que fiz tudo errado, mas no fundo tudo está dando certo, falou a moça alegremente.

— O que está dando certo, Edith? Insistiu Sílvia com severidade.

— Em primeiro lugar, depois da briga com minha irmã, encontrei esta casa que me acolheu com amor. Em segundo lugar, vou ser mãe. E em terceiro lugar, o Valter vai assumir minhas despesas e as do bebê. Não tenho motivos para me alegrar?

— Você está olhando somente para o lado material. Sim, tudo está se encaminhando. Contudo, você não está conseguindo enxergar o lado espiritual. Posso afirmar, com certeza, que você está muito encrocada, falou Sílvia com a intenção de levar as reflexões das moças para a gravidade do ocorrido.

Perplexa Edith pergunta:

— Como assim?

— Tudo o que mencionou de bom não conseguirá apagar ou atenuar as implicações graves que envolvem o fato:

1. Você se prostituiu. Com sua leviandade, vai conceber um ser humano numa época não preparada para ele.
2. Ele será criado sem pai. Isso com certeza o fará sofrer.
3. Você não poderá deixar de levar a culpa pela sedução de um homem casado.
4. Você levou o Valter a cometer o pecado da traição, passou a ser infiel.
5. Caso a esposa dele venha descobrir essa traição, poderá até querer romper com essa união. Veja, portanto, que sofrimento e dor você conseguiu espalhar neste mundo. Perante as Leis de Deus, você contraiu um carma pesado, não fácil de ser remido. As mudanças nas suas concepções de vida terão que ser marcantes.

— Assim a senhora está me deixando a zero, falou Edith rejeitando as razões de Sílvia.

— Você se colocou nessa situação de zero. Eu estou apenas discernindo. Você mesma disse às suas colegas que passou por um grande vexame. Você acabou de ser chamada de prostituta pelo pai de seu filho. Você mentiu sua idade para ele. Com essa atitude, você contraiu carma com todas as pessoas que está fazendo sofrer. Já imaginou o sofrimento do Valter? Ter a consciência de que traiu sua esposa? Que terá um filho e não poderá participar de vê-lo crescer? Sempre um clima opressor pairará sobre sua cabeça. Nada ficará impune. Você não sente nada em relação a isso tudo? Perguntou Sílvia procurando, tocar de leve nos sentimentos da adolescente.

— Sinto, mas não vou ficar chorando sobre o leite derramado, falou Edith dando de ombros.

— Esse leite aí derramado espalhou sujeira, portanto não se trata de coisas simples, ao contrário, são coisas muito graves! Você foi infiel ao nosso Criador. Uma mulher infiel, na sua missão de ser 'verdadeira mulher'. Espalhou veneno ao invés de amor. Dificilmente você conseguirá ser feliz, explicou Sílvia para as moças.

— Por que as coisas têm que ser assim tão difíceis? Perguntou Tamara. O Valter não foi também culpado?

— Se fossem fáceis, novamente cairíamos nos mesmos erros. Sendo difícil, o sofrimento marca a alma de tal maneira que a pessoa em questão toma verdadeiro horror do que fez. Dessa maneira, chega ao reconhecimento e ao arrependimento. Quanto ao Valter, claro, ele também errou. Foi um fraco ao se deixar engodar pela beleza física da Edith. Caiu como um pato. No livro que estamos começando a estudar se fala sobre isso. Os homens são alertados quanto ao perigo de se deixarem seduzir por mulheres decaídas, falou Sílvia, recorrendo ao último recurso para abrir a cabeça e a alma das jovens.

— A senhora está dizendo que nós somos mulheres decaídas? Perguntou Fernanda, assustada.

— Sim, estou dizendo isso mesmo. As concepções de vida das mulheres no mundo estão completamente torcidas. Já não falamos sobre isso? Que a mulher, em geral, perdeu sua condição de verdadeira mulher?

— D. Sílvia, não é porque perdemos o rumo na vida que merecemos apanhar dos homens, a senhora não acha? Perguntou Tamara.

— Não, Tamara, apanhar dos homens continua sendo uma covardia. Trata-se de atitudes extremas tomadas por parte de alguns homens.

— Alguns homens, D. Valquíria, a senhora diz alguns?

— É, essa moda está pegando, disse Valquíria. Uma grande parte dos homens já está apelando para isso!

— Se fosse apenas isso... Completou Sílvia. Já imaginaram quantas mulheres já foram assassinadas?

Cecília, meio apavorada:

— Como mudar isso tudo?

— Geralmente as mudanças são muito lentas... Estamos apenas começando... Os hábitos antigos ainda irão perdurar por muito tempo! Completou Sílvia.

— Esses hábitos estão também impressos nas almas, Sílvia? Perguntou Valquíria.

— Sem sombra de dúvida. Os conceitos foram lentamente sendo torcidos. Pouco a pouco, as mulheres foram aceitando conceitos que denigrem sua própria imagem diante dos homens.

Ester interrompeu:

— Como assim? O que foram as mulheres aceitando?

— Aceitaram, por exemplo, que a maternidade seria a principal finalidade da mulher na Terra, falou Sílvia.

— E não é? Sempre pensei que fosse, aparteou Edneia.

— Eu também, concordou Mariinha.

Outras confirmaram pensar também daquela maneira.

— Como podem pensar assim? Rejeitou Sílvia o parecer das moças. A maternidade não é a principal finalidade da mulher na Terra. Se fosse assim, estaríamos mal. Seríamos só parideiras. E como ficariam as mulheres que não podem ter filhos? Teriam falhado na sua missão na Terra? Pensem bem como esse pensar é ilógico.

— Se nós mesmas damos tão pouco valor à nossa finalidade de vida, que valor os homens podem nos dar? Concluiu Valquíria.

— Acho que também os homens pensam assim, afirmou Dione. Pelo menos a maioria deles. Minha mãe teve quatro filhas. Agora meu pai nos abandonou e ela está amargando tudo sozinha. Sempre ela diz que se arrependeu de ter tantos filhos. Ela estava se sentindo inferiorizada como pessoa. Tenho a impressão que ela está se sentindo parideira como a senhora disse.

— E você, Dione, o que pensa em relação a isso? Insistiu Sílvia na reflexão da moça.

— Penso que minha mãe errou em tudo. Ela nos incentivava a aceitar os namoricos sem nenhuma expressão. Eu mesma fiquei grávida de um homem que a minha mãe achava o máximo e eu não acho lá essas coisas!

Sílvia, insistindo:

— Por quê? Como assim?

— Eu e minhas irmãs fomos a uma balada, continuou Dione sua história. Elas estavam acompanhadas dos namorados. Há tempos o Félix andava atrás de mim. Eu não tinha companhia para sair com minhas irmãs. Não queria ficar segurando vela ao lado delas. Aceitei ir para a balada com ele. Lá conversamos sobre muitas coisas. Ele é de uma família do nordeste muito numerosa. A mãe dele teve treze filhos. Ele acha que as famílias têm que ser sempre numerosas, pois é mais divertido. Eu não penso assim. Não quero ficar criando filhos a vida toda. Filhos dão muito trabalho! Eu quero me divertir também.

— Afinal, você começou a namorar com ele? Mesmo não gostando? Perguntou Valquíria.

— Ele começou a frequentar a minha casa. Minha mãe acha que ele é um ótimo rapaz e que vai dar ótimo marido.

— E o que você acha dele? Esqueça o que sua mãe disse, insistia Sílvia nas revelações do pensar de Dione.

— Acho que ele não tem assunto. Vai para onde a onda vai. Fuma muito e eu não gosto do cheiro de cigarro. Também tem mau hálito. Dormi com ele uma vez e tive nojo. Bastou essa única vez e engravidei. Fui burra, muito burra! Não me conformo de ter caído nessa!

— Ele quer se casar com você? Ele a ama? Perguntou Valquíria.

— Ele acha que eu não gosto dele porque viro a cara quando ele vem me beijar. Ele se sente humilhado.

— Você não respondeu minha pergunta. Ele quer se casar com você? Ele a ama, afinal?

— Sim, ele quer casar comigo, mas, só quando eu não mais virar a cara para ele.

— E você quer se casar com ele? Perguntou Sílvia.

— Não. Não gosto dele. De acordo com que estou aprendendo aqui, fui uma fraca no momento de fazer sexo. Pretendo aprender alguma coisa, trabalhar e criar sozinha o meu filho. Aquele traste só sabe fazer filhos. Para outra coisa não serve. Estou gostando desta nova imagem de mulher que estou aprendendo aqui. Pretendo ser uma nova mulher. Quero ser forte para não depender do homem.

— Ótimo, Dione, elogiou Valquíria. Gostei dessa sua transformação. Mas ele será chamado aqui. Será convocado para uma sessão conosco e o advogado. De arcar com as despesas suas e do bebê ele não escapará.

Sílvia ainda fez recomendações:

— Meninas, pensem em tudo o que foi conversado aqui. Notem que em todos os casos foram a leviandade, a fraqueza íntima e a ignorância sobre os conceitos da verdadeira mulher que nortearam a vida de vocês.

— Não precisa humilhar assim, não é, dona Sílvia! Resmungou Daniela, sentida.

Risadas e sorrisos afloraram dos lábios de todas. Estava encerrada a sessão daquele dia.

**N**o escritório de Dalila, o movimento era intenso.

— Meninas, quantas pessoas a mais vocês atenderam hoje?

— Eu atendi 35, respondeu a auxiliar Denise.

— E você, Marta? Perguntou Dalila.

— Estou contando.. Ah! Atendi 26. Respondeu a moça.

Nisso a campainha toca. Denise se levanta para atender a porta. Ao abrir, se depara com a alegria do professor, buscando com o olhar a doce figura de Dalila. Dalila, distraída com os números, não se deu conta da presença dele. Mas, ao ouvir aquela voz dizendo: “Que a paz esteja neste recinto”, Dalila levantou-se rapidamente para recebê-lo. Com muita alegria se pôs diante dele, para receber o cumprimento. O professor a puxa delicadamente para abraçá-la. Dalila se entregou ao abraço.

— Muitas novidades o esperam, falou Dalila fitando-o nos olhos.

— Vamos a elas, respondeu ele sorrindo.

— Estamos registrando em torno de 50 pessoas ao dia. Estou assustada. Acho que deveremos encerrar as matrículas até prepararmos mais instrutores.

— Como sempre, você tem razão. Vou falar com o Barroso sobre a possibilidade de abriremos matrículas para formação de instrutores. Nós poderemos preparar e selecionar pessoas de boa vontade. Vai ser a única maneira de crescer com equilíbrio.

— Pois vamos para lá agora. Esperar por quê?

Após o encerramento do expediente saíram os dois.

**M**ônica e Felipe aguardam no terraço a chegada da ambulância. Ansiosos não tiravam os olhos do lado da rua onde a ambulância iria apontar.

— Como minha avó estará se sentindo?

— Deve estar radiante de estar voltando para casa.. Afinal, se está voltando é porque está melhor. Não há motivos para tristeza, Felipe. Melhore essa sua carinha para que ela se sinta bem.

— O que seria de mim sem você, Mônica? Falou Felipe com um olhar amoroso. Não abro espaço para a tristeza quando estou perto de você.

Um carro estaciona na frente da casa. Era o senhor Antônio, pai de Mônica. Felipe e Mônica apressam-se para recebê-lo.

— Quero também fazer parte da comitiva de recepção de D. Ema, falou o senhor Antônio ao descer do carro.

— Obrigado, Sr Antônio. Nunca me esquecerei desse seu gesto de amizade! Estou emocionado.

— Conte comigo, Felipe. Neste mundo temos que ser uns pelos outros. Por isso a humildade continua sendo a principal virtude a desenvolver. Se nos conscientizarmos de que somos pequenos, facilmente nos abriremos a ela.

Nisso, a ambulância aponta no início da rua. Os três se aproximaram da calçada para receber a convalescente. A doente foi retirada da ambulância ainda na maca. Os três aguardavam o momento certo de dar as boas vindas. Ela sorriu agradecida e alegre. Suas feições pálidas e emagrecidas denotavam enfraquecimento. Sem a sua vasta cabeleira, as feições pareciam ainda mais doentes. A enfermeira que a acompanhou entregou a Felipe a maleta e as sacolas com bateladas de remédios. D. Ema notou o choque dos três com sua aparência, pois não conseguiram disfarçar. Procurou acalmá-los.

— Sei que vocês devem estar chocados com minha aparência. Eu mesma, quando me olho ao espelho, fico com saudades de mim. Aquela Ema emoldurada com cabelos deixou de existir. Esta Ema careca está aqui apenas por pouco tempo. Muito em breve os cabelos crescerão novamente, falou Ema para animá-los.

— O que interessa mesmo é sua saúde. Com paciência e o tempo ela se restabelecerá, delicadamente falou Mônica.

— Seja bem-vinda em sua casa, vó. Sinto-me feliz com sua volta, falou Felipe sem conseguir esconder a emoção.

— Eu devia ter-lhe trazido flores, mas resolvi substituí-las por uma boa notícia. Essa boa notícia irá ajudá-la na recuperação, tenho certeza, falou senhor Antônio com alegria.

Todos, na expectativa, olhavam ansiosos para ele, aguardando... Diante das feições curiosas, sorriu e acrescentou:

— Consegui um bom emprego para você, Felipe. Um amigo meu está precisando de uma pessoa de confiança para assesscrá-lo em sua fábrica. Está disposto a ensinar tudo para você, será o homem de confiança dele. Já fiz sua cama, agora é só deitar nela.

Mônica correu para abraçar o pai.

— Obrigada, pai! Com essa atitude, você está tirando um fardo das costas de todos nós.

Felipe, contendo as lágrimas, foi ao encontro dele para abraçá-lo e agradecer.

— A gratidão é tanta, que neste momento quero selar uma amizade que irá perdurar por toda a nossa vida na matéria e fora dela. Obrigado pela confiança. Não vou decepcioná-lo.

— O senhor acertou, Sr. Antônio, falou Ema com alegria. Com essa notícia sei que vou me restabelecer logo, pois a paz estará comigo.

— Vó, a primeira coisa que quero fazer é contratar uma enfermeira para cuidar de você.

— Pai, estamos aprendendo em nossos estudos com o professor que: 'Quem dá, recebe.' O senhor já parou para pensar, o quanto o senhor está acumulando de créditos no seu tapete de vida? Falou Mônica, emocionada, pegando carinhosamente na mão dele.

— Já estou recebendo, filha. Aliás, entre todos aqui presentes, sou eu quem mais está recebendo. O meu maior presente é ver a alegria de todos.

— Isto merece uma comemoração. Vou preparar alguma coisa...

Felipe saiu e Mônica o seguiu:

— Vou ajudar você, posso?

**O**s alunos de Suely estavam ansiosos para proceder aos comentários sobre a 2ª reunião com o professor Hércules. Após os cumprimentos costumeiros... Senhor Hélio, tempestuoso:

— Posso começar hoje com meu rosário de perguntas?

— Vamos lá. Pode começar.

— O professor Hércules disse na última reunião que ainda está em tempo de desacelerarmos o desenvolvimento do raciocínio e acelerarmos o desenvolvimento da intuição. Em que medida poderemos fazer isso? Gostaria de proceder assim como ele sugeriu. Como fazer isso? Perguntou muito indeciso o moço.

Suely pensou por alguns segundos:

— Sr. Hélio, basta que o senhor comece a estudar as leis naturais. Se o senhor se dedicar a isso, ocupará o tempo que normalmente o senhor ocuparia com o desenvolvimento do cérebro, para desenvolver sua intuição. À medida que o senhor se dedicar ao estudo dessas leis, para conhecê-las bem, e se inserir por inteiro dentro delas, estará assim equilibrando a sua vida. Não mais estará somente se ocupando com a vida na matéria.

— Assim, tão fácil? Imaginava algo tão mais difícil! Se eu seguir isso deixarei de ser materialista? Animado perguntou.

— Deixará, sim. Com o tempo, todos os conceitos de sua vida serão norteados pelas leis naturais.

Hélio, ainda não muito convencido, continua:

— Mas, e a intuição? Onde ela entra aí?

— O estudo das leis naturais nos obriga a analisar e a refletir sobre todos os conceitos de vida atuais, não é assim? Através de análises e reflexões, estaremos acionando nossa intuição. Não haverá outro caminho para esse desenvolvimento.

— Chegou a minha vez? Posso agora tentar dissipar minhas dúvidas? Perguntou senhor Edmundo.

— O Professor Hércules disse na reunião que, devido a nossa intuição estar inativa, a supremacia do uso do raciocínio nos levou a considerar que somos donos de tudo na matéria. Disse ainda que, devido a isso, começou a depredação da casa do senhor. Quer dizer que, quando compramos um pedaço de terra, não somos dono dela?

Sorrindo, Suely respondeu:

— Sr. Edmundo, tanto aquele que tem o registro de posse de umas terras, como aquele que compra um pedaço dela, devem se lembrar que o legítimo Dono delas é Quem criou tudo. Somos apenas hóspedes neste mundo. O Dono das terras permite que seus hóspedes plantem, colham, sem contudo depredarem aquilo que receberam como empréstimo.

— Agora entendi. É a mesma coisa quando ocupamos uma casa de aluguel. Não temos o direito de estragar aquele imóvel que não nos pertence, ponderou.

— Exatamente, concordou Suely.

Solange, que até agora acompanhava com muito interesse o aparte de todos, falou reagindo ao que ouviu:

— Quando eu alugo uma casa, não estou pagando o aluguel? Ora, se pago o aluguel, posso fazer o que quiser dentro dela.

— Como assim, Solange! Você paga o aluguel para se abrigar e isso não lhe dá o direito de deprestar esse imóvel, pois ele não lhe pertence.

— Há o desgaste natural quando moramos em uma casa. Se esse desgaste é natural, por que devo consertar? Até hoje não aceito essa ideia de pintar o imóvel para devolvê-lo a seu dono, ponderava Solange, irritada.

— Isso é falta de amor ao próximo, não é? perguntou Vanda.

— Dona Suely, essa maneira de pensar da Solange, não indica que ela não está se deixando levar pela intuição e sim pelo raciocínio? Ponderou Hélio.

— É isso mesmo, concordou Suely. Essa maneira de pensar denota egoísmo e falta de amor ao próximo. Essas ponderações são do raciocínio. A senhora não consegue respeitar o dono do imóvel?

— Não, não consigo. Por que devo respeitá-lo se ele já recebe o aluguel do imóvel para seu sustento? Reagiu tempestivamente Solange. Se para respeitá-lo preciso desembolsar dinheiro para pintar um imóvel que não me pertence, não posso respeitá-lo.

— Agora entendo melhor quando uma pessoa deixa-se levar pela intuição ou pelo raciocínio. O raciocínio sempre encontra argumentos egoísticos e ilógicos, ponderou Vera com convicção.

— A nossa aula de hoje está terminada. Pensem bem sobre tudo o que conversamos aqui. Deixem a intuição falar alto, advertiu Suely.

**A**s moças, reunidas, na “A Casa da Mãe Solteira” tagarelavam sobre o livro. Não compreendiam as coisas mais simples, pois a vida delas até agora girava em torno de superficialidades, fofocas, maledicências... Sílvia, reunida com Valquíria e Patrícia, conversavam sobre Juracy, professora de culinária. Ela estava perdendo a paciência com as meninas grávidas. Às vezes a tagarelice delas chegava a dar fastio nas pessoas em volta.

— Dona Juracy tem perdido a paciência com elas, porque ficam brincando demais na hora de aprender as receitas de tortas e salgados. Outro dia, a Daniela deixou cair uma forma de torta de camarão. Ficou fazendo gracinha e o pior aconteceu.

— A vida delas mudou muito, ponderou Patrícia. A sintonia de até então era apenas com o mundo. Agora precisam de tempo para amadurecer. Mas vou falar com Juracy e com elas.

— Se deixarmos passar alguma falha, elas vão repetir sempre os mesmos erros. No decorrer dos dias isso se tornaria enfadonho, disse Valquíria mostrando severidade.

Ao toque do sinal, as três se levantaram e caminharam em direção à porta. Na sala de terapia, as moças já estavam à espera das instrutoras.

— Antes de dar início à sessão de hoje, gostaria de pedir a vocês que brincassem menos durante as aulas de D. Juracy. Com as brincadeiras constantes, ela poderá se cansar e vir a perder a alegria de viver e de trabalhar. Vocês se tornarão responsáveis por isso. A busca da harmonia é um dever de cada um.

— Ela reclamou de nós? Perguntou Daniela.

— Não, ela nada comentou e muito menos reclamou. Porém, eu tenho notado que ela anda sisuda e se isolando de todas nós, explicou Sílvia.

— Estava passando pela cozinha e parei para ver a algazarra e a queda da torta, falou Patrícia. D. Juracy colocou a mão na cabeça e virou os olhos para o alto, um tanto irritada.

— Coloquem-se no lugar dela, disse Valquíria, passando o olhar sobre as meninas. Com grande esforço prepara as aulas. Com amor, quer passar para vocês o gosto pelo alimento saudável.



Contudo, as brincadeiras desviam a atenção de vocês para bobagens. O que deverá ela sentir? Amor? Dedicção? Alegria? Não, deverá sentir tristeza e desânimo.

Sílvia, conccrdando, ainda completou:

— Com isso, meninas, vocês se tornam responsáveis. Conseguiram, através de brincadeiras tolas, fazer uma pessoa infeliz. Isso, um dia, retornará. Vocês terão que sofrer em dobro o que estão fazendo a ela. A lei do retorno não perdoa uma única falta de um ser humano. Quem semeia dor, colherá dor. Quem semeia tristeza, colherá tristeza. Não é linda a Justiça?

— É tudo assim mesmo! Nada escapa da Justiça! Concordou Célia. Já entendi isso.

— Felizmente não, nada escapa. Se não fosse assim, não seria horrível? Já imaginaram as pessoas poderem sempre prejudicar as outras e não pagarem por isso? Quem viveria bem se não fosse essa ilimitada e inexorável Justiça de Deus? Expressou Sílvia sua convicção.

— Credo, eu não sabia disso, falou Tereza medrosamente, nunca ninguém me ensinou isso. Estou perdida. Como poderei pagar todo o mal que fiz à minha irmã mais velha? Vou ficar pagando até quando?

— Se você mudar a sua maneira de ser e procurar conseguir o perdão dela, depois de algum tempo conseguirá liquidar esse débito.

Tereza reagiu, desanimada:

— Ela nunca irá me perdoar. Tenho certeza.

— Não se deixe levar por suposições, ponderou Sílvia. Diante de uma pessoa doce, humilde e arrependida, dificilmente um rancor sobreviverá. Você não quer tentar? Perguntou Sílvia.

— Minha irmã Amélia amava perdidamente o Cássio. Eu também comecei a gostar dele. Eles tinham um amor muito bonito. Parecia que se amavam de verdade. Um não vivia sem o outro. Estavam sempre juntos nos passeios, nos barzinhos, e nas competições esportivas. Eu via aquilo com inveja, pois sou eu quem queria estar no lugar dela. Comecei a me insinuar para ele. Bastava minha irmã sair de perto, até para ir ao banheiro, que eu me aproximava dele com insistência. Não deu outra, ele contou à minha irmã que eu estava dando em cima dele.

Daniela interpelou:

— Aposto que ela te deu uns petelecos.

— Não, não me bateu. Amélia chamou-me para uma conversa. Confirmei que também gostava dele e que, daquela data em diante, eu lutaria por ele. Amélia pareceu decepcionada, mas não me atacou e nem cortou comigo as relações. Apenas me tratava com indiferença, falou Tereza com ares de importante.

— Você não sente amor por sua irmã? Perguntou Valquíria.

— Claro, gosto de minha irmã, mas gosto mais de mim. Tudo parecia estar como antes, até que aconteceu o pior. Fui até a casa dele para levar umas pamonhas, fresquinhas. Ao abrir a porta, Cássio me cumprimentou, sem contudo me convidar para entrar. Mas eu me convidei. Ele ficou sem graça em impedir aquela invasão. De repente, percebi, sem querer, que ele estava sozinho em casa. Atirei-me sobre ele e aconteceu o pior. Infelizmente, Amélia chegou e nos flagrou juntos. Ela começou a chorar e saiu correndo para a rua. Para encurtar a história, fiquei grávida dele. Acabei com aquele romance. Falou Daniela, aparentando não sentir remorsos.

— Como você se sente agora? Perguntou Valquíria.

— Agora, de acordo com essa Lei, que cada um colhe aquilo que planta, sei que vou ter que pagar por todo o sofrimento que impus a ela. Estou até com medo.

— Qual foi a reação de sua irmã quando soube de sua gravidez? Perguntou Sílvia.

— Amélia e minha mãe me puseram numa geleira. Sequer olham na minha cara. Fingem que não me conhecem. Se pergunto alguma coisa, não me respondem. Isso me faz muito mal. Na hora que mais precisava delas para dividir a minha aflição, elas se posicionaram contra mim.

Patrícia, espantada com as palavras de Tereza, não se conteve:

— Como?! Você ainda acha que elas deveriam dividir a aflição com você? Que egoísmo é esse? Você traiu, foi corresponsável pelo erro do Cássio que se deixou seduzir, causou uma grande dor a todos, e agora quer compreensão dos atingidos? Você vibrou na inveja, na baixa sedução, no

egoísmo e ainda não reconheceu os seus erros. Você está destinada a sofrer e muito! Você mesma traçou o seu destino. E o Cássio? Qual foi a reação dele?

— Nunca pensei que o Cássio fosse sofrer tanto! Foi pedir desculpas para minha irmã. Ela o recebeu com muita educação. Disse-lhe que o perdoava, sim, mas que não reataria com ele. ‘Preciso de um homem forte, Cássio, mas você é um fraco.’ As lágrimas correram pela face dele.

— Que carma terrível você contraiu com sua irmã e com o Cássio, falou expressivamente Sílvia. A Lei do Retorno irá atingi-la com certeza.

— A senhora fala assim só para eu ficar com medo, não é? Falou Tereza já menos arrogante.

Sílvia reagiu:

— Claro que não. O que digo é a mais absoluta verdade. Você terá que sentir toda a dor que causou a ambos, por ter impedido que aquela ligação de amor se realizasse!

— Você parou para pensar na dor de Amélia? Ponderou Valquíria. Veja se você consegue se colocar no lugar dela.

— Não, não consigo, laconicamente falou Tereza.

— E ainda, Tereza, essa criança que chegará ao mundo, também sofrerá a dor de não ter seu pai por perto! Vá somando o estrago que você fez, falou Sílvia com severidade.

Tereza parecia insensível diante das palavras contundentes de Sílvia. O egoísmo a cegava.

— Bem, meninas, tenho uma notícia boa e uma ruim, falou Sílvia mudando de assunto. A boa é que chegou o resultado dos exames de vocês. A notícia ruim é que uma de vocês é portadora do vírus HIV.

As meninas se alarmaram. Pareciam que todas falavam ao mesmo tempo. Sou eu? Sou eu?

— Calma, muita calma! O nome dessa portadora do vírus ainda não será revelado, falou Valquíria. Por precaução e por consideração, reservamos o direito de silenciar diante desse fato.

— Oportunamente o nome será revelado, pois um tratamento especial não poderá ser ocultado, esclareceu Patrícia.

— Mas, por que todo esse segredo? Perguntou Célia, visivelmente preocupada.

— Vocês primeiramente terão que aprender tudo sobre essa doença. Sobre essa doença terrível que tantas vidas tem ceifado, falou Sílvia impressionada com as feições preocupadas das meninas.

Valquíria informou ainda:

— Para vocês terem uma ideia, somente na África mais de duas mil pessoas morrem por dia, vitimadas por essa doença.

— Já aprendemos tudo sobre essa doença quando estávamos na escola, informou Ester. Inclusive, aprendemos que, para termos sexo, precisamos usar a camisinha.

— Sim, essa doença é transmitida através do sexo e através do sangue. Trata-se de uma doença cármica. Ela surgiu em consequência do aviltamento do sexo. O sexo depravado, desvirtuado e ainda antinatural, trouxe como consequência essa doença terrível, falou Sílvia pausadamente.

— Quer dizer que todas as pessoas que praticam sexo, de uma maneira errada, vão contrair essa doença? Perguntou Mariinha.

— Toda depravação sexual é contra as leis naturais. Outras doenças também são transmitidas através do sexo. De uma maneira ou de outra, as pessoas, cuja prática sexual é antinatural, serão atingidas por doenças graves. Estão incluídas também as pessoas que não praticam esse tipo de sexo, mas alimentam em seus pensamentos toda uma sexualidade depravada, continuou Sílvia.

Mariinha pôs-se a chorar copiosamente. Naquele momento era inútil tentar consolá-la. Silêncio, somente silêncio, em respeito àquela demonstração de dor de alma. Algumas das colegas, espantadas, tentaram esconder também as lágrimas.

Valquíria sinalizava com o dedo sobre os lábios, para que continuassem em silêncio:

— A reunião de hoje está terminada, falou Sílvia baixinho.

As três instrutoras saíram em silêncio.

**N**a residência do professor Hércules, enquanto Dalila organizava uma papelada, o professor buscava algo na Internet.

— Dalila, estou procurando, na Internet, um recanto maravilhoso onde acontecerá as nossas bodas. Em contato com a natureza sei que os servos de nosso Criador estarão presentes. As irradiações de gratidão deles, juntamente com as nossas, terão mais força. O que você acha disso?

Dalila levantou-se de sua mesa de trabalho. Foi para junto dele, buscando na tela do computador a paisagem que ele olhava... Após um silêncio, acrescentou calmamente:

— Eu idealizei o evento perto de uma cachoeira... As irradiações da água, com a pureza que ela encerra, virão de encontro ao que sinto dentro de minha alma.

— Ch! Minha querida! Que bom que você disse isso. Vamos localizar então essa cachoeira para servir de palco para a nossa união!

— Nossa união será eterna, sinto isso. Quem assistir a esse enlace, sentirá saudade de algo maravilhoso que tem guardado dentro de sua alma! Saudade de uma vida anterior, onde vivenciei momentos de grande alegria e que deixou marcas profundas.

— Será um lembrar... Completou Hércules.

— Sabe, às vezes, sinto que todo este grupo de agora são velhos conhecidos nossos! Já estivemos juntos em outras vidas!... Todos eles deverão compartilhar conosco nosso grande momento, pois todos são muito queridinhos.

— Sinto a mesma coisa! Grande confiança e amor nos une a todos eles!

**N**a residência do doutor Armando, a família estava toda dispersa. Cada um em seu canto cuidava de coisas do próprio interesse.

— Onde estão nossos filhos? Perguntou o doutor Armando, ao entrar na saleta onde Sílvia se encontrava.

— Em seus quartos, estudando para as provas de final de ano.

— Será que não poderiam interromper um momento para conversarmos sobre a nossa vida?

— Armando, vá até eles e proponha isso.

— Vou fazer isso. Caminhou apressadamente para as escadas que ligava ao pavimento superior. Bateu na porta de Roberto.

— Pode entrar, a porta está aberta.

— Estamos muito apartados uns dos outros. Estou sentindo falta de nossas trocas de vivências.

— Ah! Pai! Desde que Flávia começou com esse namoro, parece que nossa família se separou.

— Vamos descer e conversar lá embaixo. Chamarei por Flávia.

Em poucos momentos, estava reunida novamente aquela família em redor da mesa de jantar. Sílvia, dando os últimos retoques na mesa, foi a primeira a se expressar:

— Ao que parece, será nossa reunião de hoje muito rica!

— Por quê? Hoje é algum dia especial? Perguntou Flávia.

— Há tempos não nos reunimos todos assim como hoje, falou o doutor Armando, em tom de reclamação. Você, Flávia, tem estado muito ausente. Na hora do jantar gosto que todos estejam presentes! Olhando fixamente para a filha, percebe um certo desaponto. Já está preparando o enxoval?

— Isso mesmo, pai. O horário melhor para compras é à tardinha. As lojas estão vazias. Sempre sou bem atendida.

Sílvia, interrompendo:

— Vamos às novidades? Quem irá começar? Fale você, Roberto.

— Bem, o meu grupo de estudos já atingiu um ponto, que poderão estudar sozinhos. Eles já têm o básico, agora é só caminhar pela trilha aberta. Deverão se dedicar com muito empenho às leituras. Uma reunião por mês, para sanar as dúvidas, será o suficiente.

— Sabe, filho, acho que você tem razão. A minha turma também está preparada para caminhar pelos próprios pés, concordou o doutor Armando.

— É mesmo um caso para se pensar. Já temos quatro meses de aula e duas reuniões com o professor. Vamos propor ao professor iniciarmos uma nova turma.

— Após o jantar, poderemos ligar para o professor e marcar uma reunião no clube para amanhã, sexta-feira, propôs Flávia.

Assim fizeram. O professor e Dalila gostaram dessa reunião, pois queriam aproveitar o ensejo para anunciar o casamento. Melhor oportunidade, impossível.

Uma chuva fina e fria caía naquele início de noite, daquela sexta-feira. Aos poucos foram chegando as alegres criaturas daquele grupo coeso. Cada um que chegava, parecia uma festa. Com a chegada do professor teve início a esperada reunião. Roberto, adiantando-se, pediu licença para que ele e seus quatro colegas cantassem uma canção, cuja letra fora escrita por Gabriela.

### Aos amigos enteais

Do Olimpo, Zeus e Hera  
Irradiam amor e tristeza.  
Tristeza pela maltratada natureza  
Que outrora fora tão bela!

Enteais para as montanhas,  
Para as minas e para as fontes,  
Beleza para os mares e oceanos,  
Fadas, muitas fadas para as flores!

Nossos amigos construtores  
Também cuidarão da expulsão  
Dos seres humanos depredadores,  
Despidos de alma e sem coração.

Do Olimpo, Zeus e Hera  
Lá desfrutam do castelo  
Mas, trabalham com afinco  
Sempre construindo o belo.

Repetiram o refrão com grande concentração. Muitas palmas e ovação por aquela iniciativa e inspiração. Mostraram seus autores o quanto conseguiram desenvolver o amor e gratidão para aqueles que, com seu incansável trabalho, nos fornecem abrigo e farta alimentação.

— Estou emocionado com essa canção. Com ela vocês vão conseguir penetrar nas almas sedentas. Espero que essa canção nos dê inspiração para um trabalho produtivo. Alguém mais tem algo especial como essa canção para iniciar nossa reunião?

— Professor, se todos concordarem, posso iniciar com minhas vivências, propôs Roberto.

Depois da geral aprovação, Roberto continuou:

— Cheguei à conclusão de que meus alunos atingiram um ponto em que podem estudar sozinhos. Já pegaram o ritmo do estudo e já estão despertos para buscar o saber de que necessitam. Poderemos marcar uma reunião mensal, onde as dúvidas poderão ser sanadas.

— Os meus também, creio que já estão preparados para estudarem sozinhos, concordo com Roberto, falou o doutor Armando.

— Vocês concordam com Roberto e com o Sr. Armando?

A aceitação foi geral e por todos aplaudida.

— Coisa melhor não poderia acontecer, pois as dificuldades em preparar instrutores continuam. Poderemos, então, chamar os inscritos que estão sempre telefonando solicitando ensinamentos, falou Dalila com animação.

— Agora que vocês já estão mais preparados, poderíamos colocar um número maior de alunos em cada classe, vocês não acham?

— Com um número reduzido de alunos, o aproveitamento é maior, penso eu, falou Suely.

— O nosso assunto prende muito a atenção das pessoas, portanto poderemos ter um número maior de alunos, foi a sugestão de Patrícia.

— Somos livres para aplicar aquilo que achamos melhor. Cada um poderá ter quantos alunos desejar, sugeriu Dalila.

— Esse assunto já foi então esclarecido? Todos estão elucidados? Alguém tem mais alguma coisa para dizer?

Não, não tiveram nada a dizer. Todos concordaram.

Dalila se levantando fez então sua proposta.

— Posso, então, marcar para a próxima segunda-feira a reunião com os novos alunos? Durante esta semana, façam as despedidas com essa turma atual, e na próxima semana, então, iniciaremos as atividades com os novos interessados.

— Alguém mais tem algo a dizer?

— Professor, ainda não falamos sobre as doenças graves que atualmente assolam a humanidade. Sei que se trata de doenças cármicas. Gostaria de saber mais sobre elas, falou o senhor Antônio.

— É justamente esse assunto que gostaria de abordar, concordou o doutor Armando.

— Vamos então abordá-las. Doenças atingem os corpos daqueles que estão em desequilíbrio com o espírito. Também aqueles que sacrificam seus corpos, com uma alimentação errada. Movimento físico inadequado com o tipo de vida que levam, ficam sujeitos às doenças também. Mas, falemos apenas das doenças graves. A AIDS, por exemplo, é uma doença que surgiu em consequência do aviltamento do sexo. É, portanto, uma doença cármica.

Luizinho deu seu aparte:

— Parece que já estão encontrando o remédio que vai acabar com a AIDS.

— Se encontrarem um remédio para acabar com a AIDS, surgirá outra doença, ainda pior que essa, para atingir as pessoas que praticam sua sexualidade de uma maneira antinatural, depravada ou ainda em excesso, falou o professor, dando ênfase às suas palavras. Não deixa de ser um aviltamento às Leis Naturais. Uma consequência desses erros sempre surgirá, pois como vocês sabem nada ficará impune. Não se trata de castigo, apenas o simples fato de que 'para toda ação, haverá sempre uma reação.' Vocês acham que existe outra forma de ensinar? O ser humano que prestar atenção nesse fenômeno aprenderá com facilidade o que as Leis nos ensinam com amor.

— Se as leis terrenas agissem da mesma forma, quanta coisa poderia ser diferente! Ponderou Felipe.

Doutor Armando enriqueceu as ponderações de Felipe:

— Fico às vezes alarmado ao confrontar os efeitos das leis terrenas com os das leis divinas. Paro para pensar diante disso e vejo que somente um Juízo da pior consequência poderá acabar com todos esses erros. Os efeitos dessas leis terrenas são tantos, e tão confusos, que ser humano algum conseguirá abordar tudo em apenas uma vida terrena.

— Elaborar leis terrenas que estejam se contrapondo às Leis Divinas representa mais uma tragédia humana. Sabe o que isso representa? Desmerecer a Justiça Divina, aviltá-la, desprezá-la... As consequências já estamos colhendo... Desconfiança já faz parte de todos os corações! Já ninguém acredita mais na Justiça terrena, explicou o professor.

— É fácil compreender isso, prosseguiu o doutor Armando. As leis terrenas foram elaboradas pelo raciocínio, conseqüentemente puderam florescer a desonestidade, a cobiça e a insensatez.

Diante disso o professor sugeriu:

— Vamos falar então das leis divinas: ‘Tudo que semeamos teremos que colher.’ O sexo foi criado para uma finalidade. Essa finalidade também foi torcida pela criatura humana. Ela continua pura apenas nos animais. Conseguiram pensar nisso?

Roberto foi mais fundo, pois já tinha experiências.

— É mesmo, vejo lá no sítio como o sexo entre os animais é sempre natural.

— Há um conjunto de valores que regem o universo humano, que chamamos de ‘Moral’. No entanto, alguns ideólogos da indústria cultural dizem que essa moral é apenas um verniz, que retoca as aparências do universo humano. No entanto, não é assim: a moral é uma questão de sobrevivência do homem neste mundo. Essa promiscuidade que assola os costumes é o princípio da degeneração da espécie humana, falou o professor, demonstrando preocupação.

— É mesmo, aparteu o senhor Antônio. Podemos falar da degeneração da nossa espécie. Se analisarmos as consequências dessa degeneração, veremos que foi todo esse descambar dos costumes que deu origem a todos os problemas graves que a humanidade está enfrentando!

— Novamente, temos que lembrar que tudo começou com a queda da mulher. Infelizmente, aquela que poderia levar a humanidade para o Alto, para uma sintonia superior, desenvolvendo a nobreza dos costumes, arrastou-se para baixo, para uma sexualidade depravada, imoral e antinatural, lembrou o professor.

— Infelizmente tudo isso é absolutamente certo, concordou Sílvia. A degeneração da espécie provém do íntimo de cada mulher que se deixou envolver por tanta vaidade.

— O pior é que o primeiro sintoma dessa decadência geral dos costumes é a própria diminuição da capacidade de percepção dessa decadência, a dificuldade cada vez mais acentuada de discernir o certo do errado. Vocês entendem esse fenômeno? Perguntou o professor, olhando as feições de incompreensão.

Débora mostrou sua dúvida.

— Não, não entendi, como se dá isso?

O professor então começou novamente:

— Quando uma pessoa comete algum erro contra alguma das leis do Senhor, a percepção dela abaixa, como se ela caísse em um buraco fundo. De lá, não mais enxerga o que estava em cima, antes de cair. Isso não é lógico? Da mesma forma acontece no espiritual. A decadência de um costume faz a pessoa deixar de enxergar que está em queda, portanto ela não percebe que está caindo, isso dificulta a percepção do certo e do errado.

Gabriela viu ainda mais:

— O íntimo das pessoas parece que vai se enrijecendo ao aceitarem, de maneira bronca, as argumentações das pessoas intelectivas, e isso é devido ao fato de elas já estarem caídas em sua percepção; estou certa?

Patrícia concordou:

— Isso! Pessoas degeneradas querem incutir nos outros a ideia de que todos podem entregar-se desenfreadamente a toda sorte de abusos sexuais, sem necessidade de se mortificarem com sentimentos de culpa.

— E, no entanto, sentimentos de culpa são boias de salvação, pois provêm do espírito. Essa degenerescência não pertence ao espírito. O íntimo luta para se libertar dela, completou o professor.

— Então o sentimento de rejeição a si mesmo é, nesse caso, um bom sinal? Interveio Otávio que se envolveu por inteiro com o assunto.

— Indica que a pessoa ainda pode escapar do pântano dos baixos costumes em que se deixou aprisionar. Naturalmente, apenas se ela quiser realmente, explicou o professor.

— Então, o impacto de profundos sofrimentos é, para o autor, o maior auxílio que pode receber, pois somente assim poderá refletir sobre o erro que cometeu, desejando nunca mais reincidir naquilo! Estou certa, professor? Perguntou Flávia.

— Sim, Flávia. É um efeito da lei do Amor. Esse é o caminho normal, dentro das leis naturais, e conduz ao reconhecimento, ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento íntimos.

— Há casos, contudo, em que o ser humano, acometido pelo sofrimento, se revolta com o que lhe atinge e não consegue perceber que foi ele mesmo o causador, interveio Cláudio com o seu pensar.

— Nesse caso, não só deixará de remir uma culpa anterior como ainda se enredará cada vez mais, gerando sempre novos e mais graves sofrimentos, completou o professor sua explicação. Hoje, no grande remate final da existência humana, quem se permite um comportamento sexual depravado, quem se deixa contaminar pela epidemia da imoralidade, está sujeito a contrair o vírus da AIDS ou ainda outras doenças, tão graves como esta. A AIDS surgiu em cumprimento da Lei de Causa e Efeito, como elemento purificador, pois hoje, mais do que nunca, a Vontade do Senhor intensifica e acelera a limpeza nesta Terra, novamente confirmou o professor essa verdade para que ela se gravasse nas almas dos presentes.

— Professor, e aquelas pessoas que contraíram a AIDS por algum outro meio que não através do contato sexual?

— De alguma forma essas pessoas deram ensejo para que essa doença se efetivasse. Sempre, mas sempre, tem como causa a própria pessoa atingida, seja pelo que ela inseriu no mundo de formas de pensamentos, seja pelas condições anímicas que já trouxe de outras vidas. Na época atual, tudo tem de ser resgatado. Tudo! A Justiça Divina é atuante, vigilante e perfeita, falou o professor, dando ênfase em suas palavras.

— Em meu grupo tenho uma senhora que disse ter muita dificuldade em controlar seus pensamentos em relação à sua sexualidade. Ela perde o sono e fica girando na cama até pela madrugada, falou Suely.

— Essa é uma entre milhões que alimentam pensamentos impuros sobre o sexo. Mesmo que ela não dê vazão a esses pensamentos impuros, e mesmo que ela não pratique essa sexualidade, ela poderá adquirir o vírus da AIDS através da manicure, do dentista e de outros meios. De alguma forma ela será atingida, pois, como eu disse antes; a Justiça de Deus é vigilante e perfeita. Mas, vejam, não se trata de castigo, o Senhor não castiga ninguém; trata-se da Lei de Causa e Efeito, a pessoa mesma inseriu no seu destino os sofrimentos pelos quais está passando.

— E o câncer? Trata-se também de uma doença cármica, não? Poderia falar mais sobre ela? Perguntou Leonardo.

— Muitas vezes uma doença cármica somente se manifestará numa idade avançada. O câncer é uma doença cármica também, como todos já sabem. O germe dessa doença já vem com o nascimento. Trata-se de substâncias contrárias à vida que perturbam o equilíbrio da alma. Tais substâncias pertencem à falsa crença, abuso da força sexual e a blasfêmia... Portanto, percebam: tais substâncias estão na alma do canceroso. Influências externas apenas não podem provocar tal doença.

— E quando surge o câncer em crianças? Perguntou Sílvia.

— Isso prova a cumplicidade dos pais. Esses pais adquiriram essa culpa, durante diversas vidas anteriores.

— Sabe, temos um conhecido que dá dinheiro para seu filho mesmo sabendo que ele se droga. Ele que sustenta o vício dele. Quando interrogado sobre isso, ele respondeu: 'É preferível ver meu filho drogado do que ladrão ou assassino. Ou ainda sendo assassinado pelos traficantes', falou Leonardo.

Iracema completou:

— Isto já faz parte da decadência, não é professor? Pensar dessa maneira é inadmissível.

— Claro. É a degeneração de nossa espécie. Vejam quão nocivo pode se tornar um homem, uma mulher ou mesmo jovens... mesmo crianças. Crianças pequenas que não foram educadas com severidade, tornam-se verdadeiras tiranas para os pais e até para o ambiente.

— O que mais podemos ver hoje em dia são pessoas nocivas, ponderou Leonardo.

— Existem tantos fios de culpa, na vida humana, que vocês nem podem imaginar! Mostrou o professor.

— Como poderá ser resgatada a culpa dessa doença? Perguntou Sílvia.

— A pessoa acometida dessa doença tem de se transformar interiormente. Esforçar-se pelo reconhecimento da Verdade. Assim que o que existir de bom dentro dela reaparecer, os sintomas de um câncer em formação junto a sua alma e seu corpo astral desaparecerão. Assim, a doença em seu físico não será mais nutrida.

— Isso não elimina o tratamento físico, não é? Concluiu Felipe.

— Claro que não. A medicina atual foi criada para a humanidade atual. Todo tratamento é válido. Também a Alquimia poderá ser aplicada. Outros tratamentos com ervas também darão bons resultados.

— Terminou o nosso horário, professor, interrompeu Dalila. Chegou a nossa hora. O senhor quer falar com eles?

— Sim. Puxando Dalila pela mão, acrescentou:

— Eu e Dalila resolvemos nos casar logo depois dos festejos de final de ano. Ainda não encontramos o local para isso. Estamos à procura de um local junto a uma cachoeira, pois esse é o nosso desejo.

Todos levantaram-se, batendo palmas. A alegria e a emoção fez parte do ambiente. Cláudio esperou que voltasse a calma e pediu licença para falar:

— Flávia e eu também decidimos nos casar por essa ocasião. Na fazenda de minha família há uma linda cachoeira que poderá servir de palco para tão especial união. O que vocês acham? Gostariam de conhecer no próximo final de semana?

Dalila e o professor se entreolharam com espanto e admiração.

— Por que então não faremos lá os dois enlaces? Sugeriu Dalila.

— O senhor não se opõe, professor? Falou delicadamente Flávia.

— Claro que não. Mas tenho algo a dizer. Os nossos convidados serão apenas aqueles que estão nesta sala. Caso outras pessoas compareçam, podem atrapalhar a pureza do momento com seus pensamentos. O 'querer' delas ainda está muito preso às matérias, portanto não sentem saudades do Alto, saudades dos reinos superiores e muito menos saudade dos enteais que lá exercem o seu trabalho.

— Sem dúvida, outras pessoas que não sabem ou não acreditam na presença dos enteais servirão de obstáculos para a presença dos nossos amigos, completou Flávia.

Estava terminada a reunião daquele dia. Muitas palmas, muita alegria. Formando grupinhos, encaminharam-se para o restaurante do clube.



## REUNIÃO DOS ALUNOS DO 3º ANO

Chegara o momento de preparar a festa de formatura. Gabriela abriu a reunião, convidando todos para dar a sua opinião:

— Vou escrever no quadro os itens que devemos abordar.

1. Local: faremos no anfiteatro?
2. Faremos o baile? Onde?
3. O convite será extensivo ao povo que conosco estuda?
4. E as despesas? Quanto custará? Todos nós poderemos pagar? Não deveremos fazer uma festa de acordo com a situação dos menos afortunados?

— Está aberta a sessão. Quem quer ser o primeiro?

— Gostaria de dar minha sugestão antes de respondermos a essas perguntas, disse Leonardo com muita expectativa.

— Por mim já tem minha permissão, falou Gabriela antes de sentar-se.

— Fale logo, amigo, espero que seja ótima sua opinião, falou Roberto em tom de brincadeira.

— Gostaria que pensassem inicialmente em fazer uma festa regada a música não de orquestra dessas comuns, mas, sim, de Banda, essa que toca no coreto das cidades. Tenho boas recordações de minha meninice quando corria para a praça, atraído por aquelas músicas bonitas. As crianças todas se aglomeravam lá com grande alegria, ao ouvir as melodias.

— Roberto acatou na hora a sugestão do amigo e ainda acrescentou:

— Ótimo, Leonardo, ia sugerir para só deixar tocar músicas militares para incentivar o patriotismo nos presentes. Gostaria que no íntimo do nosso povo brotasse um imenso amor por nossa Pátria. Tenho a impressão de que nossa obra de amor, a nossa Terra, crescerá ao som dessas músicas; o que vocês acham?

Assim, os alunos do 3º ano planejaram os festejos de formatura!

Como prometera para sua avó, Felipe contratou uma empregada para ajudá-la em sua recuperação. D. Ema se restabelecia de uma maneira lenta, mas confiante.

— Felipe, tenho algo para lhe dizer. Penso que está na hora de revelar um segredo mantido há tantos anos! Pensei em dizer a você, apenas quando resolvesse se casar com Mônica.

— Segredo, vó? Do que se trata? Estou curioso! Diga-me logo.

— Antes do falecimento de sua mãe, ela confiou-me um dinheiro mantido numa poupança, desde o seu nascimento. Pediu-me que entregasse a você somente quando fosse se casar. Contudo, diante da festa de formatura, esse dinheirinho vai fazer falta, não? Agora que você está empregado, e mudamos o nosso ritmo de vida, precisamos de mais dinheiro para as despesas normais. A minha aposentadoria não cobre nem os meus remédios; que situação difícil os aposentados deste país atravessam! Falou Ema, com pesar.

— Vó, o nosso dinheiro está dando para tudo. Alguma coisa está lhe faltando?

— Muita coisa. Você precisa de novos ternos, pois os seus já estão bastante surrados e eu preciso de roupas novas. A família de Mônica goza de uma situação financeira muito boa. Precisamos não envergonhá-los quando sairmos juntos. A sua aparência tem que melhorar. Não vejo a hora de vê-lo bem vestido. Confesso que tenho vergonha quando você se apresenta com o terno surrado diante dos outros.

— Quanto afinal tem na poupança?

— Não sei, nunca abro a correspondência que chega do banco. Guardo tudo dentro de uma caixa lá na dispensa. Vou buscá-la.

D. Ema levantou-se vagorosamente e saiu em direção à dispensa. Ao voltar, Felipe correu em sua direção para aliviá-la do peso da caixa. Resmungando baixinho, e meneando a cabeça. Felipe deslizou:

— Só faltava essa... Além do segredo ainda carregando peso... Vó, você não se ama?

— Claro que eu me amo, respondeu prontamente Ema.

— Você acha que tem condição de carregar peso, estando em convalescência? Que amor é esse? Por favor vó, não faça mais isso. Dessa maneira você me tira a paz. É isso que quer?

— Não, não, fique em paz, não mais farei isso. Você tem razão, não tenho esse direito.

Ao abrir a caixa, Felipe se surpreendeu com tanta correspondência. Pegou um dos envelopes que estava por cima. Abriu, leu e emudeceu. Arregalando os olhos, sentou-se com a mão na boca.

— *Vóóóó!* O que é isso? Você sabe quanto temos?

— Não, nunca me interessei em ver, pois a hora ainda não havia chegado.

— Vó, é um bom dinheiro. Podemos nos considerar ricos.

— É mesmo? É tanto assim? Dá para comprar roupas novas para mim também?

— Dá, sim! Falou Felipe vagorosamente, ainda pasmo pela surpresa. Dá para comprar roupas novas para nós... Dá também para comprar uma casa nova para abrigar as nossas roupas novas! Dá ainda para comprar um bom carro para passearmos com as nossas roupas novas... Ah! Ia me esquecendo, dá também para casar-me com Mônica e também para comprar roupas novas para ela. Vai ainda sobrar muito dinheiro para pagar os meus estudos...

— Felipe, pare com isso! Brincadeira tem hora!

— Vó, não é brincadeira! Esta noite temos que comemorar. Vou para a casa de Mônica e convidar toda a família dela para jantar conosco. Iremos ao melhor restaurante. Esta data não poderá deixar de ser comemorada com grande estilo.

— Estou assustada!

— Vá se arrumar, vó! Vou levá-la para comprar uma roupa nova e vou ainda levá-la para o cabeleireiro. Quero vê-la produzida, falou Felipe, com grande alegria.

— Você não está esquecendo do principal, Felipe.

— O que, vó?

— Parar para agradecer ao Todo-Poderoso pela grande dádiva!! Ainda agradecer à sua mãe por ter sido a medianeira de tão grande presente!

— É mesmo, vó! Minha mãe foi a medianeira, mas o presente veio do Alto. Grande gratidão e alegria preenchem minha alma! Minha mãe, de onde estiver, estará com certeza feliz por nos ver tão felizes. Vó, a nossa vida vai continuar, mas com menos preocupações. De agora em diante o trabalho será dobrado para despertar as almas sedentas de saber! Mas somente aquelas que ainda podem ser consideradas seres humanos verdadeiros.

— Existe maior felicidade para mim do que ouvir você dizer isso?

Felipe guardou a caixa com os papéis. Saiu em direção ao telefone. Precisava falar com Mônica.

**A**s meninas-mães tagarelavam na sala de terapia. Mariinha, visivelmente abatida, ainda permanecia com os olhos vermelhos em consequência do choro dos últimos dias.

— Alguém quer começar nossa sessão de hoje? Perguntou Sílvia, passando com o olhar os rostinhos atentos.

Tereza foi a primeira a se manifestar.

— Estive pensando na minha situação diante de tudo o que aconteceu. Cássio, muito sofrido, não quis mais falar comigo. Nem sei se vai assumir esse bebê. Creio que também minha família quer se separar de mim. Todos me evitam, como se eu fosse uma leprosa. Quero aprender uma profissão para poder defender-me sozinha na vida.

Valquíria a inquiriu:

— O que você gostaria de aprender? Não se esqueça de que dentro de três meses o seu bebê vai nascer! Para onde seus pensamentos estão conduzindo?

— Ainda não pensei nisso. Caso eu mesma não consiga criar o meu filho, terei que optar pela adoção.

— Quando o bebê nascer, você tomará a decisão certa. Tudo vai depender do amor que você dispensará a ele. Quanto à profissão, você poderá fazer estágio em restaurantes para se tornar uma ótima cozinheira. Um profissional da área de cozinha é muito bem remunerado. Pense nisso. Todas vocês sairão daqui com duas profissões. O mercado de trabalho estará aberto para todas.

— É preciso ainda lembrar que vocês terão que amamentar os bebês no peito durante quatro meses, ponderou Valquíria.

— O meu bebê vai nascer daqui a dois meses. Já estou ficando pesadinha e algumas varizes já estão apontando em minhas pernas, falou Celi, preocupada.

— Amanhã mesmo iremos ao médico para tratar disso, falou Sílvia.

Mariinha, com voz entrecortada pelo choro:

— E o meu caso, como vai ficar? Meu bebê, também vai nascer doente? Estou me sentindo muito mal. Uma pressão na boca do estômago muito me incomoda. Estou com insônia e não tenho disposição para nada.

— Você quer falar agora sobre isso? Perguntou Sílvia com muito amor por ela. Está disposta a enfrentar tão difícil situação?

— Pode falar, todas já sabem que sou eu a portadora do vírus. Preciso de orientação de como agir. Poderei continuar aqui? Não serei discriminada, falou a moça, bastante desanimada.

— Vocês todas receberão orientação. Saberão que essa doença é transmissível através do sexo e através do sangue, falou Valquíria vagarosamente. Vamos, contudo, nos deter apenas na parte principal, que é a espiritual. Perguntas têm que ter respostas.

Coube a Sílvia uma profunda explicação:

— No nosso último encontro, foi dito que a AIDS é uma doença que surgiu devido ao aviltamento do sexo. Um sexo anormal, depravado e em excesso. Trata-se, portanto, de uma doença cármica. Um terrível carma... Uma pessoa acometida dessa doença sente uma terrível pressão na boca do estômago. Na realidade não é no estômago, mas sim no plexo solar. Essa pressão chamamos de dor anímica.

— Como curar essa doença? Temerosa perguntou Mariinha.

— Na realidade essa doença ainda não tem cura, completou Sílvia. No entanto, com um tratamento bem feito a pessoa poderá viver ainda por muito tempo.

Patrícia opinou para dar mais conteúdo à explicação de Sílvia.

— A regeneração de um ser humano também poderá ocorrer. Caso isso aconteça, a pessoa se libertará aos poucos de sua dor de alma. Poderá mesmo ser feliz.

— Como se dá essa regeneração? Perguntou esperançosa Mariinha.

Sílvia continuou:

— O aviltamento do sexo, isto é, um sexo depravado e anormal não pode estar de acordo com a Vontade de Deus. Isto é fácil de compreender. O ser humano depravou-se tanto que hoje ocupa um lugar abaixo do animal.

Patrícia continuou:

— É preciso compreender que tudo o que é natural faz parte da Vontade de Deus. Tudo que sai disso é criação do raciocínio humano. Quanto às anomalias referentes ao sexo, são aberrações. As pessoas assim envolvidas desenvolvem em seus corpos o germe da doença. A natureza humana não foi feita para isso. Somente o amor devia florescer das almas humanas. Em consequência desse amor, deveria então surgir o querer bem do parceiro e não degradá-lo com tais aberrações.

Mariinha desandou a falar daquilo que a oprimia.

— Dona Sílvia, eu sentia isso, a senhora tem razão. Sentia repulsa por mim mesma quando me sujeitava a tais aberrações. Demorava para dormir e sentia nojo de mim mesma.

— Esse sentir-se mal, com nojo de si mesma, é a rejeição do espírito a algo que não lhe pertence, falou Sílvia com serenidade. O nosso espírito foi criado para desenvolver suas capacidades, que são inerentes a ele. O nosso espírito quer voar para o Alto, em direção ao nosso país de origem. Terá que voltar para lá já consciente e maduro. Caso não consiga mais se regenerar, seu estado de alma se agrava com dores insuportáveis. Quando fizer a passagem para o além será encaminhado para uma região onde se encontram todos aqueles que erraram do mesmo modo. Ali sofrerá grandes tormentos, perdendo até sua condição humana.

— Não tenho esperança de conseguir me regenerar, falou tristemente a moça.

Valquíria interpôs de imediato:

— Como não? Você está estudando aquele livro que mostra com todas as letras como é ser puro e como amar a Deus. Através da oração sentida dentro do coração milagres poderão ocorrer. Sei que não será fácil, mas vale a pena lutar. É um desafio.

— Fico desanimada ao olhar para trás e ver o quanto errei! Falou Daniela, pesarosa.

— A minha dor é tão desconfortável, que não consigo paz nem para banhar-me ou alimentar-me, confessou Mariinha, desanimada.

— Não está na hora de você ver as coisas boas que estão à sua frente? Procurou Sílvia aliviar as tensões.

— Quais? Estou grávida sem saber quem é o pai do meu filho. Estive com diversos parceiros sem o uso da camisinha. Cobrar de quem? Estou doente e talvez meu neném também. Minha família não quer saber de mim. Desobedeci a meus pais e agora estou pagando por isso. Não vejo futuro para mim, desatou novamente em choro convulsivo.

Diante daquela imensa dor, as palavras de Sílvia não mais seriam ouvidas.

Estava terminada a sessão.

— **E**m uma mesa redonda, situada num dos compartimentos reservados do restaurante “Frutos do Mar”, estavam Felipe, D. Ema, D. Valéria, Sr. Antônio e Mônica. Uma grande alegria fazia parte daquele pequeno grupo.

— D. Ema, sua aparência está tão boa que nem parece que esteve doente, falou Mônica com simpatia. Seus cabelos até ficaram mais bonitos!

— Hoje ela está produzida, não? Não está linda? Orgulhoso falou Felipe, olhando para a avó com muita ternura.

— A felicidade nos torna mais bonitos, já perceberam? Falou Valéria.

— É impressionante sua recuperação. Afinal, em poucos meses parece outra pessoa, disse o senhor Antônio, com admiração.

— Este ano está sendo muito bom para nós, não é, vó?

Ema, com voz meiga e emocionada, olhando para o neto:

— Nem fale, somente coisas boas aconteceram. Numa época em que tudo parecia estar fora dos eixos, somente graças nos acometeram. Até mesmo minha doença veio para o bem. Fiquei mais madura na minha alma. Hoje, vejo tudo diferente. Só gratidão tenho em meu coração.

— Bem, afinal, qual é o motivo de tão honroso convite? Perguntou o senhor Antônio.

Felipe, pegando na mão de Mônica que estava sobre a mesa, respondeu:

— Em primeiro lugar, agradecer tudo que o senhor e sua família estão fazendo por mim e minha avó. O auxílio durante a doença dela foi de um valor inestimável. Em seguida esse emprego que apareceu como que caído do céu! Como poderia deixar de sentir alegria e gratidão! Bênçãos, muitas bênçãos, eu desejo a todos. Considero-os meus melhores amigos. Quando partir desta Terra levarei comigo este sentimento profundo.

— Mas, e a surpresa? Do que se trata? perguntou Mônica, ou foi apenas um pretexto para jantarmos juntos. Um jantar de gratidão! Este vai ficar na história. Realmente está muito bom.

— Tenho, sim, uma grande surpresa, afirmou Felipe. Não poderia deixar de aproveitar a ocasião para revelá-la. Até hoje pela manhã, eu também não conhecia o que vou agora revelar.

Minha avó, dentro de sua simplicidade, ocultou de mim até hoje que minha mãe, ao morrer, deixou-me, segundo ela, um dinheirinho na poupança para servir-me quando fosse me casar. Contudo, diante das despesas a mais para a festa de formatura, resolveu falar antes da data do casamento.

Ema completou a revelação de Felipe:

Eu, na realidade, queria comprar roupas novas para o Felipe. Gostaria também de comprar um vestido novo para mim, pois os meus já são muito antigos.

— Assim, ela foi até a dispensa e voltou trazendo de lá uma grande caixa. Eu a abri e fiquei impressionado com toda a correspondência do banco sem abrir, desde que nasci. Peguei uma das cartas de cima e abri. Perdi a fala, não esperava aquela vultosa importância! Peguei uma outra carta para confirmar. Realmente, nunca pensei em ter tanto dinheiro. Pensei imediatamente em duas coisas. Dedicar-me mais a nossa causa e casar-me com Mônica. O que vocês acham disso?

O senhor Antônio, com muita alegria:

— Como diz o Sr. Armando, vamos brindar. Levantou a taça e convidou os demais para acompanhá-lo. Hoje, realmente, é dia de festa. A explosão de alegria atingiu a todos.

— Mas por que casar tão cedo? Não é melhor esperar até que vocês dois se formem? Sugeriu Valéria.

— A minha vida agora tem mais sentido desde que o nosso movimento iniciou. Mas para completar esse sentido, preciso de Mônica ao meu lado. Nós dois, juntos, batalharemos não só pela nossa elucidação, mas também pela elucidação do nosso povo. O que você tem a nos dizer Mônica?

Mônica, sorrindo ainda perguntou:

— Isso é um pedido de casamento? As nossas vidas já estão unidas pelos laços de amor. O pedido de casamento você tem que fazer ao meu pai.

Felipe, levantando-se e olhando para o senhor Antônio:

— É do seu agrado que o meu destino e o de Mônica sejam selados na matéria?

— Se for do agrado de todos os presentes, eu desejo a ambos muitas bênçãos.

D. Ema, com lágrimas rolando pelas faces, balbuciou... Que pena sua mãe não estar presente!

Todos silenciaram para usufruir melhor a profundidade do momento.

— Amanhã, minha querida, vamos encomendar nossas alianças. Você poderá escolher a mais linda da loja e ainda o anel de noivado. Quero que você o use até para tomar banho.

Gostasas risadas selaram aquela ditosa noite.

## A GRANDE FESTA DE FORMATURA

O local escolhido para as comemorações de formatura foi o estádio da Prefeitura. O Sr. Barroso colocou à disposição dos formandos o estádio de esportes. Os alunos quiseram que o povo participasse, principalmente aquela parte que frequentou as aulas de elucidação. A decoração foi feita pelos alunos com a colaboração de profissionais do ramo de decorações. Por todos os lados havia arvoredos, muitas flores e fotografias coloridas de animais em extinção. Luzes, flores, cores e músicas suaves alternavam com músicas militares. Roberto quis esse tipo de música, pois queria incentivar no povo o amor patriótico que estava adormecido nos corações da maioria. Gabriela concordou com ele, acreditando que esse tipo de música colocaria alegria no ambiente, intensificando o ar festivo. Roberto foi o escolhido para orador da turma. Como não poderia deixar de ser, o professor Hércules foi escolhido para ser o paraninfo. As autoridades foram comparecendo. Também o povo que chegava, procurava pelo melhor lugar. O vozerio aumentava à medida que a lotação crescia. Os formandos ocupavam as cadeiras colocadas atrás das autoridades. Quando a maioria já estava presente e os ponteiros do relógio assinalavam dezenove horas, os portões foram fechados. Os retardatários não poderiam perturbar a importância daquele encontro. Na abertura da cerimônia, o maestro levantou-se anunciando o Hino Nacional. Todos se puseram de pé. O Sr. Eduardo, o diretor da escola:

— Senhores pais, autoridades aqui presentes, formandos e todos os demais convidados. Esta sessão solene retrata uma importante fase de desenvolvimento destes jovens. Para se chegar a isso, foram necessários muita luta e muito sacrifício, porém foram de muito proveito para o crescimento intelectual e espiritual desta pequena parte da juventude de nosso país. A alegria destes jovens poderia ser maior se nosso país lhes oferecesse um campo de trabalho, no mínimo, satisfatório. Se proporcionasse, também, muitas Universidades para darem continuidade à sua formação intelectual. Sabemos que isso não é assim. Forças ocultas impedem que pessoas de visão atinjam um crescimento maior. Nesse particular, a desconfiança, o medo e o desânimo fazem parte do íntimo de cada um de nós. A corrupção vigente lançou essa sementeira em nossos corações. Acredito, contudo, que estes jovens estão preparados para trabalhar no sentido de acabar com essa sementeira ruim para que as mudanças ocorram. Com isso teremos um Brasil mais maduro e fiel aos princípios da moralidade.

Palmas e ovação. O povo acatou aquelas palavras de esperança proferidas pelo diretor.

A orquestra tocou uma linda canção militar para semear ainda mais o clamor nos corações dos presentes. Clamor pelo nosso Brasil. Fora com o desânimo! O entusiasmo levou o povo a cantar. A semente estava lançada. Ali não apareceu nenhum arruaceiro. Todas aquelas pessoas já tinham sido vacinadas com o anseio por um Brasil melhor. Anseio em seguir a Vontade de Deus. Quando o silêncio aconteceu, levanta-se o professor Hércules. Novamente palmas insistentes tomavam conta de todo o estádio. Como sempre, o professor pacientemente esperou que o silêncio retornasse. Com voz troante, começou.

— A todos os presentes me dirijo neste momento solene, com o coração a transbordar de alegria e felicidade. Os causadores desta alegria são estes jovens. Esta parte da juventude que hoje comemora este final de uma etapa de suas vidas pode ser chamada, sem margem de erro, de juventude incorrupta, sadia de corpo e alma. Juventude madura, para liderar um grande movimento de mudanças. Mudanças de concepções de vida, mudanças de sintonia, mudanças de caráter, de moral e de total rejeição a tudo que hoje está sendo mostrado por aí: ganância, corrupção, desorganização de todos os setores de nossas vidas. Essas mudanças serão impulsionadas por um grande amor. Amor a si mesmo, amor à família, ao nosso país, ao nosso povo e, acima de tudo, um grande e incondicional amor pelo Senhor de Todos os Mundos. Autor da vida. Ele nos dá a oportunidade de lutar para transformar, lutar para crescer, lutar sem esmorecer, até que terminemos o nosso estágio nesta maravilhosa Terra.

Palmas, palmas e mais palmas. A orquestra novamente brindou os ouvidos de todos com os acordes de uma linda canção patriótica. Quando novamente a calma se fez sentir, foi a vez de Roberto abrir seu coração. Levantou-se e caminhou vagarosamente para o alto-falante.

— Falo também em nome de meus colegas. Olhando firme para os pais ali presentes começou: Nossos pais, nossos mestres, nossos auxiliares e nosso povo: A presença de todos foi necessária, pois foram vocês os veículos para nosso aprendizado e nosso amadurecimento. Estamos gratos por tudo. Que as bênçãos do Todo-Poderoso consigam penetrar em vocês. Todos vocês compartilharam conosco este início de transformação. Essa transformação de propostas de vida será o nosso empenho. Transformar o íntimo do ser humano é condição primeira para a florescência de nossas vidas. Se não transformarmos as nossas concepções de vida, se não rejeitarmos a vida materialista de até então, não conseguiremos transformar o nosso país. A célula da transformação é o íntimo de cada um. Nada adianta querer transformar a nação, se não tivermos a convicção de que as superficialidades e as mentiras introduzidas em nossas vidas são as verdadeiras causas da decadência atual. Mentiras e mais mentiras... Mentiras nas escolas, mentiras nas famílias, mentiras deslavadas em todas as instituições que norteiam as nossas vidas. Uma varredura se faz necessária. Caso contrário, todos nós seremos atingidos pelas irradiações de limpeza que, com severidade, estão atingindo o nosso planeta. Princípios de sabedoria deverão agora nortear as nossas vidas. Temos que aprender a discernir o certo do errado, segundo os conceitos de Deus e não os conceitos humanos. Assim chegaremos à conclusão de que não adianta mudar o sistema de governo se não mudar o íntimo das pessoas. Verdadeiros sábios têm que surgir agora para orientar e conduzir a grande transformação. Sábios que, com arroubo de alma, saibam manejar com habilidade suas espadas afiadas, para, com golpes certos, cortar a teia podre em que se transformou o círculo dos que enriquecem com as benesses do poder. Que possam, pois, arrancar de seus pedestais esses tais, que traíram a nação, da forma mais vil, e que jamais foram dignos da confiança neles depositada. Que sejam despojados de todos os direitos de cidadania, pois jamais foram cidadãos. Esses tais, que tiveram o desprazer de legislar em causa própria, a ponto de não poderem sequer ser julgados com justiça pelos crimes que praticam, verdadeiros assaltos contra o patrimônio público em total prejuízo do povo que dizem representar.

O povo aclamava as sábias palavras. Reconheceram nelas a mais pura verdade. Roberto continuou:

— O Brasil foi escolhido, outrora, para ser o celeiro do mundo. Celeiro do ponto de vista material e espiritual. Aqui a Sabedoria de Deus está ancorada, e daqui ela deverá atingir todas as nações da Terra.. Que a sabedoria guie a nossa causa e que a força de Deus a complete.

Roberto retirou-se vagarosamente. Com a retirada dele, as palmas e aclamações tomaram todo o recinto. A orquestra se preparava para a apoteose. A música escolhida foi composta e escrita pelos formandos. Música em homenagem aos servos do Todo-Poderoso, pois estes deveriam também ser homenageados como os maiores colaboradores na evolução humana na matéria. A presença deles já havia conquistado espaço no coração daqueles jovens e de uma grande parte do povo.

**A**inda uma vez, antes do Natal, o Professor se reuniu com seu grupo mais chegado para tratar de assuntos cujo interesse era de todos. O Prefeito, Sr. Barroso, com sua esposa, também participaram do evento. Já estavam inteirados nos assuntos da Grande Transformação. Após as aulas com Dalila, se tornaram ainda mais ferrenhos adeptos das ideias renovadoras. Essa reunião foi sugerida por Leonardo. Dalila achou válidas suas sugestões. Dalila conseguiu através do senhor Armando, que a reunião acontecesse no salão de festas do Clube da Cidade. Essa reunião poderia ser a festa da despedida daquele ano. Todos passariam o Natal e a Passagem do Ano, com suas famílias. Foi uma linda tarde de verão quando o sol, já sumindo na linha do horizonte, coloriu com seu dourado todo o jardim florido do Clube. O pequeno grupo foi chegando aos poucos e cada um que chegava parava para se deleitar, como que sorvendo aquela beleza da natureza. Aquele quadro

magnífico caiu de diferentes maneiras nas almas das agraciadas criaturas. Quando todos já estavam reunidos, formando grupinhos com diferentes assuntos, Dalila abriu a reunião:

— Este é o nosso último encontro deste ano. A sugestão deste encontro veio de Leonardo. Ele notou que não demos o devido apreço e consideração à festa de Natal.

— Também notei isso, opinou Suely. Afinal, a festa de Natal é uma tradição. Não podemos deixá-la passar assim, sem sequer mencioná-la.

— Também notei isso, afirmou Patrícia. Penso contudo, que o professor Hércules tem algum motivo especial para não citá-la.

Professor Hércules, sorrindo e passando o olhar para os semblantes indagadores:

— De fato, a festa de Natal é uma tradição em todos os países. Para falar sobre ela, seria impossível deixar de falar do aniversariante. Sim, no Natal, uma festa cristã, comemora-se o aniversário do nascimento do filho de Deus, Jesus de Nazaré. Mas hoje essa data também perdeu seu significado. Resume-se à troca de presentes, correrias, festanças sem nenhum sentido. Toda a família reunida em volta de uma mesa farta, se deliciando com comilanças e algazarras. Isso quando não há bebedeiras.

— Quanto a mulher poderia ter ajudado nesta sintonia da família, aparteou Sílvia. Essa festa deveria mesmo ser mais espiritualizada!

— Exatamente, Sílvia, concordou o professor. A queda da mulher apagou o clamor dos corações em direção a Deus-Pai. Se não fosse essa queda, a chama de gratidão pela vinda do Messias estaria viva em nossos corações. Ela, a mulher, teria cumprido sua alta missão. Todos os corações deveriam, nesta data, estar em devoção a Deus-Pai, por seu grande Amor. No entanto, tudo se modificou.

— Pelo que estou entendendo, o uso do raciocínio atingiu até a nossa festa de Natal? Perguntou Flávia.

— Isso mesmo, Flávia. O ser humano de hoje, somente preso à matéria, tornou terrena uma festa que deveria ser espiritual. Foi uma grande vitória das correntes dos decaídos, que conseguiram apagar do coração dos homens a serena figura de Jesus. Sua obra, que foi Sua palavra, nem sequer é conhecida mais. Torceram todos os conceitos ensinados por Ele. Para abordar esta data, seria preciso falar sobre tudo o que se relacionasse com Jesus e seus ensinamentos. Seria um novo livro, mas chegaremos lá.

— Mas por que esse assunto não poderia ser falado para o povo? Falou Leonardo meio inconformado.

Pacientemente, o professor, olhando para Leonardo, explicou:

— Leonardo, preste atenção no que vou dizer. Se reuníssemos todo povo para falar de Jesus, daríamos uma conotação de religião ao nosso movimento. Isso não pode acontecer. Nosso movimento deve atingir todos os conceitos que norteiam a vida, mas, cada um a seu tempo. O conceito sobre Jesus é divulgado pelas diferentes religiões. Cada um a seu modo divulga aquilo que acredita.

— É mesmo, concordou Valéria. Outro dia li que existem mais de 400 religiões cristãs. Cada uma delas interpreta de maneira diferente a vinda de Jesus e seus ensinamentos.

— Cada uma dessas interpreta a seu modo a triste história daquele que veio à Terra para nos livrar das mentiras introduzidas dentro dos Templos. Jesus falava sobre a vida espiritual dos seres humanos, sobre a necessidade de eliminar as mentiras contidas nos ensinamentos dos detentores da religião da época. Porém, tudo o que ele dizia não se coadunava com os interesses das autoridades que apenas visavam dinheiro, poder e influência. À medida que Jesus ensinava, o povo que o ouvia refletia naquelas palavras e deixava de acreditar nos fariseus. Assim, o prestígio deles estava abalado. Isso inflamou o ódio contra o Filho de Deus. Ódio que, ao tomar vulto, levou à grande tragédia, ao maior assassinato da história da humanidade. Mataram o Filho de Deus.

Essa frase causou um grande impacto nos presentes. Silenciosos, refletiam com profundidade!

— Professor, que grave, ponderou Leonardo pensativo. Como pôde acontecer isso? Para mim, o sentido da festa de Natal mudou totalmente. Valeu a pena esta reunião.



— Ninguém atualmente vê desse modo, afirmou Débora. As pessoas acham que Jesus veio aqui para morrer. Assim aprendi no catecismo, quando estudava religião. Estou perplexa diante do que o senhor falou, professor.

— É por isso que as músicas de Natal são tão melancólicas, falou Iracema. Não é uma festa de alegria, é uma festa que traz em si tristeza e nostalgia.

— Já ouvi muitas pessoas dizerem que sentem profunda tristeza nessa festa. Distraem-se com os encontros com os queridos parentes. Contudo, quando trancam as portas de seus quartos e se deparam com suas consciências a sós, são assaltadas pela tristeza e pela melancolia. Eu mesma já passei por isso.

O professor vagarosamente perguntou:

— Vocês já chegaram à conclusão sobre os motivos? Pensem bem. Essa tristeza vem do nosso íntimo. Ela está acusando algum erro ou alguma mentira de que somos depositários em nossos corações.

— Claro, aceitamos também essa ideia do motivo da vinda de Jesus, afirmou Roberto. Por isso sentimos melancolia ao invés de alegria?

— Na verdade, nunca refletimos sobre nada, afirmou o doutor Armando. Sempre fomos na onda das tradições. Para nós, a reunião com a família era o suficiente.

— Afinal, professor, não se trata aí também de um conceito antigo que precisa ser corrigido? Ponderou o senhor Barroso.

— Por ser um conceito de religião, não poderemos mexer nele. Apesar de que também esse conceito interfere sobremaneira na nossa vida do dia-a-dia. Para mim, esse conceito faz também parte de nossa vida. Saber disso nos faz sentir agradecidos à Luz pelo grande amor do Senhor de Todos os Mundos, por ter enviado Seu filho para nos trazer a Verdade, falou o professor, com amargura na voz.

— Mas essa revelação do assassinato do Filho de Deus, foi muito forte para mim, falou Débora com pesar. Acreditar que o Todo-Poderoso enviou à Terra Seu Filho para ser morto, para pagar por nossos pecados... Entregar um inocente, seu próprio filho, para a humanidade errante ser salva? Como pude acreditar nisso? Que absurdo há nessa afirmativa!

— Trata-se de uma blasfêmia contra Deus, afirmou o professor.

Silêncio se fez diante dessa revelação tão evidente. Perplexidade e inconformismo assaltaram a alma dos presentes.

— Agora compreendo, não poderíamos ainda falar com o povo sobre esse assunto. Eles não estão preparados para saber sobre isso, falou Valéria pensativa.

— E vocês, estão? Perguntou de repente o professor.

— Penso que sim, prontamente respondeu o senhor Antônio. Essa festa de Natal fez parte do nosso íntimo durante tanto tempo! Somos responsáveis pelas mentiras que aceitamos. Vai ser difícil engolir essa, sem botar a boca no mundo! Acho melhor refletir em casa.

— Mentiras introduzidas nos conceitos terrenos de vida ainda se compreendem, mas mentiras sobre o nosso Criador são inaceitáveis, afirmou o professor, com firmeza.

— Como assim? Mentiras sobre o nosso Criador? Interveio Leonardo.

— Sim, Leonardo, aceitar que o nosso Criador enviou seu filho Jesus para ser morto para pagar os pecados dos outros! Nem nós, que somos pequenos e fracos, não entregaríamos nosso filho para ser assassinado assim de forma tão vil, mostrou o professor o absurdo das tradições.

O Sr. Armando, interrompendo as tristes revelações:

— Em volta da mesa de refeição continuaremos a consideração sobre esse tema.

Encaminharam-se silenciosos para as dependências do refeitório. Todos em volta da mesa. Conversas animadas... Roberto e Gabriela entreolhavam-se, profundamente. Gabriela não conseguiu esconder sua tristeza com o assunto sobre Jesus.

— Às vezes penso que conheço mais você do que a mim mesmo, falou Roberto, juntinho dela. Sei que o assunto do mestre tirou sua alegria, estou errado?

— Não, você está certo. Ah, Roberto! Por que sempre os decaídos levam a melhor sobre a maior fatia dos seres humanos? Por que a mentira é aceita sem reflexão?

— Por que os seres humanos acreditaram em muitas mentiras e se enfraqueceram, tornando-se depositários de mentiras? Lembra-se das gavetinhas com as mentiras, nas aulas do professor? Nós também estivemos inativos em nossas reflexões sobre esses temas!

— Mas, Roberto, milhões abrigam essa mentira porque lhes foi ensinado assim. Como vão refletir melhor se não conhecem as leis de Deus? O que o povo sabe da lei da reciprocidade, que afinal faz parte da nossa vida cotidiana? A cada momento de nossas vidas, estamos enquadrados nessa implacável lei. No entanto, ninguém atenta para isso. Continuam com sua vidinha medíocre, sem refletir sobre a essência da vida. Não se fala sobre essas coisas, por puro preconceito. Açam que esse assunto é religião.

— Desculpe entrar no assunto de vocês, falou Regina que estava bem próxima do casal. Há um ditado que diz: “Política e religião não se discute”. Por isso ninguém fala sobre isso.

— Quem inventou esse ditado não tinha argumentos, manifestou-se Gabriela, indignada. Falando assim, mata o assunto e esconde sua ignorância. As consequências são graves, pois os assuntos sobre as religiões ficam trancados dentro de cada um. Assim, as mentiras se propagam com uma rapidez sinistra. Hoje quase ninguém sabe falar sobre sua fé.

— Acertou na mosca. Também penso assim.

— Proponho levantar nossas taças para um brinde, convidou o doutor Armando em voz alta. Todos já com as taças nas mãos silenciaram à espera das palavras dele. Nada disso, as palavras serão do professor. O que vocês acham?

Só risada, risos alegres, mas sem estardalhaço.

Sílvia, aparteou:

— Não, as palavras do professor ficarão para o final. Quem se habilita primeiro?

— Posso ser eu? Após a anuência de todos... Falou Flávia:

— Vamos beber agradecendo a todos os auxiliares terrenos e espirituais. Em especial àquele que foi o escolhido por Deus para começar esse grande movimento de transformação na Terra, nosso especial professor Hércules.

Todos viraram a taça, olhando com gratidão para o professor. Deixando as taças sobre a mesa, deram uma salva de palmas, agradecendo.

— Sei que o desejo de todos virá como bênçãos sobre mim, falou o professor com emoção na voz. Se não fossem vocês e o auxílio indispensável de Dalila, o meu trabalho não teria sido possível. Cada um de nós constitui o elo de uma corrente. O senhor Barroso foi de uma atuação importante para que tudo acontecesse a contento. Enfim, gostaria de mencionar o trabalho de cada um. Não vou fazer isso, mas em meu coração guardo o nome de todos. O nome de vocês está impresso em minha alma. Vocês me deram alento para o trabalho. As bênçãos que envio a vocês coroará de êxito todo o seu atuar. Levantou a taça e deu o primeiro gole. Novamente uma salva de palmas aconteceu. Muitos, emocionados, deixaram que as lágrimas rolassem pela face!

O Sr Antônio levantou-se e fez também sua declaração.

— Bem, além das duas bodas que irão se realizar na próxima semana, outra está sendo preparada para breve. Todos olharam para ele com grande expectativa, à espera da revelação.

— Eu e Mônica também uniremos as nossas vidas, falou Felipe, também levantando a taça. O grupo todo em pé brindou a boa nova de Felipe e Mônica. A alegria novamente fez parte daquele encontro.

— Que bom! Mais um casal que irá fortalecer o amor daqueles casais por nós desconhecidos, que estão se esforçando para acertar.

O jantar transcorreu em um clima de grande alegria e felicidade.

**N**a “A Casa da Mãe Solteira”, as jovens futuras mães se encontravam reunidas na sala de terapia. Aquela alegria costumeira parecia ter se arrefecido. Os acontecimentos últimos com a

doença de Mariinha, certamente atingiu o íntimo das moças. Falavam mais baixo, querendo poupar a dor daquela que foi tão atingida pela Lei da Reciprocidade. Cada uma a seu modo tentava agradar a colega. Uma oferecia-lhe peças de enxovalzinho do bebê, outra guardava um pedaço de torta para ela, outra a presenteava com algum enfeite de cabelo feito com as próprias mãos. Só não participava de nada a adolescente, Elza. Desde o início das reuniões ela fora poupada por Sílvia e por Valquíria. Respeitaram aquele silêncio sufocante. Nem com as colegas ela se abria. Diversas tentativas frustradas foram feitas para que se abrisse e contasse sua história. Nos últimos dias, contudo, observou-se que ela, cada vez mais pálida, deixou de participar de tudo. Não mais frequentava as aulas de Arte Culinária, costura e também de leitura. Diante desse quadro, Sílvia resolveu fazer uma reunião com todos os membros da diretoria para resolverem o que fazer com Elza. Também o natal se aproximava e medidas deveriam ser tomadas. Quanto à situação do estado de gravidez já mais avançado de algumas das moças, já estava na ora de contratar o hospital onde se daria o nascimento dos bebês. Essa reunião teria que acontecer, pois motivos não faltavam. Ao entrarem Sílvia e Valquíria logo perceberam a falta de alegria do ambiente. Como sempre, cumprimentaram as moças. Aquela alegria esfuziante que marcava os encontros não aconteceu. Sílvia começou a sessão dizendo que todas elas teriam que passar por outra avaliação médica para marcar mais ou menos a data do nascimento dos bebês de cada uma. Parece que essa notícia agradou, contudo, não como deveria. Sílvia não deixou passar essa situação sem mostrar o significado do acontecimento.

— Meninas, noto que vocês estão lacônicas, posso saber o por quê?

Ester se manifestou por todas:

— D. Sílvia, a tristeza de Mariinha nos contagiou. Estamos tristes por ela. Um pouco também por Célia. O caso delas é meio complicado. Célia também começou a chorar durante a noite, acompanhando o choro de Mariinha. Quem consegue sorrir e brincar diante de tanto sofrimento?

— Outra coisa também que estamos questionando é a ausência de Elza. Ela se enfurna no quarto e se nega a falar conosco. Já agradamos e já fizemos de tudo para que ela falasse e confiasse em nós... No entanto, ela se tranca no banheiro ou no quarto e nos ignora, completou Fernanda suas queixas.

Valquíria, depois de escutar as queixosas, começou seu esclarecimento:

— É compreensível que vocês fiquem tristes com o caso das duas, mas o mundo continua girando e vocês têm que reagir, inclusive as duas atingidas. A tristeza é um sentimento contrário à Vontade de Deus. O Senhor de Todos os Mundos criou a alegria e os seres humanos criaram a tristeza. Se tristeza resolvesse o problema das duas ou também o de Elza, poderíamos todas nós de mãos dadas mergulhar em uma tristeza profunda e aí elas seriam curadas. Mas isso não é assim. Para todos os problemas criados há maneiras de resolvê-los ou pelo menos torná-los menos dolorosos. Enfrentar os problemas é a maneira certa de curá-los. No caso de Mariinha, por exemplo, que é o mais grave, já tomamos todas as atitudes necessárias para que ela não sofra discriminação e tenha um tratamento adequado. Se ela, contudo, reconhecer as grandes besteiras que fez e pedir perdão ao Todo-Poderoso, o carma não será resgatado de uma hora para outra, mas a dor diminuirá com certeza. Caso ela peça perdão, porque foi orientada assim, mas não acreditar que seja perdoada de fato, ela não será mesmo perdoada. Vai depender da força da oração, que está dentro dela. Nisso, ela tem que ser realmente humilde nos reconhecimentos, e ter uma fé inabalável no grande Amor do Senhor. Amor esse que é inseparável da Justiça. Caso ela consiga essa ligação com o Senhor, tudo será mais fácil para ela passar os tempos difíceis até que o resgate ocorra.

As moças ouviam com uma atenção arrebatadora as alentadoras palavras de Sílvia.

— Será que ela saberá orar, dona Sílvia, como a senhora está falando? Perguntou Edith.

Todas as moças olharam para Mariinha, como que perguntando se ela seria capaz. Mariinha, diante daqueles olhares cheio de amor das colegas, disse vagarosamente:

— Acho que sim, acho que conseguirei orar com toda a força do meu coração. Vou ter que vencer essa tristeza, vou me esforçar para isso.

Dona Valquíria, completando as palavras de Sílvia, iniciou as suas, mostrando o lado bom do ponto de vista material.

— Vamos analisar melhor a situação de Mariinha, vista de outro ângulo. Ela estava com problema com os familiares que não mais suportavam sua presença. Como ela mesma disse, desobedeceu a seus pais, e, é lógico, temos que compreendê-los, por não quererem assumir uma gravidez indesejada. Com isso, ela foi então rejeitada. Nesse momento difícil, foi acolhida aqui. Encontrou, portanto, um lugar para morar. Não só isso, tem aqui todas as suas despesas pagas e ainda tratamento para sua doença. Continuando, está fazendo cursos de especialização e poderá futuramente ser colocada em um bom emprego. E ainda mais, está aprendendo o principal para sua vida, aprendendo a ser mulher, a se valorizar, e ainda a cuidar de bebês. Penso, meninas, que há motivos de sobra para deixar a gratidão entrar em seus corações. Quem não sabe reconhecer aquilo que recebe, muito menos saberá agradecer. E quem não sabe agradecer não é digno de receber nada, nenhuma ajuda de ninguém.

Celi reconheceu as palavras de Valquíria como verdadeiras.

— A senhora tem razão de mostrar isso para nós, nunca vou esquecer o bem que estou recebendo aqui. Quero agradecer a cada minuto de minha vida.

— Eu também dona Valquíria, a dor que eu estava sentindo, melhorou bastante, pois a gratidão está agora tomando conta de mim. Muito obrigada por tudo isso que as senhoras falaram, agradecerei também ao Senhor por ter colocado vocês em meu caminho.

De repente, Sílvia, em um arroubo, dirigiu a Elza sua pergunta. Elza continuou com a cabeça baixa e não se dignou a responder. Valquíria insistiu:

— Elza, quem se cala dessa maneira não merece ajuda. Você gostaria de voltar para sua casa? Penso que junto aos seus abrirá a boca, não? Posso providenciar sua saída daqui, então?

Elza levantou a cabeça, olhando um tanto espantada para Sílvia e disse não, com o sinal de cabeça.

Sílvia, compreendendo aquele olhar suplicante, falou com serenidade:

— Quer falar comigo em particular? Sua situação agora é essa, ou fala ou vai embora.

Chega de mimos. Você fez até agora o que quis. Agora terminou o seu tempo.

Elza, olhando surpresa para Sílvia e escorregando lágrimas pela face, falou soluçando:

— Tenho vergonha de falar.

Você já teve tempo suficiente de dizer o seu problema. Quer falar em particular, então?

— Não, vou falar agora. Limpou as lágrimas e o nariz, e levantando a cabeça um tanto desolada, falou baixinho:

— Tenho uma irmã muito boa que sempre tomou conta de mim, desde pequena. Ela é casada e tem três filhos. Ela trabalhava fora e eu cuidava dos filhos dela. Meu cunhado perdeu o emprego, e o salário dela é quem sustentava a casa. Meu cunhado começou a se engraçar comigo e eu quis trabalhar fora para me livrar dele. Minha irmã, sem desconfiar de nada, pediu-me que ficasse em casa, pois ela confiava em mim para tomar conta das crianças. Não tive coragem de dizer a ela o que estava acontecendo. Não queria que ela sofresse. Assim tudo continuou como antes. Um dia, fui levar as crianças para a escola. Quando voltei, ele estava lá me esperando. Ele forçou a barra até eu ceder. Ele me machucou toda e mesmo assim não tive coragem de dizer nada a minha irmã. O tempo foi passando e notei que meu corpo estava ficando diferente. Minha irmã também percebeu isso e me levou ao médico. Já estava grávida de três meses. Tive que confessar a ela o que havia acontecido. Chegando em casa, minha irmã sem falar nada, arrumou minha mala e me colocou de lá para fora. Simplesmente abriu a porta e jogou-me para fora. Sinto muita falta dela e das crianças. Não quero que ele seja chamado aqui porque ele não tem dinheiro nem para a família dele. Se a polícia for lá e ele for preso aí vai complicar mais a situação de minha irmã. Como faço para proteger minha irmã?

De fato, sua irmã foi a maior prejudicada nessa história. Ela teve que parar de trabalhar para tomar conta dos filhos, não é? Perguntou Valquíria.

— Não sei mais nada da situação dela. Gostaria de saber.

Sílvia e Valquíria reconheceram a gravidade daquele caso.

— Vamos pensar em seu caso e veremos o que poderemos fazer. No momento, o principal é você se cuidar, voltar às aulas e participar de tudo o que lhe é oferecido aqui, falou Sílvia com carinho.

— Meninas, quanto ao livro que estão estudando, aparece em diversas passagens frases para serem analisadas e compreendidas. Uma delas assinalai para que falássemos a respeito. Gostaria que todas vocês analisassem e procurassem compreender o sentido profundo dela. “O sofrimento desperta o coração! E as lágrimas do arrependimento lavam o erro”. Sílvia parou para que as moças se concentrassem livremente. Após alguns segundos, Mariinha falou baixinho, mas ainda chorosa:

— Melhor do que eu ninguém passou por isso. Essa frase calou fundo dentro de mim. Essa revelação sobre minha doença veio clarear a situação dos meus grandes erros. Meu grande sofrimento levou-me ao choro prolongado, não conseguia parar de chorar. Sentia uma grande dor na boca do estômago. Agora parece que a dor não mais me incomoda tanto. Se o arrependimento lava o erro, os meus erros já foram lavados! Depois dessa, se eu voltar a errar é porque sou muito burra. Mas, não, não serei burra. Nunca mais entregarei o meu corpo a um homem sem escrúpulos e que não me ame. Ah! Dona Sílvia, quero ser uma outra mulher! A emoção tomou conta do ambiente. Os olhos marejados de lágrimas da maioria comoveu também Sílvia e Valquíria.

— Isso é uma decisão acertada sua. Com esse propósito, a vida vai se tornar mais linda para você. Um novo horizonte desponta! Com a ajuda dos auxiliares também você pode contar. Para o nosso próximo encontro muitas novidades trarão alegrias.

Aquela sessão estava terminada.

## CASAMENTOS DO PROFESSOR HÉRCULES COM DALILA E DE CLÁUDIO COM FLÁVIA

O terreno ao lado do pequeno riacho era formado de pequenos arbustos, algumas flores silvestres e algumas pedras grandes. Uma planície de formato irregular deu inspiração aos decoradores para aproveitar o que já estava pronto pela natureza. Apenas acrescentaram mesas com toalhas brancas, flores do campo de diversos tons sobre elas e cadeiras pintadas de marrom para contrastar com a exuberância do verde nas adjacências. Ao fundo, a cachoeira de 30 metros, desejada por Dalila, completava aquela beleza paradisíaca oferecida pela natureza. As noivas estavam vestidas com simplicidade. Vestidos discretos, bordados com flores do mesmo tom do vestido. A beleza das duas e ainda daquele ambiente exuberante, causavam admiração aos convidados. Ao chegar acompanhada pelo pai, Flávia parecia uma miragem. O orgulho do pai não pôde ser ocultado. Amava profundamente aquela filha. Cláudio foi ao seu encontro para trazê-la junto à mesa, onde o escrivão aguardava a chegada dos noivos. Ao descer do carro, Dalila, com as faces rosadas, trazia também uma coroa de flores, igual à de Flávia. Sua beleza nada deixava a desejar. O professor foi ao seu encontro, sorridente e afetuoso. Diante da autoridade do estado, os dois casais não conseguiram esconder a emoção. As palavras do professor Hércules para Dalila foram verdadeiras marcantes:

— Dalila, escolhi você para ser minha companheira de luta. Luta pela Luz, pois pertencemos a Ela. Quero ainda protegê-la como um presente enviado do Alto.

Pegando a aliança no bolso a colocou delicadamente nos dedos dela. Lágrimas rolaram pela face de Dalila. Acompanhou o gesto dele na hora de colocar a aliança em seu dedo. Levantando a cabeça e olhando profundamente nos olhos dele proferiu as palavras:

— Hércules, nossa caminhada foi traçada pelos auxiliares do Todo-Poderoso. Pertencemos a Ele e somente a Ele vamos servir. Nos momentos difíceis, quero olhar no fundo dos seus olhos e dizer: Eu estou aqui, o meu amor vai proteger você. Colocou a aliança no dedo dele, mas com os olhos pousados nos dele. Afastaram-se um pouco para acompanhar as bodas de Flávia e Cláudio:

— Flávia, reencontrei você. Ditosos serão os meus dias ao seu lado. Eu a protegerei e a amarei por todos os dias de minha vida. Colocando a aliança nos dedos dela, acrescentou: Se a mulher se soerguer, o homem a acompanhará. Vou seguir você. Tais palavras arrancaram suspiros dos presentes! Flávia, após acompanhar o deslizar da aliança em seu dedo, olha fundo nos olhos de Cláudio:

— O nosso amor iluminará todos os cantos desta Terra. Terminada nossa jornada, a chama ardente dentro de nós deverá guiar os nossos passos de volta para a Luz. Voltaremos juntos para lá. Colocando a aliança no dedo dele, acrescentou: Semearei amor e alegria em todos os dias de sua vida.

Foi difícil conter as lágrimas dos presentes. Todos se entregaram à emoção do momento solene. Após os cumprimentos e antes do bufê, Dalila pediu ao professor que a acompanhasse até a cachoeira. Ele, alegre, prontamente ofereceu-lhe o braço.

— Estava demorando a chegar esta hora, não? Vamos conversar com nossos amigos invisíveis, falou o professor, olhando encantado para a água da cachoeira que, ao cair, fazia uma cortina de fumaça espalhando um encanto inesquecível.

— Sei que eles presenciaram a nossa união. Nem preciso vê-los. Não basta ter a convicção da existência deles? Estou feliz, como nunca fui outrora.

Eunice, mãe de Cláudio, ao cumprimentar o filho e Flávia, externou toda sua admiração:

— Estava inconsolada por vocês não se casarem diante de um altar. Nunca vi um casamento acontecer fora de uma igreja. Mas, confesso, chorei de emoção ao ouvir as lindas palavras de ambos diante da natureza. Os dois casamentos ficarão para sempre em minhas lembranças. Que vocês sejam abençoados. Abraçando o filho com muito carinho acrescentou: Meu moleque, você soube

mesmo escolher a mulher para ser sua companheira! Gostei muito dela e de tudo. Tudo muito lindo. Quero a cópia de todas as fotos. Não me esqueçam, hein?

Momentos de grande alegria foram acolhidos pelos presentes. Um bufê foi servido com muito capricho. Momentos inesquecíveis foram registrados por todos. Tudo transcorreu como planejado. Mas, na hora das despedidas dos noivos, o Sr. Armando pôs a nobreza de lado e desandou a chorar.

— Chore, meu companheiro, as lágrimas lavam a alma! Falou Sílvia com muito carinho.

Os noivos viajaram para cidades diferentes. Dali em diante teve início uma nova etapa em suas caminhadas, uma vida a dois.

**N**a “Casa da Mãe Solteira” as atividades continuavam com mais rigor. As preceptoras não deixavam tempo para as moças se entregarem às conversas fúteis. Eram mantidas ocupadas. Os conceitos novos da verdadeira feminilidade não poderiam ser esquecidos. O conceito velho teria que ruir por si mesmo. Motivadas pela leitura do livro da “A Grande Pirâmide Revela Seu Segredo”, as moças receberam com mais entusiasmos os ensinamentos nele contidos. Em círculo, continuavam os estudos e cada uma por sua vez opinava e expunha suas experiências colhidas da vida de até então. Nisso eram treinadas na difícil arte de refletir. Todos os conceitos de vida do dia-a-dia eram conversados com profundidade. Nada era esquecido, os serviços executados pelas moças deveriam mostrar dedicação e zelo. A alegria na execução dos mesmos não poderiam ser postos de lado.

Para resolver o caso de Elza, foram designadas Patrícia e Valquíria. Ambas visitaram Zenaide, a irmã de Elza. Ao abrir a porta e se deparar com as duas, a reação de Zenaide foi de espanto. Contudo, a simpatia das duas conquistou a confiança da moça. Foram convidadas a entrar.

— Zenaide, você sabe quem somos nós? Eu sou Patrícia e esta é dona Valquíria, a psicóloga que trabalha na “A Casa da Mãe Solteira” onde Elza é assistida. Viemos conversar com você, para tentar ajudar no que for possível nesse caso tão complicado! Falou Valquíria vagarosamente.

— O seu marido está em casa? Perguntou Patrícia.

— Não, ele não mora mais aqui. Ele mudou-se para a casa de um parente em outro bairro, falou Zenaide, mostrando indiferença.

— Você está precisando de ajuda para trabalhar? Perguntou Valquíria.

— Estou vivendo de ajuda do pessoal da igreja. Eles me trazem uma cesta básica e trazem leite diariamente.

— Mas você gostaria de trabalhar? Insistiu Valquíria.

— Não posso, não tenho quem fique com as crianças, falou a moça com desânimo.

— E se nós arrumarmos uma creche para suas crianças? Falou Patrícia.

— Eu já fui atrás, mas só tem vaga para o próximo ano.

— Nós estamos querendo arrumar para você um emprego em uma firma que já tenha creche para as crianças.

— Mesmo? Isso não é difícil? Perguntou a moça pouco animada.

— Difícil é, mas não impossível, falou Patrícia sorrindo para ela.

— Afinal, por que vocês querem me ajudar? Falou Zenaide desconfiada.

— Porque o seu caso é o mais necessário, mas o que nós queremos mesmo é arrumar trabalho para o seu marido, para que ele pague pensão aos seus filhos e ao filho de Elza.

Ele terá que trabalhar muito e cumprir o papel de mantenedor. Ele não deverá sair impune dessa história. Pode deixar que vamos nos empenhar para arrumar toda essa situação, falou Valquíria, com determinação.

Zenaide acompanhou a explicação com vivo interesse e, pela primeira vez, esboçou um sorriso.

— Agora, falou Patrícia, temos que falar sobre Elza. Notei que você não perguntou por ela. Você sabia que o seu marido estuprou a Elza? Que ela tentou resistir de todo o jeito e que ele a forçou de tal maneira que a machucou toda?

— Não, não acredito nisso. Se fosse assim, ela teria contado para mim.

— Ela não contou para não ver você sofrer e ainda ficou com medo dele. Sabe Zenaide, dentro do seu sofrimento, você não viu o sofrimento de sua irmã, uma menina de quinze anos, sem a menor experiência. E ainda mais, ela quando pediu a você para ir trabalhar fora foi justamente para se safar dele que já a estava molestado. Você pediu que ela ficasse em casa, para tomar conta das crianças, foi de fato assim?

Zenaide concordou mostrando sim com a cabeça. Então você confiava nela, não?

— Confiava muito nela, mas nunca esperava que ela fosse dormir com meu marido.

Valquíria apartou com veemência.

— Não, ela foi estuprada, sofreu calada para não fazer você sofrer. Você não acha que você também errou, deixando-a em casa com o seu marido desempregado? Por que você não fez seu marido tomar conta das crianças? Você expôs sua irmã de quinze anos apenas, nas mãos de um homem sem escrúpulos. Você não se sente culpada disso?

— Será que ela foi mesmo estuprada? Vocês têm certeza do que estão falando?

Se de fato isso aconteceu, quero mesmo é que ele vá para a prisão para ser estuprado também lá na cadeia, para ele ver o quanto é bom, falou Zenaide deixando-se enraivecer.

— Você poderia fornecer o endereço dele? Perguntou Patrícia.

— Posso, sim, ele está na casa do irmão dele. Vou pegar o endereço. Zenaide levantou-se retirando-se da sala. Ao voltar, entregou um papel para Valquíria.

— Você ainda está com raiva de Elza? Perguntou Patrícia. Sua irmã está sofrendo muito a ausência sua e das crianças.

Zenaide esboçou um movimento com a boca demonstrando aborrecimento.

— Vou pensar no caso. Depois darei uma resposta.

Valquíria e Patrícia saíram esperançosas da casa de Zenaide. Com a esperança de dias melhores, o entusiasmo para a vida teria que acontecer e Zenaide estava aberta para a ajuda. Teriam agora que conversar com Alceu, o pai dos filhos de Zenaide, e do filho de Elza. Esse não poderia ficar impune. A impunidade gera reincidência nos erros. Após dez dias, Alceu foi localizado e dois policiais se encarregaram de levá-lo diante do delegado e de Sílvia que o esperavam na delegacia. Ao entrar na sala do delegado, a aparência do moço era de muito assustado. Foi-lhe oferecida uma cadeira para sentar-se ao lado de Sílvia que estava em frente à mesa do Dr. Ronaldo, o delegado.

— Você sabe por que está aqui, Alceu?

— Não, não sei, respondeu cinicamente o moço.

— Puxa, como você é, creio que preciso refrescar sua memória, falou o delegado com voz alterada.

Sílvia resolver intervir:

— Posso falar com ele, doutor? O senhor me permitiria?

— À vontade, Dona Sílvia.

— Alceu, você estuprou a menor Elza, irmã de sua esposa. Estamos cuidando dela, na medida do possível. Fisicamente está dando para controlar, mas a mocinha caiu em profunda depressão e está sofrendo muito. O mal que você fez a essa moça vai ser de difícil recuperação. O corpo dela de menina não estava preparado ainda para conceber uma criança. O senhor antecipou isso e agora precisa fazer a sua parte. Ajudar a pagar as despesas dela e as do bebê. O que o senhor tem a dizer?

— Não consigo arrumar emprego e tenho mais três filhos que também tenho que cuidar.

— Espera aí, dona Silvia, ele estupra uma menor e fica por isso mesmo? Falou o delegado com voz troante, ele tem que sofrer na pele o mal que ele fez para essa menina.

— Também acho que ele deve ser punido, mas quem vai criar os filhos dele?

O delegado, olhou com ódio para o Alceu e esbravejou:

— Ele terá que primeiro ser estuprado pra ver o quanto é bom e depois veremos o que fazer com ele. É lei do estuprador. Quem estupra terá que ser estuprado.



Alceu, se encolhendo de medo, não sabia o que dizer. Com os olhos arregalados, olhou para Sílvia como que pedindo ajuda. Sílvia entendeu a súplica do acusado, mas entendeu também o delegado com sua severidade implacável. Resolveu se calar por enquanto. O delegado chamou por dois dos seus auxiliares e pediu que levassem o prisioneiro para a cela dois. Assim que Alceu foi retirado do recinto, o doutor Ronaldo devagar foi recuperando sua calma.

— Desculpe, dona Sílvia, creio que me excedi no trato com esse miserável, mas se a gente não agir com dureza eles ficam atrevidos e nos desrespeitam.

— Compreendo tudo isso, doutor. Vejo com descaso uma autoridade com atitudes mornas que não consegue o domínio das diferentes situações. O senhor agiu muito bem.

— Obrigado. Mas vamos ao caso do Alceu. Esse canalha irresponsável precisa de uma boa lição. A senhora sabe, caso o soltemos sem nenhuma ação severa, ele voltará a fazer outra. Tenho experiência com isso.

— Sei disso, nós usamos também essa severidade com as meninas-mães. Infelizmente em nosso país muito pouco é feito pela verdadeira educação de nosso povo. Todos estão muito à vontade para fazer e desfazer coisas que geralmente vêm em prejuízo de alguém ou de muitos.

— Como a senhora vê aqui, as cadeias e presídios estão sempre lotados. Grandes e pequenos delitos não param de acontecer.

— O nosso povo continua ignorante, de pouca ou nenhuma leitura, superficial, e ainda abriga vício e pendores diversos. Temos poucas esperanças de conseguir uma transformação que possa abranger pelo menos trinta por cento de nossa população.

— O Barroso me falou do movimento de vocês. Ele está integrado nele e entusiasmado com os resultados obtidos.

— Bem, como vamos resolver, então, o caso do Alceu?

— Proponho mantê-lo aqui por alguns meses para que ele sofra com os colegas de cela.

Depois, então, poderemos ajudar a arrumar um emprego para ele para que possa manter a família.

— O bebê dele vai nascer daqui a três meses. Não dá para ele ficar aqui durante apenas um mês. Estamos já arrumando um emprego bom para ele. Com o salário, poderá trazer a família bem amparada.

— É, penso que a senhora tem razão. O trabalho dignifica o homem. Ele poderá crescer como pessoa se dedicando a um trabalho. Está combinado então. Eu o manterei preso por trinta dias.

Sílvia, levantando-se, despediu-se com um sorriso:

— Obrigada por sua atenção. Quando o nosso movimento retornar no princípio do próximo ano, o senhor será convidado a participar. Retirou-se com elegância.

**A**pós alguns dias, surgiu um emprego para Zenaide. Os três filhos puderam ficar em uma creche da própria empresa que ficava a apenas uma quadra dali. Elza voltou às aulas e também voltou a sorrir. Zenaide, sua irmã, concordou em reatar a amizade com ela. Em breve viria visitar Elza e traria as crianças; assim foi o combinado. O hospital da prefeitura foi o escolhido para assistir o nascimento dos bebês. Cada uma das mocinhas recebeu uma mala completa com roupas novas para a internação na maternidade. As roupinhas dos bebês foram feitas por elas mesmas. Aprenderam a confeccionar não só as roupas de bebês, mas tomaram gosto para fazer blusas de tricô e de crochê. A alegria de trabalhar com as próprias mãos ajudou a restaurar a autoestima que estava bem comprometida. Para as moças e alguns familiares foi organizada uma pequena festa de final de ano, quando também seria realizado em uma cerimônia simples o casamento de Edith e Jorge. O preparo espiritual para a recepção dos bebês teria início no princípio de ano, pois os primeiros bebês nasceriam na segunda quinzena do segundo mês. Estava assim concluída a primeira etapa da formação espiritual das moças.

## VIAGEM DE LEONARDO AO EGITO

O Sr. Fernando, pai de Leonardo, entrou intempestivamente pela porta de entrada que no momento estava escancarada.

— Já comprei as nossas passagens para o Egito, disse alegremente, quando a família estava reunida diante da piscina da casa, que se situava no início de um grande jardim. Sobre a mesa, estavam apetitosos lanches e frutas.

— Para quando será, pai?

— Somente consegui para a segunda quinzena de fevereiro.

— Preciso acertar com Valéria e Sílvia! Falou Patrícia, preocupada.

— Bem falado, mãe. Há certos compromissos que são inadiáveis. Espero que o seu não seja um deles.

— Mas, Patrícia, a nossa viagem ao Egito já está marcada há tempos, falou Fernando reclamando. Como pode você ainda não ter pensado em uma solução? Contrate um profissional da área, caso você não possa sair, pois ninguém é insubstituível.

— Vou ver o que posso fazer.

— Mãe, pense bem, essa viagem deverá ser um marco importante em nossas vidas. Você já pensou em ver uma obra onde os gigantes trabalharam juntos com os seres humanos?

— Já me convenceu. Como poderei deixar de ver tudo aquilo? Falou Sílvia, meneando a cabeça.

— Comprei ontem uma aparelhagem de última geração para documentar toda aquela maravilha, pois se trata da maior obra do mundo, falou Fernando, animado com as novas perspectivas da viagem.

— Estou levando o livro para nos orientar, completou Leonardo a empolgação do pai. Espero poder localizar todas as dependências mencionadas e associá-las aos segredos que elas encerram.

## TRINTA DIAS DEPOIS

O dia tão esperado chegou. O corre-corre começou cedo, pois nada deveria ser esquecido. Examinando o enorme número de malas, Leonardo perguntou ao pai:

— Será que vamos pagar excesso de peso?

— Léo, estamos saindo na chuva, portanto, se nos molharmos, não tem importância.

Com a porta aberta, aguardavam pelo motorista que já preparava o carro com o porta-malas e as portas abertas. Já no avião, cada um a seu modo pensava sobre as profecias escritas nas pedras. A viagem transcorreu com muita paz, alegria e ansiedade. Enfim, já no hotel, começaram os preparativos para chegarem ao destino. Diante da grande obra, os três ficaram emudecidos por longo tempo... O primeiro a se manifestar foi Leonardo:

— Que estranhas sensações se apoderaram de mim... Grandeza! Saudade! Tristeza! Estas obras encerram tantas profecias... Como pensar e aceitar que pudessem viver aqui seres humanos que, ignorando isso tudo, pudessem profanar este oráculo?

— Filho, as correntes do mal encontraram abrigo nos corações humanos, falou Patrícia. Nós mesmos não nos mantivemos afastados de tudo até agora? Só agora que estamos interessados nestes desvendamentos!

— Léo, você poderá gravar as explicações das profecias contidas nas pedras juntos das imagens dos locais. Não seria interessante? Perguntou Fernando ao filho.

— Será que conseguirei isso? Não poderei alterar nada da verdade, das profecias e das revelações!

— Você sabe ser eloquente e preciso como ninguém! Eu me orgulho de você, falou a mãe

— Hum! Mãe, como você é coruja!

— Muita gente poderá ser despertada ao ver essas imagens e ouvir esses relatos!

Nesse dia, a família tomou conhecimento das divisões, dos compartimentos e dos extensos corredores. Muita escuridão! Felizmente a nova aparelhagem iluminou o suficiente para ver tudo.

— Amanhã poderei aumentar um pouco mais a iluminação. Tudo dará certo! Empolgado falou Fernando.

## INÍCIO DAS GRAVAÇÕES

Leonardo, muito bem trajado, portava no peito uma máquina fotográfica e na mão o livro “A Grande Pirâmide Revela seu Segredo”, da autora Roselis Von Sass. O lugar escolhido para o início das filmagens tinha como pano de fundo a grande pirâmide e a esfinge, procurando assemelhar o mais possível a foto da capa do livro em questão. O vento intenso ajudou a dar um encanto especial ao momento. Os cabelos desalinhados pelo vento e ainda com as pontas do cachecol esvoaçando, davam a Leonardo um ar romântico, jovial, mas, ao mesmo tempo, maduro para sua idade.

Com o microfone na mão esquerda, olhou para a câmera com um olhar profundo e começou sua narrativa.

— A emoção de estar aqui é indescritível! Para que as pessoas possam compreender o sentido profundo das profecias ditas através das pedras que falam, citarei antes algumas frases que os sábios da Caldeia ensinavam para o povo.

### **A Primeira frase diz:**

“Onde há um começo, também terá de haver um fim! O próprio regente do Universo virá à Terra e exigirá prestação de contas de nós todos. Ele quer saber como utilizamos nosso longo tempo de desenvolvimento. Quem tiver vivido direito poderá voltar à pátria espiritual, aos páramos da paz. Aquele, porém, que tiver perdido o caminho certo, será levado “para o país sem volta”! Esse é o país dos eternamente mortos! Essas revelações chegaram agora, com a construção da pirâmide, pela primeira vez, para a humanidade terrena.

### **Uma segunda frase marcante, que faz parte dos ensinamentos dos sábios, diz:**

“Só existe um Deus! O onipotente Criador que tudo criou! Acautelai-vos de sacerdotes e sacerdotisas falsos que vos querem anunciar outros deuses! Tal espécie de seres humanos acende uma luz que se origina do espírito das trevas”!

### **Uma terceira frase também nos exorta:**

“Acautelai-vos da mentira! A mentira é a arma da escuridão! A mentira tem muitas faces! Ela atrai coisas desfavoráveis, turvando as cores de vossa aura! Sede vigilantes espiritualmente. Sede sempre vigilantes”.

— Vejamos, esses ensinamentos dados há 6.500 anos servem também para nós hoje encarnados nesta maravilhosa Terra! A linguagem do espírito é eterna. Servem para todos os povos, para todos os indivíduos e ainda para todas as épocas.

Leonardo prosseguiu com a descrição do aspecto exterior da pirâmide, de acordo com o desvendamento feito pela autora do livro.

— Quanto ao aspecto exterior da pirâmide, sabemos da ação destruidora não só do tempo, mas, principalmente, da ação maléfica de reis renegados. As paredes externas desta obra colossal eram lisas como um espelho e de um vislumbre amarelo. Tinham um aspecto inesquecível, quando eram atingidas simultaneamente pelos raios do sol. Do mesmo modo inesquecível ficava a esfinge, lisa e de um vislumbre avermelhado, a qual estava ligada à grande pirâmide de maneira misteriosa. Um halo de eternidade envolvia ambos os monumentos nos quais cada pedra falava uma linguagem poderosa. Tudo que o ser humano realiza na Terra toma forma e produz frutos! Bons ou maus. No caso da pirâmide, os frutos eram de um brilho de ouro, pois todos, sem exceção, haviam trabalhado com amor.

— Dirigimo-nos agora para o interior da pirâmide. As palavras que vou proferir agora foram ditas por Piramon, o construtor da Grande Pirâmide, quando esclarecia aos visitantes o significado das câmaras e corredores que se elevam e se abaixam, se estreitam e se alargam, pois estes expressam os acontecimentos mais importantes da humanidade, desde a sua construção até o ano 2.000. Dizia então Piramon:

“Esta câmara é a chamada “câmara da rainha”. O tamanho da câmara e a cor com que foram pintadas as paredes internas indicam que uma emissária feminina virá das alturas máximas até a Terra. A época desse acontecimento se reconhece pela medição da altura em que a câmara se encontra. E essa medida indica uma data daqui a 2.500 anos.

Leonardo parou para que seu pai pudesse filmar tudo, documentando da melhor maneira possível aqueles corredores e a câmara da rainha. Estava sendo difícil a localização dos corredores, pois a escuridão, mesmo iluminada pelo aparelho do Sr Fernando, tornava difícil a visualização. Leonardo continuou:

— Piramon dizia então:

‘Segui agora exatamente o caminho que conduz para baixo. Ele sobe, sim, contudo em determinado ponto sai uma ramificação para baixo, até as câmaras subterrâneas. Isso significa que uma parte da humanidade já estará trilhando um caminho que termina no abismo. A emissária feminina das alturas supremas, a rainha, terá de lidar, portanto, com seres humanos que visam o abismo... A câmara fechada indica que os ensinamentos e as advertências dela não penetrarão nos corações humanos, e que ela sucumbirá numa prisão. Além da rainha, descerão antes do Juízo Final ainda dois enviados de alturas supremas. A presença deles na Terra foi simbolizada por recintos altos e arejados. De acordo com as medidas, o primeiro enviado virá à Terra 500 anos depois da rainha.. A vinda do segundo enviado das alturas supremas ocorrerá num futuro mais remoto, daqui a 4.500 anos. Pela posição e direção das salas, depreende-se que ambos os enviados viverão e atuarão na parte da Terra onde agora nos encontramos.’

O senhor Fernando filmava agora um corredor baixo. Piramon continuou sua narrativa:

‘Vedes que o teto desse corredor se abaixa, de tal modo, que uma pessoa somente agachada pode passar por ele. O rebaixamento encontra-se no corredor que sai da sala alta e arejada do segundo enviado. Isso indica algo terrível. O corredor baixo, pelo qual os seres humanos somente podem passar agachados, encolhidos e sem enxergar nada, simboliza a perda da verdadeira dignidade humana. Esse infortúnio se desencadeará sobre a humanidade depois da vinda do último enviado das alturas supremas. A culpa que acarretará a perda da dignidade humana iguala-se a um pesado muro opressor que deverá calcar ao solo cada habitante da Terra.

O corredor, sim, novamente se torna mais alto, de modo que os que perceberem sua estreiteza e seu peso opressor poderão respirar de novo um pouco. Nesse período de tempo até lhes seria possível reconhecer sua grave culpa, libertando-se dela. De que espécie essa grave culpa será, não sabemos.’

Piramon continuou:

‘Mas do caminho seguinte depreende-se que não houve nenhum reconhecimento. O teto abaixa-se mais uma vez. Agachados, com o olhar dirigido à Terra e desligados de qualquer irradiação da Luz, devem os seres humanos prosseguir sua vida.’

Leonardo pediu ao pai que focasse agora um ponto onde o corredor novamente se tornava mais alto. Piramon continuou suas explicações e revelações:

‘Daqui em diante os seres humanos podem novamente erguer a cabeça. E parece que agora nada mais pode impedir o prosseguimento de sua caminhada. Contudo, isso é um erro, pois, como vedes, levanta-se de repente uma parede, pondo fim ao caminho deles. Essa parede significa o fim do tempo do desenvolvimento humano. Daqui em diante só existe uma única saída. E esta conduz, quando o ser humano se vira para a direita, à sala do Juízo, com o sarcófago aberto.’

Piramon continuou sua sinistra revelação:

‘Todas as outras paredes e pisos da pirâmide são lisos e reluzentes. Mesmo o sarcófago parece não estar ainda pronto. As paredes são ásperas e o sarcófago dá a impressão de torto. Sabeis que tudo

na pirâmide tem um duplo e profundo sentido. O piso desigual indica que na época do Juízo os seres humanos não mais terão sob os pés um solo liso e firme. A terra onde eles se locomovem não contém mais nenhuma segurança para eles. Não sabem o que o próximo passo lhes pode trazer. Além disso, para onde quer que olhem deparam com paredes e um teto que, pelo seu aspecto, igualmente nada prometem de bom. Resta apenas olharem para o sarcófago, cujo aspecto mais temem. Sentem-se presos num recinto, do qual não há uma fuga.’

— Citarei agora as considerações da autora do livro em questão, cujas capacitações nela inerentes de desvendar o passado, muito estão auxiliando a nossa compreensão do que está acontecendo no nosso mundo atual. Leonardo com voz pausada e incisiva citou:

‘A época do Juízo não poderia ser transmitida mais impressionantemente do que através dessa sala... Para onde quer que o ser humano se volte, a insegurança e o medo serão sempre seus acompanhantes. Não pode fugir de si mesmo e de sua própria culpa. Além disso, as condições terrenas nesse tempo serão de tal maneira, que ele, quer queira ou não, será lembrado da morte. A sala do Juízo, porém, não encerra apenas a morte! Ela é grande. Dá suficiente espaço para as pessoas que nela se encontram andarem eretas e se movimentarem livremente. A amplitude da sala indica que um enviado das alturas supremas – e com isso se entende o próprio regente do Universo, – trará, durante o tempo do Juízo, uma mensagem que encerra segurança, saber e salvação aos seres humanos que ainda puderem assimilá-la. De certas medidas do sarcófago depreende-se, contudo, que será mínimo o número daqueles que aceitarão o ensinamento salvador. A esses poucos agraciados, a sala do Juízo bem como o sarcófago não amedrontarão. Deparam, sim, por toda a parte, com um mundo feio e desequilibrado, e o caminhar no piso desigual também nem sempre lhes será fácil.’ Em outro trecho diz a autora, referindo-se ainda às palavras de Piramon para seus visitantes:

‘A morte não encerra pavor para os seres humanos que vivem dentro das leis do regente do Universo! Ao contrário! Sabem que a morte terrena significa para eles o nascimento num mundo mais belo e superior!’

Ainda palavras de Piramon:

‘Colocamos 70 placas com sentenças instrutivas nos diversos compartimentos da pirâmide.’ (Sabemos que tais foram destruídas pelos reis renegados).

#### **A primeira placa diz:**

“Sem terminar realiza-se o mistério da vida e da morte. O mistério da transformação e do renascimento! Aquele que durante sua vida terrena se lembrar da morte, não precisa temer o juiz, quando o fim chegar!”

#### **Uma segunda placa diz:**

“O regente do Universo poderá entrar na pirâmide, certificando-se de que os serviços de seus servos foram bem executados. Se, porém, até sua vinda, as paredes, em todos os lugares onde hoje existem rachaduras, estiverem gravemente danificadas e desmoronadas, então a destruição esperará os seres humanos. Eles mesmos terão destruído os caminhos que conduzem para cima. A divindade abandonará a Terra, voltando para o seu céu, e haverá tristeza em seu coração.”

#### **Uma terceira placa diz:**

“O dragão que levou a ordem universal ao desmoronamento, deslocando seu eixo, alcançou o ápice de seu poder. Todos os povos até aqui traíram seu Criador! Voluntariamente se curvaram ao domínio do dragão, ao domínio da mentira! Aqui chegou o fim do dragão. O juiz do Universo venceu-o com sua lança pondo fora de ação. A sagrada lança está agora dirigida contra a humanidade! O sarcófago aberto está esperando!”

### Uma quarta placa diz:

“Vós, seres humanos, que entrastes nesta construção perfeita, prossegui com profundo respeito! Pois esta obra perfeita é um gigantesco papiro coberto com muitos sinais de escrita, que contém uma dupla revelação!”

‘Aquele que quiser decifrar o segredo do papiro de pedra deverá implorar primeiramente o auxílio dos eternos!’

‘Aquele que procura perscrutar a sabedoria oculta na pedra deve inclinar-se diante da grandeza da obra e esquecer seus próprios pequenos conhecimentos durante algum tempo!’

‘Aquele que se torna consciente de que é apenas uma minúscula partícula no mundo, e de que outros muito maiores do que ele mesmo governam este mundo, mantendo-o em movimento, esse novamente fará parte, como outrora, dos iniciados e será um escolhido na Terra!’

‘Somente aquele que for pequeno na Terra e grande no espírito decifrárá o segredo das pedras falantes, pois somente esse caminhará na graça dos eternos!’

‘Aquele, porém, que tece redes de mentira, turvando a verdade, revela com isso apenas que faz parte dos seres humanos caídos, que se ligaram às forças do mal já desde muito tempo. Sejam esses advertidos, pois os filhos de Osíris zelam até o fim, e eles destruirão cada mal-feitor.’

‘Os grandes no espírito sejam bem-vindos com a saudação de paz da eternidade. Eles trazem amor no coração e a eles será permitido ver a sagrada chama no cristal. Os filhos de Osíris pedem a bênção deles’.

— Citarei, ainda, uma última frase para finalizar este trabalho. Espero que também esta possa trazer luz a alguns corações despertados. Digo propositalmente esse termo “alguns”, pois de acordo com as frases anteriores contidas na pirâmide, sabemos que serão poucos aqueles que conseguirão se aprofundar nas verdades eternas.

“Sempre, enquanto existir a Criação, realizar-se-á o mistério da morte e da ressurreição. O que vem da Terra terá que ficar na Terra. Mas, o espírito, que não é da Terra, ascende”.

Estava terminada a viagem de Leonardo e de seus pais. Os três saíram da grande pirâmide consternados, emocionados. Leonardo, assim que entrou no carro que os aguardava no lugar combinado, transbordou em palavras o que lhe marcava o coração.

— Algo estranho me marcou o coração. Tive a nítida impressão de que olhos invisíveis nos seguiam o tempo todo...

— Filho, eu que não acreditava em nada do que falava o livro, agora tenho que dar mão à palmatória. Meu coração está apertado, sinto que algo estranho abalou meus sentimentos. Vou novamente ler o livro e ver o que o meu coração vai dizer...

— Fernando, agora compreendo as palavras singelas de Jesus: “Bem-aventurados aqueles que não precisam ver para crer.” Mas fico feliz por você, meu querido, que pôde ver toda esta obra maravilhosa. Sinal de que você mereceu esta dádiva.

— Mãe, esta viagem guardarei eternamente em meu coração. Tais impressões servirão como elemento impulsionador para que eu desenvolva com alegria um intenso trabalho junto ao povo de meu país.

— É também o meu desejo, Leonardo.

FIM